

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

SOFIA RODRIGUES FERREIRA

**JUVENTUDES SECUNDARISTAS, EDUCAÇÃO, CULTURA E POLÍTICA:  
O Fenômeno das Ocupações de 2016 em Porto Alegre/RS**

Porto Alegre

2017

SOFIA RODRIGUES FERREIRA

**JUVENTUDES SECUNDARISTAS, EDUCAÇÃO, CULTURA E POLÍTICA:  
O Fenômeno das Ocupações de 2016 em Porto Alegre/RS**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Villela Pereira

Porto Alegre

2017

## Catalogação na Publicação

F383 Ferreira, Sofia Rodrigues

Juventudes secundaristas, educação, cultura e política : o fenômeno das ocupações de 2016 em Porto Alegre/RS / Sofia Rodrigues Ferreira. -- Porto Alegre, 2017.

120 f.

Orientador: Marcos Villela Pereira.

Dissertação (Mestrado) -- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Do Sul, Escola de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Culturas e identidades juvenis. 2. Educação. 3. Juventudes. 4. Ocupações secundaristas. 5. Política. I. Pereira, Marcos Villela, orient. II. Título.

CDU: 329.78

Elaborada pela bibliotecária Ananda Feix Ribeiro (CRB10-1814).

SOFIA RODRIGUES FERREIRA

**JUVENTUDES SECUNDARISTAS, EDUCAÇÃO, CULTURA E POLÍTICA:  
O Fenômeno das Ocupações de 2016 em Porto Alegre/RS**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Data da aprovação: 03 / 03 / 2017.

Banca examinadora:

---

Prof. Dr. Marcos Villela Pereira

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

---

Prof. Dr. Giovane Antonio Scherer

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

---

Profa. Dra. Miriam Pires Corrêa de Lacerda

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

---

Profa. Dra. Mônica de la Fare

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao professor orientador Marcos Villela Pereira, pela generosidade e confiança, pelas importantes provocações e consequentes deslocamentos, pelo incentivo, pela paciência no decorrer do processo, pelos imprescindíveis choques de realidade, pelos compartilhamentos e aprendizados, pelos vigorosos convites à reflexão e principalmente por cada cuidadoso recuo que, certamente, me obrigou a avançar.

Agradeço aos jovens que possibilitaram essa pesquisa, por aceitarem compartilhar suas experiências, aprendizados e visões de mundo.

Agradeço a toda minha família pelo apoio. Agradeço à Rosany Rodrigues pela leitura atenta, generosa e crítica que só os olhos de mãe podem nos dar, agradeço sobretudo pela indispensável presença-fortaleza. Agradeço ao Diogo Vaz pela constante parceria, pela compreensão, por caminhar e acreditar comigo.

Agradeço à professora Miriam Pires Correa de Lacerda pela acolhida, pela outorga, pela inserção ao incrível universo das juventudes. Agradeço à professora Mônica de La Fare pelo rigor generoso, pela ampliação de horizontes de pesquisa.

Agradeço à Gabriela Peruffo pela amizade, pela companhia, pela fundamental interlocução. Agradeço aos colegas pelas intensas e produtivas discussões e pela partilha de distintas e ricas perspectivas. Agradeço à Ananda Feix Ribeiro, pelo auxílio, disponibilidade e precisão, pela afetuosa irmandade.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul pela oportunidade.

*“O conhecimento é horizontal,  
cada um em sua singularidade ensina.”*

(Comitê das Escolas Independentes, 2016)

## RESUMO

Esta pesquisa consiste em uma reflexão acerca do fenômeno das ocupações escolares realizadas pelas juventudes secundaristas da cidade de Porto Alegre, bem como a busca de compreender os efeitos que o fenômeno podem ter gerado na realidade escolar das escolas ocupadas. As ocupações de escolas estaduais ocorreram durante o período de maio a junho de 2016. Realizou-se uma aproximação do acontecimento para compreender as organizações coletivas, as manifestações culturais e as negociações políticas desenvolvidas pelos estudantes ao longo das ocupações escolares. Para isso, observou-se três escolas da região metropolitana de Porto Alegre e realizou-se seleção de matérias jornalísticas publicadas sobre o fenômeno. A fim de investigar os efeitos na realidade escolar que as ocupações desencadearam, a partir da perspectiva dos estudantes, entrevistou-se sete jovens que protagonizaram as ocupações em suas escolas. Para fundamentar a compreensão do fenômeno, utilizou-se das noções de juventudes e culturas juvenis, bem como a reflexão sobre questões identitárias que compõem algumas premissas constitutivas do sujeito da modernidade tardia. A importância de espaços de sociabilidade, o exercício da negociação e do reconhecimento das diferenças no território escolar como demandas juvenis são alguns dos elementos de análise e reflexão nesta pesquisa.

**Palavras-chave:** Culturas e identidades juvenis. Educação. Juventudes. Ocupações secundaristas. Política.

## ABSTRACT

This research consists of a reflection on the phenomenon of school occupations carried out by the secondary youths of the city of Porto Alegre, as well as the search to understand the effects that the phenomenon may have created in the school reality of the occupied schools. The occupations of state schools occurred from May to June of 2016. Such approach was made in order to understand the collective organizations, cultural manifestations and political negotiations developed by students throughout the school occupations period. For this purpose, I observed three schools of the metropolitan region of Porto Alegre as well as I carried out a selection of published journalistic material on the event. In order to investigate the effects caused on the school reality by the occupations, from the perspective of the students, seven young people who engaged on the occupations in their schools were interviewed. The notions of youths and youth culture supported the understanding of the phenomenon, as well as the reflection on identity issues that constitute some premises of the subject in late modernity. The importance of spaces of sociability, the exercise of negotiation and recognition of the differences in school territory as juvenile demands are some elements in the analysis and reflection of this research.

**Keywords:** Cultures and youth identities. Education. High school occupations. Politics. Youth.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>2 JUVENTUDES E A REALIDADE ESCOLAR</b>	<b>15</b>
<b>3 O PROCESSO DA PESQUISA</b>	<b>38</b>
<b>4 OCUPAÇÕES</b>	<b>50</b>
4.1 Contexto e início das ocupações	51
4.2 Organizações	59
4.3 Cultura na escola	62
4.4 Política, o desenrolar e o fim das ocupações	70
<b>5 O QUE OS JOVENS DIZEM SOBRE A ESCOLA</b>	<b>91</b>
5.1 Efeitos das ocupações sobre a realidade escolar	92
5.2 Aprendizados de uma juventude combativa	105
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>115</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>121</b>
<b>APÊNDICE – ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA</b>	<b>125</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Em curso no Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do RS, buscando levar em conta os critérios de consistência e relevância no desenvolvimento de uma pesquisa, enfrentei o desafio de adentrar em um campo amplo e, apesar de familiar pela formação em licenciatura e especialização na área educacional, exigente e plural. Oriunda de área de formação artística, as Artes Cênicas, me coube procurar formas de intersecção entre os vários campos de formação e interesse, sendo eles a cultura, a política e, evidentemente, a educação, para servirem de disparadores para a produção deste trabalho.

Consciente das dificuldades para que tivesse a chance de aproximar-me de uma proposição relevante para o campo e para os pares, ainda mais tendo em vista que “o campo da educação está saturado de discursos já instalados, já prontos. [...] Quando um campo está tão saturado de respostas, é difícil levantar questões de maneira nova; portanto, é difícil fazer pesquisa” (CHARLOT, 2006, p. 14). Assim, não foram poucas as tentativas, as leituras, os ensaios, buscando estabelecer conexões entre educação, cultura e política, buscando ampliar os horizontes já conhecidos.

Também foi difícil ver os velhos paradigmas que me acompanharam na trajetória de aluna e de professora irem, sob a orientação do professor Marcos Villela Pereira somada às aulas do Programa, aos poucos, um a um, desmoronando. O exercício de deslocamento de uma perspectiva ingênua e contaminada de paradigmas do senso comum, e o convite ao abandono de certezas empoeiradas, conduzidos com empenho pelo professor Marcos Villela Pereira, foram definitivos para avançar em direção à abertura e à criticidade no desafio de realizar uma pesquisa. Com os velhos alicerces ruindo, me senti autorizada a saltar no vazio, a me lembrar ser aprendiz, a aceitar o desconhecido. E assim, bem mais leve, pude voar alto e sem direção, feito uma pipa que se deixa pairar e muda de rumo a cada sopro do vento. Desta maneira fui passeando pelas correntes teóricas a cada livro, a cada artigo, vislumbrando novas paisagens deste vasto campo. Fui conhecendo e reconhecendo perspectivas, diferentes formas de se olhar o mundo, ou seja, testando as lentes teóricas. É um vitalizante exercício, mas também cansativo e

difícil para quem tem ânsias de abraçar o mundo, e de compreender as demandas do universo acadêmico, além de desejar atingir algum rigor teórico. O interessante de se experimentar diferentes lentes é que a escolha precisa se dar não só da lente, do filtro, mas também da cor, da forma, e mais que tudo: do objeto a ser olhado! Pode parecer óbvio, mas essa é a descoberta de quem está aprendendo a fazer pesquisa, compreendendo a complexidade de unir ambas as tarefas, ter os óculos teórico e o objeto, ou paisagem, da pesquisa. Pois já não era cedo quando pude avistar o que poderia ser o meu pouso, a paisagem onde, com as lentes vestidas, eu poderia dirigir meu olhar curioso e estreante de pesquisadora: o movimento de ocupações secundaristas em Porto Alegre. A trajetória de interesse cultural e político buscava uma via para estabelecer conexão com o território escolar. Foi à procura de um problema de pesquisa que me deparei com o que pareceu ser a intersecção ideal para o desenvolvimento desta dissertação: escola, cultura e política, três esferas em complexa sobreposição, cuja demanda pulsante era protagonizada pelos estudantes secundaristas, pelas juventudes.

Portanto, este trabalho desenvolveu-se a partir de um fenômeno ocorrido em Porto Alegre, entre os meses de maio e julho de 2016, em escolas estaduais do Rio Grande do Sul. Um movimento que iniciou na capital, e acabou por atingir escolas de todo o estado, desencadeando o que foi chamado de ‘ocupações escolares’, ou ‘ocupações secundaristas’. Realizadas por estudantes da rede estadual, que organizados em coletivos estudantis, promoveram uma série de atividades culturais, educativas e políticas durante esse período. Considerando que a juventude “é parte de um processo de *crescimento totalizante*, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos em seu contexto social” (DAYRELL; CARRANO, 2014, p.111); elegeu-se como campo empírico, três escolas da capital gaúcha para aproximação desse processo de ocupação, delimitando assim o contexto a ser observado. Os eventos promovidos pelos estudantes nas escolas ocupadas foram considerados para observação. Foram elencados eventos culturais de caráter público, assembleias, cuja participação da comunidade não-escolar era permitida, e manifestações políticas de rua organizadas pelos estudantes. Ressalto que todos os eventos foram acessados pela pesquisadora via internet, através de rede social, que teve papel fundamental no desenvolvimento e

proliferação do fenômeno pelo estado. O acesso às informações está disponível a qualquer sujeito que submeter inscrição gratuita às redes sociais, sendo utilizados, portanto, dados de acesso público. Uma forte característica das juventudes nas ocupações, a comunicação digital, se mostrou eficaz instrumento de construção de rede, comunicação e diálogo, não só entre os próprios jovens, mas deles com a sociedade, tais como convites a eventos culturais realizados nas escolas durante o período de ocupações, ou ainda o compartilhamento de posicionamentos e princípios do movimento, publicações de versões dos estudantes referentes a fatos noticiados na imprensa.

Considerando inédito um movimento desta proporção no estado do RS, considerando o espaço que ações culturais obtiveram no movimento, bem como as estratégias políticas adotadas pelos jovens ao longo do percurso de ocupação e também percebendo a educação como:

[...] um processo complexo e multideterminado em que um sujeito, por efeito ou com a ajuda de outrem ou de si mesmo, mediado ou não por recursos instrumentais, experimenta modificações da ordem da subjetividade e, em consequência, deixa de ser, pensar ou agir como vinha sendo, pensando e agindo e passa a ser, agir ou pensar de outra maneira (PEREIRA, 2016, p. 1),

coube à pesquisa a seguinte questão: ***o que pensam os jovens sobre o efeito das ocupações na realidade escolar?***

O protagonismo juvenil, já sinalizado como crescente a partir dos anos 1990, por autores como Dayrell e Carrano (2014), em esferas culturais, por exemplo, adentra agora o território escolar, tensionando a rigidez estrutural e antigas heranças sistemáticas, provocando uma necessidade de urgente reflexão sobre as juventudes submetidas a práticas escolares (não tão) contemporâneas. É o que este trabalho se propõe a realizar, a partir da busca em compreender o fenômeno e aproximar-se de seus possíveis desdobramentos na realidade escolar, principalmente sob a perspectiva de jovens participantes do movimento, tendo como amparo a contextualização das repercussões do movimento publicadas no período de maio a junho em meios de imprensa digitais, como jornais, blogs jornalísticos e redes sociais.

Durante as ocupações visitei as escolas selecionadas para aproximação,

como ação preliminar à pesquisa, servindo para sensibilizar o olhar como pesquisadora, observar as formas de organização e as experiências promovidas nas escolas. Estas visitas também tornaram possível o contato com os jovens, para fazer posteriormente o convite às entrevistas a serem realizadas, efetivando assim o diálogo com os estudantes para o fornecimento de dados da pesquisa. Foram entrevistados sete jovens de seis escolas da região metropolitana de Porto Alegre, entrevistas guiadas por um roteiro de perguntas, que será apresentado no capítulo de metodologia do trabalho.

Justifica-se a realização desta pesquisa ao ser possível vislumbrar valiosa oportunidade de desenvolver uma reflexão a respeito dos desafios que a escola enfrenta ao receber alunos cuja linguagem, necessidades e referenciais, tão distantes se encontram dos referenciais de formação dos professores. Tendo em vista a vigente incomunicabilidade entre sujeitos escolares (CARRANO, 2008, p. 182) e o desatualizado sistema de instituição que remete ainda às instituições totais<sup>1</sup> com que dispõe a juventude brasileira no contexto escolar. Torna-se apropriado utilizar-se do fenômeno de ocupações escolares, para melhor compreender não só a demanda juvenil, como obter uma outra perspectiva do cenário escolar.

O fenômeno das ocupações escolares surpreendeu muitas esferas sociais, em sua coesão, clareza de demandas e efetividade comunicativa e organizacional. Torna-se relevante que se produza espaços de diálogo e aproximação das produções acadêmicas com fenômenos de características tão significativas para se repensar as práticas escolares. Além da afirmação de Bernard Charlot, de que “a justificativa de uma pesquisa é sempre a construção do conhecimento” (CHARLOT, 2006, p. 10), argumento que fazer um exercício de escuta com os jovens que protagonizaram um movimento que tomou o estado do Rio Grande do Sul em poucos dias torna-se premente. Ao contrário do que dizem sobre os jovens, “comumente rotulados de desinteressados, apáticos, indisciplinados, alguns violentos, tidos como *baixa cultura* [...]”, (CARRANO, 2008, p. 182), pude ver que promoveram festivais culturais, apropriaram-se do ambiente escolar, habitando-o,

---

<sup>1</sup> “Uma instituição total pode ser definida como um lugar, um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada”. (GOFFMAN, 2003, p.11).

articularam e realizaram atividades de formação, lideraram e negociaram reivindicações na esfera política, gerenciando o cotidiano escolar. Acredito que se torna relevante, então, saber o que dizem os jovens sobre a escola, torna-se apropriado compreender de que forma estas experiências reverberaram e reverberarão no cotidiano escolar ou ainda na formação destes jovens estudantes.

Para isso, tem-se como objetivos nesta pesquisa: 1) Compreender o fenômeno das ocupações secundaristas; 2) contextualizar fatos e repercussões das ocupações; 3) investigar os efeitos que o fenômeno pode ter produzido (ou vir a produzir) na realidade escolar, segundo os jovens estudantes. É importante ressaltar que é a partir do que vislumbram os jovens sobre o cotidiano escolar que nos aproximamos dos efeitos na realidade escolar pós-ocupações, e utilizamos as notícias como um balizador dessa realidade.

Para atingir tais objetivos, no primeiro capítulo, trago os conceitos em que se pautam a pesquisa em três grandes esferas imbricadas entre si, *organizações, cultura e política*. Juventudes, culturas juvenis, grupos sociais e socialidade são aspectos teóricos utilizados para compreender os sujeitos da pesquisa, bem como suas formas de organização e relações entre si, estabelecidas durante as ocupações escolares. Formas de socialização como elemento cultural, e o uso de eventos culturais como encontro entre os jovens e a sociedade civil são pontos abordados a partir desses conceitos. Ainda, para pensarmos a esfera política recorreremos a definições de Chantal Mouffe, fazemos a distinção entre a política e o político, bem como nos utilizamos de reflexões sobre democracia e emancipação de Boaventura Santos e de Ernesto Laclau.

No segundo capítulo, é apresentado o processo de pesquisa, em que se descreve como foi possível realizar um cruzamento entre três diferentes perspectivas sobre o fenômeno; a primeira, mais panorâmica, refere-se à clipagem coletada de matérias sobre os acontecimentos, que, selecionados e ordenados, formam uma cronologia do movimento secundarista. Essa cronologia é entrelaçada por percepções como pesquisadora e relatos dos jovens entrevistados, apresentados no terceiro capítulo. Assim, monta-se uma composição a fim de compreender o fenômeno de forma abrangente, optando por alguns pontos específicos para aprofundamento. Organizações, cultura e política são eixos que

norteiam a pesquisa e definem os enfoques para reflexão. No quarto capítulo, após o panorama do fenômeno apresentado, desenvolve-se a escuta qualificada realizada com os sete jovens entrevistados que participaram ativamente do movimento secundarista em Porto Alegre. É através da perspectiva deles que se busca apreender os efeitos que o fenômeno produziu na realidade escolar das escolas ocupadas. Narrativas sobre a realidade escolar, sobre seus efeitos após o movimento e também sobre os aprendizados dos jovens ocupantes são apresentados neste último capítulo.

## 2 JUVENTUDES E A REALIDADE ESCOLAR

Apresentou-se a necessidade de compreender o universo juvenil para que se desenvolvesse a presente pesquisa, a partir do contexto escolar e das motivações juvenis. Pois são os jovens uma grande fonte de inquietação e para quem deverão se dirigir as propostas pedagógicas contemporâneas. Pode-se perceber que ocorre uma grande mudança nas formas de comunicação dos jovens decorrente da revolução digital. Essas gerações têm diante de si, desde muito cedo, o acesso global à informação e à produção cultural, em suma, a outras formas de se compreender o mundo. Em seu livro *Identidade*, o sociólogo Zygmunt Bauman comenta que “perguntar ‘quem é você?’ só faz sentido se você acredita que possa ser outra coisa além de você mesmo.” (2005, p. 25). Pois, como faz um sujeito que, ao ter acesso a uma infinidade de possibilidades, precisa encontrar-se nesse leque de alternativas? Evidentemente que é importante

[...] termos em mente que as formas e os tempos de transição não são os mesmos entre os jovens do sexo feminino e os do masculino, para jovens negros, do meio rural, do meio urbano que residem em bairros periféricos e para jovens cujos pais não tiveram acesso às etapas mais avançadas da educação básica, entre outros. (WELLER, 2014, p. 137).

Não se pretende aqui partir de generalizações, e sim compreender, salvas as diferenciações dos variados universos sociais em que os jovens se inserem, o contexto escolar por eles compartilhado, bem como tensões que atravessam essa categoria social, a juventude contemporânea. Ou melhor, justo para não correr o risco de cair em uma redução, adotou-se as juventudes, no plural como nos propõe Carrano e Dayrell, quando chamam os jovens de “sujeitos de experiências, saberes e desejos”, que “se apropriam do social e reelaboram práticas, valores, normas e visões de mundo a partir de uma representação dos seus interesses e de suas necessidades; interpretam e dão sentido ao seu mundo”. (2014, p. 104) E por isso afirmam que “não podemos trabalhar com a noção de que existe uma juventude, pois são muitas as formas de ser e de se experimentar o tempo de juventude” (DAYRELL; CARRANO, 2014, p. 104).

Não se pretende tampouco apegar-se a definições estritas e, sim, refletir



sobre esse período que pode ser bastante definidor da trajetória de um sujeito. Parte-se da ideia de que o conceito de juventudes corresponde a uma construção social, cultural e principalmente relacional, bem como de algumas premissas referentes a essa categoria:

A juventude é, ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação. De um lado há um caráter universal, dado pelas transformações do indivíduo numa determinada faixa etária. De outro, há diferentes construções históricas e sociais relacionadas a esse tempo/ciclo da vida. A entrada na juventude se faz pela fase da adolescência e é marcada por transformações biológicas, psicológicas e de inserção social. (DAYRELL; CARRANO, 2014, p. 111).

É utilizada, portanto, a categoria das juventudes, apresentada por Dayrell, para refletir sobre suas perspectivas e necessidades, no que se refere às práticas escolares, e especificamente sobre o fenômeno das ocupações secundaristas, ocorrido em escolas estaduais de Porto Alegre, durante o período de maio a junho de 2016.

A partir de conceitos sobre juventudes e questões sobre a realidade escolar que essas juventudes vivenciam, foram traçadas reflexões que visaram aproximar-nos desses jovens secundaristas, de seus contextos culturais e direcionar o olhar às propostas escolares que realizaram durante as ocupações, período em que as escolas estiveram sob seus comandos e que tiveram inúmeras atividades organizadas pelos jovens. “Numa perspectiva de compreensão da vida escolar como uma rua de mão dupla”, Paulo Carrano, em seu artigo *Identidades Culturais Juvenis e Escolas*, intui que “o esforço dos educadores em compreender os sentidos de ser jovem no tempo presente pode resultar em práticas e políticas que possibilitem que os jovens encontrem sentido nos tempos e espaços escolares.” (2008, p. 183) Pois, de acordo com observações feitas durante o período de ocupações em três escolas de Porto Alegre, os estudantes, ao ocuparem suas escolas, produziram diferentes sentidos aos tempos e espaços escolares. E é esse o interesse para que seja feito o exercício de escuta com eles, para compreender que sentidos produzidos foram estes, ou ainda, vislumbrar como podemos nos aproximar dessa produção juvenil de sentidos no território escolar. Os alunos realizaram eventos culturais, atividades formativas, reuniões coletivas, e enfrentaram grandes desafios para desenvolver

com clareza seus objetivos ao ocupar suas escolas, fossem esses desafios com seus pais, com seus colegas de escola, com seus professores ou ainda com a direção escolar. Ainda segundo Carrano,

[...] uma das possibilidades de recriação dos sentidos de presença na escola para professores e alunos se encontra na experimentação de espaços relacionais que permitam a emergência da multiplicidade de sujeitos culturais que se encobrem sob o manto da uniformização e homogeneidade que a categoria aluno encerra. (CARRANO, 2008, p. 184)

Para auxiliar na tarefa de compreender o fenômeno das ocupações, seus efeitos ou possíveis desdobramentos na realidade escolar, coube fazer uso da lente teórica proporcionada por José Machado Pais, pesquisador das juventudes. Suas contribuições nos auxiliaram a compreender as culturas juvenis e suas aparições no contexto escolar. Segundo Pais,

[...] o conceito de *cultura* tem sido predominantemente utilizado com o propósito de discernir os diferentes significados e valores de determinados comportamentos juvenis, sendo as culturas juvenis vistas - tanto pela corrente 'geracional' como pela corrente 'classista' - como processos de *internalização* de normas, como processo de *socialização*. (PAIS, 1993, p. 55)

Pois muito sobre esse período de intensa socialização, fora dos padrões regulares do cotidiano escolar, é que se revela o potencial do fenômeno das ocupações como um espaço de experimentação e um possibilitador da “emergência da multiplicidade de sujeitos culturais que se encobrem sob o manto da uniformização e homogeneidade que a categoria aluno encerra.” (CARRANO, 2008, p. 184). Os alunos tiveram que desenvolver o movimento de forma organizada entre seus pares, familiares, como, além disso, lidar com a imprensa e com a comunidade escolar, além das esferas social e política, em âmbito macro.

Os jovens que ocuparam suas escolas compunham um quadro de difícil definição, as juventudes que habitam as escolas públicas do estado do RS são bastante diversas, vi muitas meninas em posições de liderança, vi uma grande parcela de jovens LGBT<sup>2</sup> ativos do movimento, vi meninos heteronormativos interessados e participantes. É praticamente indescritível a pluralidade das juventudes que pude observar, e indefiníveis os sujeitos com quem conversei. As

---

<sup>2</sup> Gays, lésbicas, bissexuais e transsexuais.

premissas que constituem os jovens são escorregadias e afirmar com determinação seria lidar com estereótipos dos sujeitos. Apesar de o Estatuto da Juventude<sup>3</sup> brasileiro considerar sujeitos jovens aqueles que estão na faixa etária entre 15 e 29 anos, faz-se referência teórica aqui majoritariamente aos jovens secundaristas, aos estudantes do Ensino Médio.

Para o aprofundamento destas questões culturais e juvenis, encontram-se algumas consideráveis reflexões sobre o tema no artigo de Hans-Georg Flickinger, “Autonomia e Reconhecimento: dois conceitos-chave na formação” (2011). Como uma breve introdução, faz-se necessário citar que o autor apresenta autonomia no seu sentido originário grego, que

[...] significa a capacidade de dar a si mesmo as normas de comportamento e atuação. [...] Porém, se o indivíduo se encontrasse numa situação solitária, sem referencial social, a questão pelas normas de comportamento não faria sentido nenhum. (2011, p. 8)

Daí, articula-se a importância de olhar para as juventudes sob a lente da socialização. Além disso, permite-se pensar um pouco sobre a questão do reconhecimento, “o ato de reconhecer vê no outro também um indivíduo autônomo, ao qual se atribui a capacidade de reconhecer” (2011, p. 10). Flickinger também ressalta a intrínseca relação entre ambos conceitos, um como sustentáculo do outro. O interesse nestes conceitos e a conexão destes com a presente proposta de pesquisa pode ser resumida pela seguinte afirmação de Flickinger:

Qualquer que seja o caminho para alcançar a autoestima ou autonomia pessoal, ele passa pelo reconhecimento por parte de alguém, ao qual se atribui também a autonomia sustentada pelo reconhecimento social. Trata-se, assim, da diretriz básica para os processos que visam à conquista da maioridade, autonomia e liberdade pessoais. Na medida em que este objetivo subjaz também ao processo educativo, ele terá de levar em consideração essa relação de mútua reflexividade entre autonomia e reconhecimento. Em outras palavras à educação cabe assumir, antes de tudo, o desafio de ajudar o educando a alcançar uma postura de reconhecimento social, através da qual ele mesmo consegue conquistar sua autoestima e autonomia individual. (2011, p. 11)

Traz-se aqui esta reflexão para que se possa estabelecer relações entre as

---

<sup>3</sup> O Estatuto da Juventude é o instrumento legal - Lei 12.852/2013 - que determina quais são os direitos dos jovens que devem ser garantidos e promovidos pelo Estado brasileiro. Fonte: <http://juventude.gov.br/>.

questões identitárias, as construções sociais e culturais das juventudes que protagonizaram as ocupações com a escola e suas formas de exercer suas demandas por espaços de autonomia, apropriando-se do território escolar de diversas maneiras. Essa apropriação se realiza desde a utilização do espaço escolar como um espaço de socialização, visto que os alunos passaram a habitar o espaço escolar, a se responsabilizar por sua manutenção, não só na esfera administrativa como também com proposições formativas. Esse fenômeno consiste em experimento realizado pelos estudantes, e, se a experimentação de espaços relacionais é uma possibilidade de fazer emergir a “multiplicidade de sujeitos culturais” (CARRANO, 2008, p. 184), proponho a reflexão da fertilidade desse acontecimento para a recriação de sentidos de presença na escola. E se a autonomia é sustentada pelo reconhecimento, ou seja, se há a necessidade de uma outorga de outrem para o exercício da autonomia, é possível perceber que durante as ocupações, se porventura os estudantes ainda não chegaram ao ponto de receber essa outorga das autoridades da realidade escolar, ou seja, dos professores, das direções das escolas, ou mesmo da comunidade escolar, a conquista se deu entre eles, a partir do momento que eles puderam reconhecer no outro a sua força, compreendendo a importância e exercitando a potência da coletividade. Segue um trecho em que um jovem entrevistado menciona a questão da coletividade e do reconhecimento da diferença entre eles:

[...] acho que a principal palavra assim referente às ocupações foi a coletividade. De entender que tá todo mundo no mesmo objetivo, por mais que as pessoas sejam diferentes. (6EM)<sup>4</sup>

Para os estudantes que ouvi, as ocupações foram um marco. Evidente que sob aspectos diferentes, mas se ainda não foi possível a educação assumir o desafio anunciado por Flickinger, de auxiliar o educando a atingir esse reconhecimento social, com a interrupção que a ocupação provocou na realidade escolar, um passo em direção à conquista da autonomia pode ter sido dado. Espero que as reflexões aqui propostas sirvam de aproximação dessa realidade escolar e destas juventudes que antes frequentavam e agora se dispuseram a *ocupar* o território escolar. Os jovens, não apenas pela faixa etária, como por toda uma

---

<sup>4</sup> Seis é o número da entrevista, *E* refere-se à estudante e *M* aponta o sexo masculino do participante.

construção social e principalmente pelo papel monopolizador da formação dos sujeitos que a escola ainda desempenha, enfrentam um intenso e definidor período de formação de identidade dentro dos paradigmas escolares, o que nos obriga a estarmos atentos a estes elementos formativos. As ocupações foram um parêntese na realidade escolar cotidiana dos jovens e trouxeram uma série de transformações para o cenário escolar, principalmente para aqueles estudantes que participaram ativamente do movimento. “Porque tu te conhece, tu conhece o outro, é uma época de validação, sabe, tu valida as coisas que tu pode fazer [...]”, diz uma das jovens entrevistadas sobre a escola e as juventudes durante a experiência de ocupação. Interessante o quanto a jovem reconhece a juventude como uma *época de validação*. Para aprofundarmos um pouco a questão identitária das juventudes contemporâneas, trago a seguir a reflexão sobre formação de identidade em tempos de modernidade tardia.

No artigo de Gertrud Nunner-Winkler, “Formação da identidade em tempos de mudanças velozes e multiplicidade normativa” (2011), é afirmado que algumas condições socioestruturais esboçam o modo como a identidade se forma. A autora inicia apresentando a noção primária de identidade: aquilo que permanece igual a si mesmo. Mas para que se possa averiguar se X permanece o mesmo, é preciso antes ter uma definição identificadora, ou seja, “quem ou o que é X” (NUNNER-WINKLER, 2011, p. 56). Essa identificação pode se dar por distinções individuais, como o nome próprio do sujeito, ou ainda por características únicas deste, como por exemplo história de vida ou impressões digitais. Este tipo de definição a autora denomina identidade numérica. Já quando adjetivamos o sujeito, o classificando, por características específicas, como X é um homem, ou X é inteligente, refere-se a características funcionais, ou o que ela chama de identidade qualitativa. Por fim, a autora chega no primeiro elemento a ser destacado, quando se trata de uma identificação qualitativa, (e de identificação de pessoas e não de objetos) pode ocorrer uma

[...] discrepância entre a descrição do observador (por exemplo: ‘X é um empregado; é autoconfiante’) e a autopercepção (por exemplo: ‘X não se compreende como empregado, mas como pai de família ou futuro prefeito; percebe a si mesmo não como autoconfiante, mas como travado e tímido’). (NUNNER-WINKLER, 2011, p. 57)

É justamente sobre esse hiato entre o que o sujeito expressa, ou emite, ou exerce de fato como papel social, no caso do exemplo de Nunner-Winkler (como ele *é visto*), e como ele se percebe, como ele sente, ou como ele acredita que emite, que expressa, (como ele se vê) que podem operar as ferramentas culturais, sociais e educacionais. Partindo dessas duas perspectivas possíveis, a do observador e a do observado, é que desenvolvemos três diferentes fontes de dados nesta pesquisa: a primeira, as observações vivenciadas nas escolas e nos atos públicos promovidos pelos estudantes; a segunda, as publicações midiáticas realizadas durante as ocupações, tendo em vista uma contextualização do fenômeno a partir do que é dito sobre as ocupações e suas repercussões e a terceira, a fim de que houvesse uma escuta direta, a realização de entrevistas com jovens secundaristas atuantes nas ocupações. Desta forma, procuro contemplar a 'descrição do observador', através da criação de um banco de dados sobre as publicações realizadas pautadas nas ocupações, focando na amostragem de mídias locais, e a 'autopercepção', através dos relatos dos estudantes sobre sua experiência nas ocupações escolares. Através das entrevistas, permite-se emergir a perspectiva interior dos sujeitos protagonistas do fenômeno, e o relato das observações nas escolas apresenta-se também como uma perspectiva exterior, sob outro prisma, não tão panorâmico quanto a clipagem, e mais direto, visto que não contém o filtro editorial característico das produções jornalísticas.

No que se refere à constituição desses sujeitos, tendo em vista sujeitos sociais em formação, destaca-se algumas alterações que Nunner-Winkler postula no que se refere a elementos socioestruturantes, como escolha de profissão e de parceiro, por exemplo, considerados como elementos definidores dos sujeitos, e ao mesmo tempo em intenso processo de desconstrução. Ambos aspectos são abordados, como uma reflexão sobre a constituição dos sujeitos na contemporaneidade, para fins de aproximação de premissas constitutivas vigentes ou em processo de transformação. Destaca-se como a autora descreve paradigmas até há pouco vigentes no que se refere a estes que foram (ainda são?) considerados pilares da constituição do sujeito moderno: a profissão e o matrimônio. A ideia de profissão, como uma escolha que o sujeito faz, atrelada à origem (profissão dos pais) ou à ideia de uma carreira a ser seguida, perde força no que ela chama de

*modernidade tardia*. “Essa mudança objetiva na estrutura do mundo do trabalho se reflete na subjetivação crescente dos *critérios de decisão* que guiam a escolha profissional” (NUNNER-WINKLER, 2011, p. 57). Os critérios, que antes se baseavam pelas chances salariais ou de progressão na carreira são, aos poucos, substituídos pelo que a autora chama de “ocupação interessante e variada”. E afirma:

Nessa mudança de foco, adquire peso a reivindicação, não apenas do sujeito ser autor da decisão, mas de incluir a subjetividade no critério decisivo. Ser interessante não é apenas a característica objetiva de uma atividade, mas também depende de sua relação com os interesses e experiências prévias do ator. (NUNNER-WINKLER, 2011, p. 58)

Assim como no campo profissional, na escolha do parceiro, alguns velhos postulados são superados e a racionalidade no amor reinante outrora como definidora de casais já não se encontra vigente. Segundo a autora, além de o amor romântico na modernidade clássica ter finalizado com os antigos critérios, como escolha pelos pais (“eu te amo, porque nossos negócios combinam) ou ainda o amor definido por características demonstráveis da pessoa (“eu te amo, porque és fiel, confiável”), até mesmo o romântico “eu te amo porque tu és tu” perdeu o sentido:

Na sociedade pós-moderna, a subjetivação avançou mais: Como “paixão”, o amor se tornou refletido, por se direcionar mais fortemente à intensidade do sentimento do que à pessoa do parceiro (“Eu te amo, porque é tão lindo estar apaixonado”). (NUNNER-WINKLER, 2011, p. 58)

Como se não bastasse, o indivíduo ainda tem o direito de decidir quando o amor acaba, e eis que com a fórmula do “eu não te amo mais” (2011), ampliam-se infinitamente as possibilidades do sujeito. É permitido, hoje, não só não ser, bem como não ser mais. O dilema de Hamlet sobre “ser ou não ser” já não seria mais uma questão, pois o sujeito já pode ser e logo em seguida deixar de ser, sem grandes conflitos. Ou ainda: o dilema se multiplica, se pulveriza a cada instante que o sujeito pode decidir ser algo que não era ou deixar de ser o que vinha sendo até então. E a “flexibilidade é incluída ou conquistada socioestruturalmente, e isso reflete nas *conceituações de identidade pós-modernas*.” (NUNNER-WINKLER, 2011, p. 59). Torna-se evidente que *identidade* não vigora como aquilo que se caracteriza por continuar igual a si mesmo, e, sim, algo em fluxo transitório, quiçá contraditório, segmentado e inconstante, panorama que oferece aos jovens o desafio de se

deparar com variadas formas de ser, tendo, claro, concretas condições sociais, culturais e pessoais como balizadores dessas escolhas. Sobre isso, Nunner-Winkler faz referência a Giddens<sup>5</sup>:

Cada uma das pequenas decisões que a pessoa toma todo dia - o que vestir, o que comer, como se comportar no trabalho, quem encontrar mais tarde [...] todas as escolhas (assim como aquelas que tenham mais e maiores consequências) são decisões não apenas sobre como agir, mas sobre quem ser [...] Estilo de vida diz respeito ao núcleo da self-identidade, seu fazer e refazer. (1991, p. 5 *apud* NUNNER-WINKLER, 2011, p. 59)

Quando concebe-se que cada escolha, seja sobre a construção de sua *sociabilidade*, dos *grupos culturais* nos quais o sujeito circula e as *culturas juvenis* que o jovem pode assumir para si, são escolhas constitutivas, mediadas por imagens que os jovens têm de si, através de seu espectro de (im)possibilidades, fornecido por um panorama amplo e quase que global<sup>6</sup> de referências, percebemos que são uma negociação entre seus desejos, suas capacidades, sua expectativa sobre si e a expectativa que lhe atribuem socialmente.

No dizer - 'eu sou [sou eu] não relacionado 'esteticamente' com o meu ser, eu constato não o meu ser como algo dado, mas eu me relaciono como ele na forma do 'autocuidado' (*selbstbekummrung*)' [...] eu me relaciono como meu ser como *um*, que eu [...] 'deva ser'. (TUGENDHAT<sup>7</sup>, 1979, p. 34 *apud* NUNNER-WINKLER, p. 59).

Esses são alguns dos aspectos teóricos que se desenvolvem ao longo desta dissertação, bem como tópicos emergentes a partir do trabalho de campo, seja ele o diálogo a ser estabelecido diretamente com alguns jovens que vivenciaram a experiência de ocupação, seja das observações realizadas durante o período de ocupações, em três escolas de Porto Alegre. Autonomia, por exemplo, se observará na organização das ocupações, no que diz respeito às diversas formas de recriar o cotidiano escolar; tanto através da observação de eventos abertos ao público utilizados para observação, quanto pautados nos relatos dos estudantes, concedidos

<sup>5</sup> GIDDENS, Anthony. **Modernity and Self-identity**. Self and Society in the Late Modern Age. Stanford, 1991.

<sup>6</sup> O panorama amplo e quase que global tange ao leque de referências acessíveis na internet. Ressalto que aqui refere-se ao acesso à informação, que já possui um alcance mais abrangente e diversificado. Não ignora-se os diferentes aspectos socioeconômicos condicionantes do espectro de possibilidades das juventudes, em suas variadas esferas sociais.

<sup>7</sup> TUGENDHAT, Ernst. **Selbstbewußtsein und Selbstbestimmung**. Frankfurt: Sprachanalytische Interpretationen, 1979.



nas entrevistas.

É também interessante pensar na forma como os jovens se utilizam de recursos culturais e comunicativos para buscar uma inserção social, ou ainda como utilizam ferramentas que possibilitem a expressão de seus anseios e tensões, característicos de quem enfrenta o desafio de adentrar a vida adulta, com todas as atribuições que esse processo acarreta, conforme Dayrell,

[...] a partir da década de 1990 assistimos, no Brasil, uma nova forma de visibilidade dos jovens em que a dimensão simbólica e expressiva tem sido cada vez mais utilizada por eles e elas como forma de comunicação, expressas nos comportamentos e atitudes pelos quais se posicionam diante de si mesmos e da sociedade. A música, a dança, o vídeo, o corpo e seu visual, dentre outras LINGUAGENS CULTURAIS, têm sido os mediadores que articulam jovens que se agregam para *trocar ideias, ouvir um som, dançar*, dentre outras diferentes formas de lazer e de expressividade pública. (DAYRELL; CARRANO, 2014, p. 115).

É a respeito do uso desta dimensão simbólica e expressiva, e de como estas diferentes formas de se relacionar com a dimensão simbólica e expressiva de recursos culturais que se tem a oportunidade de desenvolver o tema *cultura* nesta pesquisa, tendo em vista as experiências de eventos culturais realizadas nas ocupações e os papéis que estes tiveram para o movimento. É reconhecida a importância das manifestações culturais pelas quais os jovens desenvolvem laços, encontram espaço para protagonizar atividades e para desenvolverem-se socialmente. É característico também que se utilizem de formas estéticas de diferenciação. Desde as cores e tamanhos variados da vestimenta, até diferentes cortes de cabelo, tatuagens e outros elementos visuais que compõem um variado leque de formas de auto-afirmação, ou mesmo de diferenciação. Em um período em que submetidos às regras escolares, aos paradigmas familiares e às demandas sociais, faz-se necessário uma ruptura, no sentido de que é preciso separar-se para distinguir-se, é preciso diferenciar-se para reconhecer-se. É a fuga da ideia de que “o jovem é o que ainda não se chegou a ser. Nega-se assim o presente vivido. Desta forma é preciso dizer que o jovem não é um pré-adulto” (DAYRELL; CARRANO, 2014, p. 106) e sim um sujeito em constante e intenso fluxo de interação, um sujeito em formação.

Tendo como entendimento as seguintes afirmações sobre as juventudes, “o

mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais onde os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil” (DAYRELL; CARRANO, 2014, p. 115), podemos encontrar algumas das razões pelas quais foi possível observar a realização de diversas práticas culturais no movimento de ocupação escolar. Além da promoção de inúmeras atividades formativas nas escolas ocupadas, os eventos culturais foram uma forma de receber na escola a comunidade, de estabelecer um espaço de aproximação social. Foi por meio destes eventos que os jovens puderam receber a comunidade escolar e exercer a *socialização*. Sobre o aspecto da socialização, e as relações possíveis de se estabelecer entre os jovens e a comunidade, ficou clara a sua importância, principalmente no que concerne ao olhar que se tinha da ocupação e como foi possível aproximar e construir diferentes olhares sobre as ocupações a partir das ações culturais que os jovens puderam oferecer, pois

[...] nessas práticas, criam novas formas de mobilizar os recursos culturais da sociedade para além da lógica estreita do mercado, assumindo papéis de protagonistas em seus meios. Isso acaba por ajudá-los a construir determinados olhares sobre si próprios e sobre o mundo que os cerca, o que significa dizer que no contexto da diversidade existente, a condição juvenil é vivenciada por meio da mediação simbólica expressa nas mais diferentes manifestações culturais. (DAYRELL; CARRANO, 2014, p. 115)

Dayrell apresenta em seu texto, “Juventude e Ensino Médio: quem é este aluno que chega à escola”, três diferentes dimensões para reflexão sobre as juventudes, bastante relacionadas à esfera cultural: as culturas juvenis, os grupos culturais e a sociabilidade. Utilizou-se estas dimensões para buscar pontos de aproximação do contexto juvenil. O que chama a atenção na dimensão dos grupos culturais mencionada por Dayrell refere-se a que “por meio da produção dos grupos culturais a que pertencem, muitos deles recriam as possibilidades de entrada no mundo cultural além da figura do espectador passivo, ou seja, como criadores ativos” (DAYRELL; CARRANO, 2014, p. 116), reforçando a ideia de que as juventudes, cada vez mais necessitam de espaços para reconhecimento de si e para o desenvolvimento de seus potenciais criativos. Também conectando-se à ideia de que, em uma sociedade em que somos espectadores cotidianamente, pulsa a necessidade de *ser visto*, de protagonizar, de ser mais do que um espectador, ser

um produtor de cultura em seu contexto social ou para além dele, afinal “eles querem ser reconhecidos, querem visibilidade” (DAYRELL; CARRANO, 2014, p. 116). Sobre a posição de espectador não me refiro estritamente à cultura da sociedade do espetáculo, nem no sentido das oportunidades de consumo de produtos culturais oferecidos ao jovem, mas muito também aqui pode-se dizer do papel que o jovem tem como aluno na escola. A estrutura de sala de aula, apesar das tendências educativas que apontam para protagonismo do aluno, geográfica e simbolicamente, ainda se centraliza na figura do professor, mantendo ao jovem a posição de um espectador passivo. Perguntada sobre sua realidade escolar antes e depois das ocupações, a jovem responde: “Então rolou muito essa coisa de mobilização, essa coisa entre alunos e professores, porque tem aquela coisa né, (entre) o professor e o aluno, professor manda a gente obedece.” (1EF)<sup>8</sup>, revelando ainda poucas brechas para produção não só de cultura no cenário escolar, como vem sendo enfatizado até aqui, mas também de experiência, de comunicação.

Outro elemento que Dayrell oferece para a reflexão e que atinge considerável dimensão no movimento das ocupações consiste na importância da *sociabilidade* para a condição juvenil. Segundo o autor, esta dimensão ocupa centralidade para grupos jovens, pois é através de espaços e tempos do lazer e da diversão e também nos espaços de convivência institucionais, que “[...] segundo Pais, os amigos do grupo ‘constituem o espelho de sua própria identidade, um meio pelo qual fixam similitudes e diferenças em relação aos outros’” (PAIS<sup>9</sup>, 1993, p. 94 *apud* DAYRELL; CARRANO, 2014, p. 117) Em todas as três dimensões que elenca o autor, encontram-se elementos constitutivos cujas práticas realizadas nas ocupações se prestam para reflexão. Seja no que se refere às questões de criação de espaços e tempos de convivência dentro das escolas ocupadas, produzindo novas formas de *sociabilidade* dentro do território escolar, ou através do encontro de *grupos culturais*, não só os variados dentro de uma mesma escola, bem como uma rede que se estabeleceu entre as escolas estaduais da capital, por exemplo. Ou ainda as *culturas juvenis*, através das quais os jovens procuram diferentes formas de visibilidade que os caracterizaram diante da sociedade, seja através dos eventos

---

<sup>8</sup> No capítulo dois, se encontrará a descrição dos jovens, e detalhamentos sobre a codificação dos participantes. Esta jovem foi a primeira a ser entrevistada e é chamada de 1EF ao longo do trabalho.

<sup>9</sup> PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

culturais em que abriram as portas das escolas ocupadas para receber a comunidade interessada em se aproximar, seja a estratégia criada para que houvesse uma fonte de comunicação direta das ocupações com a sociedade, via publicações em páginas das ocupações das escolas nas redes sociais. Claro que lidar com uma exposição pública de tamanhas proporções, apesar de ter sido fundamental para a propagação do movimento de ocupações escolares pelo estado, não foi tarefa simples, como pode nos relatar a jovem 1EF:

Tu tem que saber o que é lidar com a rede social, ter tua imagem divulgada pra todo mundo, claro que muitas pessoas em apoio, mas muitas pessoas também acabando contigo, e tem que saber lidar com tudo isso, é uma experiência muito boa, mas é uma experiência difícil, mas é uma experiência necessária. (1EF)

A juventude “é um momento próprio de experimentações, de descobertas e testes das próprias potencialidades e de demandas de autonomia que se efetivam no exercício de escolhas” (DAYRELL; CARRANO, 2014, p. 117). No período em que os jovens apropriaram-se de suas escolas, gerindo suas demandas administrativas, como manutenção da limpeza, segurança, alimentação dos estudantes, recepção de público para eventos e também agenda de atividades formativas e culturais, um período em que organizaram-se politicamente, de forma a negociar com a direção, os pais, a imprensa, autoridades como o secretário estadual de educação, o legislativo, a brigada militar, e ainda os movimentos de desocupação, espera-se, ao buscar aproximação do fenômeno e compartilhar as falas dos estudantes, proporcionar um frutífero exemplo da potência da autonomia e do exercício crítico dos jovens estudantes que ocuparam as escolas do RS.

Experenciar um período em que os alunos coordenam o funcionamento de uma escola, promovendo e realizando atividades formativas plurais, optando por seu currículo e, conseqüentemente, por sua formação identitária, buscando os recursos necessários para construir suas relações sociais, para constituir-se em coletividade, em exercício de diálogo e de troca, há algum tempo poderia ser considerado um exercício imaginativo e utópico. E por identidade, refere-se aqui como basicamente

[...] uma elaboração que cada um vai fazendo por meio das relações que estabelece com o mundo e com os outros a partir do grupo social a que pertence, do contexto familiar, das experiências individuais e de acordo com os valores, ideias e normas que organizam sua visão de mundo. A identidade, nessa perspectiva, é, sobretudo, uma relação

social [...]. (DAYRELL; CARRANO, 2014, p. 122)

Longe de reduzir tão labiríntico conceito tal como identidade, traz-se essa perspectiva do Dayrell para partir da premissa de que identidade é algo relacional, não fixo, não estanque, é da ordem da subjetividade dos sujeitos e que se torna desafiador também pensar as relações dos sujeitos das juventudes, particularmente em como elas podem, devem ou conseguem se desenvolver, inseridas em uma realidade escolar, em um contexto de regras fixas, mantidas por uma instituição de caráter totalitário, em um tempo de intensa construção e desconstrução, de fluxo transitório e inconstante, de estabelecimentos e rompimentos de relações sociais. Afinal, ainda segundo Dayrell e Carrano (2014, p. 123),

[...] vivemos numa sociedade planetarizada onde as transformações sociais são cada vez mais frequentes e intensas, numa outra relação com o tempo e o espaço. Uma sociedade na qual o eixo fundamental é a produção e circulação de informações e, especialmente, um tipo particular de informação, que é a imagem.

Pode-se abordar até aqui elementos que regem a perspectiva, no que se refere aos sujeitos da pesquisa, e a abordagem com a qual se faz uso para pensar com eles e sobre eles. O fenômeno das ocupações, ou das *ocupas*, como chamam os estudantes, teve uma complexa abrangência, em esferas sociais e políticas que envolveram questões escolares e outros âmbitos, como lutas trabalhistas e a greve dos professores, por exemplo. Não só a ocupação teve um papel pioneiro no que diz respeito à apropriação do espaço escolar pelos alunos, mas também na expansão para conflitos políticos, desde questões como a representatividade exercida pelas entidades estudantis, até reivindicações de projetos de lei em tramitação na Assembleia Legislativa do RS. Por isso, não poderia deixar de trazer algumas reflexões no âmbito da política, relacionando tais aspectos ao fenômeno.

Traz-se, então, alguns aspectos para se pensar o fenômeno das ocupações em uma perspectiva macro, em que se faz uso de elementos reflexivos desenvolvidos por Ernesto Laclau, bem como Chantal Mouffe, no que diz respeito a elementos referentes a práticas emancipatórias, suas possibilidades e suas armadilhas, focadas em situações escolares que circundam o fenômeno.

Podemos ver que os discursos de emancipação têm sido historicamente constituídos por meio da junção de duas linhas

incompatíveis de pensamento: uma, que pressupõe a objetividade e plena representabilidade do social; e outra, que só se sustenta sobre a demonstração de que há um abismo que torna qualquer objetividade social, em última análise, impossível. (LACLAU, 2011, p. 29)

Como afirma Laclau, não se trata aqui de optarmos por esta ou aquela linha de pensamento, como forma de resolver a questão, e sim,

[...] é afirmando ambas as linhas que a noção de emancipação adquire significado. Emancipação significa ao *mesmo tempo* fundação (*foundation*) radical e exclusão radical - isto é, ela postula ao mesmo tempo um fundamento social e sua impossibilidade. (LACLAU, 2011, p. 29)

Refletindo com Laclau acerca desse paradoxo em que consiste a emancipação social, é que se propõe um aprofundamento da perspectiva emancipatória do movimento de ocupação escolar. Segundo o autor, para que um sujeito possa emancipar-se de uma condição, é pressuposto que ele parta justamente da situação da qual quer se emancipar. Porém, a emancipação afeta todas as áreas, em uma totalidade diversa, ou seja, não seria possível a emancipação de um sujeito sem pensar em todos os aspectos que circundam aquele sujeito, ou não seria, de fato, emancipação. Aqui se fala do que Laclau chama de dimensão holística. Não se pretende concluir ou enquadrar o fenômeno como uma prática emancipatória, mas, sim, compreender a complexidade de tais questões e fazer uso da oportunidade de aproximação do fenômeno para refletir sobre tais práticas e suas potencialidades. De qualquer maneira, compreende-se que toda a prática pedagógica contemporânea será tributária de um projeto emancipatório. E que prática emancipatória geralmente é atrelada a movimentos sociais, que tem ideários que se pautam em direitos humanos, individuais e coletivos, de seu próprio grupo. Tem-se no exercício da pluralidade de grupos, a percepção de que um sujeito não está relacionado apenas a um grupo, não seria possível, pois pertencemos a diversos grupos sociais, tornando o que Ernesto Laclau chama de 'entendimento consensual' impossível. Sob outra perspectiva, a importância da *socialidade*, de que se fala anteriormente, é reafirmada. Ressalta-se que algumas destas tensões puderam ser observadas nas ocupações e serão utilizadas para desenvolver reflexões nesse sentido no capítulos quatro e cinco. Partindo dos princípios de que emancipação e liberdade não são a mesma coisa e, sim, um fluxo de remessa

contínua de um ao outro; de que o fato de a prática de discussão existir é o que torna o exercício da democracia viável e que a possibilidade do debate caracteriza uma sociedade democrática é que foram pautados alguns elementos de caráter político exercidos pelos estudantes durante as ocupações, que não poderiam não ser citados neste trabalho. Ainda sobre emancipação, segundo Boaventura Santos, “necessitamos construir a emancipação a partir de uma nova relação entre *respeito da igualdade e o princípio do reconhecimento da diferença*.” (2007, p. 62). Constitui também o marco teórico o conceito de democracia, segundo Boaventura Santos, em que ele define a tarefa de “substituir relações de poder por relações de autoridade compartilhada” como “um trabalho democrático muito mais amplo do que se pensava até agora.” (2007, p. 62). Para pensar as práticas de gestão exercidas pelos estudantes durante as ocupações escolares, esta definição será bastante útil.

Durante a etapa inicial da pesquisa, emergiram temas específicos das práticas desenvolvidas pelos estudantes nas ocupações, que serviram como norteadores na construção do trabalho. Três temas sobre as ocupações se destacaram. O primeiro deles foi a organização dos estudantes no decorrer da ocupação escolar, tendo essa organização diversas esferas a serem detalhadas nos capítulos seguintes. O principal de se pensar aqui é que, a partir do olhar dessas práticas, pode-se reconhecer um exercício de autonomia, na medida em que autonomia “significa a capacidade de dar a si mesmo as normas de comportamento e atuação”. (FLICKINGER, 2011, p. 8)

Pautas recorrentes sobre temas políticos eclodiram durante as ocupações, desde as práticas políticas internas, ou seja, as tensões e negociações feitas dentro do movimento, entre os jovens, às externas, no que se refere a instâncias de diálogo e negociação com representantes de órgãos públicos. Aproveita-se para trazer a noção de que a prática política numa sociedade democrática não consiste na defesa dos direito de identidades pré-constituídas, mas antes na constituição dessas identidades mesmas, num terreno precário e sempre vulnerável. (MOUFFE, 2003, p. 14). Aproxima-se deste terreno ao longo do trabalho, tendo em vista também que toda a prática institucional deve ser pensada como uma prática política.

Não seria possível deixar de observar o contexto em que este trabalho está sendo escrito. Por isso avança-se aqui também na questão política, pela

contingência da atualidade no Brasil, e pela necessidade urgente de atentar a questões como democracia e pluralidade. Alicerça-se nesse exercício principalmente a Chantal Mouffe, que desenvolve a ideia de uma democracia radical e plural como alternativa possível. Importante também trazer suas definições sobre o tema: **político**: dimensão do antagonismo que é inerente a todas as sociedades humanas, antagonismo que pode assumir formas muito diferentes e emergir em relações sociais diversas. (2003, p. 15); **política**: conjunto de práticas, discursos, e instituições que procuram estabelecer uma certa ordem e organizar a coexistência humana em condições que são sempre potencialmente conflituosas, porque afetadas pela dimensão do *político*. (2003, p. 15). De forma sucinta, o que se delineia como o projeto de democracia radical e plural seria admitir a existência de relações de poder e a necessidade de transformá-las, enquanto se renuncia à ilusão de que poderíamos nos livrar completamente do poder. A autora refere-se à visão de Habermas de ‘democracia deliberativa’ e distingue-se ao afirmar que em sua teoria, ao contrário do que afirma o pensamento habermasiano de que quando mais democrática é uma sociedade, menos poder seria constitutiva nas relações sociais. Para Mouffe, a questão principal seria não eliminar o poder, mas “constituir formas de poder compatíveis com valores democráticos”. (2003, p. 14). Curioso nos aproximarmos dessa concepção, tendo em mente as práticas de organização internas das escolas ocupadas, em uma busca não de eliminar o poder, aqui podendo ser visto como o estudante que representa sua escola como uma figura de poder, por exemplo, seja essa representação perante a sociedade via imprensa, ou ainda perante o Estado, no que se refere às negociações com a Secretaria de Educação, e o Governo Estadual. Serão vistos os desafios em relação ao estabelecimento de relações antagônicas na organização da ocupação, também nas relações ‘internas’ do movimento. Esse desafio, complexo, contemporâneo, e ainda muito distante de ser superado, com sintomas de regresso no ano de 2016, não será analisado como realizado ou não, mas servirá para problematizar a realidade escolar. É visto que ainda está muito vigente a postura antagônica em diversos aspectos que circundaram o fenômeno das ocupações, mas ainda assim algumas brechas talvez sirvam como indicadores para conseguir avançar em direção à pluralidade e ao diálogo.



É apenas quando admitimos esta dimensão do “político” e entendemos que “política” consiste em domar a hostilidade e tentar neutralizar o antagonismo que existe nas relações humanas, que podemos posicionar a questão fundamental para a política democrática. Esta questão, ponderam os racionalistas, não é como chegar a um consenso racional alcançado sem exclusão, o que é, de fato, uma impossibilidade. A política visa a criação de unidade num contexto de conflito e diversidade; está sempre preocupada com a criação de um “nós” pela determinação de um “eles”. A inovação da política democrática não é a superação da distinção nós/eles, mas a maneira diferente de estabelecer essa distinção. O problema fundamental é como operar a discriminação nós/eles numa forma compatível com a democracia pluralista. (MOUFFE, 2003, p. 15-16)

No campo da política, isso significa que se deve considerar legítimo o “outro”, ou seja, não como um inimigo a destruir e sim, um adversário, cujo antagonismo não se erradica, e sim seja reconhecido e administrado, no sentido de que se tem uma premissa compartilhada, que, segundo Mouffe, seriam os princípios ético-políticos da democracia. “Aceitar a posição do adversário é experimentar uma mudança radical na identidade política.” (MOUFFE, 2003, p. 16). Pude perceber que não foram poucas as tentativas de deslegitimação do movimento estudantil durante as ocupações. Não só dentro da comunidade escolar, em situações de enfrentamento de pais, professores e diretores, como também movimentos políticos organizados, como o *desocupa*<sup>10</sup>, foram fortes elementos, cujas posturas assumidas eram sumariamente de antagonismo. Em compensação, dentro das escolas, e dentro do movimento estudantil, apesar de inúmeros conflitos, predominou o exercício da negociação. Também a questão da representabilidade foi bastante tensionada, provocando inclusive uma ruptura no movimento. Trago esta questão desde já, pois serve para pensar na armadilha que é cogitar ou almejar o consenso como elemento necessário para se unificar uma demanda, no caso do movimento estudantil, mas Mouffe nos faz pensar nessa questão em diversas esferas sociais, quando afirma

Quando aceitamos que todo consenso existe como um resultado temporário de uma hegemonia provisória, como uma estabilização de poder que sempre vincula alguma forma de exclusão, podemos começar a encarar a natureza de uma esfera pública democrática de um modo diferente. A especificidade da democracia moderna repousa

---

<sup>10</sup> O ‘desocupa’ foi um movimento para a desocupação das escolas, protagonizado muitas vezes por pais insatisfeitos e também movido por partidos políticos opostos às reivindicações dos estudantes. Em alguns casos estudantes das escolas contrários às ocupações também aderiram ao contra-movimento.

no reconhecimento e legitimação do conflito e na recusa em suprimi-lo pela imposição de uma ordem autoritária. (MOUFFE, 2003, p. 17)

Em certa medida, no movimento da ocupação, variadas instâncias de conflito, que, na situação regular do cotidiano escolar, mantinham-se suprimidos (as razões para isso resultariam em uma outra pesquisa), durante o período de ocupações, abriu-se espaço para tensionar tais conflitos. Cita-se aqui alguns exemplos a serem melhor delineados no capítulo sobre a ocupação: o que os estudantes chamaram de *racha* no movimento, ou seja, a cisão do movimento por uma representatividade não reconhecida por parte dos estudantes, além de diversas questões escolares, desde estruturais, como a precariedade das dependências escolares, a questões sociais, como casos de machismo e racismo dentro das escolas, dentre outras situações de conflito que emergiram durante as ocupações. Forma-se aqui um complexo quebra-cabeças, cujos personagens compõem um cenário tenso e multidimensional.

Retoma-se a questão da identidade, desta vez sob a perspectiva de Mouffe:

Se aceitarmos que todas as identidades são relacionais e que a condição de existência de qualquer identidade é a afirmação de uma diferença, determinação de um 'outro' que desempenhará o papel de 'elemento externo constitutivo', torna-se possível compreender a forma como surgem os antagonismos. (MOUFFE, 2003, p. 13)

A autora explica que, no domínio das identificações coletivas, sempre está pautada a criação de um "nós", a partir da delimitação de um "eles" (2003) e essa relação pode tanto se definir como de amizade quanto de inimizade. A questão se torna um problema quando "eles" passam não mais a serem vistos sob "o prisma da diferença" mas "começam a ser compreendidos como negando a nossa própria identidade, como pondo em causa a nossa própria existência" (2003). A partir daí, as relações sociais, sejam elas religiosas, econômicas ou de outra esfera, tornam-se politicamente antagônicas. A possibilidade, portanto, de superarmos essa perspectiva dicotômica é praticamente nula. A proposta da autora consiste em avaliar como, nestas condições, seria possível criar ou manter uma "ordem democrática pluralista", e define que esta ordem baseia-se na distinção entre 'inimigo' e 'adversário'.

Exige que, no contexto da comunidade política, o opositor seja

considerado, não um inimigo a destruir, mas um adversário cuja existência é legítima e tem de ser tolerada. Lutaremos contra suas ideias, mas não poremos em causa o seu direito a defendê-las. A categoria de 'inimigo' não desaparece, mas é deslocada; continua a ser pertinente em relação àqueles que não aceitam as 'regras do jogo' democrático e que, dessa forma, se excluem a si próprios da comunidade política. (MOUFFE, 2003, p. 15)

Considera-se importante fazer algumas ressalvas. O fenômeno das ocupações escolares tem diversas instâncias que se sobrepõem e não se pretende dar conta de todas as complexidades que envolvem um evento de caráter inédito, cujas razões temos alguns indícios, porém suas consequências ainda estão longe de serem claramente analisadas. Tendo em vista a perspectiva da pluralidade, e as diversas e divergentes posições sobre o fenômeno, apresenta-se o que foi possível testemunhar, e mais do que isso, principalmente, pautou-se no exercício de escuta realizado em entrevistas com os jovens que experienciaram esse movimento, buscando trazer à tona a perspectiva dos estudantes sobre o fenômeno, na tentativa de fazer ouvir à esfera acadêmica, o relato destes sujeitos.

De forma alguma pretende-se atingir qualquer pretensa neutralidade neste trabalho, deixando claro que, juntamente com as perspectivas dos autores até aqui compartilhados, procurou-se partilhar ao longo do trabalho, minha visão. Essa visão, evidentemente não é rígida e tampouco pré-concebida, se alterou e seguiu se alterando enquanto este trabalho foi produzido. Torna-se importante o exercício de se permitir permear pelo campo observado e de estar atento às sutilezas e subjetividades dos acontecimentos, bem como ter uma postura de abertura às falas dos estudantes entrevistados. Mouffe também desenvolve a noção de identidade do sujeito como algo relacional e constantemente transitório. Busquei me aproximar de sua perspectiva para elaborar de forma cuidadosa as falas dos entrevistados, no intuito de abordar suas falas como falas vivas, de sujeitos cujas relações são cambiáveis, são não definitivas ou estanques.

A 'identidade' de um sujeito tão múltiplo e contraditório é, portanto, sempre contingente e precária, temporariamente fixa na intersecção dessas posições de sujeito e dependente de formas específicas de identificação. Por isso, é impossível falarmos do agente social como se estivéssemos a lidar com uma entidade unificada e homogênea. Em vez disso, teremos de abordá-lo como uma pluralidade, dependente das várias posições de sujeito através das quais se constitui em várias

formações discursivas, e de reconhecer que não existe qualquer relação prévia e necessária entre os discursos que constituem as suas diferentes posições de sujeito. (MOUFFE, 2003, p. 105)

Considerarei, portanto, que os sujeitos que participaram da pesquisa, relatando suas experiências, são este sujeito múltiplo e contraditório, assim como eu também o sou como pesquisadora, como narradora desses acontecimentos, de maneira que se torna inevitável a impregnação das minhas subjetividades no desenvolvimento desta. O são também os sujeitos do cenário escolar, os professores, as direções, os grêmios estudantis, os jornalistas, estamos todos “num campo caracterizado por fronteiras abertas e indeterminadas.” (MOUFFE, 2003, p. 105)

Assim como a perspectiva dos estudos sobre as juventudes, Mouffe também ressalta a importância de uma abordagem pela pluralidade, e do exercício de reconhecimento do outro, tendo a transitoriedade como pauta, e como desafio a criação de espaços de negociação, de socialização e cidadania.

E assim como afirma Mouffe, Carrano segue na mesma direção:

A questão da identidade pessoal e coletiva precisa ser concebida como um processo de interação e conflito. Os sujeitos, ao elegerem uma identidade colocam-se em conflito com outros que a contestam. E a solução dos conflitos está relacionada com os recursos disponíveis aos contêdores (a capacidade de ouvir posições divergentes e argumentar, por exemplo) (2008, p. 202).

Como será visto no capítulo quatro, o movimento das ocupações oferece situações para refletir sobre esses aspectos em um contexto específico. Traz-se também conceitos desenvolvidos por Boaventura Santos, a fim de termos uma perspectiva mais próxima desse contexto. Em seu livro publicado em 2007, *Renovar a Teoria Crítica e Reinventar a Emancipação Social*, constam reflexões bastante relevantes e apropriadas à delicada atualidade brasileira. Por exemplo, quando o autor afirma que

Vinte anos atrás, quando a primeira página dos jornais dizia ‘reforma da saúde’, ou ‘reforma da educação’, era para melhor. Hoje, quando abrimos o jornal e vemos uma notícia sobre reforma da saúde, da educação, da previdência social, é certamente para pior. (SANTOS, 2007, p. 18)

O autor também traz uma perspectiva interessante para se pensar os

movimentos sociais e políticos na América Latina, e aponta para a crise das Ciências Sociais e a visão colonialista tanto das linhas estrutural-funcionalistas quanto das marxistas e críticas: todas trazem uma visão eurocêntrica, evidenciando a necessidade de se rever esse paradigma obviamente em crise. (SANTOS, 2007, p. 19) Boaventura traz questões muito importantes para se pensar o fazer da pesquisa, e destaca desafios, que longe de encontrar respostas, apresentaram-se ao longo da trajetória de aproximação do movimento estudantil ocorrido em Porto Alegre.

Hoje vivemos um problema complicado, uma discrepância entre teoria e prática social que é nociva para a teoria e também para a prática. Para uma teoria cega, a prática social é invisível e para uma prática cega a teoria é irrelevante. E essa é uma situação que temos de atravessar se tentamos entrar no âmbito da articulação entre os movimentos sociais. (SANTOS, 2007, p. 20)

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram definidas três escolas para acompanhamento. Serão compartilhadas percepções, descobertas e questões, na árdua tarefa de refletir sobre o agora, estando eu inserida no meio observado, sendo também uma jovem, afetando e sendo afetada pelos sujeitos e pela conjuntura política e social do país. Fica aqui declarado que não se pretende reduzir o fenômeno, sua abrangência e complexidade pois conforme afirma Boaventura Santos, “o mundo tem uma diversidade epistemológica inesgotável, e nossas categorias são muito reducionistas”. (SANTOS, 2007, p. 25). Apresenta-se então diferentes perspectivas, tendo em vista que são partes de um todo que não se pretende alcançar neste trabalho. A proposta consiste dar ênfase à perspectiva dos estudantes no que se refere a questões organizativas, políticas e culturais, tecendo relações também a partir do observado, do noticiado e das premissas teóricas até aqui elencadas.

Cabe também acrescentar que, ao longo do processo de pesquisa, emergiram tópicos que considerei interessantes: a sociabilidade e a autonomia para observar a forma como os jovens se organizam, interagem, negociam entre si; a comunicação com a sociedade, com a comunidade escolar, o uso de eventos culturais como estratégia de interação social; as negociações políticas, tanto entre eles quanto diretamente com representações do governo estadual; experientiação, momentos de troca e de desfrute durante os shows e oficinas, atividades formativas

extremamente plurais realizadas nas escolas; a conscientização dos direitos das juventudes, exercícios de diferença, tentativas de práticas emancipatórias, cisões e antagonismos dentro do movimento, interferências de entidades estudantis e partidos políticos, episódios de repressão policial, perseguição dos líderes das ocupações, a intensa participação de jovens universitários nas atividades formativas e culturais, dentre outros inúmeros atravessamentos e subjetividades que um fenômeno desse porte e impacto social pode desencadear. Desses vários aspectos, optei por dar ênfase aos três primeiros, ou seja, as formas de organização, os eventos culturais e alguns pontos de entroncamento na esfera política, vivenciados pelos jovens durante as ocupações. Ressalto que estes aspectos se entrelaçam, são implicados entre si e não se constituem de forma separada. Tampouco pretendo esgotar tais elementos, tão complexos e dinâmicos, neste trabalho. Para olhar para estes três aspectos, faço uso dos conceitos até aqui apresentados, tendo como pano de fundo elementos da constituição identitária moderna, teorizações sobre as juventudes e perspectivas dessa categoria social, bem como algumas reflexões do cenário escolar e do contexto social e político neoliberal contemporâneo. Descrevo a seguir como se desenvolve o processo da pesquisa, e traço relações entre os conceitos aqui referidos e os aspectos destacados ao longo do trabalho.

### 3 O PROCESSO DA PESQUISA

O processo da pesquisa de campo iniciou na segunda quinzena de maio de 2016, poucos dias depois da primeira escola ter sido ocupada. Em seguida, ainda na primeira semana após a primeira escola ocupada, os estudantes declaram ocupação e acampam nas dependências de quase uma dezena de escolas. Foi quando percebi a possibilidade de ter nesse fenômeno o campo empírico da pesquisa. Aqui me refiro ao início do processo de reconhecer o fenômeno como potencial empírico e a dar início ao planejamento de ida a campo, pois já vinha, desde o ingresso no curso de mestrado, pesquisando sobre juventudes, culturas juvenis e também sobre questões políticas e suas relações com educação, além dos estudos e experiências no campo da cultura acumulados durante os anos de formação e prática artísticas. As disciplinas da prof. Miriam Lacerda foram fundamentais para adentrar no campo de estudos de Sociologia da Educação direcionados às juventudes e as disciplinas do prof. Marcos Villela Pereira foram imprescindíveis para desconstruir velhas concepções e também para aproximação de novas compreensões políticas e educacionais.

Na área das artes cênicas, a pesquisa do trabalho de um ator poderia se aproximar a de uma sociologia do cotidiano, por exemplo, quando atentamos e treinamos o olhar de observador aos detalhes da vida cotidiana, ao que acontece quando nada parece acontecer, às sutilezas do cotidiano que revelam algo sobre as pessoas, os espaços e suas atmosferas, porém o fazemos para reproduzir essa realidade, em nossas ficções encenadas, bem diferente dos moldes da pesquisa científica. O processo desta pesquisa não se encaixava em nenhuma das referências que eu tinha até então. E o interessante é que não é banal compreender que pesquisar é *não saber* como faz, para então iniciar o processo de descoberta. Por isso, descrevo aqui como procedi na tarefa de realizar uma pesquisa acadêmica, principalmente a partir do momento que percebi que as ocupações escolares eram um acontecimento inédito e potente para pesquisar as questões que eu já vinha pensando ao longo do mestrado e mais, era algo que eu desconhecia, e que fazia sentido querer saber mais, pesquisar, descobrir.

Com o intuito de olhar para a experiência das ocupações de forma a

pensá-las como um movimento emergente com fortes demandas sociais e políticas, apostei em duas vias de aproximação. A primeira delas foi monitorar as notícias sobre as escolas ocupadas, procurando sites de comunicação jornalística que publicavam sobre o tema, em seguida, localizar as páginas das ocupações nas redes sociais. Dessa maneira, pude ver quais foram as primeiras escolas ocupadas, as repercussões iniciais disso e a definição dos acontecimentos se consolidando como um movimento secundarista. A partir desse primeiro levantamento de dados, pude também estabelecer relações com fatores que contribuíram para a eclosão das ocupações, como, por exemplo, a greve dos professores estaduais.

A segunda via de aproximação foi ir a uma escola ocupada, em uma atividade cultural aberta ao público; um show de uma banda de música latina tocava no pátio de uma escola do meu bairro, de onde eu podia ouvir não só a música, como a movimentação toda da atividade. Me vesti - e aqui reitero a afirmação de Giddens que mesmo quando fazemos as pequenas escolhas do dia a dia, como quando escolhemos nossa vestimenta, “são decisões não apenas sobre como agir, mas sobre quem ser” (GIDDENS<sup>11</sup>, 1991, p. 5 *apud* NUNNER-WINKLER, 2011, p. 59) - e fui até a escola vizinha. Procurei me adequar ao que eu imaginava ser o cenário escolar, de forma a nem me destacar, nem gerar estranhamento. Uma pequena ansiedade me atingiu ao me aproximar do portão da escola e me deparar com uma equipe de ‘segurança’ na porta. Percebi o quanto é delicado adentrar um território real, o quanto o fato de eu ir até lá com o propósito de *observar* me provocava uma sensação de deslocamento, de uma espécie de inevitável desnaturalização do olhar. Fui perguntada sobre o que fazia ali, me identifiquei como professora de teatro e vizinha da escola, deixei meu CPF e meu nome na portaria e entrei. Me surpreendi ao me deparar com muitos universitários, com figuras da cena cultural da cidade, crianças pequenas e, claro, jovens secundaristas. Era um ambiente familiar e plural. Era possível sentir tensão e descontração dançando juntas ao som da *cumbia*. Nenhuma bebida alcoólica, vários adultos, alguns cigarros, o som alto. O frescor de ocupar um espaço cotidiano de uma forma diferente era visível. Neste momento eu ainda não tinha ideia da proporção que o movimento tomaria, e tenho a forte

---

<sup>11</sup> GIDDENS, Anthony. **Modernity and Self-identity**. Self and Society in the Late Modern Age. Stanford, 1991.



impressão que os jovens que ali dançavam também não tinham. Fiquei um pouco sem saber como agir, nem tanto em relação ao show ou ao fato de estar ali como pesquisadora, mas mais sobre o estranhamento de estar em uma escola, no pátio de uma escola, em uma situação que nunca vivi parecida, nem nos tempos de estudante nem como professora: à noite, em um pátio que hoje só vejo de longe, de fora, distante, assistindo a um show com adultos, crianças e jovens. A situação de *habitar* o espaço escolar me soou inédita. Interessante foi perceber a escola, naquele momento, como um espaço de convivência da comunidade escolar, percepção também nada familiar.

Depois disso, atentei para o número de escolas ocupadas, que rapidamente tomou proporções inacreditáveis, quando do sexto para o sétimo dia de ocupação o número de escolas ocupadas dobrou no estado. Minha percepção sobre o movimento foi se transformando, uma vez confirmada a possibilidade deste fenômeno ser meu objeto de estudo e campo de pesquisa no mestrado, e direcionadas as orientações com o prof. Marcos Villela Pereira para este sentido. Passei então a fazer algumas escolhas, visto que o movimento só aumentava e sua complexidade ia se revelando cada vez mais, pois os estudantes iam expondo suas demandas, se fortalecendo e se organizando, ganhando espaço, ampliando sua rede de comunicação, o número de escolas crescendo por todo o estado e reações sociais diversas iam se desenhando.

Passei então a monitorar as notícias sobre as ocupações em mídias digitais, ou seja, procurando em diversos jornais online como fontes<sup>12</sup>. Utilizei, depois de feita uma triagem, fontes jornalísticas que considerei informativas e de amplo alcance, direcionando as buscas à editoriais digitais de jornais já legitimados de via impressa e também mídias jornalísticas especializadas em produção de conteúdo digital. Procurei alguma coerência informativa de acordo com a perspectiva pela qual me interessava saber, e também que de alguma maneira me alinhava. Utilizo-me de fontes jornalísticas para obter informações políticas e sociais da cidade e fiz uso

---

<sup>12</sup> Fontes utilizadas na clipagem da pesquisa: Correio do Povo Online, G1, UOL, Sul21, JornalJá Online, RádioGuaíba, Uol Portal Aprendiz, Editorial J/PUC, Imprensa SindiBancários, Procuradoria-Geral do Estado, Jornalismo Livre e Independente/EsquinaDemocrática, Ocupa Mídia, CPERS, Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul - Poder Judiciário, Le Monde Diplomatique Brasil, Zero Hora, Juntos (PSOL).

desse conhecimento prévio sobre os meios locais de comunicação digital para realizar essa triagem. Matérias que fossem explicitamente contra o movimento, ou seja, que de alguma forma produzissem em seu discurso aspectos ditos conservadores como, por exemplo, termos que sugerissem a deslegitimação do movimento ou fizessem referência aos estudantes como 'invasores' ou outras referências pejorativas foram limados da clipagem realizada. Não no sentido de não haver uma abertura a diferentes pontos de vista sobre o fenômeno, mas sim no sentido de se fazer uma escolha. Reportagens que propunham uma abordagem antagônica, que com adjetivos de determinada produção de discurso claramente direcionada a fazer oposição ao movimento, não teriam muito a contribuir para o objetivo deste trabalho, mas podem servir de dados para outra pesquisa. O objetivo central, além de conhecer e compreender o fenômeno, consiste em aproximar-se das perspectivas dos jovens que vivenciaram a ocupação, portanto meios que desacreditassem os jovens e deslegitimassem o movimento não contribuiriam, a não ser para evidenciar a forte presença de práticas do político, visto que o antagonismo pode assumir formas muito diferentes e emergir em relações sociais diversas. (MOUFFE, 2003, p. 15)

O eixo central da pesquisa são as ocupações escolares, para as quais vou olhar sob três diferentes perspectivas. Uma mais panorâmica, na medida em que faço uma clipagem de notícias a fim de compreender o avanço das ocupações, as repercussões do fenômeno, e os múltiplos focos de acontecimentos que foram desencadeados a partir do eixo central. Por exemplo, movimento de pais em apoio ou contrários às ocupações, apoio ou forte oposição por parte dos professores das escolas, associações a partidos políticos, dentre outras implicações que foram importantes para que eu me localizasse no campo. Ressalto estar ciente do filtro aplicado às notícias conforme diretrizes editoriais e políticas dos meios de comunicação, e reitero que o objetivo não é fazer uma análise mais aprofundada a partir das matérias jornalísticas, pois optou-se por direcionar o foco às falas dos estudantes e suas perspectivas do movimento. O compilado de notícias e as minhas observações compõem o que chamo de visão externa do movimento. A partir das observações posso alcançar uma perspectiva mais próxima do fenômeno, menos panorâmica mas ainda externa dos acontecimentos, proporcionando uma visão mais

direcionada. Por fim, um conjunto de entrevistas feitas com estudantes das escolas ocupadas finaliza a composição do método de pesquisa, contemplando dessa vez uma perspectiva interna do fenômeno, ouvindo dos próprios jovens seu relato sobre diversos aspectos das ocupações escolares. Assim, reitero que apesar de três diferentes perspectivas, todas apontam para a mesma direção: as ocupações. Assim, um repórter que diz 'este fenômeno não deveria estar acontecendo', ou um editorial que afirma que 'estas pessoas não deviam estar neste local' pouco tem a acrescentar para a aproximação do que já é um fato. Além disso, nem que fosse minha vontade seria possível fazer uma escolha neutra dos meios de comunicação utilizados, das escolas a serem observadas e tão pouco dos estudantes elencados para as entrevistas, pois não entendo que seja possível atingir tal neutralidade, afinal com o meu olhar vão junto, não só as lentes teóricas que já filtram e direcionam meu olhar, bem como todo o leque de subjetividades que me compõem, que, além de inconstantes, são indissociável dos meus pontos de vista como pesquisadora.

Em seis dias, após a divulgação da ocupação da primeira escola, eram 42 escolas ocupadas, em sete dias eram 83, por todo o RS. Era preciso encontrar uma forma viável de acompanhar atividades das ocupações e por isso fiz algumas escolhas. Defini três escolas na região central de Porto Alegre para acompanhar. Escolhi escolas com representatividade no movimento, e que estivessem promovendo principalmente atividades culturais. Além disso, fui a atos públicos e a manifestações políticas, a fim de acompanhar também a ocupação nessa outra dimensão, em território extra-escolar. Assembleias também foram definidas como atividade para acompanhamento. Desta maneira, três aspectos foram inicialmente pensados, e poderiam ser contemplados também com observações feitas. Foi a partir do que li nas matérias sobre as ocupações, e também sobre como detectei a realização de diferentes eventos nas escolas ocupadas que pude definir as três categorias que nortearam a observação: *organizações*, *cultura* e *política*, ou seja, assembleias como *organização*, eventos culturais como *cultura* e manifestações na esfera *política*. Claro que essas categorias como elementos em separado foram pensadas desta maneira antes que eu fosse a campo, pois elas estão, na realidade, interconectadas. Pensá-las em separado apenas me serviu para identificar as esferas guias para as observações e seleção dos acontecimentos a serem

observados. Foram três assembleias, quatro atos, quatro festivais culturais, duas ocupações de prédios públicos<sup>13</sup> e outras atividades culturais, como shows, oficinas musicais e rodas de conversa. Na medida que entrei no campo, e fui sendo contaminada por ele, essas concepções pré-estabelecidas de forma dissociada da realidade começaram a se misturar, se revelando totalmente imbricadas e indissociáveis. Ou seja, não são categorias puras, e sim serviram como ponto de partida da investigação.

Escolhi três escolas que pareciam ter poder de mobilização, tanto realizando ações culturais que atingiam não só a comunidade escolar, como apoio universitário, dos vizinhos das escolas e de simpatizantes. Também tinham em suas lideranças falas que reverberaram nos noticiários e refletiam posicionamento político. Ressalto que as escolas periféricas tiveram uma trajetória distinta, pois estão inseridas em outro contexto urbano, e pelo tempo para realização da pesquisa de mestrado e a amplitude do movimento, optei por observar apenas escolas do eixo central da cidade de Porto Alegre. De qualquer maneira, um dos estudantes entrevistados é estudante de uma escola periférica, tendo então, nesta medida, uma pequena amostragem incluída na pesquisa.

As observações foram uma etapa fundamental para viabilizar o que vem a ser o material de análise da pesquisa, as entrevistas com os jovens estudantes que ocuparam as principais escolas estaduais de Porto Alegre. Felizmente, por ter uma trajetória como realizadora de ações artísticas de rua, tenho uma boa capacidade de movimentação em multidões, bem como olhos atentos para ver quem são, dentre uma multidão, os coordenadores das movimentações, por exemplo, o que foi fundamental para as empreitadas de acompanhamento das manifestações de rua movidas pelos estudantes. Pude aliar a esse elemento o exercício de observação e escuta das assembleias, onde se podia ver as tensões entre lideranças escolares, permitindo detectar alguns dos jovens que protagonizaram o movimento das ocupações em suas escolas. Aqueles rostos que eram vistos em grupos de comando nas manifestações de rua, em exercício de representatividade nas

---

<sup>13</sup> Ocupação da Assembleia Legislativa do RS e ocupação da Secretaria Estadual da Fazenda do RS, estas não pude ir presencialmente, acompanhei pela internet e posteriormente através dos relatos dos estudantes. Os prédios foram bloqueados, não sendo mais permitida a entrada uma vez que ocupados pelos estudantes.

assembleias, e presentes nas atividades culturais, foram os eleitos para abordagem e convite à entrevista. Foram sete alunos de seis escolas estaduais de Porto Alegre entrevistados, três do sexo masculino e quatro do feminino. Ao abordá-los, me apresentei como estudante de educação e perguntei do interesse em participar da pesquisa que realizaria sobre as ocupações, através da participação em entrevista sobre o tema e em caso de assentimento pedia o contato, telefone ou nome em rede social. Os que concordaram em participar me concederam suas informações para posterior contato e agendamento de entrevista.

Desenvolvi um roteiro para guiar as entrevistas, a partir das observações e da clipagem realizada. Aqui uma nova esfera como pesquisadora foi sendo descoberta, na medida em que entrar em contato com os estudantes em um contexto que as ocupações já haviam se encerrado, e que alguns vinham inclusive sofrendo perseguições, foi bastante delicado e desafiador. O roteiro se originou de alguns desejos de investigação que não consegui sanar com as observações. Principalmente a partir do que vi e presenciei, que desencadeou lacunas sobre o fenômeno e curiosidades de saber o que eles pensavam sobre, como tinha sido aquilo que não foi relatado publicamente, em suma, como eles haviam experienciado o movimento das ocupações. Aqui os três aspectos sobre as ocupações escolares, as organizações, a cultura e a política, ainda serviram como dispositivo, tendo um elemento importante a ser acrescentado: a visão dos estudantes sobre a *realidade escolar*. Foi importante perceber que eu gostaria de obter pistas de como era a realidade escolar antes das ocupações e mais, como os jovens percebem a escola, e o que as ocupações puderam contribuir para esclarecer ou alterar estas percepções, e também como eles viam a escola depois da experiência de ocupação escolar.

Para validar o roteiro de entrevistas como instrumento de pesquisa, realizei uma entrevista piloto. A partir dessa entrevista piloto, o roteiro aplicado inicialmente foi alterado, gerando adequações e redefinindo prioridades para a pesquisa. Por exemplo, ao perguntar sobre como era a escola antes das ocupações, recebi um relato bem específico sobre questões estruturais da escola, no sentido físico, sobre cozinha, paredes da escola, infiltrações, etc. Claro que é um importante aspecto para se perceber a realidade escolar, mas vi a necessidade de acrescentar depois

dessa pergunta uma especificação, estendendo a questão ao cotidiano escolar, às relações com professores e direção, por exemplo. Foi de extrema importância a realização do piloto, visto que pude me deparar com algumas situações bem determinantes para a realização da entrevista. O cuidado desde simples questões técnicas, como a providência de um gravador profissional e condições adequadas para seu uso e a importância de se pensar em um local para a realização das entrevistas, levando em consideração as diretrizes éticas da resolução 510 de 2016, a produção de termos de consentimento livre esclarecido, a aprovação do projeto de pesquisa pelo Conselho de Ética e Pesquisa da PUCRS, e as possibilidades de horário e local oferecidas pelos estudantes, foram as variáveis definidoras das situações de entrevistas realizadas para a pesquisa.

O roteiro aplicado foi o seguinte:

### **1 As Ocupações**

1 a) Como te envolveste nas ocupações?

1 b) Porque as ocupações aconteceram, na tua visão?

1 c) Como foi a experiência das ocupações, pra ti? O que aprendeste?

### **2 Cultura & Política nas Ocupações**

2.1 a) Na tua escola houve eventos culturais durante as ocupas?

2.1 b) Como aconteceram? Como foram pensados/organizados?

2.1 c) Foste a eventos de outras escolas?

2.2 Os eventos culturais tiveram algum papel relevante no movimento das ocupações? Qual?

2.3 a) O que aprendeste sobre política a partir da experiência das ocupações?

2.3 b) Há algum acontecimento ou elemento que gostarias de destacar nesse sentido?

### **3 A Escola - DEPOIS das Ocupas**

3 a) Como está a escola hoje?

3 b) Como te sentes em relação à escola depois das ocupações? (e o cotidiano escolar?)

3 c) Achas que ainda podem ocorrer mudanças nas escolas em decorrência das ocupações? Quais?

3 d) Como seria a escola ideal, pra ti?

#### 4 A Escola - ANTES das Ocupas

4 a) como era tua escola antes das ocupações/como a escola "sempre foi"?

4 b) como te sentias em relação à escola antes das ocupações? (e o cotidiano escolar?)

#### 5 Exercício de escuta

5 a) Espaço para complementação/fala livre do entrevistado.

O roteiro serviu como um guia, uma forma de unificar a ordem dos temas a serem abordados, na tentativa de se estabelecer uma mesma matriz de referência para posterior análise. Mas essa ordem, essa estrutura, uma vez iniciadas as entrevistas, se transformam, pois inúmeros atravessamentos e questões emergem, resultando uma produção de relatos plurais, vivos e subjetivos, que se organizam como a lógica de fala de um jovem, multifacetada, sobreposta, pluridimensional.

No artigo *Formação da Identidade em Tempos de Mudanças Velozes e Multiplicidade Normativa* de Gertrud Nunner-Winkler, ao explicar sobre concepções identitárias, a autora menciona uma questão que emerge sobre a diversidade de possibilidades de escolha que temos atualmente, de maneira que “os espaços de opção aumentam, a flexibilidade é incluída ou conquistada socioestruturalmente e isso se reflete nas *conceituações de identidade pós-modernas*. (NUNNER-WINKLER, 2011, p. 59). A alternância de escolhas definitivas e definidoras para escolhas revogáveis traz uma série de críticas aos conceitos pós-modernos, pois eles mostrariam um sujeito quase que esquizofrênico em sua pluralidade. Nunner-Winkler ressalta que um “sentimento interno de unidade é, a saber, imprescindível, não apenas para o bem estar psíquico, mas também para a manutenção da saúde”, e ainda questiona e propõe: “Como podem trabalhadores de identidade pós-moderna suscitar esse sentimento? A proposta de solução é através da *competência narrativa*.” (NUNNER-WINKLER, 2011, p. 59, grifo nosso). A fim de desenvolver o que chama de competência narrativa, Nunner-Winkler lança mão de Giddens e Straub:

Assim, declara por exemplo Anthony Giddens: ‘Autoidentidade torna-se um esforço organizado reflexivamente [...] o qual consiste na manutenção de narrativas biográficas coerentes, embora continuamente revisadas’. Também Jurben Straub vê a ‘unidade de uma mesma pessoa’, a ‘coerência passível de ser sentida ou vivida’

ligada às 'realizações psíquicas de integração e síntese do sujeito' produzidas narrativamente. 'A questão da identidade 'quem sou eu, quem eu me tornei e quem quero ser?' encontra sua resposta exatamente nos autorrelatos. (GIDDENS<sup>14</sup>, 1991, p. 5; STRAUB<sup>15</sup>, 2000, p. 132 *apud* NUNNER-WINKLER, 2011, p. 59)

Trago essa perspectiva de competência narrativa, pois serviu como inspiração para pensar um roteiro que fosse aberto o suficiente a ponto de suscitar um espaço para o desenvolvimento de relatos dos estudantes, de narrativas sobre as ocupações, sobre a escola, sobre si. Os autorrelatos, ainda segundo Straub, "fazem algo que faça sentido e tenha significado a partir da contingência vivenciada, unindo diferentes, sim, heterogêneos, dentro de *uma* figura *uníssona*." (STRAUB, 2000, p. 132 *apud* NUNNER-WINKLER, 2011, p. 59). Por isso, a principal alteração feita a partir da entrevista piloto, e orientada pelo prof. Marcos Villela Pereira, foi a de iniciar a entrevista perguntando sobre o envolvimento do estudante nas ocupações, sobre a visão que ele tinha do movimento e a seguir sobre a experiência dele, sobre seus aprendizados. Foi esta maneira que encontrei para fazer um exercício inicial de reconhecimento do jovem como um sujeito agente daquele movimento, para depois desenvolver os tópicos a terem enfoque através de outras perguntas. O espaço para complementação ao final foi bem importante também, para que os jovens pudessem trazer perspectivas novas a serem compartilhadas, que não necessariamente couberam nos tópicos elencados nas perguntas.

Ao finalizar a realização das sete entrevistas, transcrevi o material para em seguida iniciar uma categorização. Separei o material inicialmente em nove categorias, que consistiam em 1) realidade escolar antes das ocupações; 2) realidade escolar depois das ocupações; 3) organizações; 4) cultura e eventos culturais; 5) política; 6) efeitos na realidade escolar; 7) aprendizados, 8) contexto geral e 9) escola ideal. Essas nove categorias iniciais, conforme o trabalho foi avançando, as entrevistas sendo revisitadas repetidamente, e o olhar ficando mais sensível e mais apurado, foram repensadas, reagrupadas e reduzidas. E apesar da

---

<sup>14</sup> GIDDENS, Anthony. **Modernity and Self-identity**. Self and Society in the Late Modern Age. Stanford, 1991.

<sup>15</sup> STRAUB, Jürgen. Identitätstheorie, empirische Identitätsforschung und die „postmoderne“ armchair psychology. In: **Kulturwissenschaftliches Institut im Wissenschaftszentrum NRW (Hg.)**, Jahrbuch 2000, Essen, S. 125-156.



sedutora oferta de informações preciosas, o foco nos objetivos da pesquisa foi sendo interiorizado, o que auxiliou definitivamente no processo de categorização final.

As categorias *realidade escolar antes e realidade escolar depois* das ocupações serviram para melhor detectar os *efeitos na realidade escolar* narrados pelos jovens. Estas categorias, *realidade escolar antes e depois das ocupações*, juntamente com as que apontavam para as *organizações*, os eventos *culturais* e as práticas *políticas* serviram fundamentalmente para me aproximar do olhar dos jovens sobre a ocupação, sobre suas escolhas, sobre seus cotidianos escolares, sobre o contexto que oportunizou o surgimento do movimento de ocupação estudantil no RS. Então, as categorias 3) organizações; 4) cultura e eventos culturais; 5) política e 8) contexto geral serviram para compor o capítulo a seguir, que apresenta e contextualiza o que foram as ocupações, acrescentando à clipagem e às observações, a perspectiva dos jovens sobre o movimento de ocupações secundaristas.

Mantendo-me fiel à premissa de educação na qual se baseia o trabalho, considerando o processo educativo como

[...] um processo complexo e multideterminado em que um sujeito, por efeito ou com a ajuda de outrem ou de si mesmo, mediado ou não por recursos instrumentais, experimenta modificações da ordem da subjetividade e, em consequência, deixa de ser, pensar ou agir como vinha sendo, pensando e agindo e passa a ser, agir ou pensar de outra maneira (PEREIRA, 2016, p. 1),

no quarto capítulo optei por desenvolver duas categorias para análise: *efeitos na realidade escolar e aprendizados*. Sendo a primeira categoria a tentativa de perceber quais as alterações do cotidiano escolar narradas derivaram do fenômeno das ocupações, produziram efeito reconhecível pelos jovens. A segunda, de ordem mais subjetiva dos sujeitos entrevistados, destacam-se os aprendizados dos estudantes, em uma esfera mais pessoal, na medida em que se tornou inevitável o compartilhamento das experiências de aprendizados vivenciadas de forma única e inédita, ao ocuparem suas escolas. As categorias 1) realidade escolar antes; 2) realidade escolar depois foram utilizadas como balizadores na tarefa de compreender e detectar os efeitos na realidade escolar, bem como a última categoria, 9) escola ideal, que serviu para acessar as perspectivas futuras ou

ideárias dos jovens entrevistados. A seguir desenvolvo a narrativa do fenômeno das ocupações, procurando fazer um entrelaçamento das três perspectivas acerca do movimento secundarista ocorrido de maio a junho em Porto Alegre.

## 4 OCUPAÇÕES

Neste capítulo, desenvolvo uma linha cronológica para apresentar o fenômeno das ocupações. Utilizando-me de trechos de matérias selecionadas a partir da clipagem, respeitando a ordem de publicação a fim de construir uma narrativa coerente sobre os fatos. Construo uma trama de perspectivas, tendo essa cronologia como eixo central no desenvolvimento do capítulo. Abrindo brechas para composição com trechos de fala dos estudantes, bem como com complementações, a partir das minhas observações, é que pretendo estruturar os acontecimentos do fenômeno.

Tendo em vista a complexidade do movimento, optei por, desta maneira, organizar o compartilhamento de percepções e dados coletados, visando facilitar a compreensão de pontos importantes das ocupações e, principalmente, estabelecer um norteador temporal para, a partir dele, entrelaçar as três perspectivas que vou apresentar aqui: matérias jornalísticas, observações e percepções como pesquisadora e falas dos estudantes nas entrevistas. O avanço dos acontecimentos a partir de como foram noticiados e o paralelo que expõe como foram experienciados pelos jovens e por mim, é apresentado, então, a seguir. As informações sobre os trechos extraídos de matérias têm sua fonte sinalizada em notas de rodapé e as falas dos jovens extraídas das entrevistas têm identificação por código, a fim de não expor os nomes dos participantes da pesquisa<sup>16</sup>. Os estudantes são numerados de 1 a 7 e têm em seu código a identificação apenas do gênero do estudante, sendo então, por exemplo, 1EF uma estudante do sexo feminino e 2EM um estudante do sexo masculino.

As matérias jornalísticas, bem como trechos em que os estudantes falam sobre elementos do contexto das ocupações permeiam o capítulo todo, compondo o panorama do fenômeno. Aspectos mais específicos, direcionados às organizações dos jovens durante as ocupações, e aos eventos culturais, estão em blocos inseridos ao longo da cronologia, em pontos da narrativa escolhidos para desenvolvimento

---

<sup>16</sup> Nos trechos de matérias que continham identificação de estudantes, como no caso de entrevistados por jornalistas, optou-se por omitir os nomes dos estudantes no corpo do trabalho, adaptando o texto inserido para não constar identificações. Os trechos adaptados têm a interferência sinalizada.

destes tópicos. Os aspectos políticos se concentram mais adiante na narrativa do capítulo, a partir de determinados acontecimentos do fenômeno, bem como mais tardiamente no decorrer das ocupações é que pude atentar a questões políticas que se desenrolaram, apesar de elas permearem o movimento constantemente.

#### 4.1 Contexto e início das ocupações

Inicialmente apresento alguns elementos que nos ajudam a compreender o que ocorria nas escolas estaduais de Porto Alegre, principalmente nas localizadas em áreas centrais da capital, pouco tempo antes de as ocupações eclodirem. Os sete estudantes entrevistados pertenciam a seis escolas estaduais da cidade, sendo apenas um entrevistado estudante de escola em região periférica.

Algumas situações vinham se agravando no panorama do Rio Grande do Sul, e algumas ações da Secretaria Estadual de Educação foram pontuais para desencadear reações por parte dos estudantes e também de professores. Segundo estudante 1EF,

[...] a gente já vinha conversando muito, sempre fazendo debate, nacionalmente, estadualmente, sobre como é que está a educação, vários fatores e saiu um ofício do governo do estado e da Secretaria de Educação proibindo alunos de fazerem qualquer ato público, e encaminhou pra todas as direções de escola, dizendo que os alunos não poderiam sair mais cedo se não tivesse professor. Por exemplo, eu vou na aula de 6 períodos e tenho 1, eu tenho que ficar até o último período, não posso sair antes pra evitar ter ato de rua. E nas escolas da periferia, mesmo tendo toque de recolher no bairro, não poderiam os alunos sair antes. (1EF)

Entende-se que já se desenrolava um contexto de endurecimento de algumas medidas governamentais que diziam respeito diretamente a questões do cotidiano escolar, além de outros aspectos mais gerais, como cita ainda a estudante 1EF, sobre características de mobilização próprias da cidade de Porto Alegre:

É, além de toda essa questão do que que a gente faz e - porque, Porto Alegre é uma cidade, assim, que é destaque no Brasil, porque é uma cidade onde tem Fórum Social Mundial, onde se tu falar que vai cortar uma árvore tem 30 pessoas em cima da árvore no outro dia, é uma cidade que já tem um caráter de mobilização, foi onde começou a jornada de junho, por exemplo. (1EF)

Tendo em vista esse breve panorama prévio, bem como outros elementos

elencados pelos jovens e reportados nas mídias, tais como o não funcionamento de serviços de apoio ao estudante, como auxílio de passagem escolar para estudantes de baixa renda, e outros mais complexos como veremos a seguir, saiu a primeira<sup>17</sup> matéria sobre as ocupações escolares em Porto Alegre, noticiando, no dia 15 de maio que:

Sobe para quatro o número de escolas ocupadas em Porto Alegre. [...] Os alunos justificam a ação dizendo que estão mobilizados em defesa da educação e não pretendem deixar o local até que as reivindicações sejam atendidas. (DIESEL, 2016, documento não paginado).

Uma rede então se estabelece pouco a pouco entre as escolas estaduais de Porto Alegre, inicialmente, e em seguida se alastrando para o interior do estado também, tendo como principal vetor a criação de páginas na rede social *facebook*, em que os estudantes, a cada escola ocupada, criaram respectivamente uma página, nomeando-as em sua maioria como “Ocupa” seguido do nome da escola. Sobre esse início do movimento, a estudante 3EF declara:

O start? A gente ficou sabendo pelas mídias né, pela internet. A gente já tava tendo movimentação das escolas e tal e uns atos esporádicos em algumas escolas e a gente ‘nossa, que massa!’. E quando saiu que eles ocuparam - porque o que aconteceu: o Emílio Massot ocupou, e quando deu dois dias de ocupação, o governo deu 45 mil pra escola. Justamente pra tentar com que as outras escolas não ocupassem. Entende? Pra prevenir a ocupação em massa, que foi o que aconteceu. Só que não adiantou muito, entendeu, o Emílio Massot continuou ocupado. (3EF)

Aqui já se revelam alguns aspectos interessantes sobre as primeiras reações por parte do governo estadual, que não foram noticiadas. 3EF explica:

Porque o que aconteceu, quando começou a ter as ocupações, a SEC foi muito esperta e muito estrategista e mandou um email pra todas as direções, dizendo que se tivesse ocupações nas escolas, seria cortado o ponto dos professores e os professores não receberiam. Ou seja, colocou os professores contra os alunos, tipo: briguem. E foi o que aconteceu, as direções começaram a ficar muito em cima dos alunos, pra que não ocorressem as ocupações, na nossa escola foi isso, assim. (3EF)

Em seguida, estabelece-se relação entre a iminente greve dos professores estaduais, decidida em assembleia quase que concomitantemente à primeira

---

<sup>17</sup> Uma matéria no dia 12 de maio fora publicada, não sendo esta a primeira matéria sobre o assunto, mas sim a primeira já um pouco mais elaborada em termos de informações sobre o que viria a se consolidar como um movimento de ocupação escolar.

ocupação. Os professores decidiram greve em assembleia do sindicato<sup>18</sup> no dia 13 de maio, e a primeira escola foi ocupada no dia 11 de maio. O movimento obteve adesão de duas escolas, noticiada inicialmente no dia 12 e no dia 15 de maio a notícia já era de quatro escolas ocupadas na capital. A disseminação foi rápida, pois um dia depois da segunda notícia ter sido publicada já havia pouco mais de uma dezena de escolas ocupadas no estado:

Estudantes que apoiam a greve dos professores estaduais no Rio Grande do Sul e ocupam escolas desde a última semana, expõem a situação precária que instituições públicas se encontram. [...] Até o fim da manhã, pelo menos 11 escolas estavam ocupadas no estado. Eram seis em Porto Alegre, quatro em Rio Grande e uma em Passo Fundo. [...] Por meio de nota, o governo do Rio Grande do Sul informou que é fundamental que as aulas sejam mantidas, que o acesso de professores e alunos deve ser liberado, e que o governo mantém postura de diálogo aberto com a comunidade escolar, além de dizer que está fazendo todos os esforços para recuperar o equilíbrio financeiro do estado. O Rio Grande do Sul sofre com uma grave crise econômica que, desde 2015, tem provocado o parcelamento de salários e a contenção de despesas. Em entrevista ao Jornal do Almoço, da RBS TV, nesta segunda-feira, o Secretário Estadual da Educação em exercício, Luís Alcoba de Freitas, usou como argumento a crise para justificar a demora em um reajuste salarial para a categoria. "Estamos dispostos a dialogar. Respeitamos o sindicato, achamos que a reivindicação salarial é justa, os professores têm uma remuneração e merecem receber melhor, mas o Rio Grande do Sul passa pela sua pior crise financeira. Não há fonte de recursos. O estado sequer consegue pagar em dia seus funcionários. Como vamos dar qualquer tipo de reajuste, mesmo que merecido?", questionou. A presidente do sindicato dos professores, Elenir Aguiar Oliveira, discordou da posição do secretário em exercício. Disse que desde 2015 o Cpers repassa ao governo uma pauta de reivindicações que não é atendida. "Poderiam entrar recursos. Uma delas é o combate à sonegação, continuamos insistindo. Só para ter uma ideia, a cada 30 segundos o estado perde um piso salarial do professor em sonegação. Portanto, continuamos insistindo. O governo tem que apresentar uma proposta de combate efetivo à sonegação. Agora essa é uma decisão de governo", rebateu. (ALUNOS EXPÕEM..., 2016, documento não paginado).

Aqui destaco três importantes elementos de caráter político para compreendermos o contexto político do estado. O primeiro deles consiste na tentativa inicial de coibir as ocupações, com a medida tomada pela Secretaria Estadual de Educação, na qual coloca em cheque o ponto dos professores caso os

---

<sup>18</sup> CPERS-Sindicato: Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul.

estudantes optassem por ocupar suas escolas. Um movimento que viria a unificar demandas da comunidade escolar encontra um entrave nessa tentativa de enfraquecimento do movimento estudantil de ocupação escolar. O segundo aspecto que destaco é o apontamento por parte da representação do CPERS, para o combate à sonegação de impostos. Esse aspecto não será desenvolvido aqui no que tange a sua exequibilidade ou tampouco a dados econômicos do Estado, mas é bastante relevante no que se refere ao contexto político que o RS vem enfrentando no ano de 2016. Uma das principais medidas de austeridade aplicadas pelo governo estadual, sob a mesma justificativa de crise, foi o parcelamento dos salários dos servidores públicos, que se inicia nesse período e se prolonga até o término do ano de 2016, incluindo parcelamento ou adiamento do pagamento do décimo terceiro salário. O terceiro aspecto consiste em refletir sobre a medida regulatória, que impede a saída de alunos mesmo quando não há professores para lecionar durante o período de aula, em paralelo à situação de déficit de quadro de professores e de funcionários da rede estadual de ensino, o que, inevitavelmente, acaba por tornar sistemática a ausência de professores em determinadas escolas. Essa medida torna-se reveladora das práticas do *político* que circundam o movimento secundarista, no que se refere à “dimensão do antagonismo que (...) pode assumir formas muito diferentes e emergir em relações sociais diversas” (MOUFFE, 2003, p. 15), mas que aqui se manifesta como política pública. Acredito que o incentivo ao antagonismo como prática de política pública é um elemento ao qual precisamos estar atentos, principalmente quando concerne à esfera educativa.

Retomando o início do movimento das ocupações, destaco a seguir trecho que relata as influências dos movimentos de ocupação escolar no estado de São Paulo no movimento ocorrido no Rio Grande do Sul. As escolas estaduais de São Paulo ocuparam suas escolas em 2015 contra um projeto do governo estadual que propunha um remanejamento nas escolas, que incluía o fechamento de muitas e o realocamento de estudantes para diferentes escolas, e que teria como consequência desses fechamentos a superlotação das salas de aula das escolas para onde os estudantes seriam realocados, dentre outros tópicos específicos do estado de São Paulo, como casos de investigação de desvio de verbas destinadas para a merenda escolar. O movimento aqui no Rio Grande do Sul não teve um programa de governo

específico para a realização de um enfrentamento tão direto quanto o de São Paulo, porém houve tópicos bastante pontuais que pautaram as ocupações escolares gaúchas. Tópicos estes que serão desenvolvidos a seguir, bem como a relação do movimento no RS com a greve dos professores, conforme declaração da estudante 1EF:

E como teve a ocupação de São Paulo e foi muito forte, mais de duzentas escolas, conseguiram derrubar um projeto do governo, (...) os professores fizeram uma greve de 90 dias que não teve resultado nenhum (...) e ocupando escola conseguiram barrar um projeto que era prioridade pro governo, então a gente pensou, tá na hora da gente radicalizar, alguma coisa a gente vai ter que fazer, tipo o negócio de SP né. (...) E a gente fez essa reunião, e uma semana depois a gente já ocupou, foi tipo uma coisa muito rápida. (1EF)

Sobre a relação com os professores, o panorama foi bem diverso nas escolas ocupadas. Alguns dos estudantes entrevistados narram situações de apoio e inclusive de instrumentalização e auxílio aos estudantes interessados em ocupar suas escolas, e outros descrevem intensa oposição e pressão por parte do corpo docente e direção. A variação ocorre também muito relacionada ao grau de aderência à greve sindical por parte dos professores de cada escola. Segundo 3EF,

começou todo mundo a ocupar, ocupar, ocupar, e daí todo mundo começou a estudar na escola, né. Aí a gente foi falar com os professores e eles assim 'olha, vocês sabem que a ocupação é uma coisa difícil e tal, isso é uma luta de vocês, mas o nosso papel é informar pra vocês o que que é, né'. Daí eles nos indicaram três coisas que nos ajudaram muito pra conseguir ocupar na escola, que foi o manual o mal-educado, não sei se tu sabe qual é, é um manual que os estudantes do Chile, quando ocorreu as ocupações do Chile fizeram pra casos outros estudantes quisessem ocupar, com coisas que facilitariam né, no dia a dia dentro da escola. Daí a gente viu o documentário do Chile, que é a Revolta dos Pinguins, e a gente viu o A Paz Acabou, Isso Aqui Vai Virar o Chile, que é o de São Paulo, de 2015. E daí a gente começou a se organizar né. (3EF)

As pautas que justificaram as ocupações foram aos poucos se delineando, na medida em que os estudantes se articulavam entre escolas e cidades e o movimento ia crescendo. Algumas pautas eram unânimes, como a contrariedade à aprovação dos projetos de lei n. 44 e 190, que versam respectivamente sobre destinar a organizações sociais a gestão escolar pública, de forma a configurar privatização da gestão, e sobre a proibição de 'doutrinação política e ideológica' em sala de aula,



dando origem ao nome popular de Projeto da Mordaça, mas oficialmente chamado de Escola Sem Partido. Questões estruturais dos edifícios escolares, que se encontram em condições precárias e sem manutenção, oferecendo risco à integridade física dos alunos, professores e funcionários, a ausência de merenda escolar adequada ao cardápio oficialmente aprovado por falta de recursos e o déficit no quadro de professores também foram recorrentes, guardadas as especificidades de cada escola. Sobre as principais demandas que impulsionaram as ocupações, 3EF e 4EF, respectivamente, afirmam:

Por exemplo, lá em São Paulo foi o remanejamento das escolas, no Rio de Janeiro eles também queriam fechar escolas, e no Rio de Janeiro tinham várias pautas, e aqui, além da PL 44, a 190 e o corte da merenda e etc, que foi só coisas que foram gotas d'água, assim, que a gente não tava mais aguentando viver naquela situação. Foram várias razões, mas acho que a maior de todas é que a gente não aguentava mais, não aguentava mais ficar pra gente aquela indignação, daí a gente digamos que se rebelou, 'não, acabou, dane-se'. (3EF)

O abandono do governo nas escolas e a precariedade que elas tavam sofrendo. Se por exemplo, a escola X, que é central, é visível (texto adaptado para não identificação da escola) e tá numa situação completamente precária e a gente tá com um andar interditado, imagina as escolas da periferia. A gente começou a pensar nisso e foi esse o impulso pra ocupar as escolas. As precariedades e os professores, a questão do salário deles. (4EF)

A articulação entre as escolas se intensifica, o número de escolas aumenta progressivamente e, conseqüentemente, o alcance do movimento aumenta também. No sexto dia após a primeira escola ocupar, ou seja, no dia 17 de maio, o movimento é noticiado em importantes meios de comunicação regionais e nacionais, como o jornal Correio do Povo e o portal de notícias G1, respectivamente:

Dezenas de escolas estaduais do Rio Grande do Sul estão ocupadas, na manhã desta terça-feira, em protesto por melhorias na educação e na infraestrutura das instituições de ensino, de acordo com o movimento Ocupa Tudo RS. (BORBA, 2016, documento não paginado)

A greve dos professores entra no segundo dia de paralisação nesta terça-feira (17) com adesão parcial dos professores estaduais e com o apoio dos alunos que ocupam escolas em Porto Alegre e no interior do Rio Grande do Sul. (GREVE DOS..., 2016, documento não paginado).

Fotografia 1 – Estudantes protestam por melhorias na educação



Fonte: Reprodução/RBS TV.

No dia 18 de maio chegava a 83 o número de escolas declaradas ocupadas por todo o estado. A Secretaria Estadual de Educação, nesse mesmo dia, publicou uma nota oficial, afirmando a busca para estabelecer diálogo com os estudantes e as direções escolares, já avançando no reconhecimento do fenômeno e fazendo algumas importantes ponderações, ainda que afirmando a necessidade de liberação das escolas por parte dos estudantes. A nota foi publicada pelo Jornal Já Online:

#### **Nota oficial sobre ocupação de escolas estaduais**

1. Desde a primeira ocupação, a Secretaria da Educação tem buscado o diálogo com as direções e os alunos, para conhecer a pauta de reivindicações. Na maioria das vezes, trata-se de justas contribuições ao processo de melhoria da qualidade da educação pública. As demandas apresentadas são atendidas na medida do possível.
2. As mobilizações estudantis não serão tratadas como caso de polícia, e sim como uma pauta da área da Educação, na qual se pretende contar também com o auxílio de pais e familiares dos estudantes para se chegar ao consenso.
3. Cabe ao Estado preservar a ordem, a liberdade e a integridade das pessoas. O acesso dos professores e alunos às escolas deve ser preservado. Caso isso não ocorra, as Coordenadorias Regionais de Educação devem ser imediatamente comunicadas pelas direções, conforme regem as normativas em vigor.
4. A Secretaria da Educação buscará, sempre que necessário, a cooperação do Ministério Público Estadual, objetivando o cumprimento do Estatuto da Criança e do Adolescente e o debate entre os estudantes e o Poder Público. A finalidade é evitar confrontos ou atitudes que ponham em risco a integridade física da comunidade escolar, promovendo um ambiente saudável de diálogo e convivência.
5. O Governo do Estado reitera que segue fazendo todos os esforços para recuperar o equilíbrio financeiro das contas públicas e espera que as condições socioeconômicas do país possam melhorar, repercutindo

na arrecadação. Esses passos são imprescindíveis para recuperar a qualidade do serviço público, mantendo em dia o pagamento do salário do funcionalismo e o repasse de verbas para as escolas. Cabe salientar ainda que o Governo do Estado fez, em 2015, o maior investimento em educação da década, totalizando 33,7% da receita líquida. (UHR, 2016, documento não paginado).

Até aqui se passavam sete dias desde o início das ocupações escolares no Rio Grande do Sul. O número de escolas ocupadas até o final do fenômeno totalizou 158 escolas, segundo página Ocupa Tudo RS<sup>19</sup>. Começam então a se desenhar elementos importantes do fenômeno, como estratégias de organização por parte dos estudantes, desenvolvimento de uma rede relacional entre escolas, realização de assembleias, a participação da comunidade nas atividades promovidas pelas ocupações, tanto nos eventos culturais quanto nas ações formativas oferecidas para os estudantes. Assim que o movimento foi se afirmando e adquirindo intensa adesão em escolas estaduais de todo o RS, os estudantes tomaram algumas medidas importantes, a fim de legitimar o movimento e fazer saber seus propósitos, publicando suas formas de organização, dando entrevistas, e promovendo ações nas escolas. Alguns esclarecimentos foram necessários, como o esforço constante em evidenciar que o movimento não se caracterizava por “baderna” ou “vandalismo”, tampouco tomado por “promiscuidade”. Para lidar com essas e outras questões que foram surgindo durante as ocupações, os estudantes criaram interessantes estratégias que destacarei aqui. O uso das mídias convencionais, que tiveram ampla participação na disseminação do fenômeno, com intensa cobertura de imprensa, mas principalmente o uso das páginas das ocupações criadas nas redes sociais. Estas páginas, administradas de dentro das escolas, serviram para publicações em que os estudantes não precisavam necessariamente do espaço oferecido pela imprensa para se fazer comunicar com a comunidade. Os jovens publicavam vídeos sobre suas atividades, como limpeza e organização dos espaços escolares, postavam declarações de esclarecimento, por exemplo, relatando que não havia uso de álcool nem de outras drogas nas escolas, algumas enfatizando que os jovens dormiam em quartos separados - meninos e meninas, e principalmente, criando espaços de abertura e convite à comunidade escolar para vivenciar o espaço escolar

---

<sup>19</sup> Página na rede social *Facebook*, extinta após o término das ocupações.

sob a gestão juvenil, os chamados eventos culturais. Outra forma de participação intensa da comunidade foi a reiterada oferta de aulas, oficinas, e atividades formativas de diversos temas que foram voluntariamente oferecidas às escolas, principalmente por parte da comunidade acadêmica e por simpatizantes da causa, também por pais e pesquisadores. Desenvolvo a seguir alguns aspectos das organizações promovidas pelos estudantes durante as ocupações escolares.

## 4.2 Organizações

Os jovens se organizaram em comissões que dividiam as tarefas para administração do espaço escolar, que não eram poucas, além das relações com outras escolas e posteriormente com os órgãos estaduais. Desde a manutenção do espaço escolar, como a limpeza da escola e, em alguns casos, os estudantes chegaram inclusive a trabalhar na restauração ou reabertura de espaços fechados e não utilizados da escola, até cozinhar para os ocupantes, apoiadores e pais ao longo dos dias de ocupação. 4EF nos relata:

Sim, a gente tinha comissões, que era comissão de limpeza etc e dentro dessas comissões tinha as comissões de atividades, que a gente organizava oficinas, aulas públicas, festivais, e diversas outras atividades, pra manter o pessoal mais ali na escola mesmo, pra trazer mais gente e mostrar que aquilo ali não era uma baderna, a gente queria mostrar, a gente queria ser levado a sério. (4EF)

É interessante perceber o quão ricas foram as experiências vividas pelos jovens nas suas escolas e principalmente os vários desafios enfrentados por eles durante o período de ocupação escolar. Sobre o complexo desafio de se criarem espaços de pluralidade no território escolar, pude encontrar interessantes relatos nas entrevistas, sobre a *política* tarefa de “domar a hostilidade e tentar neutralizar o antagonismo que existe nas relações humanas” (MOUFFE, 2003, p. 15), como nos narra 5EM:

Pra convivência no início foi horrível, porque toda noite tinha muita assembleia, toda noite era horas, assembleias eternas, a questão de regras, a ordem lá dentro, e no início foi muito complicado, daí chegou um ponto que todo mundo se ligou, tá, vamo cooperar todo mundo e pegar todo mundo junto, aí foi. A gente dividiu por comissões, que era comissão da segurança, comissão da cozinha, divulgação, essas coisas assim, e dividiu as pessoas que iam ficar em cada, encarregadas, e aí começou a dar mais certo, a gente conseguiu se

organizar melhor. (5EM)

Não é simples a tarefa mas é riquíssimo o exercício de debate oportunizado pelos estudantes, na medida em que exige diálogo, exige tomada de decisão coletiva, exige cooperatividade. E apesar da inspiração em situações como as ocupações de São Paulo ou mesmo o movimento dos *pinguins* no Chile, a teoria e a prática, como pôde descobrir 7EF, em concordância com Boaventura Santos, quando afirma que “hoje vivemos um problema complicado, uma discrepância entre teoria e prática social que é nociva para a teoria e também para a prática” (SANTOS, 2007, p. 20):

Foi muito louco na real, porque a gente ocupou sem saber o que tinha que fazer ou deixar de fazer né. A gente nunca tinha feito isso na vida. A gente tinha mais ou menos um manual de São Paulo, que tinha ‘Como Ocupar Sua Escola’, e a gente foi até onde dava seguindo aquilo. Só que daí quando tu tá na ocupação não é tão fácil assim quanto a parte teórica, mesmo a parte teórica tendo sido feita a partir da prática deles e delas. (7EF)

Outro ponto extremamente relevante posto por 7EF, diz respeito a uma questão fundamental da educação: o dever e a liberdade. A jovem relata uma reflexão sobre deveres e liberdades, em que se utiliza do que se pensa da vida adulta, comumente, no que tange à expectativa de liberdade, na medida em que os jovens se libertam da obrigação escolar, por exemplo, e que têm oportunidade de se independizarem também. E pondera, para que essa independência ocorra, ou seja, para que se possa de fato usufruir da tal liberdade da vida adulta, é preciso cumprir uma série de deveres. Trabalho, contas a pagar, organização mínima para se viver em um ambiente saudável, etc., além da maturidade para fazer boas escolhas, na medida em que a jovem tem a consciência de que poder escolher não significa saber escolher. Pois bem, dito isso, ela reflete sobre a forma de se cumprir deveres na escola e o quanto ela é significativa para os jovens no futuro, mas não necessariamente ela auxilia na tarefa de tornar-se adulto.

A gente tinha dever de ir pra escola todo dia, ou quase todo dia. A gente tinha dever de fazer comida, a gente tinha dever de fazer café da manhã, de levantar cedo, de fazer segurança do prédio, de fazer isso, fazer aquilo, etc, etc, etc. E a gente cumpria os deveres, com liberdade. Ponto. Tipo, ‘ah, tem que limpar’. ‘Ah, mas não precisa limpar agora’. ‘Uma galera quer limpar agora? Ótimo, vamos limpar agora’. Sabe? Tipo, não era nada tipo ‘agora vocês tem que fazer isso.

(7EF)

E nesse breve trecho temos muito o que refletir sobre a forma que ainda se pensa e se pratica a educação dos nossos jovens. E como diz Carrano, a tal da incomunicabilidade escolar ainda se faz muito presente. Pois a queixa comum é que os jovens não querem ou não gostam de se responsabilizar, de cumprir os seus deveres. Mas o que vemos neste exemplo e em muitos outros ao longo do movimento de ocupação é que os jovens se dispõem, sim, a cumprir seus deveres. Sua recusa é fazê-lo como os adultos querem e quando querem ou designam que o façam, e não em fazê-lo! E me arrisco a afirmar que aqui fica clara uma debilidade do sistema educacional. Pois, que espaço se dá para que o jovem encontre seu tempo, sua organização, em suma, que ele possa exercer certa autonomia? Não estaríamos ainda tratando jovens que trabalham, que têm acesso à informações em proporções mundiais, que acessam e operam uma rede infinita de contatos, que se deslocam pela cidade cosmopolita, que reivindicam direitos e que tem consciência política, com desconfiança de suas capacidades? A jovem questiona que ferramentas a escola oferece para preparar os jovens para tomarem decisões no futuro, para exercerem sua liberdade na vida adulta, se o que praticam até o terceiro ano do ensino médio é basicamente o exercício dos deveres, sem desenvolver, em paralelo, as habilidades de responsabilização e de escolha consciente.

A fim de fortalecer e unificar o movimento, os jovens desenvolveram uma rede entre escolas, como relata 3EF:

a gente teve que pegar todas as ocupações e se unir, né, pra poder dialogar com o estado, então a gente passava em outras ocupações, vivia assim, tinha sarau, tinha não sei o que, tinha show, tinha assembleia, tinha várias coisas que a gente ia, dormia nas outras ocupações. Por exemplo, se a gente tava em XXX, a escola Y é aqui do lado, [nomes omitidos] a gente saía e ia dormir ali, sabe, não tinha muito... A gente se falava muito. (3EF)

Outra característica importante foi a rede de apoio recebida pelas escolas, da comunidade acadêmica, de profissionais da educação, de ex-alunos que retornavam às suas escolas como colaboradores, de artistas locais, enfim, a ocupação serviu também como uma excelente oportunidade de levar a comunidade para dentro da escola, de forma participativa e agregadora.

Dentro das ocupações tinha muito isso de - a gente promovia debates

e a gente trazia pessoas de um certo conhecimento sobre algum assunto e tinham rodas de conversa, isso era muito interessante porque tu conversava dentro da ocupação sobre coisas que tu não conversa em nenhum outro lugar, a gente troca ideias com as pessoas, foi muito legal. (5EM)

90% das atividades foram oferecidas pra gente. Veio o pessoal da UFRGS, ou diversos outros artistas, eles ofereciam fazer oficina nas escolas e a gente foi fazendo uma agenda, tentando encaixar todo mundo, porque bom, eles tavam oferecendo, a gente queria aceitar todas porque eram atividades muito boas e a gente gostava muito, então a gente tentava encaixar durante todos os dias, não teve um dia da ocupação que não teve uma atividade. (4EF)

Porque a gente teve a ideia da ocupação de exatamente manter ainda uma escola, manter o aprendizado, então a gente buscava coisas pra repassar pras pessoas, pra aprender, e assim, não digo todo mundo porque eu não sei, mas boa parte das pessoas nas escolas tinha interesse por aprender mais, querer entender mais, diversos assuntos, então a gente queria muito isso porque a ideia da ocupação é exatamente essa, melhorar uma educação, então por que a gente não faz na ocupação já isso? Por que a gente não começa pela gente? (5EM)

Organizados, ativos e plurais, os jovens compunham a agenda formativa de suas escolas, deixando claro que currículo é campo de luta, e pondo em prática suas reivindicações, mostrando que é possível promover debates sobre gênero, sobre machismo, sobre racismo, sobre questões históricas e políticas como as cotas para ingresso no ensino superior, sobre Matemática e dúvidas do ENEM, e sobre uma infinidade de temas que compõem a saudável pluralidade que insistimos em não assumir como o remédio para a nossa frágil democracia.

### **4.3 Cultura na escola**

A impressão foi de que a sede de compor um currículo plural obteve forte eco social, pois foram muitas as atividades propostas às escolas ocupadas. Foram tantas que tiveram que organizar a agenda, selecionar atividades e, para que um número maior de atividades pudesse ser contemplado, promover festivais culturais em algumas escolas.

E a gente pensou em fazer isso pra conseguir contemplar todo mundo e também porque a gente tinha uma galera que era relacionada à cultura, que fazia teatro, da escola, que também levaram suas peças,

gente que tocava, uma galera que faz parte de banda e tal, que pegava ali, o violão, a gente sempre fazia meio que um sarau, e a gente quis fazer uma coisa que abrangesse isso, porque a gente acha que a cultura é muito importante, e a gente não tem muito acesso na escola e também pra contemplar todo mundo que queria participar e nos ajudar de alguma forma.(1EF)

Acredito que os eventos culturais tiveram três importantes aspectos para os jovens ocupantes. O primeiro deles diz respeito aos momentos de descontração, de vivência da ocupação, configurando um tempo e um espaço em que eles podiam desfrutar, estar em comunhão, se divertir e estarem estimulados criativa e artisticamente. Em um clima bastante tenso a maioria do tempo, as atividades culturais configuraram um respiro aos jovens em meio a tão agitada rotina. Os relatos a seguir apontam nessa direção:

Eu acho pelo menos que ele toca um aspecto mais humano nosso ali, sabe, da gente - que na real era tudo uma grande correria, e a gente correndo de um lado pro outro, por mais que a gente convivesse muito a gente também às vezes acabava não convivendo. E nesses momentos a gente meio que tava junto ali, e bá, a gente vivia aquilo ali, e ali a gente vivia com a mesma intensidade que a gente ia lá enfrentar o choque, sabe, e aquilo era, pelo menos pra mim, era muito importante, assim, né. Eu lembro daquela reunião que a gente teve com o secretário, acho que foi a primeira reunião que a gente teve, foi antes do racha até, e bá, a gente saiu destruído e daí quando tu chega tem o show da Apanhador Só e daí tu começa a refletir sobre tudo o que tá acontecendo e todo aquele show e as pessoas que tão ali né, e tu tem, tu sente uma energia muito boa, porque tu tem uma afetividade por muita gente que tá ali, e que vários também tem e todos tão naquilo juntos assim... (2EM)

Tá, assim, ó, dentro das ocupações tu fica num estresse tremendo. Então o pensamento era: vamos desestressar, vamos botar pra fora aquilo que a gente tá sentindo e vamos fazer alguma coisa, entendeu. Daí a gente teve - como tinha essa menina que surgiu a banda dentro da ocupação, (...) eles tocavam sempre dentro da ocupação, tanto que a gente tem músicas que foram feitas de situações que a gente viveu. E a gente também - por exemplo, teve um dia que teve um show lá na nossa escola, que foi o show do Cartolas e o show dela, e durante o show um menino nos doou um grafite, então era o show tocando e ele fazendo o grafite, e era um grafite que representa muito o que foi aquele momento pra gente, sabe. (3EF)

O segundo aspecto importante dos eventos culturais foi o incentivo que esses momentos geraram na produção artística dos jovens dentro das escolas, oportunizando espaços de compartilhamento cultural, que repercutiram



posteriormente inclusive, fora do âmbito escolar e já após o término das ocupações, como em apresentações em eventos culturais em espaços públicos da cidade, já característicos de Porto Alegre, como o Largo Vivo<sup>20</sup>, por exemplo.

A gente teve muito evento cultural, a gente teve show, a gente teve muita produção nossa de cultura nossa, assim. Eu escrevia texto toda hora, poesia toda hora, porque tu fica muito, com teu sentimento muito a flor da pele. Então a gente teve show, a gente teve desde sei lá, fazer foto toda hora, porque a gente precisava ter um olhar artístico sobre aquilo, sabe. E isso é uma coisa que eu falo - até esses dias eu fui pra xxx (cidade do interior do estado omitida) na ocupação do y de lá e eu disse 'gente, façam, produzam arte, porque é isso que fica, sabe?' (3EF)

Interessante perceber a noção que a jovem tem da importância da produção artística também como forma de registro, como produção de memória, de história. Um outro elemento que precisa ser mencionado referente às questões culturais é o impacto que as escolas da periferia têm ao receberem esse tipo de atividade, que se distingue das escolas mais centrais, como nos descreve 6EM, quando se refere às ações culturais em sua escola:

a gente sabe que o foco do movimento estudantil é o centro, é as escolas principais ali, e acabam excluindo as escolas mais periféricas, mais um pouco longe, e isso foi muito bom pros estudantes que estudam nessas escolas, porque eles viram um mundo novo, viram algo novo, entende, com os eventos culturais. Isso foi algo que tipo eu vi por exemplo um colega meu chegar a chorar por causa de um negócio de artes, de pintura, então foi algo que eles nunca tiveram entende, e na ocupação eles puderam ter, então isso foi muito bom na minha avaliação. Principalmente nas escolas mais distantes. (6EM)

O terceiro aspecto consiste no papel que os eventos culturais tiveram no que tange a uma aproximação da comunidade com os estudantes, de maneira que a promoção desse espaço de encontro dentro do território escolar ocupado permitiu não só a superação de falsas impressões sobre o movimento, como o saudável convívio de toda a comunidade escolar. Seguem alguns relatos sobre os eventos culturais, conforme diferentes perspectivas dos estudantes entrevistados:

Um dos principais papéis, na minha opinião, é mostrar que a cultura tá ali, que a gente tem que dar valor àquela cultura, seja música, seja

---

<sup>20</sup> Evento que se originou aproximadamente em 2012, em Porto Alegre, a fim de evitar a privatização de espaços públicos importantes da cidade, como o Largo Glênio Perez, em frente ao Mercado Público da cidade. Largo Vivo é um evento artístico gratuito que visa ocupar o Largo Glênio Perez de forma cultural.

teatro, seja dança, seja uma aula pública, tudo é cultura, toda a nossa vida é cultura, então, nessas atividades das ocupações, os artistas conseguiram mostrar mais do que a gente já imaginava, o quão é importante a relação com a cultura e também deu uma imagem pro pessoal de fora, que as ocupações também eram culturais e a gente queria mostrar isso pra eles. (4EF)

Esses eventos sociais, assim culturais, eles conseguem passar uma outra mensagem até pra quem tá de fora, porque eu penso assim, os meus pais super me apoiam, a minha mãe dormiu na ocupação, meu pai ia lá e cozinhava pra nós, porque nenhuma mulher cozinhava no colégio, era só os homens, eles pegaram e a gente mudou as tarefas - porque ninguém é obrigado. Eu fico pensando assim, quem é contra ou tá mais ou menos, até acha legal lutar pela educação mas acha que ocupar já é demais, a gente queria passar uma mensagem pras pessoas, do que a gente queria, a gente não tava ali por uma brincadeira, a gente queria mostrar que a gente tá lutando por uma educação que a gente quer abranger a outras coisas, que às vezes a música que a gente quer escutar em casa, que a gente acha legal, tem que debater na escola, tem que ter espaço pra isso, porque socialmente as pessoas das escolas públicas não tem muito acesso. (...) Então a gente queria passar uma mensagem pra galera de fora, pra mostrar o que a gente tá fazendo, porque às vezes a galera não levanta, tipo ah, vou segunda-feira, não, aí final de semana, vê um evento e até vai! Muita gente que era contra a ocupação foi conhecer e me lembro que teve mãe chegando 'quer ver que vocês não tão fazendo nada, deve tá todo mundo uma bagunça'. O colégio nunca teve tão arrumado, tinha mais de 400 pessoas na escola, num festival cultural! (1EF)

A gente teve a La Digna Rabia, que tocou lá na escola, que é uma banda que é na cidade, bem conhecida, assim, e aí a galera de fora vinha em peso, tipo, ver a escola ocupada não só por nós alunos, que somos agentes do fato histórico que tava acontecendo ali, mas também pela comunidade, de poder ter a comunidade dentro da escola. Teve uma apresentação de teatro da... não vou conseguir lembrar o nome agora, que foi muito massa e teve bastante inserção da galera da comunidade de fora mesmo, assim, sabe. E os alunos também, foi uma das oficinas que a galera ficou mais vidrada, era num domingo de tarde e tava chovendo, ficou o final de semana inteiro chovendo. A galera tava tipo - ' ah, meu Deus, estou morrendo nesse colégio sem fazer nada', e o teatro foi tipo um *up*, assim, foi muito massa. E daí o teatro falava sobre imperialismo e tal. (7EF)

Eram os momentos mais importantes. Eu considero como mais importantes. As outras atividades, elas eram muito importantes? Eram muito importantes. Mas elas eram um momento que a gente tava lá discutindo política e tal e quando a gente fazia um show dentro da escola, a gente tava vendo nossos amigos, a gente tava, sabe, botando o sentimento pra fora, a gente tava vivendo aquilo, sabe, como uma experiência em si. Então eram momentos muito

importantes. Tanto que eram momentos em que as ocupações eram mais lotadas, assim. Que mais vinha gente de fora, que as pessoas vinham conhecer o que tava acontecendo dentro, que a mídia vinha, que a gente podia 'pronto, agora não to preocupada se o Sartori vai fazer um ataque, eu só quero cantar aqui Apanhador Só e dane-se, sabe. Só quero comer meu hambúrguer vegano e vai se catar o mundo, sabe? Só quero ver meus amigos, só quero sentir, sabe, o que tá acontecendo.' Era muito bom, que saudade. (3EF)

Eu acho que esses eventos foram fundamentais assim, até gostaria que tivesse tido mais. (2EM)

Aqui é possível perceber a relevância que as ações culturais tiveram em diversos aspectos para os jovens e para o movimento. Espaços de socialização na escola, com tamanha aceitação e aderência de esferas sociais, a grande oferta de atividades formativas e artísticas às escolas evidenciam a carência de produção de sentidos ao espaço escolar e aborda tais eventos, retomando Carrano, como potentes no desafio de produzir espaços relacionais e plurais nas escolas, afinal

[...] uma das possibilidades de recriação dos sentidos de presença na escola para professores e alunos se encontra na experimentação de espaços relacionais que permitam a emergência da multiplicidade de sujeitos culturais [...] (CARRANO, 2008, p. 184)

O conceito de cultura como processo de *socialização* (PAIS, 1993, p. 55) torna-se palpável quando refletimos a partir destes relatos, e podemos perceber o quanto o uso de linguagens culturais como “a música, a dança, o vídeo, o corpo e seu visual, dentre outras linguagens culturais” (DAYRELL; CARRANO, 2014, p. 115), através desses momentos de encontro têm servido de fato “como mediadores que articulam jovens que se agregam para *trocar ideias, ouvir um som, dançar*, dentre outras diferentes formas de lazer e de expressividade pública”. (DAYRELL; CARRANO, 2014, p. 115). A grande diferença é a oportunização desses momentos dentro do terreno escolar, de forma praticamente inédita.

Além disso, emerge nas falas também a valorização da cultura, a importância que os eventos culturais tiveram para fortalecer e esclarecer o caráter político e também responsável do movimento das ocupações, bem como a acessibilização de produtos artísticos e ações culturais para os estudantes de ensino público. O caráter político e o papel didático da arte, também obtiveram destaque, como podemos constatar a partir do relato da estudante 7EF sobre a apresentação de uma peça de

teatro na ocupação:

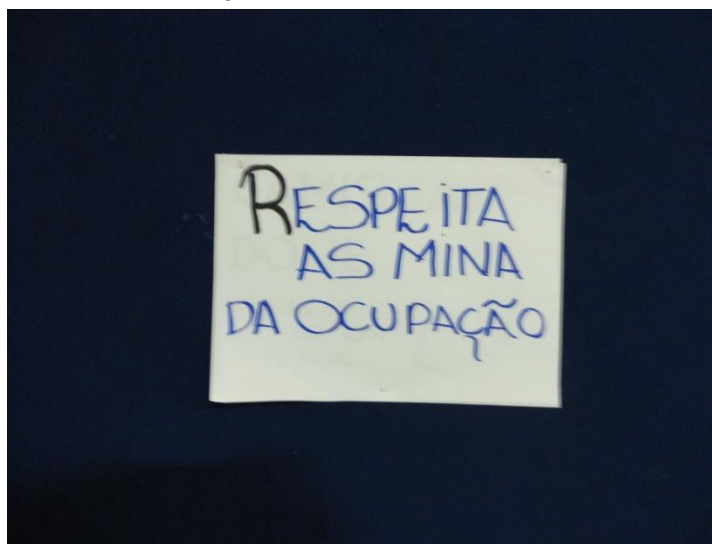
Ah, eu acho que a gente tentava sempre levar eventos culturais que tivessem alguma temática interessante. A gente tinha esse cuidado, não é tipo, ah, palhacinhos vão lá ficar brincando, tipo, não. A gente sempre tentava que tudo tivesse algum tipo de cunho político. Então sim, teve um papel fundamental, porque é muito mais interessante tu ficar prestando atenção numa peça de teatro, na letra de uma música, enfim, do que ficar numa roda de conversa sobre, sei lá, sobre a escola sem partido, ou coisas do gênero, pra galera que tá ali conhecendo o movimento naquela ocasião não vai conseguir ficar uma ou duas horas numa roda de conversa mais... sei lá que tenha mais - não mais conteúdo, não é a palavra que eu quero usar, mais teórica, assim, eu acho. Acho que teórica é uma palavra boa. (7EF)

Não posso deixar de mencionar a distribuição de tarefas nas escolas, em que os homens e meninos desempenharem papéis acordados com as meninas e mulheres, como cozinha e limpeza, e que a liderança do movimento foi sumariamente feminina na maioria das escolas. A questão de gênero permeou cotidianamente o movimento, tendo sido realizada, durante o período de ocupação, assembleia estritamente feminina e também um ato de estudantes exclusivamente feminino, coordenado por entidades ligadas a partidos políticos e não pelos movimento das estudantes, mas que teve forte adesão das jovens secundaristas da cidade. Foi precisamente nestes dois eventos que comecei a perceber que o movimento secundarista não era plenamente independente no que tange a participação de organizações partidárias. A “assembleia das mina” foi divulgada via rede social e configurou uma convocação às meninas que estavam ocupando suas escolas no movimento para encontro e discussão de temas de gênero e sobre as realidades escolares vivenciadas nas ocupações e antes delas também. Como o evento era aberto à participação de não-secundaristas eu fui participar. Havia 15 meninas, e conforme fui constatar após uma primeira rodada de apresentações, eram 5 universitárias e 10 secundaristas. As secundaristas tiveram maior espaço de fala, mas todas as presentes se apresentaram e falaram um pouco de si e de porque foram até ali para participar da pequena assembleia. Relatos de experiências machistas, e balanços das aproximadamente duas semanas de ocupação foram compartilhados. Se comentou também a importância de até então as atenções estarem focadas para a organização interna das ocupações e a alternância que seria

necessária para que se atentasse a ações externas a partir daquele momento. Havia jovens produzindo um documentário sobre as ocupações presentes e registrando alguns momentos, mas que em seguida partiram, não participando efetivamente da roda de conversa. A necessidade de distinguir o movimento secundarista da greve dos professores, a cultura do estupro e aspectos feministas das ocupações foram pautas abordadas na pequena assembleia. Ao final do encontro, as meninas queriam fazer um vídeo para publicação na rede, fazendo um chamado para o ato feminino a ser realizado no dia primeiro de junho. Fui convidada para participar do vídeo a ser publicado na página de ocupação da escola. Considerei delicado participar do vídeo, pois preferia, como pesquisadora, me manter preservada, ao mesmo tempo que a negativa na participação geraria estranhamento e desconforto no pequeno grupo. Encontrei como alternativa, realizar a gravação do vídeo, que colaborei filmando as meninas, permitindo que todas elas pudessem participar e eu também, a minha maneira. A experiência de ir ao ato feminista foi muito rica e acrescentou bastante a minha visão sobre o movimento. A primeira e única manifestação desse caráter no período, teve grande número de mulheres, muitas jovens, muitas secundaristas, muitas universitárias, mulheres políticas e professoras. Logo no início, na chamada concentração do ato, houve muitas falas em carro de som, a impressão era de quase todas eram mulheres estudantes e políticas. O ato se concentrou na esquina democrática do centro de Porto Alegre e contou com uma intervenção extremamente impactante de um grupo de feministas radicais. Todas de preto e de rosto coberto, um grande grupo de mulheres carregando tochas com fogo, perigosamente, abrem espaço pela multidão que ali se aglomerava. Vão até o centro do local e se posicionam em círculo fechado. Posicionam um boneco no centro e o queimam ao som de gritos como “se não ensinarem os meninos a não estuprar, vamos ensinar as meninas a capar”. Distribuíram panfletos, que para meu lamento não consegui pegar em função da forte concentração de pessoas, além da fumaça e movimentação que o fogo causou, em seguida as jovens partiram. A manifestação teve curto trajeto até o Palácio Piratini. Lá distribuíram luvas de borracha, e tinta cor de sangue, e em ato simbólico, mancharam o chão da frente do palácio com mãos femininas em vermelho. A tinta era pouca para distribuir pela multidão e mulheres mais à frente mergulhavam a mão na lata de tinta e iam distribuindo às outras,

unindo as mãos espalmadas, gerando uma onda de encontro de mãos, uma potente alegoria do que o encontro se propunha. Nesta ocasião, percebi que alguns rostos que coordenavam o ato eram familiares e me dei conta que foram as mesmas meninas que promoveram a assembleia feminina em uma das escolas ocupadas estavam conduzindo a manifestação. Inicialmente, estranhamento foi a sensação que se instaurou, pois na assembleia as meninas não haviam se apresentado como membros de algum coletivo ou entidade política e sim como estudantes. A partir daí fui afinando os olhares para as relações que iam se estabelecendo entre os estudantes, entidades e as subjetividades e complexidades que permeavam essas relações, já com uma perspectiva um pouco menos ingênua.

Fotografia 2 – Respeita as mina



Fonte: arquivo pessoal da autora.

O ato foi curto e intenso, a força do grito feminino em coro era arrepiante e empoderadora. O combate à cultura do estupro, à cultura que promove competição entre as mulheres, dentre outras inúmeras formas de machismo, tornou-se pulsante. “Nem recatada e nem do lar, a mulherada tá na rua é pra lutar!”, “Se cuida, se cuida, se cuida, seu machista, a América Latina vai ser toda feminista”, “A nossa luta é todo o dia, somos mulheres e não mercadoria”, “Cadê o macho que engravidou, porque a culpa é da mulher que abortou?”, dentre outros cantos foram entoados ao longo do ato.

Esses foram alguns dos principais elementos a serem destacados, no que diz

respeito aos aspectos culturais das ocupações. O momento de convívio, ou seja, a *socialização*, a forma de aproximar e receber a sociedade civil no movimento, e o impacto que realizar essas atividades dentro da escola gerou nos estudantes são o que considero como os principais elementos. Claro que, como já mencionado no segundo capítulo, essas dimensões não são separadas, e tais eventos culturais tiveram também implicações políticas, assim como o exemplo do ato descrito acima reflete não só aspectos culturais como também tem consequências políticas. A seguir descrevo mais detalhadamente os principais aspectos político considerados na trajetória da pesquisa.

#### **4.4 Política, o desenrolar e o fim das ocupações**

Os acontecimentos políticos foram revelando sua complexidade e meus olhos foram ficando mais atentos às ações dos estudantes, às relações com partidos políticos e entidades, às reações manifestas pelo governo estadual e às tensões que iam se acirrando conforme o mês de maio avançava. No dia 24 de maio, a matéria com o título: Ocupar, resistir, produzir: estudantes dão aula de cidadania, de autoria de Jacques Távora Alfonsin, procurador do estado aposentado, mestre em direito pela Unisinos, advogado e assessor jurídico de movimentos populares, levanta um tensionamento que pude presenciar, no que se refere à presença de jovens no movimento secundarista que não se identificam como pertencentes a determinadas correntes partidárias. Também evidenciou-se neste período a insistente força que se fez de estratégias de desmoralização do movimento secundarista por parte de representações do poder público, de maneira a insinuar ou até mesmo afirmar incapacidade de exercício crítico por parte dos estudantes ao liderarem o movimento de ocupações secundaristas no estado.

Como sempre acontece com protestos desse tipo, alguns “formadores de opinião pública” já iniciaram o seu trabalho para desmoralizar o movimento, lançando sobre suas lideranças a certeza de que estão sendo manipuladas por partidos políticos e ONGs interessadas em tirar proveito próprio do noticiário sobre os protestos. Insuflam a divisão da estudantada, mostrando como, no fim dessa movimentação, vai faltar tempo para recuperação das aulas, a formatura vai se atrasar, a tão “sonhada entrada no mercado de trabalho” vai se atrasar e assim por diante. Resistir a isso e produzir convicção contrária – como fazem movimentos sociais populares de gente pobre já adulta

para sustentar protestos semelhantes – é um desafio muito pesado para essa juventude. (ALFONSIN, 2016, documento não paginado).

Tanto sobre as questões de gênero, configurando também as ocupações como um movimento característico pela promoção de igualdade e respeito às diferenças, bem como sobre a influência de entidades e partidos no movimento, trago alguns trechos de entrevista feita a alguns jovens pelo jornal Sul21, no dia 30 de maio, que nos auxiliam na compreensão dos fatos (FOGLIATTO, 2016d, documento não paginado).

Desde o início das ocupações em escolas de ensino médio em Porto Alegre, livremente baseadas no movimento que começou em São Paulo, chama atenção a grande presença de meninas e de pessoas LGBTs (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) na linha de frente das mobilizações.

E a gente sabe que imparcialidade não existe, todo mundo segue orientação de uma base ideológica. O que tem que avaliar é se essa base ideológica é inclusiva ou excludente. Daí a gente foi aprendendo sobre isso. (estudante em entrevista pro Sul21, nome omitido.)

A RBS e a Zero Hora distorcem muito. Mas a gente já tinha percebido isso antes. No começo do ano, em março teve um aluno esfaqueado a caminho da escola em uma tentativa de assalto em que ele reagiu. Ele é meu colega de aula e a minha turma organizou uma passeata, na terça-feira teve a passeata e a RBS estava lá e distorceram muita coisa, disseram que eram só 30 pessoas, mas estávamos entre 100. (estudante em entrevista pro Sul21, nome omitido.)

O tema da influência ou suposta manipulação do movimento teve desdobramentos que adentraram o mês de junho, acompanhando o tensionamento político, ao mesmo tempo que a Procuradoria Geral do Estado faz um esforço para se aproximar das demandas estudantis, segundo publicação oficial:

A PGE está realizando o mapeamento de cada ocupação de forma individual, na capital e no interior, para conhecer a realidade das reivindicações dos estudantes. Por se tratar de um movimento heterogêneo, a identificação de pautas comuns é uma das alternativas para a construção de uma solução consensuada das demandas dos estudantes. [...]. (HIRANO, 2016, documento não paginado).

No dia 6 de junho, ocorre o primeiro ato público do movimento secundarista. Neste dia saí de ônibus de casa sabendo que teria que localizar a manifestação pela cidade, visto que pelo horário já deveriam ter saído do ponto inicial, marcado na



Esquina Democrática, centro de Porto Alegre. Como os organizadores secundaristas não divulgaram o roteiro da manifestação, peguei um ônibus cujo itinerário pudesse ter mais chances de cruzar com o movimento. Eis que já no bairro Cidade Baixa, encontro um grande grupo, saindo do Largo Zumbi dos Palmares, ocupando as ruas em direção à Avenida Oswaldo Aranha. Desci do ônibus e me juntei aos caminhantes. Perguntei a uma jovem qual itinerário havia sido feito até ali, ela me explicou que vieram em maior número até o Largo e dali o grande grupo se subdividiu conforme a direção de cada escola na cidade, e que aquele grupo se dirigia ao Instituto de Educação. Agradei e segui com os jovens que, organizados com faixas do movimento estudantil e igualdade racial, paravam o trânsito, expondo suas faixas aos carros a cada esquina. Durante o percurso muitos gritos pela educação, brados feministas, camisetas e máscaras que cobriam os rostos e pichações pelos muros afora. Era uma pequena multidão e a cada cruzamento uma leve tensão pairava sobre o grupo até que todos passassem. Não havia neste grupo bandeiras de movimentos, além das faixas feitas pelos próprios secundaristas. Caminhavam firmes, no frio do inverno porto-alegrense, ao mesmo tempo tranquilos e agitados. “Sempre pela rua”, quando alguns faziam o trajeto por cima das calçadas. Paradas aos gritos, quando os da frente aceleravam ou os de trás se demoravam, o objetivo era que todos seguissem juntos. Algumas pessoas “mais velhas” também acompanhavam a marcha. Vieram até a frente do Instituto de Educação, e ali ficaram, em plena avenida, por um bom tempo. Os agentes da EPTC<sup>21</sup> acompanhavam o trajeto, auxiliando nas interrupções de fluxo do trânsito, e ainda permaneciam com os estudantes, quando alguns motoristas fizeram soar seus motores em forma de ameaça. Muitos dos jovens já parados em frente à escola correram para fazer coro aos prostrados na avenida, uma moto avança em direção aos jovens; gritos, uma grande concentração de gente, até que o agente da EPTC intervém e retira o motoqueiro apressado para a calçada. Os jovens gritam, liberam o trânsito, para o interromperem novamente logo em seguida. Seguem, por mais um tempo, interrompendo e liberando o trânsito da Av. Oswaldo Aranha, fazendo-se serem ouvidos, fazendo-se serem vistos. Quando cansados, após considerável tempo interrompendo o trânsito da avenida, alguns se dispersam, outros adentram a

---

<sup>21</sup> Empresa Pública de Transporte e Circulação de Porto Alegre.

escola. No dia seguinte, sai um comunicado do sindicato sobre polêmicas declarações do governador do estado:

O Comando de Greve do Centro de Professores do Estado do Rio Grande do Sul (CPERS Sindicato) divulgou nota oficial, no final da tarde desta segunda-feira (6), repudiando as declarações feitas pelo governador José Ivo Sartori (PMDB), acusando os professores de “usarem politicamente os estudantes”. A fala de Sartori ocorreu pela manhã durante a posse do novo secretário de Educação, Luiz Antonio Alcoba de Freitas. A nota diz que Sartori foi “extremamente leviano” ao acusar o CPERS de “uso político dos estudantes”, demonstrando “total desconhecimento” do que está acontecendo na educação do Rio Grande do Sul. “O CPERS é um sindicato que há 71 anos luta e tem responsabilidade com os educadores e a educação pública”, acrescenta. Além disso, assinala ainda a nota, o governador demonstra “total desrespeito aos estudantes ao não atribuir a eles capacidade de ter visão crítica e posicionamento claro em relação às condições da educação pública em nosso Estado”. (CPERS REPUDIA..., 2016, documento não paginado).

E nesse panorama, a problematização trazida por 4EF torna-se bastante pertinente:

[...] eu acho que tem que ser mais frisado em tudo isso é que a ocupação é sim um movimento político legítimo. Ele é legítimo e ele tem que ter o seu mérito, tem que ter o seu reconhecimento, o seu respeito, porque foi um movimento totalmente autônomo, feito pelos alunos. Por que quando tem um movimento, alguma coisa puxada por alunos, por jovens, o que sempre falam? É doutrinação de políticos, é massa de manobra de um partido. (4EF)

Discordo, ainda que parcialmente, quando ela diz *totalmente* autônomo, porque houve sérias divergências quanto ao movimento ser de fato independente e autônomo e o espaço que se deu a entidades representativas estudantis, como Ubes (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas), Uges (União Gaúcha dos Estudantes Secundaristas) e Umespa (União Metropolitana dos Estudantes Secundaristas de Porto Alegre), em importantes negociações feitas com o governo do estado. Em seguida apresento algumas das tensões sobre as representações estudantis ao longo do movimento e suas decorrências. Foi no segundo ato público que a tensão com as representatividades estudantis de fato emergiu e se materializou em conflito entre os jovens.

No dia 9 de junho, jovens se preparavam para a saída do segundo ato

secundarista no centro de Porto Alegre. Os estudantes eram em grande número, estavam entre aproximadamente três centenas de pessoas, organizados e pulsantes. Havia uma equipe entre os jovens que se encarregava da segurança do evento, conversavam entre si, sua maioria com os rostos cobertos com camisetas e panos que deixavam apenas os olhos expostos. Muitos adultos também compunham o corpo da multidão reunida na Esquina Democrática. Desta vez, os jovens novamente optaram por não divulgar o trajeto a ser percorrido durante a manifestação, sendo assim, todos se concentravam para saírem juntos, sem previsão de trajeto. Acompanhei a manifestação toda, caminhando nas laterais da multidão, jovens carregavam uma enorme faixa à frente, com os dizeres “Escolas de Luta pela Educação”, formando um paredão humano. À frente da faixa apenas alguns jovens pertencentes à equipe de segurança podiam permanecer. Junto comigo ia um pai de um dos meninos, conhecido da cena cultural. Fomos acompanhando pela Av. Borges de Medeiros, a manifestação ia avançando, rápida e intensamente, pelas ruas do centro da cidade. As pessoas nas inúmeras paradas de ônibus da Av. Salgado Filho se assustavam, admiravam, filmavam, manifestavam apoio ou silenciavam impacientes. Os jovens e seus gritos reduziram sua intensidade ao chegarem na esquina com o viaduto da Av. João Pessoa. Cientes da proximidade ao hospital Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, fizeram esta parte do trajeto silenciosamente. Enquanto avançava o grande grupo, alguns jovens iam, por onde passava a multidão, pichando as lixeiras-container, muros e paredes, em sua maioria aplicando um stêncil que dizia “+ educação”, em outras vezes dizeres contra os PLs 44 e 190.

Seguindo um trajeto aparentemente conhecido, descendo a Av. João Pessoa, uma avenida grande e fundamental para o fluxo de transporte público da região central da cidade, para a surpresa de alguns (minha, certamente), os jovens entram à direita na Av. Des. André da Rocha, uma rua bem menor, de duas mãos e com um canteiro central, para em seguida, pararem na frente da sede da UMESPA, e picharem as paredes do local com dizeres tais como “UMESPA Pelega”, “Não me representa”, etc. Funcionários saíram do local e iniciou-se um conflito, cuja agitação e gritos pode-se ouvir de onde eu estava - do outro lado da rua. Coincidentemente, estava nessa hora bem ao lado do carro de som, onde, no banco de trás, ficavam os

jovens que chamavam no microfone os gritos e cantos a serem entoados pela multidão. Correm representantes de entidades estudantis, correm membros da equipe de segurança, entra um jovem repentinamente no carro, inicia-se um grito contra representações estudantis. Abre-se a porta do carro, um jovem tira outro de dentro, gritos e tensão, o carro para, até que entra um outro jovem no carro para dizer que não poderiam rachar o movimento, e inicia então, chamado por ele, o grito “o inimigo é o estado”. Um dos jovens que acompanhava o ato próximo a mim, manifestou preocupação caso o movimento “rachasse”, como chamou a possível ruptura entre estudantes ligados a entidades estudantis e estudantes considerados independentes. A preocupação do jovem consistia no desafio de prosseguir com o ato, pensando que não seria possível retomar a unidade da multidão, e que o conflito se espalharia e enfraqueceria o movimento. Enquanto isso a manifestação seguia avançando, novamente para Av. Borges de Medeiros. Pequenos conflitos se consomem e dissolvem ao longo do percurso, mantendo um nível alto de tensão. Recompõe-se a estabilidade no carro de som, e entramos todos numa rua pequena perpendicular à Av. Borges, que sobe em direção ao Palácio Piratini e a Praça Marechal Deodoro, conhecida como Praça da Matriz. Coube aos estudantes, durante esse curto tempo, promover controle da situação, evitando que os jovens de fato brigassem, e o enfrentamento da situação de conflito, rapidamente mantendo minimamente a unidade da manifestação, pois seria trágico para o movimento caso chegassem em frente ao Palácio Piratini em estado interno tenso e dividido. Este foi um momento decisivo para o movimento de ocupações secundaristas, pois criou-se uma separação entre os estudantes associados e não associados a entidades ou partidos políticos, fazendo-se necessário o urgente exercício de negociação em pleno curso da manifestação e a necessidade de resolução das divergências, fato que evidentemente não ocorreu. O que aconteceu foi o apaziguamento de conflitos dentro da manifestação momentaneamente, para que se chegasse em frente ao Palácio do Governo ainda entoando um coro uníssono. Ao chegarem em frente ao Piratini, um boneco foi queimado, e se instaurou um clima de quase enfrentamento da tropa de choque que fazia plantão na casa governamental. O clima se acirrou, fazendo com que um batalhão saísse de dentro do palácio e se colocasse entre o gradil que fazia a contenção dos jovens e o edifício, tornando a presença da

multidão praticamente insustentável. Antes que um conflito eclodisse, algumas lideranças, com orientação de pais presentes, optaram por seguir o ato em descida para a perimetral, levando a multidão e encerrando o ato no Largo Zumbi dos Palmares no bairro da Cidade Baixa. No dia seguinte ao ato temos novos pronunciamentos por parte do governo:

O diálogo entre o Governo do Estado e os estudantes de escolas públicas ocupadas será retomado se, na segunda-feira, dia 13 de junho, os estabelecimentos de ensino estiverem com acesso liberado. A promessa de diálogo foi apresentada pela Secretaria Estadual da Educação, na quinta-feira, dia 9 de junho, à Vara de Conciliação Pré-Processual do Foro de Porto Alegre, com uma nova proposta. O documento corresponde à contraproposta apresentada pelos alunos durante a audiência de conciliação, ocorrida na última quarta-feira, dia 8 de junho, no mesmo foro. [...] A nota da Secretaria de Educação, publicada entre as notícias do Governo do Estado, além de fixar novo prazo de 48 horas, diz que este será “improrrogável, para a desocupação das escolas. Com este documento, encerramos quaisquer negociações com os movimentos. O diálogo será restabelecido na segunda-feira quando o acesso às escolas estiver liberado para o reinício das aulas”, ressalta o secretário estadual de Educação, Luís Antônio Alcoba de Freitas. Entendendo que o documento não oferecia garantia às reivindicações exigidas, os estudantes marcaram a reunião para que pudessem apresentar suas contrapropostas. “Na realidade, estamos apresentando uma carta-resposta à carta apresentada pelo governo, que não tem nada de concreto, não tem data de entrega, não tem nada”, afirmou na ocasião a estudante (nome omitido). (DUTRA, 2016, documento não paginado).

A estudante 4EF nos resume o conflito e a questão que originou a escolha de atacar a UMESPA em pleno ato unificado. A queixa era que algumas entidades estudantis participavam de reuniões e vinham realizando negociações com os órgãos governamentais destinados ao diálogo com os secundaristas, sem consultar as lideranças escolares, dentre outros tópicos, como os descritos pelos entrevistados:

Começaram a ter essas diferenças, e as entidades mostraram que eles tavam querendo por a bandeira deles, não a ideia deles e sim a bandeira da entidade; E então a gente chegou a um ponto que ou a gente seria sectário ou o movimento não chegaria onde a gente queria. (5EM)

A Umespa votou contra o passe-livre há um tempo, e então todo mundo tem uma raiva muito grande pela Umespa e por outras questões da Umespa ali, né, e só que assim, foi chamado um ato unificado e aí eles passaram na rua da Umespa pra fazer um escracho à Umespa, convidando eles! Então eles foram pra cima e daí

resolveram bater na gente, tentaram bater na (nome de estudante omitido), bateram daí... dali rachou total. E no outro dia tinha uma assembleia no xxx e a gente não sabia se ia, se não ia. Ah, vamo, não vamo, e daí agora fechou o pau, aí eu disse não adianta ir três nossos lá e levar um pau de vinte, daí foi ali que a coisa desandou. (2EM)

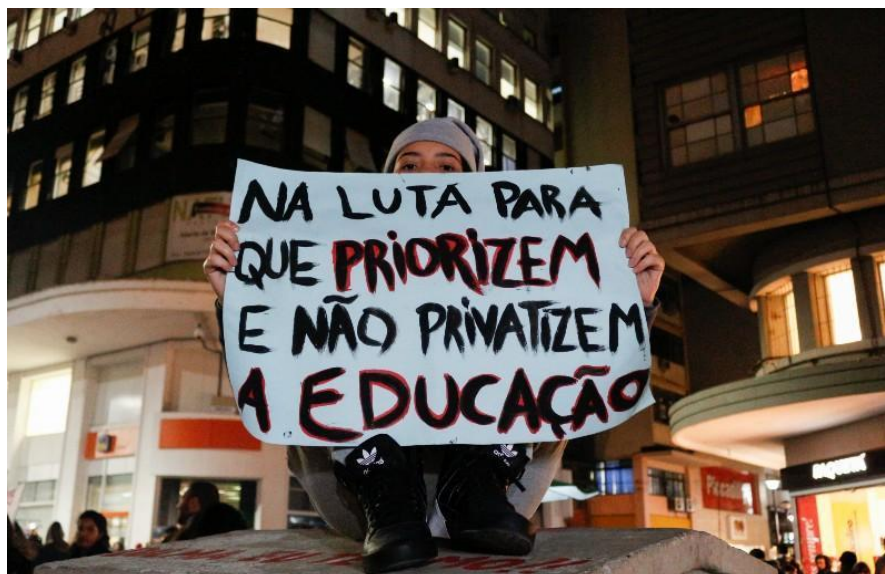
Acho que dentro dos movimentos estudantis, acho que o maior erro foi não ter escutado as bases. Não ter escutado quem tá vivendo aquilo, entende. E isso fez com que muita gente se decepcionasse com as ocupações, entende, de algumas escolas. (6EM)

Durante o movimento existiam algumas escolas que não se sentiam representadas por algumas entidades e daí acabou se criando o Comitê das Escolas Independentes. Nossa escola faz parte desse comitê, mesmo que eu e algumas pessoas da escola fossem dessas entidades durante as ocupações. Só que a gente mesmo sendo das entidades, a gente não concordava com essa questão autoritária de uma entidade ter que responder por todos os alunos. Cada escola tem sua prioridade, cada escola tem a sua particularidade, e todo mundo deveria ser ouvido igualmente. (4EF)

Ainda no dia 10, o ato secundarista repercute e já é noticiado como um ato promovido pelas escolas independentes. Segue notícia acompanhada de fotos do acontecimento:

No dia de ontem, 9 de junho, o movimento secundarista das escolas ocupadas independentes, composto por estudantes das escolas ocupadas—Julinho, Tubino, IE, Paula Soares, Roosevelt, Padre Rambo, Infante Dom Henrique, Inácio Montanha e Ildo Meneghetti - com apoio de diversos ativistas e organizações saiu às ruas pela segunda vez na semana para denunciar a precarização do ensino público por parte do Estado. A concentração iniciou às 17h na Esquina Democrática, onde os estudantes se preparavam e enfrentavam o frio pulando e cantando adaptações de funks e músicas das torcidas de futebol com letras de protesto.

Fotografia 3 – Jovens contra a privatização



Fonte: Tharcisio Rocha/Ocupa Mídia

A caminhada saiu em direção a Av. Borges de Medeiros aproximadamente 18h30min, dobrando na Av. Sen. Salgado Filho, onde foram lançados fogos de artifício e acendidos sinalizadores coloridos, inflamando ainda mais o ato nas ruas frias do Centro de Porto Alegre.

Fotografia 4 – Juventude secundarista em manifestação



Fonte: Tharcisio Rocha/Ocupa Mídia

Os estudantes dobraram na Av. João Pessoa e logo mais seguiram até a frente da sede da UGES/UMESPA, que foi escrachada com vaias e pichações, algumas delas criticando a instituição por ser “pelega”, “governista” e pedindo autonomia do movimento estudantil. A caminhada seguiu de volta a Borges de Medeiros indo em direção ao Palácio Piratini. (RUWER, 2016, documento não paginado).

Fotografia 5 – Protesto em frente ao Palácio Piratini



Fonte: Tharcisio Rocha/Ocupa Mídia

Fotografia 6 – Tropa de choque durante protesto secundarista



Fonte: Tharcisio Rocha/Ocupa Mídia

Fotografia 7 – Protesto em frente ao Palácio Piratini II





Fonte: Tharcisio Rocha/Ocupa Mídia

O desafio de propor a divergência, em um cenário tão tenso e complexo como o das ocupações escolares, me pareceu, no mínimo, corajoso. O movimento já vinha construindo uma trajetória combativa e nos primeiros sinais de práticas que criavam entre os jovens uma certa hierarquia, pois as representações de entidades estudantis já tinham certo espaço em alguns campos de negociação política, em função da própria estruturação de caráter institucional, fizeram emergir o conflito, que foi muito importante não só para a legitimação do movimento, mas como exercício democrático. A impossibilidade de atingir um consenso, bem como o reconhecimento de legitimidade de conflitos torna essa tensão do movimento um importante momento para as conquistas dos estudantes. Assim ressalto as afirmações de Chantal Mouffe sobre consenso e legitimação de conflitos:

Quando aceitamos que todo consenso existe como um resultado temporário de uma hegemonia provisória, como uma estabilização de poder que sempre vincula alguma forma de exclusão, podemos começar a encarar a natureza de uma esfera pública democrática de um modo diferente. A especificidade da democracia moderna repousa no reconhecimento e legitimação do conflito e na recusa em suprimi-lo pela imposição de uma ordem autoritária. (MOUFFE, 2003, p. 17)

*Ocupar e resistir* faz muito sentido como grito dos jovens, pois não foram poucos os conflitos e as oposições que os ocupantes enfrentaram. Eram as entidades estudantis, que, em certa medida, se apropriavam do movimento, eram algumas

direções e professores se opondo às ocupações, eram grupos de pais contrários às ocupações, que com o apoio de partidos políticos conservadores, principalmente os partidos que eram responsáveis pelo pleito das PLs às quais o movimento se opunha, criaram o movimento *desocupa*, que oferecia ações de intimidação e inclusive de violência aos jovens das ocupações, isso além da árdua tarefa de negociar com uma Secretaria da Educação que fez poucos esforços efetivos para atender as demandas do movimento.

Teve um determinado vereador, que no seu vídeo ele usou a nossa luta como se fosse contra o golpe. “Ai, as ocupações foram contra o golpe.” Não. Tu usa um movimento enorme pra te autopromover? Me desculpa, eu não ocupei contra o golpe, apesar de ter meu posicionamento político sobre isso, a minha ocupação foi contra um ataque do governo Sartori, sabe, não foi contra o golpe, são coisas distintas. Muitas vezes a gente é silenciado como estudante independente, porque tu não participa de nenhum partido político, tu não participa de nenhuma entidade, então ‘tu tem que calar boca porque quem representa tu sou eu, então eu que vou dialogar com o governo, só que eu, eu sou de partido político, então eu vou colocar meus interesses partidários nesse rolê’. E foi o que aconteceu nas ocupações. Em São Paulo as entidades foram expulsas, no Rio também. Aqui também. Então isso, se tu for fazer uma linha tu percebe, as entidades que eram pra nos representar, não nos representam. Então o que que tá acontecendo? Alguma coisa tem que mudar né. Peraí, assim. (3EF)

Postas essas tensões, percebe-se o panorama que contribuiu para que o clima se acirrasse, e para além do encerramento de alternativas de diálogo após o segundo ato no dia 09, sob a condição de retorno às negociações apenas com as escolas desocupadas, o governo do estado entrou com uma ação judicial para desocupação a curto prazo, uma vez que a solicitação de desocupação não foi aceita pelos estudantes. Os estudantes, que não se deram por vencidos, foram até a frente do Palácio Piratini e da Assembleia Legislativa do Estado protestar contra a ação judicial e pedir por espaço de diálogo efetivo com o governo do estado.

Na última sexta-feira (10), o governo ingressou com uma ação na Justiça pedindo a desocupação das escolas em 48 horas para a retomada das aulas nesta segunda-feira. Eles decidiram não desocupar e fazer este ato de resistência. A semana passada foi marcada por tentativas de negociações e envios de propostas, mas não houve consenso. Por volta das 16h, bastou que uma menina falasse ao microfone “agora vamos entrar na Assembleia, com a banda e tudo”, para que dezenas de estudantes fossem correndo para

o prédio, passando pelas portas de vidro sem dar chances para os seguranças tentarem impedi-los. Chegando ao saguão, voltaram a cantar, criticando o governador José Ivo Sartori (PMDB) e o deputado Van Hattem. “Educação privatizada, nossa resposta é Assembleia ocupada”, anunciavam eles, que disseram que só pretendem sair quando tiverem a garantia de que o PL 44/16 não será votado. (FOGLIATTO, 2016b, documento não paginado).

Fotografia 8 – Intervenção na Assembleia Legislativa do RS



Fonte: Guilherme Santos/Sul21

Quando a situação parecia já bastante desfavorável para o movimento, as lideranças das escolas associadas a entidades resolveram agir, ocupando o edifício da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul.

Os estudantes secundaristas que entraram na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul na tarde desta segunda-feira (13) prometem permanecer ocupando o local pelo menos durante a noite. Uma comissão de seis representantes se reuniu com os deputados Jeferson Fernandes (PT) e Pedro Ruas (PSOL) e o superintendente Luiz Fernando Rodriguez Júnior, que articularam para que eles se encontrem com a presidente Silvana Covatti (PP) na manhã de terça-feira (14). Os alunos já montaram algumas barracas e colchões no saguão e se articulam em comissões.

A principal pauta da ocupação é a retirada do projeto de lei (PL) 44/2015, que possibilitaria a criação de organizações sociais, as quais poderiam administrar parte das escolas. O governo do Estado havia prometido ao movimento de professores e estudantes que a proposta teria seu regime de urgência retirado e a tramitação congelada por 90 dias. A proposta, porém, está atualmente na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ). (FOGLIATTO, 2016c, documento não paginado).

Os estudantes do recém-formado Comitê de Escolas Independentes foram, assim como a comunidade em geral, surpreendidos pela ação de ocupação da Assembleia Legislativa. Os jovens tiveram a intenção de apoiar a ocupação mesmo assim, mas foram impedidos pela segurança do edifício público, que já havia bloqueado a entrada, não só de pessoas como também de mantimentos, a fim de dissuadir a ocupação.

A gente achou que eles iam apanhar muito, e a gente queria entrar lá, mas aí já tinha cordão policial e não tinha mais como. Eu sei que eles diminuíram o ar condicionado deles. Botaram os caras em cárcere privado, botaram o ar em sei lá quantos graus menos não sei o que, não deixavam passar comida, não deixaram passar água, deixaram os cara em cárcere privado pra assinar qualquer acordo, foi isso o que aconteceu. (2EM)

Só que durante as ocupações teve marcos, por exemplo, quando ocuparam a assembleia legislativa, sabe? Aquilo ali foi um movimento político das entidades e dos partidos políticos. Foi eles. Eles juntaram pequenas cabeças e sentaram com o Secretário de Educação e aceitaram a proposta do Secretário de Educação e desocuparam as escolas. (3EF)

A queixa, portanto, de ações coordenadas sem a consulta ao grande coletivo de escolas ocupadas por parte de algumas representações, de fato, comprovou-se. No entanto os estudantes que ocuparam a Assembleia Legislativa, desta maneira, tiveram seu objetivo atingido, conseguindo agendamento e realização de reunião com as lideranças do executivo para negociar as demandas estudantis.

[...] A reunião, no entanto, mais uma vez terminou sem acordo, mas as partes avançaram em negociar liberação do prédio em troca de adiar a votação do PL 44 para 2017 e a garantia de agendamento da reunião do governador com os estudantes. [...]. O governo ingressou na Justiça ontem com uma ação de reintegração de posse das mais de 150 escolas ocupadas ao redor do Estado. Ainda não houve decisão judicial. (GOMES, 2016a, documento não paginado).

Estudantes de escolas estaduais aceitaram na tarde desta terça-feira (14) nova proposta feita pelo governo José Ivo Sartori (PMDB) e decidiram desocupar, a curto prazo, as cerca de 120 instituições de ensino que ocupam há mais de um mês. A previsão é que as escolas sejam desocupadas até a próxima segunda-feira (20). O acordo foi feito por estudantes que integram a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (Ubes), o Movimento Mudança e os coletivos Juntos, União da Juventude Socialista (UJS), Kizomba e Ação Libertadora

Estudantil (ALE). [...] Entre outras coisas, o governo do Estado se comprometeu a não votar este ano o Projeto de Lei 44/2016, uma das principais reivindicações dos alunos, e contratar os professores que faltam no quadro. Também consta no documento o compromisso do governo em liberar R\$ 40 milhões para obras nas escolas até o dia de 30 de junho e o repasse atrasado da verba da autonomia financeira das instituições de ensino até 20 de junho. Além disso, o Piratini reafirmou a instalação do fórum permanente com a participação da sociedade e de estudantes para discutir melhorias na educação e a fiscalização dos cardápios da merenda tanto pelo fórum permanente quanto pelo Conselho Estadual de Alimentação. (FOGLIATTO, 2016a, documento não paginado).

Perguntado sobre as consequências da ruptura do movimento, o estudante 2EM reflete sobre as estratégias tomadas pelos estudantes ao longo do movimento e pondera algumas prioridades. Segundo ele, houve consequências,

[...] principalmente no acordo que fecharam com as escolas. Na real, isso a gente já vinha com grande medo porque geralmente em todos os estados a maioria falava que a Ubes ia lá e negociava por todos e a gente não, peraí, a gente não quer isso aqui. E eles foram lá e fizeram, só que eles foram e fizeram um acordo muito, muito... que não atendia tudo o que a gente pedia. E claro, a gente não ia conseguir tudo o que a gente pedia, mas a gente queria pelo menos uma certa... é e às vezes eu fico pensando na estratégia que a gente tomou, assim. Às vezes eu acho que a gente tomou a estratégia errada, tanto o CEI quanto o comando. Pra gente conseguir barrar a 44 ou a própria 190, a 44 acho que a gente não ia conseguir barrar, é a terceirização dos serviços públicos. E a 190 era a Sem Partido, essa acho que a gente conseguiria barrar. (2EM)

Aqui fica claro que a intenção era, apesar da consciência da improbabilidade de êxito, retirar o projeto de lei de tramitação. Não só 2EM, como outros estudantes entrevistados que compunham o Comitê de Escolas Independentes manifestaram o descontentamento, na medida que acreditavam ser possível efetivar conquistas um pouco mais consistentes. Fica difícil avaliar, observando a conjuntura e os poucos espaços de diálogo oferecidos pelo governo estadual, se tais avanços teriam sido possíveis, caso as entidades estudantis não tivessem interferido na negociação. Porém, não podemos saber, tampouco, se as medidas conquistadas teriam sido atendidas se não fosse a pressão a partir da ocupação da Assembleia Legislativa. O governo negociou com os representantes estudantis, e em seguida, o Comitê de Escolas Independentes se manifestou publicamente não aceitando o acordo

estabelecido. O número de escolas ligadas ao CEI era baixo, comparado ao total de mais de 150 escolas no RS todo, porém faziam parte do comitê algumas das principais e mais representativas escolas estaduais da região central de Porto Alegre, o que favoreceu um posicionamento em relação às demandas das escolas do CEI.

#### **O que ficou definido no acordo:**

- Criação de Fórum Permanente. Os encontros serão mensais, na última quarta-feira de cada mês, às 9h, com a participação de, no mínimo, 10 representantes de estudantes. A primeira reunião do Fórum ficou definida para o dia 29 de junho.
- Obras nas escolas. Governo reafirmou repasse de R\$ 40 milhões até 30 de junho. A liberação de outros R\$ 230 milhões, previstos no orçamento para obras em escolas, deve ser discutida Fórum Permanente "dentro das possibilidades financeiras e técnicas do estado", salientou o documento.
- Merenda nas escolas. Acordo garantiu fiscalização dos cardápios. "O aumento da verba estadual para merenda será uma das prioridades para a educação, dentro das possibilidades financeiras do estado", apontou o documento.
- Nomeação de professores. Governo se comprometeu em nomear ou contratar de forma "imediata" em escolas com falta de professores.
- Ficou definido o pagamento até 20 de junho do repasse de verba atrasada da autonomia financeira das escolas. Ainda segundo o acordo, as próximas parcelas serão pagas após o pagamento do salário do funcionalismo estadual.
- Projeto de lei 44. Governo diz que a base aliada ainda está discutindo a proposta e, por isso, o projeto não será votado em 2016.
- Sem penalizações aos estudantes. "Quaisquer atos nesse sentido, incluindo transferências compulsórias, serão avaliados pelas escolas e revistos pelas Coordenadorias de Educação respectivas, conforme normativas em vigor." (GOVERNO DO RS..., 2016, documento não paginado).

E quando pensava que o movimento havia chegado ao seu desfecho, os secundaristas independentes, incansáveis e inconformados com o acordo do qual não fizeram parte, resolvem ocupar a Secretaria da Fazenda do Rio Grande do Sul.

Estudantes ocuparam na manhã desta quarta-feira o prédio da Secretaria da Fazenda do Rio Grande do Sul, que fica na avenida Mauá, no Centro Histórico de Porto Alegre. O grupo se concentrou no

quinto andar do edifício, onde funciona o gabinete do secretário Giovani Feltes. Os cerca de 50 estudantes chegaram ao local por volta das 7h e rapidamente entraram no prédio da Secretaria da Fazenda. Os funcionários foram impedidos de entrar no edifício. O grupo que ocupa o prédio da Secretaria da Fazenda pertence ao Comitê das Escolas Independentes (CeI), dissidentes das lideranças que entraram em acordo com o governo do Estado nessa terça-feira para deixar a Assembleia Legislativa. No acordo com o governo, os estudantes aceitaram que a votação da PL 44/2016, que pretende ampliar a interferência de empresas privadas e serviços terceirizados na educação pública, ocorra apenas no ano que vem. Já o grupo independente que ocupa a Secretaria da Fazenda hoje deseja que a PL 44/2016 seja totalmente arquivada. (ESTUDANTES OCUPAM..., 2016, documento não paginado).

O tratamento recebido pelos estudantes que ocuparam a Secretaria da Fazenda foi bastante diferente da ocupação do prédio da Assembleia Legislativa. Os estudantes foram retirados à força do local, muitos sofreram agressões físicas, não houve negociação e os estudantes foram agressivamente abordados pela tropa de choque da Brigada Militar, levando muitos estudantes para o DECA<sup>22</sup>, e os maiores de idade para o Presídio Central e para a Penitenciária Feminina Madre Pelletier. Vários direitos dos jovens foram violados, na medida em que não receberam direito a chamar advogados, nem puderam contatar seus pais por horas, uma vez que detidos, além das violências sofridas. Alguns jovens relataram que tiveram que pernoitar em cela compartilhada com presidiários que haviam cometido crime de estupro, dentre outras situações traumáticas, como meninas terem que fazer exame de corpo delito apenas com médicos homens. Não vou me deter em mais detalhes, pois não pude acompanhar de perto esses episódios e para preservar os estudantes que me concederam entrevistas, não vou publicar os trechos dos relatos que dizem respeito a esses episódios<sup>23</sup>. Todavia é importante fazer constar tais ocorridos, para que estejamos atentos aos direitos das nossas juventudes e o respeito às leis que os protegem.

Os jovens estudantes independentes puderam garantir, apesar do desfecho conturbado da ocupação do prédio da Secretaria da Fazenda, algumas demandas para além das já negociadas pelas representações no primeiro acordo realizado com

---

<sup>22</sup> Delegacia de Polícia para Crianças e Adolescentes de Porto Alegre.

<sup>23</sup> As entrevistas, na íntegra, constam em anexo, e terão o texto alterado em trechos que podem comprometer ou identificar os estudantes.

o governo estadual. Três elementos foram acrescentados às primeiras tratativas, o primeiro deles foi a conquista de verbas para as escolas do Comitê de Escolas Independentes, especificamente conforme diferentes demandas, o segundo foi garantir a presença de membros do CEI nas reuniões de fiscalização e acompanhamento no Fórum Permanente. O terceiro elemento foi a garantia de não criminalização aos estudantes que foram presos, além do já descrito no primeiro acordo, para a não criminalização do movimento das ocupações.

Os professores, mesmo após a decisão definitiva de encerramento das ocupações escolares, seguiram em greve por mais um curto período. A luta principal dos professores era, além de melhores condições nas escolas, o não parcelamento dos seus salários.

O Secretário de Educação do Estado, Luís Alcoba, anunciou nesta quarta-feira o repasse de R\$ 40 milhões para investimentos em escolas públicas. O anúncio foi feito durante o Fórum Farol do Futuro. A verba repassada vai beneficiar 350 escolas.

O anúncio do repasse de verbas ocorre em meio à greve dos professores da rede pública estadual, que já dura 45 dias. Nesta quarta-feira, os 42 núcleos regionais do Cpers no Rio Grande do Sul mantiveram o atividades de mobilização de divulgação dos motivos do movimento grevista. O objetivo das ações é pressionar o governo para que negocie com a categoria.

A direção do Cpers ainda repudiou a decisão do governo do Estado de realizar um novo parcelamento para pagar os salários dos servidores, referentes a junho. Segundo o sindicato, “contra o descaso e a intransigência deste governo, professores e funcionários de escolas estão unidos, em greve desde o dia 13 de maio. No entanto, os sindicalistas não indicam qual o percentual da categoria que adere a greve, nesse momento. (ESTADO ANUNCIA..., 2016, documento não paginado).

Podemos considerar um importante espaço conquistado pelas duas frentes da ocupação, que garantiram a liberação de verbas para melhorias nas estruturas das escolas estaduais, dentre as outras já citadas, considerando a longa batalha, sem sucesso, por um espaço de negociação pleiteado pelos professores. Os professores tiveram seus salários parcelados até a finalização desta pesquisa, nos primeiros dias de 2017.

Após a efetivação do segundo acordo entre os estudantes das escolas



independentes e o governo estadual, foram entregues de volta ao poder as direções das escolas que ainda não haviam sido desocupadas. A última escola a desocupar foi o Colégio Estadual Júlio de Castilhos, que até mesmo na hora da entrega das chaves, oficializando o término das ocupações no estado, enfrentou resistência por parte da direção escolar, pois seus representantes não apareceram na escola no horário agendado para receber as chaves dos alunos. No dia 23 de junho foi noticiado o fim das ocupações secundaristas no Rio Grande do Sul:

Quando os alunos do Colégio Estadual Julio de Castilhos entregaram, por volta das 15h40 desta quinta-feira (23), as chaves da escola para representantes da Secretaria de Educação (Seduc), encerrou-se, ao menos simbolicamente, o processo de ocupações de escolas no Estado. Um processo que iniciou no dia 11 de maio, quando secundaristas assumiram o controle do Colégio Estadual Coronel Afonso Emílio Massot, que registrou ameaças de invasões das escolas, a ocupação do saguão da Assembleia Legislativa, a desocupação violenta – com a prisão de mais de 40 alunos e de dois jornalistas – da Secretaria da Fazenda (Sefaz), e se encerra, depois de 40 dias, com os estudantes comemorando conquistas e, talvez mais importante, um aprendizado para toda a vida.

Parte do CEI, os estudantes do Julinho aceitaram desocupar a escola nesta quinta após um acordo, firmado na última terça, de que a Seduc irá destinar R\$ 135 mil para a reforma da escola, se comprometer a dar espaço semelhante para os representantes das escolas independentes e de escolas representadas por entidades estudantis – que já haviam firmado acordo na desocupação da AL – no Fórum Permanente de Discussão da Educação, criado em decorrência das ocupações, e garantir que não irá criminalizar ou apoiar a perseguição de alunos que participaram do movimento. (GOMES, 2016b, documento não paginado).

Devolver as chaves da escola foi mais difícil do que tomá-las na ocupação do Colégio Júlio de Castilhos, que se encerrou nesta quarta-feira, depois de 41 dias. Sem a presença da direção, que não apareceu no horário combinado — o acordo entre o Comitê das Escolas Independentes (CEI) e o governo do estado previa meio-dia, mas os alunos aguardaram até 14h30min —, os ocupantes recorreram à Secretaria Estadual da Educação (Seduc) para poder deixar o local, o que só ocorreu às 15h50min. (VARGAS, 2016, documento não paginado).

O longo período de ocupações reverberou de forma inimaginável no estado e na vida dos jovens participantes. Segue algumas considerações feitas pelos jovens entrevistados sobre as impressões do término do movimento:

O que no fim me deixa muito angustiado assim, por mais que a gente

tenha feito uma baita resistência, ter lutado contra essas coisas, eles sempre dão um jeito de nos... - porque eles sempre têm mais força que a gente, aquela ocupação na Sefaz (Secretaria da Fazenda) mostra isso. (2EM)

Eu me filiei a um partido logo depois das ocupações, na verdade no final dela, e muitas pessoas também. Outras já eram, outras continuaram autônomas, mas todo mundo teve uma experiência política muito grande, percebeu como é que funciona um governo, como é que os processos tinham um andamento, como é que cada cargo político realmente funcionava, porque dentro das ocupações tinham pessoas responsáveis por ir no governo, tentar espaço pra diálogo, e alguns que conseguiram com alguns setores, por exemplo, com o secretário de educação, então a experiência política foi mais nesse sentido. E também demonstrou como era organizar um ato político, porque dentro das ocupações a gente organizou atos, pra dar mais visibilidade às ocupações e foram mais nesse sentido mesmo na política. Porque a ocupação é um movimento político, e a gente teve muito mais conhecimento desse movimento estando nele. (4EF)

A galera organizada participa, sendo secundarista, que a gente ainda tá fechado nesse segmento, de ensino fundamental a galera também pode participar, de boas, pode ser organizado, pode compor o comitê, mas nenhuma linha de partido nenhum vai ser supremo ali dentro, tá ligado. Se uma linha que algum partido der de sugestão, for aprovado em reunião, na assembleia, ótimo, que bom pra quem trouxe a linha. Se não for, paciência, sabe. É independência. E não tem nenhuma linha teórica também, tipo, pra levar. É um rolê que a gente sempre frisou é que a gente ia ser combativo. Ponto, tá ligado. E que a gente nunca ia fugir disso. Independente das formas que a combatividade vai ser dar, durante o processo, a gente vai ser combativo. E daí nessa de ser combativo, depois que a gente sofreu o golpe, a gente precisava fazer uma ação direta, porque a gente não tinha mais o que fazer pra dialogar, daí acho que quando a gente faz ação direta, que é ocupar a Secretaria da Fazenda, acho que é o maior marco político que a gente tem no movimento aqui em Porto Alegre. Porque, enfim, geraram uma imensidão de coisas, desde a gente ir preso até uma galera não militar mais, tipo, não querer mais nem ver movimento perto, e a galera ficar muito com sangue no olho e querer viver aquilo intensamente e querer fazer da sua vida aquilo ali. (7EF)

Essas foram algumas das ações e reflexões das juventudes combativas que ao longo de quarenta dias habitaram suas escolas, apropriaram-se de seus currículos, receberam sua comunidade e experimentaram no território escolar, uma forma diferente de se conviver, de se aprender.

Após o fim das ocupações, algumas escolas, cuja aderência à greve era significativa, ainda tardaram uma semana para terem suas atividades retomadas,

quando então também a greve cessou, possibilitando a normalização da rotina escolar. As ocupações se encerram e se inicia um novo ciclo, que inclui o desafio de retornar às aulas e às práticas escolares sob a coordenação das gestões escolares, após todo o intenso movimento estudantil. Houve inúmeras consequências para a realidade escolar das escolas ocupadas, as principais delas serão desenvolvidas no capítulo a seguir.

## 5 O QUE OS JOVENS DIZEM SOBRE A ESCOLA

Como foi possível evidenciar, as ocupações escolares foram um acontecimento que atingiu diversas esferas, não só da comunidade escolar, como de toda a sociedade civil do estado. O intuito desta pesquisa era realizar um exercício de escuta qualificada para com alguns jovens que experienciaram intensamente as ocupações em suas escolas. E assim como o fenômeno se revelou complexo, seus protagonistas não podiam se revelar de outra forma que não de semelhante complexidade. Compreendo e aceito a dificuldade para definir estes sujeitos e procuro, cuidadosamente, não cair nesse tipo de redução. Percebo também minhas limitações quanto pesquisadora, mas também o quanto não se pode fazer uma análise na medida desejada, de dimensões mais amplas e de maior profundidade, no tempo que me coube para desenvolver essa pesquisa. Só de ouvir os jovens, sete universos distintos, um para cada indivíduo entrevistado, se abriram aos meus olhos. Registro minha modesta tentativa de compartilhar o que eu vi, ouvi e vivi, e espero que o filtro do meu olhar seja tão generoso quanto eles foram, em seu exercício de compartilhamento.

Utilizo aqui as categorias extraídas das entrevistas para analisar, sob a perspectiva dos jovens, os efeitos que as ocupações produziram na realidade escolar. Para isso, utilizei os trechos elencados como *realidade escolar antes* das ocupações, bem como *realidade escolar depois* das ocupações. Analisando ambos os panoramas, tracei, também extraídos das falas dos jovens, as duas categorias a serem de fato analisadas: *efeitos na realidade escolar*, ou seja, que diferenças foram produzidas no cotidiano escolar que tiveram impacto sobre os jovens e a categoria *aprendizados*, que emergiu, pois o processo de ocupação provocou uma série de deslocamentos dos sujeitos, e de suas formas de ver a escola e também a si mesmos. Na categoria *aprendizados*, por tanto, procurei elencar os trechos que diziam respeito aos sujeitos e os efeitos produzidos neles. Por fim, ainda sem muita certeza de onde poderia chegar com esta pergunta quando a fiz nas entrevistas, obtive diversas respostas sobre o que seria a *escola ideal* para os jovens com quem conversei, e trago brevemente essa perspectiva, mais como um elemento balizador.

A busca de compreender a realidade escolar no atual contexto brasileiro, que

se mostra cada vez mais retrógrado, que ainda se pauta no autoritarismo, e que tensiona cotidianamente a resiliente presença juvenil foi o motor que impulsionou esta pesquisa. Compreender a realidade escolar e a realidade plural e diversa dos jovens que coabitam no ambiente escolar consiste um enorme desafio. A paisagem parece apontar para uma oposição tremenda, como se o fio que liga os alunos à escola fosse cada vez mais tenso e mais frágil, à medida que a escola mantém seus paradigmas arcaicos e a cultura contemporânea juvenil não deixou de avançar cada vez mais e mais rápido. Ciente disso, reflito ao lado de Carrano, que afirma inclusive que “estaríamos, então, frente a um paradoxo: a escola tem como uma de suas marcas históricas o conservadorismo, a manutenção das relações de poder e as culturas juvenis, em suas maioria, têm o gosto pela mudança.” (CARRANO, 2008, p. 192).

Na categoria *realidade escolar* foram selecionados 37 trechos que puderam ser identificados como *realidade escolar antes* das ocupações e 29 trechos que puderam ser identificados como *realidade escolar depois* das ocupações. Como se trata de um conteúdo espontâneo e de um depoimento aberto dos estudantes, não há grande rigidez na categorização temporal e sim um exercício de atentar para as diferenciações expostas pelas narrativas dos estudantes no que se refere às suas impressões, sensações e afirmações sobre suas realidades escolares. Convém também ressaltar que não estamos falando aqui de *uma* realidade escolar, como se fosse possível generalizar ou reduzir os inumeráveis cenários escolares da cidade de Porto Alegre. Aplicamos aqui o mesmo cuidado ao não falarmos do jovem e sim de juventudes, destacando aqui que quando falamos de realidade escolar é sob a perspectiva dos estudantes que vivenciam a realidade escolar de escolas urbanas centrais da capital do estado do Rio Grande do Sul, escolas estaduais públicas, com suas especificidades e apesar disso, como poderemos ver, têm muito em comum.

### **5.1 Efeitos das ocupações sobre a realidade escolar**

Para iniciarmos esta análise, trago algumas informações sobre os participantes. Dos sete estudantes entrevistados, apenas um estuda em escola localizada em área urbana não central da cidade. Apenas dois alunos frequentam a

mesma escola. Dos sete estudantes apenas um não foi agente mobilizador das ocupações em sua escola, desde antes do início das ocupações. Cinco escolas tinham grêmios ativos, sendo esta atividade conquistada recentemente em pelo menos três das seis escolas analisadas. Dos sete estudantes, três eram filiados ou se filiaram, até o fim das ocupações, a partidos políticos ou entidades estudantis. Dos sete estudantes, seis pertenciam a escolas vinculadas ao CEI (Comitê das Escolas Independentes). Cinco mencionaram que trabalham enquanto cursam o Ensino Médio.

Quanto aos efeitos produzidos na realidade escolar, a partir das ocupações, foram selecionados 61 trechos de falas que remetem a diversos aspectos que surgiram como consequências da ocupação na realidade escolar relatada pelos estudantes. Foram listados 34 trechos dos relatos referentes aos aprendizados vividos pelos secundaristas a partir da experiência das ocupações.

Antes de adentrar nas questões que emergiram das falas dos estudantes, gostaria de destacar um aspecto que considere importante: o uso político das redes sociais. A utilização das páginas de redes sociais das ocupações foram extremamente úteis na constituição do movimento, e foram utilizadas de forma bastante consciente e combativa por parte dos estudantes. A criação de uma comunicação direta foi fundamental para sustentar o movimento por cerca de quarenta dias. Além disso, foi através das redes sociais que duas ações importantes puderam ser realizadas. A primeira é o convite à comunidade para participar e apoiar as ocupações, tanto na oferta de atividades formativas para compor o currículo excepcional, quanto para participar dos eventos culturais realizados nas escolas. A segunda é no que tange à credibilidade do movimento, sendo necessário muitas vezes a publicação de esclarecimentos sobre os propósitos do movimento, sobre as atividades realizadas nas escolas, sobre versões próprias dos fatos. O uso político e consciente das redes sociais constitui uma interessante forma de resistência, principalmente no segundo item mencionado, pois rompe uma blindagem de construção social de realidades, característica das mídias tradicionais, cuja hegemonia pertence aos grandes meios de comunicação. Na medida em que os jovens publicam suas próprias versões dos fatos, desdizem afirmações enganosas e compartilham a realidade que estão interessados em promover, através de vídeos e

relatos, e assim pratica-se uma eficaz estratégia dessa geração, já utilizada também em outros movimentos juvenis.

Retomando as questões escolares, resgato também uma importante referência ofertada por Carrano, no que diz respeito à realidade de escolas públicas brasileiras, que neste caso, muito precisamente se aplicam ao contexto do Rio Grande do Sul.

Os jovens enfrentam a realidade de instituições públicas que se orientam predominantemente para a oferta de conteúdos curriculares formais e considerados pouco interessantes pelos jovens. Isso implica dizer que as escolas têm se apresentado como instituições pouco abertas para a criação de espaços e situações que favoreçam experiências de sociabilidade, solidariedade, debates públicos e atividades culturais e formativas de natureza curricular ou extra-curricular. (CARRANO, 2008, p. 192)

São vários os tópicos elencados pelo autor apenas nesse trecho, e muitos deles puderam também ser detectados nas falas dos estudantes. As escolas frequentadas pelos estudantes entrevistados se apresentam de fato como instituições pouco abertas para a criação de espaços que favoreçam experiências de sociabilidade, debates públicos e atividades culturais e formativas. Além disso, assim como aponta Carrano, todos os depoimentos indicam a evidente dificuldade estrutural, com questões levantadas pelos estudantes tais como merenda, condições precárias que apresentam risco para os alunos, como alagamentos e riscos de desabamentos. Uma aluna chegou a mencionar que determinado corrimão da escola dava choque elétrico. Outras situações bem graves foram relatadas, como situações de inutilização de refeitórios por recorrente vazamento de gás, e episódios de extrema violência nas proximidades das escolas. Relacionando essa questão à expansão da escolaridade para grande parte da população juvenil do país e o não acompanhamento em investimentos necessários para receber essa geração de estudantes, resgato a afirmação de Carrano,

[...] a inadequação tanto se refere aos baixos insumos materiais que se refletem na precariedade da maioria dos prédios escolares quanto nas inadequadas articulações curriculares que não respondem às expectativas de aprendizagem e sociabilidade escolar almejada pelos jovens estudantes. (CARRANO, 2008, p. 184)

Quanto a isso, temos algumas afirmações que permitem uma aproximação às

questões vividas pelos jovens em suas realidades escolares. Os relatos trouxeram o contexto em que se encontravam suas escolas e também suas percepções sobre questões estruturais físicas e sistêmicas, especialmente no que se refere à voz costumeiramente não dada aos alunos e também ao que os estudantes chamaram de mecanização do cotidiano escolar. Como podemos ver, 4EF e 5EM relatam um pouco de sua perspectiva sobre o cenário escolar, evidenciando, de diferentes maneiras, o também já mencionado por Carrano, desinteresse pelas aulas. Um efeito relatado de forma aproximada, por quatro dos jovens, sobre a dificuldade de se readaptar à rotina escolar novamente, após as ocupações, traz à tona também a ausência de espaços de debates públicos no cotidiano escolar.

Não consigo me adaptar de novo. É muito complicado porque tu te adapta e tipo, tu te adapta àquele tipo de oficina dentro da ocupação, àquele tipo de roda de debate, pra tu aprender, é um aprendizado totalmente diferente, tu consegue receber o aprendizado de uma forma muito diferente, e é muito melhor. Tu consegue pegar o conhecimento muito mais fácil. Então eu não consigo me adaptar mais a uma aula quadro, escrever, sentar na classe e ficar olhando assim pro professor, 'ããã', não consigo mais. É, então eu acabo nem tendo muita vontade de ir na aula, porque o jeito que se trabalha em sala de aula não é um jeito bom pra se absorver conhecimento. (5EM)

Eu sempre fui uma pessoa que gostou de ir pra escola. Eu sempre gostei de estar naquele ambiente escolar, de admirar o professor, dele ter o conhecimento e conseguir me passar, e conseguir me inspirar de ir atrás. Só que existem diversas situações que a escola acaba te cansando. Principalmente nessa antiga do movimento, que tu acaba vendo mais como um peso do sistema do que uma fonte de conhecimento realmente, que vai te dar algum tipo de futuro. E vários alunos pensavam assim, tinham alunos que não tinham gosto de ir pra escola, que não gostavam daquilo, que só iam porque eram obrigados e que se pudessem faziam um EJA, um supletivo, e ficariam livres. (4EF)

A ausência de espaços de debate público nas escolas, bem como de atividades culturais e formativas, se revela pelas falas dos entrevistados. Revelam também as ações eleitas pelos jovens uma vez que se apropriaram do espaço escolar. O farto leque de ações formativas, tanto de características curriculares como sessões de Matemática e de História, por exemplo, como outras que visavam problematizar temas não abordados na escola, em sua maioria temas que discutem questões de diversidade, apontam para uma tentativa de suprir uma demanda que estava represada pelo sistema formal curricular. Rodas de conversa, palestras,



encontros temáticos foram promovidos na maioria acachapante das escolas ocupadas. A oportunidade de criar espaços de debate na escola foi definitivamente aproveitada pelos jovens, e vivenciada de variadas maneiras, como podemos constatar:

Eu acho que os alunos ficaram críticos. (...) Eu acho que as pessoas ficaram muito mais críticas, tipo, tá, porque? Qualquer coisa era porque porque porque, mas porque que é assim? O tempo todo, umas coisa assim que nem precisava (risos). Eles perguntam, que bom, eles tão questionando o método que a gente tem de ensino. Tipo, a gente tá aqui e tudo virava um debate na primeira semana. Qualquer coisa que a gente tentasse estudar virava o debate de ocupação e greve. (1EF)

Não que eu possa concordar plenamente com o fato de que os alunos se tornarem mais questionadores os faça de fato sujeitos críticos. Acredito que o processo de desenvolver o exercício crítico<sup>24</sup> seja bem mais complexo. Porém pode-se considerar um avanço em direção ao desenvolvimento da criticidade o efeito descrito pela estudante, quando os jovens saem de um estado acomodado para um estado de inquietude, é um sinal de despertar de uma necessidade que antes não havia. Apesar dessa ressalva, ao longo dos depoimentos foi possível detectar momentos em que os jovens desenvolvem percepções críticas coerentes e relevantes sobre a escola, sobre o sistema de ensino e sobre si mesmos. Como podemos ver na fala a seguir, nesta outra escola, também se produziu o efeito questionador nos alunos, bem como a dificuldade de readaptar-se à realidade escolar tradicional:

Nos primeiros dias que a gente voltou foi horrível, eu não conseguia. Até hoje eu tenho dificuldade, eu não conseguia ficar naquele sistema, era tipo 'me tira daqui.' Foi absurdo. Mas o nosso posicionamento como aluno foi muito mais de cobrar, assim, tá, mas peraí, como assim isso, como assim aquilo, isso tá errado, isso também. Isso foi uma coisa que foi meio que geral, assim. Os alunos viram que conseguiam falar o que tava errado e o que eles achavam de errado. Claro que a direção ficou muito braba, puta da cara, porque 'como que os alunos vão falar isso? Como que os alunos vão criticar a minha postura como professor dentro da sala de aula? Que absurdo! Eu sou uma ótima professora!'. Pois é, não tá funcionando, desculpa. Isso foi absurdo no início, foi louco, pra mim foi tipo 'não, eu quero voltar!'. (3EF)

---

<sup>24</sup> Crítico: 1. quem avalia fundamentando. Crítica: 4. Análise, exame, julgamento. (HOUAISS, 2010, p. 210).

O aspecto mencionado pela estudante, sobre a reação da direção, bem como de alguns professores, desenvolvo a seguir, neste subcapítulo. Dito isso, volto à questão dos espaços de debate no cenário escolar e trago um trecho que evidencia o impacto que a vivência dos espaços de debate durante a ocupação surtiram nos jovens:

Por exemplo, teve estudos sobre sexismo, sobre racismo, sobre diversos assuntos, que a gente fazia muitos eventos também referente a isso, e eles ficavam chocados porque eles ficavam 'nossa, mas isso eu não aprendo na escola, isso eu não aprendo com a minha mãe, com a minha família'. Isso eu não aprendo na TV, entende. E aí eles vêem que existe uma outra realidade, um outro mundo, foi algo muito bom, assim, eu acho que pra todo mundo. E o principal, né, o coletivo. Aquela coisa de tu saber que tem que fazer massa porque a ocupação tem que continuar. (risos) Isso, sei lá, foi muito bom, assim. (6EM)

Considero esse um relato bem significativo, na medida que ele aponta uma ampliação de horizontes, um efeito bastante relevante, visto que esses jovens que experienciaram tal deslocamento terão de enfrentar novamente a *antiga* realidade escolar, e os desafios para seus professores só aumentarão, tornando ainda mais árdua a tarefa de produzir sentidos de presença na escola. E aqui retomo a afirmação de Carrano, indicada no capítulo 1, de que uma das possibilidades de recriação dos sentidos de presença na escola para professores e alunos se encontra na experimentação de espaços relacionais que permitam a emergência da multiplicidade de sujeitos culturais (CARRANO, 2008, p. 184). Percebo a ocupação escolar exatamente como potente criadora de sentidos de presença na escola, especialmente para os alunos, pois, a partir dos eventos observados e bem como da escuta dos relatos dos jovens, pode-se constatar a alteração das relações, não só dos jovens entre si, como deles para com a escola e seus sentidos. E um dos efeitos mais difíceis foi justamente o impacto entre a vivência experiencial da ocupação, que possibilitou essa emergência múltipla de sujeitos culturais e o retorno ao sistema tradicional escolar. Trago a seguir uma série de relatos que fazem referência a esse retorno à rotina escolar, que nos auxiliam a notar a consciência que os jovens têm do processo que estão vivenciando:

As aulas voltaram a ser iguais, isso é triste, e eu lembro na primeira aula que eu tive, eu tive claustrofobia, assim. Foi bizarro entrar numa sala de aula, numa aula de química ainda, com uma professora muito autoritária, eu até tenho respeito por ela porque ela me respeita, e a

gente se gosta até, mas bá, sabe. E daí a minha turma toda me odeia agora, então tipo, quando eu entrei ninguém me olhava na cara. (2EM)

Acho que a questão da mudança, no sistema escolar, dentro das escolas, ela se dá justamente após, assim, no sistema de como as escolas funcionam. Porque os alunos quando eles voltam da ocupação eles voltam muito mais ativos né. Eles não voltam aquele aluno doutrinadinho que tu coloca dentro de uma caixa e pronto. Ele volta um aluno muito mais pra fora, tipo, vou falar e dane-se. Então a gente como estudante, a gente percebe a nossa força, e percebe que quem tá ali não é pra fazer o que quer e dane-se. Ele tá ali porque tem uma lei que rege ele que é a LDB e tu pode falar 'olha só, na LDB que é a lei que te rege, isso e aquilo, tu tem que me oferecer isso e aquilo'. Então as coisas mudam gradualmente a partir da nossa ação né, diante daquilo, daquilo que a gente percebe. E lá na escola é difícil porque tu te vê muito silenciado mas é possível, não é algo que ó meu deus, não pode acontecer. Pode acontecer. Só que demanda muita força sabe, porque tu é muito calado, muito mesmo. (3EF)

Então tipo, acho que depois de ter ficado dois meses vivendo assim, e tu dormir na escola, a escola ser a tua casa, é muito - é horrível tu tá na escola agora do jeito que era e pior, porque agora o assédio moral tá maior ainda, sabe. Então, e é direção e professor botando aluno contra aluno, e aquela coisarada toda, e botando professor contra professor, e não sei que. (7EF)

Ah, eu acho que a escola sempre foi do jeito que tá agora depois da ocupação, só que a gente não percebia tanto certas coisas. E talvez agora por medo e receio de quem é contra a ocupação, algumas coisas estejam mais rigorosas. (7EF)

O aspecto *reativo* em relação aos estudantes participantes das ocupações na volta às aulas foi bastante intenso. Até mesmo nas escolas em que as direções apoiaram o movimento, ou que tiveram forte participação dos professores na greve e consequentemente em apoio às ocupações, houve situações de constrangimento e intimidação e até mesmo de episódios de perseguição aos estudantes ligados à ocupação, como nos exemplifica 2EM:

os que estão nas escolas estão sendo criminalizados dentro das escolas, tá tendo perseguição, isso tá acontecendo bastante. Lá na minha escola fizeram a minha caveira, (...) dizendo que a gente era o cabeça e eles eram tudo massa de manobra nossa e tavam ameaçando ocorrência, e não sei o quê, pra todo mundo - eu disse "eu não acredito nisso!", sabe, era bizarro. (2EM)

A sensação é a de que na proporcional medida que o empoderamento e a apropriação de conhecimentos legais dos estudantes, a partir do momento em que

deram-se conta que é possível fazer uso das ferramentas do sistema, muito mais do que apenas rebelar-se contra ele, aumentou as medidas repressivas e de controle por parte das instituições escolares, por exemplo quando a aluna tem conhecimento e consulta as normas da LDB<sup>25</sup>, que regem as práticas pedagógicas atuais, ou ainda quando alguns estudantes fazem uso das ferramentas institucionais de partidos políticos para ações em prol do movimento estudantil. Para que tenhamos um parâmetro desse aumento, trago algumas falas sobre empoderamento e também sobre pertencimento.

São poucos professores que mudaram, mas pelo menos alguns têm noção de que se gente ver alguma irregularidade a gente tem o poder pra ocupar de novo, a gente sabe que a gente pode. Eles sabem que a gente tem essa confiança agora na gente, que a gente tomou uma confiança muito maior do que a gente pode fazer. (4EF)

Além disso, esse empoderamento reverberou na própria relação com as instituições políticas, evidenciando também uma abertura à diferença, quando, por exemplo, uma estudante relata que mesmo pertencendo ao Comitê de Escolas Independentes, ela foi estudar e procurar conhecer mais sobre o funcionamento das organizações, ou seja, torna-se factível a superação da lógica de antagonismo, preponderante não só no campo escolar, como em toda esfera social, como vimos no primeiro capítulo e também como veremos a seguir, em outros relatos sobre as reações por parte do corpo docente e administrativo das escolas.

Ah, eu aprendi que não dá pra ser sectário, não dá pra ser sectário. Tu tem que dialogar com certas forças do movimento político, que tem ali no teu redor. Aprendi que nem toda organização política tá ali pra te dar o golpe, pra te fazer mal ou pra querer botar a linha da sua organização ali, independente de ser partidária ou apartidária, independente da linha teórica, enfim. Tem organizações que tão de fato pra ajudar e pra construir. E acho que isso foi um aprendizado de muitas pessoas, porque depois das ocupações, que as coisas se acalmaram mais, que a galera teve tempo pra descansar e estudar, e enfim, conhecer as organizações em outro momento, uma galera se organizou. (7EF)

Esse trecho revela um amadurecimento por parte dos participantes do movimento. Tal amadurecimento teve repercussões na realidade escolar que não foram necessariamente positivas. Dois aspectos aqui evidenciam isso, o primeiro se

---

<sup>25</sup> Lei de Diretrizes e Bases da Educação, n°. 9394, 1996.

refere a tentativas de isolamento dos estudantes e a segunda sobre o crescimento de manifestações reacionárias também por parte dos alunos, depois das ocupações:

Só foi esse o processo, assim, mais essa questão do isolamento de algumas pessoas que participaram do processo de ocupação, entende. Isso foi muito triste. Porque os professores também tentaram fazer isso com alguns estudantes. Ainda fazem, diminuíram bastante, mas ainda alguns ainda fazem, fazem discretamente mas fazem, com alguns estudantes. (6EM)

Alguns estudantes a gente sabe que criou, é muito natural criar o seu reacionarismo, aumentar devido a isso, e ao mesmo tempo, é muito amplo porque teve muita coisa boa, mas teve muita gente que foi afetada, eu me dou bem, até com a gurizada meio reaçã, entende. (6EM)

E esse último trecho em que 6EM afirma “se dar bem” com os colegas reacionários também é outro indício que aponta para a algumas brechas de superação da perspectiva antagônica por parte de alguns dos jovens entrevistados. Ainda nesse tema, me chamou a atenção este tópico, na fala de outra estudante. Ela descrevia que às vezes era necessário ficar até uma hora discutindo com um colega, e destacava a importância de argumentar e ouvir os colegas que eram contra as ocupações, para que pudessem avançar em ambas as perspectivas que se colocavam em choque e também para fortalecer aqueles que eram a favor, ofertando argumentos e dados para todos. Imediatamente me trouxe aos apontamentos de Chantal Mouffe, trazidos no primeiro capítulo, uma narrativa que nos traz exemplos práticos e cotidianos da criação de espaços de diálogo e da importância de reconhecer no outro um adversário, que pode e deve ser ouvido.

Apesar das adversidades elencadas até agora, houve situações de vigoroso progresso a partir das ocupações, no que diz respeito à sensação de pertencimento por parte dos jovens em relação à escola, uma vez que a relação de moradia e de cuidado, mesmo com o término das ocupações, não finda, trazendo bons frutos à realidade escolar atual.

Não tinha cuidado onde eu tinha deixado a minha caneca porque tanto faz. Não ficava me preocupando muito com a estrutura da escola porque tanto faz. Tanto que hoje é muito tenso, eu falo ‘gente, não suja o chão, vocês não sabem como é limpar o chão da escola’. Tu cria um apreço maior por aquele ambiente, tu começa a cuidar daquilo, então é um sentimento diferente, assim, de pertencimento. Apesar da instituição ser falida, sabe e tu ver que é ruim e pode melhorar, tu

começa a ver outras coisas também que são boas. (3EF)

Segundo o relato a seguir, podemos constatar que apesar das inúmeras situações de conflito decorrentes do movimento de ocupação, foi a partir destes conflitos que puderam emergir algumas modificações na realidade escolar:

Bom, depois das ocupações foi complicado porque a maioria dos professores eram contra, de 50 professores só quatro eram a favor e foi depois de tudo o que a gente passou, metade só era a favor, metade contra. Deu briga entre professor devido a ocupação, então foi algo que hoje eu vejo a escola, tipo, eu vejo o grêmio rendendo, hoje o grêmio tem sua salinha, porque antes não tinha grêmio há um bom tempo, entende. O ano passado a gente lutou pra ter o grêmio, não fez uma ocupação, mas ficou um dia inteiro na escola pra ter o grêmio. E hoje a gente vê que teve muitas coisas, assim, melhorias dentro da escola, que a gente viu que ajudou bastante a participação dos estudantes, mas teve muitos estudantes também, que foram radicalmente contra e que mudaram a sua visão também, eu vi isso muito. (6EM)

Perguntados sobre as mudanças na realidade escolar, o pertencimento, a união, a socialização e a coletividade foram aspectos recorrentes nas narrativas juvenis:

É, antes da ocupação eu vivia falando mal da minha escola. (risos) Depois da ocupação isso mudou muito, assim. Eu não sentia que eu pertencia à escola. Depois eu comecei a ter essa sensação. Isso mudou muito. (2EM)

Difícil, porque eu acho que o que mais é pontual das ocupações é a união que a gente tem com os outros, com os teus colegas. É uma união tremenda, porque ao mesmo tempo que na assembleia de noite tu te mata, tu quer comer o fígado de metade das pessoas, na hora de ir pra rua é todo mundo um, sabe. Todo mundo tem que cuidar de todo mundo, todo mundo tem que estar junto, se um tá bem tá todo mundo bem, agora se uma pessoa dentro da ocupação tá triste, tá estressada, tá irritada, todo mundo tá, sabe. É uma família, é uma coisa de louco, porque tu não tem isso com teus outros colegas, porque a escola não te proporciona desenvolver isso. (3EF)

Eu acho que a principal mudança foi as pessoas conhecerem umas às outras, aprenderem mais a coletividade e a condição do próximo, assim. (6EM)

Um guri me falou 'meu, eu tinha três amigos, hoje eu tenho quarenta, cinquenta', por causa da ocupação, e isso é muito gratificante tu saber, que aquela coisa ficou marcada na vida das pessoas. (6EM)

Também houve consideráveis conquistas sobre questões de gênero. É interessante sobrepor os relatos de uma jovem e o de um rapaz, em que ambos descrevem, cada um sob sua perspectiva, formas como a questão de gênero foi abordada e reverberou para cada um:

Então tu cria pertencimento, tu cria uma questão de amizade, de amor, de apreço por aquelas pessoas, de tipo, a gente tem que crescer junto, de meu, vamo dale, uhu, é isso, vamo dale que a gente tem que conseguir! Outra coisa que foi muito pontual não só nas ocupações aqui do RS mas em todas, que é uma coisa que a gente fala muito, que é da presença feminina na linha de frente. Das mulheres protagonizando o movimento, das mina indo pra cima, de macho ficar pra trás - desculpa falar macho aqui, sabe, de homem ficar pra trás, de quem levava a ocupação, a maioria era menina que frequentava, que sabe, de por exemplo, na nossa escola a gente teve vários casos de homens que eram - que eram não, que são machistas e que tiveram muita dificuldade. Porque a maioria das minas que tavam no movimento são minas feministas né. Ou minas que se descobriram feministas durante o movimento, teve muito, assim. Então, além de a gente ser mulher, da gente se unir, da gente ser feminista, a gente e unia e os homens ficavam pra trás, tipo, meu vamo lá, é as mina no poder. (3EF)

Dentro da ocupação eu digo hoje sem medo nenhum que eu era totalmente um ignorante, assim. Não só ignorante político, mas quando a *n* outros fatores, quanto a questão LGBT, quanto à questão racial, quanto à questão do machismo, muito trabalhado dentro das ocupações. Então tipo, lá dentro isso me interessava muito. (5EM)

E os homens que tiveram contato com o feminismo pela primeira vez, sabe, tem amigo meu que é de perifa, sabe, e tava lá e eu dizia, isso é machismo, tá mas e porque isso é machismo? Só deles perguntarem o porquê que aquela atitude deles era machista pra mim já era tipo 'ufa, obrigada'. Eles indagavam sabe, nossa, porque isso é machismo, porque isso é assim? Ah, eu não acho isso, machismo - pois é, mas quem fala o que é machismo ou não é a mulher né, porque ela é que sofre. Agora tu quer dizer o que é machismo ou não, ah tá, desculpa! (risos) (...) Então foi muito bom, foi maravilhoso.

O ato que levou centenas de jovens às ruas do centro de Porto Alegre, ainda que mobilizado a partir de entidades políticas, teve enorme adesão da população jovem feminina da cidade, e pautava o apoio às ocupações escolares, dentre outras questões políticas. Esse também pode ser considerado um efeito, ainda que não exclusivo da realidade escolar.

Sobre socialização e realidade escolar, houve uma clara diferenciação sobre como era antes das ocupações e o quanto foi significativo a experiência durante as ocupações. Apesar de inicialmente, logo após as ocupações, diversos alunos relataram casos de isolamento e discriminação para com os ocupantes, temos depoimentos que refletem os aspectos positivos conquistados, como união, superação de conflitos, negociação, e principalmente resquícios de espaços de socialização criados durante as ocupações. A demanda por esses espaços foi unânime, por parte dos jovens entrevistados.

E o lugar onde eu mais convivo com pessoas é lá, e o lugar onde mais me proíbem a convivência é lá também. Tu não pode - o tempo todo tem que tá ali sentado escrevendo, não pode conversar com os outros. O que eu acredito é esse espaço de convivência, assim, de tu criar o teu espaço, e tu conhecer o espaço do outro, de tu se relacionar com o outro, eu acho que isso é fundamental e a gente precisa muito. Como é que a gente vai evoluir como ser humano se a gente não se relaciona com os outros? E isso pra mim foi o que mais ficou forte na ocupação, bá, a gente precisa se relacionar! (2EM)

Considero essa fala um sinalizador, na medida em que expõe a necessidade desses espaços de socialização, e aponta para a ausência deles no cotidiano escolar. Não há como fazer emergir sujeitos plurais sem que se promova o reconhecimento dessa pluralidade e a negociação dessas diferenças. Precisamos construir a emancipação a partir de uma nova relação entre *o respeito da igualdade e o princípio do reconhecimento da diferença* (SANTOS, 2007, p. 62). Além disso, os diversos autores trazidos no primeiro capítulo abordam, sob diferentes perspectivas, a questão identitária, mas todos eles, cada um a sua maneira, afirmam que o exercício identitário é *relacional*. O que faz ver a relevância da necessidade relatada por 2EM.

Antes de abordar os elementos que permitiram analisar as experiências de aprendizagem vivenciadas pelos jovens nesse processo decorrente das ocupações, gostaria de destacar algumas falas que revelam algo que muito me intrigou, uma perspectiva realista, e com essa palavra me refiro ao que ousou afirmar como um abandono a uma perspectiva ingênua do funcionamento da instituição escolar, bem como algumas críticas bastante apropriadas para o contexto escolar atual. A primeira perspectiva é a de um estudante que analisa a conjuntura escolar e percebe



o caos que ainda habita a sua escola, e vê o quanto esse caos pode vir a ser benéfico para alguma possível transformação.

[...] tem que mudar a direção, tem que mudar um certo pensamento de alguns professores, tu vê que tem professores engajados lá, que ainda são minoria, mas que eram os professores que estavam nos apoiando, mas que são professores bem preocupados com os alunos e a gente meio que forçou alguns a puxarem essa sensação de pertencimento, e essa consciência dentro da escola. E isso de certa forma, por mais que algumas pessoas... - isso mexe naquela estrutura. Tanto que ela tá em caos até hoje. (...) Toda a estrutura escolar ali tá em caos até agora. Então tipo, nesse caos, dali vai sair alguma coisa ainda. Só que vai levar muito tempo. Muito tempo. (2EM)

E sob esse aspecto concordo com o jovem quando ele afirma que desse caos “vai sair alguma coisa ainda”. Sim, pode ser que não saia, pois é apenas uma possibilidade, ainda mais tendo em vista a quantidade de tensionamentos ainda em vigor no campo de luta escolar, mas o fato de o caos estar ainda pairando sobre a realidade escolar aponta para considerarmos ainda a perspectiva de uma ordem, não digo nova, mas talvez, com bastante esforço, uma ordem transformada tenha alguma chance de se estabelecer. E sobre a noção de que a mudança ainda leva tempo, vejo uma maturidade interessante que emerge, bem diferente da euforia inicial que efervesceu o movimento. Bem como a consciência da importância que o movimento teve para organização das juventudes porto alegrenses e o quanto é uma jornada de “formiguinha”, como afirma 7EF, é que podemos constatar também sob este outro aspecto, essa maturidade um pouco menos ingênua e mais realista:

É um método que tu tem de parar tudo e conseguir organizar a tua classe, sabe. Tendo ‘jovens’ como uma classe, é o único jeito que tu tem pra conseguir organizar isso. Se antes tinham três, quatro pessoas que era envolvidas mais na situação política da escola, hoje em dia tem... dez? Então é uma coisa de formiguinha, mas é o papel de formiguinha que vai. E daí fugindo desses dez, tem mais uns perdidos que tipo, tão consciente mas tipo ‘ah, não tenho saco pra ficar indo em reunião’. Daí tu não vê muito. Mas é mais um processo de organização da classe do que de fato de ‘vamos ocupar a escola hoje, vamos ficar dois meses aqui, e quando acabar a ocupação a escola vai ter mudado’.

No princípio do movimento, conforme não só as narrativas dos jovens mas também os discursos promovidos nas redes sociais e nas entrevistas concedidas às mídias, havia essa perspectiva de *mudança* da realidade escolar, que ao longo do

período de ocupação foi se modificando, na medida em que os jovens experienciavam as adversidades de sustentar um movimento desse porte, sentiam na pele os movimentos de oposição, as manobras de deslegitimação, as estratégias de intimidação e toda a força do sistema que opera imponente e hegemônico sobre as instituições públicas, sobre os meios de comunicação e sobre o funcionamento da sociedade. Essa experiência sim, acredito ter contribuído para os tornar sujeitos críticos. Por isso, muito mais do que a busca nos efeitos que as ocupações podem ter produzidos na realidade escolar, ao longo dessa pesquisa, e com a ajuda imprescindível dos jovens entrevistados, pude direcionar meu olhar aos efeitos que a ocupação produziu nos sujeitos que a experienciaram. E aqui retorno à premissa educativa em que esta pesquisa se pauta, pois se o processo *educativo* é

[...] um processo complexo e multideterminado em que um sujeito, por efeito ou com a ajuda de outrem ou de si mesmo, mediado ou não por recursos instrumentais, experimenta modificações da ordem da subjetividade e, em consequência, deixa de ser, pensar ou agir como vinha sendo, pensando e agindo e passa a ser, agir ou pensar de outra maneira (PEREIRA, 2016, p.1).

fica evidente e inegável que os jovens que viveram essa ocupação passaram por um intenso e potente processo de *aprendizagem*.

## **5.2 Aprendizados de uma juventude combativa**

Percebo, ao final desse processo de pesquisa, clareza de demandas por parte dos jovens estudantes de escolas estaduais de Porto Alegre. E nesse sentido, posso afirmar com tranquilidade a visível e plenamente aplicável perspectiva de juventudes de Dayrell e Carrano, quando afirmam que os jovens são sujeitos de experiências. A questão aqui que percebo como, se não inédita, incomum, é essa apropriação do social e reelaboração de práticas, valores e normas *no* território escolar. Nas ocupações escolares a dimensão identitária juvenil se expandiu, e essa expansão ameaçou o seu entorno, como, agora sim, comumente, jovens podem ser ameaçadores, com suas formas diferentes de ver o mundo, de se portar, de ressignificar valores, normas e padrões sociais. A clareza dos seus desejos e o reconhecimento de seus próprios saberes os tornou sujeitos cientes da potência de

suas experiências. E o que eu sinceramente me pergunto é o quanto estamos preparados para lidar com essa potência, ou ainda, qual a chance, tendo em vista o que é a instituição escolar, dessa potência tornar-se efetiva, realizável? Como, ainda em 2017 encontramos sobre nossos jovens “o manto da uniformização e homogeneidade que a categoria aluno encerra”? (CARRANO, 2008, p. 184)

Porque tu te conhece, tu conhece o outro, é uma época de validação, sabe, tu valida as coisas que tu pode fazer, tu pega um órgão, que é gerido por pessoas que ganham teoricamente bem, assim, né, um órgão que é gerido por pessoas que são formadas e tem altos doutorados e tu, considerado infantil ou criança, consegue coordenar ele e fazer autogestão, sabe? Tu faz sozinha! A escola - sério, a escola funcionava muito melhor na nossa gestão de estudante do que na gestão de professor! Tanto que na ocupação não entrava álcool! Voltou a escola não deu uma semana tinha aluno bêbado dentro da escola. Sabe? A gente aprende muito sobre nós mesmos, sobre como ouvir o outro, sobre como não desrespeitar o teu colega, sobre como cuidar o teu ambiente escolar, de que - merda, se tu pentear o teu cabelo na pia, vai entupir a pia. Depois tu vai ter que usar aquela pia pra alguma coisa, então não penteia o teu cabelo na pia, sabe! Tipo, sujou, limpa o teu prato. Porque não vai ter alguém pra limpar o teu prato, é tu que vai ter que limpar. Tu tem que lidar com coisa que é de âmbito estadual que tu nunca tinha que lidar sabe, tu tem que aprender a decifrar lei, tem que aprender a duvidar da pequena vírgula que tá lá na PEC, sabe, tu tem que aprender tudo. Tu tem que aprender argumentação, pra como que tu vai argumentar com um pai? Como é que tu vai falar com um pai que o que tu tá fazendo é bom, se ele só quer que o filho dele tenha aula? Tu tem que aprender, te vira, pinta, tua mãe não vai tá lá do teu lado, ‘ai, deixa eu te defender, filha’, não, sabe, é tu. Então tudo tu tem que aprender, foi absurdo, assim, desde a fazer assembleia até a aprender qual é o papel das entidades estudantis, que tu tem, por exemplo, no Brasil tá, a gente tem a Une, a Ubes, a Uges que é daqui do Rio Grande do Sul e a Umespa. São quatro entidades, assim, sabe. Pra que que elas servem? Eu tive que aprender! (3EF)

É notória a capacidade de análise da estudante sobre si própria, sobre a conjuntura, sobre a importância da apropriação do espaço escolar para ela e para os outros estudantes. Também percebe-se a ciência de que vive o que ela chama de *época de validação*. Resgato alguns conceitos apresentados no primeiro capítulo, para pensar, juntamente com a estudante 3EF sobre esse período de validação e a importância que a escola tem nesse processo. Nunner-Winkler aponta dois grandes aspectos que incidem na formação da identidade do sujeito contemporâneo, a profissão e as escolhas amorosas, e aponta para a transformação que esses

alicerces formativos sofrem com a modernidade tardia, na medida em que se pode revogar facilmente decisões que outrora eram tidas como constitutivas. Dois estudantes manifestaram-se sobre suas escolhas profissionais e a interferência que o processo de ocupação provocou nelas. Um afirmou que pretendia fazer Medicina, mas que após as ocupações gostaria de fazer Direito, História ou “alguma coisa da Área de Humanas”; outra jovem afirmou que pretendia fazer Direito e que sua decisão só havia se fortalecido com as experiências das ocupações. De alguma maneira podemos, não só através desses indicadores que se referem a decisões profissionais, mas também outros que provocaram mudanças de visão de mundo, podem ser constatados a partir dos relatos concedidos nas entrevistas. Mas ressalto aqui, que frequentar a escola, no Brasil, é também um elemento definitivo nessa *época de validação*. E me pergunto qual a proporção que frequentar o cenário escolar ao longo de pelo menos doze anos, sendo essa frequência obrigatória por lei, de maneira que não configura uma decisão como as outras duas consideradas como constitutivas para a formação de identidade do sujeito, pode ter sobre a formação identitária das nossas juventudes?

Pois *autonomia* significa a capacidade de dar a si mesmo as normas de comportamento e atuação. (FLICKINGER, 2011, p. 8) Flickinger também pondera que “[...] se o indivíduo se encontrasse numa situação solitária, sem referencial social, a questão pelas normas de comportamento não faria sentido nenhum.” (2011, p. 8). Porém se o referencial social é rígido, ou ainda, não produz sentido, como praticamente todos os jovens, de uma forma ou de outra, se reportam às normas de comportamento escolar, a capacidade de dar a si mesmo as normas de comportamento não é de fato pouco ou nada viável? Pelo menos não enquanto o aluno for visto como em estado de menoridade. Ressalto que, como já mencionado por Flickinger, é à educação que cabe o dever de assumir o desafio de auxiliar o educando a alcançar uma postura de reconhecimento social, e esse reconhecimento está diretamente vinculado à conquista de sua autoestima e autonomia individual. (2011, p.11).

E postulo que “o ato de reconhecer vê no outro também um indivíduo autônomo, ao qual se atribui a capacidade de reconhecer” (2011, p. 10). Dessa maneira, podemos refletir que autonomia e reconhecimento são conceitos que estão

necessariamente vinculados, e que é preciso do olhar do outro para que o sujeito possa legitimar-se. E então reflito: os alunos puderam exercitar a capacidade de dar normas de comportamento a si mesmos durante as ocupações, e encontraram, uns nos outros, este olhar que reconhece no outro também um indivíduo autônomo que possui a capacidade de reconhecer. E esse, ao meu ver, foi um dos elementos mais engrandecedores da experiência juvenil das ocupações. E me pergunto como seria possível que esse olhar pudesse existir não só ao *ocuparem* suas escolas, mas também ao *habitarem-nas*, cotidianamente? Pergunto a quem, nesse contexto escolar cotidiano, caberia este olhar que legitima?

E aqui retomo um aspecto que se tornou evidente sobre as demandas juvenis, “eles querem ser reconhecidos, querem visibilidade” (DAYRELL; CARRANO, 2014, p. 116). No primeiro capítulo trago essa visibilidade como algo perceptível não só em aspectos socioculturais, como aponta Dayrell, mas também sobre, por exemplo, o formato da sala de aula, em que os jovens estão posicionados, tal como espectadores. Aqui eu trago uma fala que considero significativa sobre esse aspecto.

No dia que a gente tava desocupando, foi numa quinta-feira, que nostalgia, a gente mudou todas as classes da escola de lugar, a gente fez tudo em U, todas, todas. Claro que a direção não deixou e a gente escreveu no quadro ‘cada um em sua singularidade ensina’. Então não é só o docente que tem lá 15 milhões de doutorados e não sei quantas especializações e manja lá das academias, que sabe as coisas. Tanto que a gente aprendeu muito mais um com o outro. Muito mais, então, não sei. Menos hierarquia, mais horizontalidade, talvez seria uma ótima educação. (3EF)

Considero essa ação de posicionar todas as classes da escola em formato de “U”, não só uma crítica, mas também um convite. Um convite a olhar estes estudantes como sujeitos capazes de exercer autonomia. Um convite também não só aos professores e gestores escolares, mas também a toda sociedade, para que deixem de ver os jovens como sujeitos incompletos, e sim como sujeitos de direitos e plenos, em suas diferenças. E sim, também são sujeitos em formação, assim como todos nós, na medida em que temos outorga para, a qualquer momento, redefinir nossas premissas constitutivas, revogar decisões, deixar de ser quem somos agora para seguirmos por diferentes caminhos. Aqui o conceito de democracia, segundo

Boaventura Santos, em que ele a define como a tarefa de “substituir relações de poder por relações de autoridade compartilhada” (2007, p. 62) se revela bastante pertinente, na medida em que propor esse reconhecimento é uma tentativa de estabelecer relações de poder diferentes das vigentes no cenário escolar, é clamar por sua potência autônoma, pelo compartilhamento da autoridade do professor em sala de aula, do gestor nas decisões que afetam a comunidade escolar, e em uma escala maior, dos políticos e suas propostas de políticas públicas para a educação. E como torna-se claro que este é “um trabalho democrático muito mais amplo o que se pensava até agora.” (2007, p. 62), e ousar acrescentar que muito mais profundo também. Perceber que não só as identidades juvenis, mas as nossas, dos adultos, educadores, pesquisadores, cidadãos da modernidade tardia, também são identidades em formação pode vir a ser libertador não só para eles, os jovens, como também para nós.

Além disso, o que considero um dos principais aprendizados narrados pelos jovens dizem respeito à questões da esfera política.

Tiveram várias razões políticas, mas pra te ser sincero o que me motivava não era nenhuma razão muito política, talvez uma razão um pouco mais filosófica, da questão de como se relacionar com as pessoas ali naquele espaço que a gente convive. De como modificar aquele sistema de ensino que é muito autoritário e a gente começar a pensar ele de uma forma mais humana. Da gente conviver mais, e buscar dali uma certa forma, uma outra forma de se organizar na sociedade. (2EM)

Então eu acabei aprendendo muito sobre toda essa questão de política, muita história eu aprendi assim, porque como que a gente chegou onde a gente chegou hoje, porque que tá nesse estado desde vários presidentes atrás, todo o sistema de política do Brasil, eu fui aprendendo muito. E muito bem. E hoje eu me considero, não totalmente politizado, porque tem muito ainda, muito, muito, mas eu aprendi bastante sobre política lá dentro. Por exemplo, no início do ano, eu pensava em fazer Medicina, eu entrei pras ocupações e hoje eu não quero mais Medicina. Eu quero alguma coisa da Área de Humanas, porque eu me descobri dentro da Área de Humanas lá dentro. Hoje eu já penso em fazer Direito, ou, como eu te comentei, Filosofia, Sociologia, história, até. Mas o que se aprende dentro das ocupações não tem, é totalmente diferente das outras coisas. (5EM)

Eu acho que a gurizada, muito a gurizada que tava ocupando no início, que continuaram ocupando e tudo, eles mesmo chegavam e diziam ‘bá eu nem sabia minimamente disso’ e tipo, foi um crescimento muito amplo no sentido de tipo ‘ô, o mundo não é da forma que eu penso, não

é da forma que eu vivo'. Tem de várias formas e são diferentes entende. E isso foi um crescimento gigantesco nos estudantes que participaram da ocupação, que viveram mais aquilo, tanto aprenderam a coletividade, que acho que foi o principal passo, quanto aprenderam muita coisa que tipo eles não sabiam. (6EM)

E daí a experiência política assim, que foi, pô, teve um amadurecimento incrível, que foi muito rápido também. A galera que tava mais envolvida mesmo, virou adulto em dois meses. (7EF)

Sei lá, eu aprendi tanta coisa na real. Não fiz balanço sobre tudo que eu aprendi, assim. Isso foi um grande avanço, e aprender muito... que daí é um rolê que tu não vai usar só por meio da política, mas dialogar, sabe. E não tipo, ganhar as coisas no grito. Ganhar as coisas no argumento. Que quanto mais de boas tu tiver falando, e quanto mais argumento tu tiver, mais tu vai ganhar. E isso a gente usava muito ali e usa. Eu uso ainda em momentos políticos, mas também em outros momentos, assim, lidar com professor que é pau no cu contigo em sala de aula, sabe. Entre outras coisas que são políticas pra mim, tu ser uma mulher e estar respirando hoje em dia é política. Pra mim tudo é política no mundo. (7EF)

A busca por um espaço de convivência dentro da escola, e até mesmo mudanças de decisões importantes como a profissão, puderam ser experienciadas a partir das ocupações. A aproximação a um olhar mais plural, a possibilidade de acessar diferentes perspectivas conforme relatado por 6EM, por exemplo, é de uma riqueza extraordinária, é a realização do que configura, afinal, o exercício de *aprender*. E sobre as falas da estudante 7EF, ressalto a mudança de visão sobre si, na medida em que ela considera a si e aos colegas agora, como sujeitos adultos. Além disso, o que ela descreve no último relato descrito acima, quando narra seu aprendizado sobre a importância de aprender a argumentar, de forma calma, sem “ganhar no grito”, vejo um lampejo do exercício de deixar de ver o outro como inimigo, mas passar a vê-lo como um adversário cuja existência é legítima e tem de ser tolerada. (MOUFFE, 2003, p. 15)

Resgato a questão da pluralidade e da democracia radical, conforme nos descreve Chantal Mouffe, quando afirma que o que se delineia como o projeto de democracia radical e plural seria admitir a existência de relações de poder e a necessidade de transformá-las, enquanto se renúncia à ilusão de que poderíamos nos livrar completamente do poder. Percebo no relato a seguir indícios dessa renúncia:

Porque tu não ocupa um espaço querendo mudar ele. Tu ocupa com a intenção de mudar ele, mas tu sabe que na prática tu não vai conseguir mudar ele, assim. É, coisa que a gente não sabia quando foi ocupar a escola, mas ok. Depois a gente aprendeu. (7EF)

Claro que, como a própria jovem pondera, o que estava posto desde o início do movimento secundarista era sim, o reconhecimento da existência de relações de poder e a necessidade de transformá-las. O que veio a ser conquistado a partir da experiência das ocupações foi a oportunidade de renunciar à ilusão de que podemos, nos livrar completamente do poder. O 'golpe' sofrido pelas entidades estudantis, que negociaram com as autoridades governamentais sem consulta às escolas, a força esmagadora da Brigada Militar em diversos momentos de repressão vividos ao longo dos quarenta dias de ocupação, principalmente no episódio de ocupação do prédio da Secretaria da Fazenda do RS, e o retorno às aulas, e o convívio com a estrutura escolar foram alguns dos elementos que certamente contribuíram para o progressivo diluir da ilusão de superar qualquer das diferentes formas de poder que as juventudes por ventura tenham tentado afrontar.

Ainda por fim, trago uma última questão para análise. Laclau fala que não se pode vislumbrar um cenário emancipado, estando na situação da qual se quer emancipar, pois a emancipação possui uma dimensão holística que não possibilita emancipar-se em determinado aspecto e não em outro (2011), ou seja, não se pode construir com uma racionalidade não emancipada, um pensamento ou uma ideia emancipada, pois as premissas que constituiriam tal ideia estariam pautadas inevitavelmente na forma não emancipada de se pensar. Pois foi incrível encontrar em uma das respostas sobre a escola ideal, exatamente o reconhecimento dessa incapacidade de se visualizar uma condição da qual, no caso, a estudante 3EF, ainda não se emancipou:

Difícil falar sobre escola ideal, porque tudo - sabe a escola que a gente tem hoje? Sabe ao contrário? É isso! (risos) Na escola que a gente tem hoje - eu prefiro falar do que tem do que do que não tem né, porque eu não tenho ideia do que seria uma escola ideal. Eu tenho ideia do que não funciona. (...) Porque hoje em dia a gente não ensina e nem aprende, às vezes, a gente é programado como uma maquininha, assim. Não sei, assim, é muito complicado pensar nisso porque quando tu cresce do mesmo jeito, tu pensar numa forma nova é louco, assim. (3EF)



Nem a estudante 3EF nem nenhum estudante que frequente a escola poderia se emancipar. Talvez, para além do que nos propõe Mouffe, de renunciarmos a ideia de superação de poder e sim encontrarmos formas de administrar esse poder de maneira a exercer uma democracia plural, talvez fosse útil, para pensar o campo da educação, a escola e as juventudes nela inseridas, abriremos mão da possibilidade de emancipação. Se não há como elaborar um pensamento que cogite a condição emancipada, estando ainda na condição da qual se quer emancipar, como poderíamos, filhos dessa escola, dessa antiga escola, vislumbrarmos uma condição para além dela? A mim muito custou compreender que não cabe mais falar em autoritarismo de professor, se a condição do professor hoje está amplamente desvalorizada, com seus salários parcelados, ou então se há professores que apoiam e instrumentalizam seus alunos, lhes dando o arbítrio de tomar suas próprias decisões? E nem tampouco por isso está em prática então a nova educação, porque, em paralelo, há um considerável número de professores que se opõe drasticamente ao movimento, e consideram os jovens incapazes e baderneiros. A mesma situação no que se refere aos gestores e aos políticos, evidentemente que com um número maior em uma posição de oposição aos propósitos das juventudes secundaristas, afinal estamos em um sistema que possui uma hegemonia real, em suas múltiplas esferas sociais. Ainda assim não se pode generalizar, pois há aqueles interessados em promover espaços de diálogo e de escuta e negociação para com as juventudes. E nem mesmo entre os próprios jovens houve consenso. O entendimento consensual é impossível, e reconhecer isso nos aproxima um pouco mais da complexa realidade da modernidade tardia. Talvez ao assumirmos essa impossibilidade, possamos nos abrir um pouco mais ao reconhecimento das diferenças, oportunizando que vejamos no outro não alguém a ser derrotado, mas um adversário legítimo. E a escola não é um campo isento, o currículo não há como ser neutro. E o que torna esse movimento extremamente relevante é que um dos projetos de lei a que os secundaristas se opunham consiste justamente na premissa de que deve haver uma neutralidade na sala de aula pública, conforme art. 1º. da PL 190:

Fica criado, no Estado do Rio Grande do Sul, o "Programa Escola sem Partido", no âmbito do ensino público ou privado, atendidos os seguintes princípios: I - neutralidade política, ideológica e religiosa do

Estado; II - pluralismo de ideias no ambiente escolar; III - liberdade de consciência e de crença; IV - reconhecimento da vulnerabilidade do educando como parte mais fraca na relação de aprendizado; V - educação e informação do estudante quanto aos direitos compreendidos em sua liberdade de consciência e de crença; VI - direito dos pais a que seus filhos menores recebam a educação moral que esteja de acordo com suas próprias convicções<sup>26</sup>.

Entendo que abordar cada um desses temas poderia gerar um uma outra dissertação e por isso me atenho a fazer constar as premissas do projeto de lei pelo qual as juventudes secundaristas ocuparam suas escolas, dentre, claro, todas as outras demandas já elencadas ao longo do trabalho. Destaco apenas o perigo que o anúncio de uma neutralidade política, ideológica e religiosa pode significar, quando pensamos que o direcionamento adequado seria justamente o reconhecimento das forças de poder, a afirmação das diferenças. E tal afirmação não é possível pautada sob uma falsa premissa de neutralidade. Mais uma vez aqui eu alerto para o quanto pode ser danoso ao exercício democrático se avançarmos em direção a uma pluralidade sem construir em paralelo a superação do antagonismo. Pois a diversidade encontra o conflito e se não estamos preparados para ver o outro como um adversário e o vemos como um inimigo e consideramos todos aqueles diferentes de nós como uma possível ameaça, que possível cenário poderia derivar disso? Conforme Mouffe,

Aceitar que apenas o hibridismo nos cria como identidades separadas pode contribuir para dissolver o potencial da violência que existe em cada construção de identidades coletivas e criar condições para um verdadeiro “pluralismo agonístico”. Tal pluralismo está ancorado no reconhecimento da multiplicidade de cada um e das posições contraditórias a que esta multiplicidade subjaz. Sua aceitação do outro não consiste meramente em tolerar as diferenças, mas em celebrá-las positivamente porque admite que, sem alteridade e o outro, nenhuma identidade poderia se afirmar. (MOUFFE, 2003, p. 19)

Além de que a visão de que o aluno visto como “a parte mais fraca na relação de aprendizado” retrocede de maneira incalculável no processo educacional que viemos, desde o Iluminismo, tentando avançar. Talvez o que devêssemos promover

---

<sup>26</sup> Projeto de Lei 190/2015, proposto por Deputado Marcel van Hattem, em tramitação em junho de 2016 na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. Disponível em: [http://www.al.rs.gov.br/legislativo/ExibeProposicao.aspx?SiglaTipo=PL&NroProposicao=190&AnoPr](http://www.al.rs.gov.br/legislativo/ExibeProposicao.aspx?SiglaTipo=PL&NroProposicao=190&AnoProposicao=2015&Origem=Dx)

hoje é a possibilidade de “consensos conflituais”. (MOUFFE, 2003, p. 17). E a instituição com chances de promover consensos conflituais, ou seja, espaços em que princípios ético-políticos constitutivos são premissas compartilhadas, mas que podem existir através de muitas interpretações diferentes e conflitantes (2003), há de ser a instituição escolar.

Para encerrar esse capítulo, trago uma fala dessa mesma estudante, que quando perguntada sobre o que ela aprendeu nas ocupações, ela responde: “Peraí, deixa eu pegar a lista (risos)” (3EF). Pois é com essa sensação que finalizo essa análise, com uma lista de possibilidades e de perguntas que essa dissertação não deu conta de abranger.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considero que tenha sido fundamental a intersecção entre as diferentes perspectivas, midiática, ida a campo e entrevistas, sobre o eixo central da pesquisa, as ocupações, para que pudesse melhor me acercar das dinâmicas e práticas que deram ao movimento as proporções por ele atingidas, e que me permitiram acessar suas diversas camadas, as formas de organização, as relações dos jovens dentro das escolas e entre a rede escolar estadual, a cultura e seus eventos como espaço de socialização na escola e a política, demarcando a relação dos jovens com o estado e com seus órgãos de representação. Olhar para o fenômeno sob estas três lentes norteadoras foi fundamental para compreender suas sobrepostas dimensões.

O indicador *organizações* serviu como norte para observar as formas de estabelecimento de normas internas, as relações entre os jovens e suas demandas e estratégias para administrar o ambiente escolar. O principal aspecto a se refletir a partir desse indicador consiste no exercício de autonomia desenvolvido pelos estudantes, como definiram e distribuíram tarefas, como organizaram a agenda para promoção de atividades formativas e culturais, como encontraram sua forma de criar espaços de diálogo e trazer temas que não se encontram no cotidiano escolar. Temas como questão de gênero, homossexualidade, machismo, racismo e outros tópicos que revelam a demanda dos jovens em ter um espaço para refletir sobre algo que já faz parte de suas realidades, mas ainda não da realidade escolar. Estas juventudes já são plurais, já são a própria diversidade, já conhecem e convivem com o diferente, o que eles estão demandando é um espaço para elaborar essas questões, para refletir crítica e cuidadosamente sobre elas. Torna-se visível a lacuna no território escolar para que se possa discutir questões que digam respeito ao universo dessas juventudes, que demonstraram plena capacidade de organização e de mobilização, realizando atividades diariamente, mantendo suas escolas organizadas ao longo dos quarenta dias de ocupação, realizando atividades formativas culturais e também recebendo a comunidade em suas escolas. Os relatos sobre longas assembleias apontam para o estabelecimento de uma arena de conflito como prática coletiva e do enfrentamento das diferenças a partir da negociação entre os jovens. Destaco a questão da decisão coletiva, a partir de acordo, diálogo e

negociação, do não uso de drogas e álcool dentro das escolas durante o período de ocupação. Conquista que, conforme os relatos, foi anulada a partir do momento em que as regras retornaram ao antigo *modus operandi*, e não mais operavam sob a premissa do compartilhamento de responsabilidades. Percebo como alarmante o processo de exclusão e perseguição, narrado pelos jovens protagonistas das ocupações, após a normalização da rotina escolar, acredito que esse fato possa ser um indicador da lógica antagônica que opera as práticas e os cotidianos escolares.

O indicador *cultura* serviu principalmente para observar as ações dos jovens no que diz respeito às formas de socializar. Optei por destacar essa socialização em duas instâncias. A primeira estabelece um tempo-espço de convívio, conforme muitos dos jovens relataram, proporcionando uma experiência compartilhada, mediada por diferentes linguagens artísticas. Tenham sido elas um show musical, um festival cultural, grafite, peças de teatro, saraus de poesia, enfim, o encontro e o convívio eram as principais circunstâncias oportunizadas. A segunda consistiu em um meio de estabelecer relação com a sociedade civil, tornando os eventos culturais uma ponte para receber a comunidade escolar e mostrar como os alunos estavam se organizando, comprovando sua eficiência em gerir o espaço escolar e em realizar atividades produtivas e interessantes em suas escolas. O que se pode considerar aqui é também o aspecto já característico das juventudes, que é o uso de meios culturais como socialização, mas o que se revela é a necessidade de espaços de diálogo, de convívio, de socialização, de escuta e atenção à realidade do jovem *no* território escolar. Ocupar é preencher um espaço-tempo, e essa lacuna foi trazida à tona pelos estudantes, cujo interesse é habitar sua escola, fazer parte dela como partícipe, como um sujeito agente de uma realidade escolar que lhe diz respeito, que lhe pertence e que o constitui como sujeito social.

A coragem e a audácia foram aspectos característicos das ações juvenis na ocupação de suas escolas, enfrentando vários tipos de pressão, mas também resultando em alterações concretas na realidade escolar a partir de suas demandas, dentre elas o recebimento das verbas devidas às suas escolas e a negociação da não criminalização dos jovens. Além de outras de características mais subjetivas, como, por exemplo, os efeitos traumáticos, decorrentes das ações enfrentativas, relatados pelos jovens, que não podem ser desconsiderados e evidenciaram o

despreparo e a inconsequência de decisões tomadas pelos coletivos juvenis. Esses dois aspectos representam a impulsividade juvenil e a arriscada incerteza de seus resultados.

O terceiro e mais complexo aspecto que guiou a pesquisa consistiu na observação de posicionamentos, ações e reivindicações políticas por parte dos jovens durante as ocupações. Foram incontáveis as variáveis desse aspecto, como pôde evidenciar-se no terceiro capítulo. O que considero mais relevante foi o aprendizado que a cisão ocorrida no movimento estudantil ao longo das ocupações gerou, oportunizando o amadurecimento dos jovens e uma situação de reconhecimento do outro, nesse caso, os jovens do Comitê Estudantil Independente e os secundaristas representados pelas entidades estudantis, entre outras chances de deslocamento. Pude perceber, em diversas falas dos jovens, bem como em alguns momentos que pude presenciar, uma disponibilidade à negociação, e, apesar de momentos tensos e muitas situações conflituosas, um esforço em compreender os sentidos do outro. Considero perceptível uma inclinação, uma predisposição por parte dos jovens com quem dialoguei nas entrevistas, a alçar-se para além da perspectiva dicotômica que ainda nos segura na modernidade.

Quanto aos efeitos que as ocupações produziram na realidade escolar, é possível analisar aqueles detectáveis a curto prazo, e sob o filtro da experiência dos jovens entrevistados. Por isso, percebo como evidente e considero efeitos relevantes aqueles que digam mais respeito aos aprendizados dos jovens. Destaco a importância da sensação de pertencimento que as ocupações provocaram nos jovens durante o período que ocuparam suas escolas e o quanto isso produziu sentido para eles, o quanto sua presença na escola deixou de ser como de espectadores e passou a ser de outra maneira, de uma maneira agregadora, que valoriza a relação dos jovens com a escola, embora os relatos revelem que os jovens ainda, mas já, se encontram como expectadores de uma escola em que possam ser protagonistas do seu aprendizado.

O despertar político que as ocupações provocaram não pode ser mensurado, mas, com certeza, é um grande marco para essa geração, que se descobre habitando e administrando sua escola, agendando e selecionando eventos culturais e atividades formativas para compor a agenda escolar, e negociando com

representações políticas a votação ou não de projetos de lei que dizem respeito às suas realidades escolares. A coletividade, a rede que se construiu entre as escolas é algo que ampliou seus contatos de maneira estratosférica, o poder de mobilização conquistado ainda há de nos revelar seus efeitos. Ações pensadas e realizadas em direção a priorizar o bem comum apareceram como elemento destacado na fala dos jovens, a propensão à inclusão do outro, manifestada no movimento secundarista durante as ocupações é também um relevante sinalizador de suas demandas.

O conflito entre as escolas associadas a entidades políticas ou institucionais e escolas independentes evidencia a questão da representabilidade e as falhas sistêmicas e históricas que ainda estão vigentes no atual sistema político. A manifesta insatisfação em relação a uma representação que desautoriza os seus representados pode ser considerada mais uma lacuna revelada pelo movimento secundarista.

Além disso, houve alguns pontos de virada na minha perspectiva como pesquisadora que gostaria de destacar aqui. Como apontado no primeiro capítulo, há uma possibilidade de discrepância entre como um sujeito percebe a si mesmo e como um observador pode vir a percebê-lo. Pois bem, procurei ao longo do trabalho de dissertação operar com essa premissa, em diferentes escalas. Inicialmente, traçando um panorama externo sobre o objeto de pesquisa, as ocupações escolares. Esse panorama externo constituiu-se de duas perspectivas, a primeira mais panorâmica, e que representa também uma visão não só mais distante, mas também uma visão mais próxima do que seria uma visão hegemônica, visto que consistiu em matérias jornalísticas, cujo direcionamento é prévio, consciente e coordenado por editoriais. O que me permitiu operar foi a escolha desses editoriais, em busca de uma amostragem ampla, mas também procurando escapar da construção de um quadro polarizado, visto que o trabalho foi regido pela procura de formas de superação de uma visão antagonista dos conflitos. A segunda perspectiva externa constituiu-se a partir das observações feitas em campo, ou seja, idas às escolas ocupadas, aos eventos culturais e às manifestações políticas de rua. Esta segunda perspectiva me permitiu interessantes descobertas. A primeira delas foi perceber a coordenação de algumas atividades, divulgadas como atividades secundaristas, por pessoas associadas a entidades políticas e não secundaristas.

Não tardou para que os próprios jovens fizessem essa descoberta, o que desenrolou um desfecho conturbado ao movimento. E não faço aqui um julgamento sobre tal interferência, no sentido de ser boa ou ruim para o movimento, mas sim destaco o quanto foi importante para que me permitisse ter um olhar mais aguçado, e principalmente, menos polarizado. O senso comum nos leva a pensar que os jovens são muito novos e não sabem discernir, ou se projeta uma imagem sobre eles, como protagonistas de um futuro melhor, como a juventude heróica e como eles mesmo se denominavam, *combativa*. A primeira alternativa era a mais comum, mas no meu caso parti da segunda opção. No episódio em que percebi a presença de jovens não secundaristas ocupando espaços em assembleias me fez criar uma desconfiança na participação de entidades estudantis e políticas. E eis que chegamos à terceira perspectiva abordada no trabalho, a perspectiva dos próprios jovens, dos sete jovens que se dispuseram a conceder entrevista para esta pesquisa e compartilhar suas impressões, suas visões, sensações e expectativas em relação ao movimento de ocupações em suas escolas.

Quando conversei com uma jovem secundarista associada a entidades políticas, me ocorreu a segunda guinada de perspectiva. Narrando sobre o episódio da ocupação da Assembleia Legislativa, e o desfecho das ocupações em seguida, após a ocupação do prédio da Secretaria da Fazenda, em um dado momento da entrevista, ela diz que *eles precisavam de uma vitória*. Ela explica que a razão para terem negociado sem mais delongas e fechado o acordo com conquistas relativamente simbólicas, é que eles não poderiam sair sem nenhum acordo, não poderiam sair derrotados.

E é nesse ponto que percebo a importância da dimensão da representação, do quanto tenha sido mais importante do que terem ido às últimas consequências e corrido o risco de saírem sem conquistas. A *ideia* de que saíram vitoriosos talvez tenha sido de mais valor do que a vitória em si. Percebo o quanto esta pesquisa ajudou-me a compreender de forma mais palpável a complexidade desse terreno precário e sempre vulnerável de que nos fala Mouffe. Então encontramos ao mesmo tempo, nesses jovens, ingenuidade e coragem, combatividade e fracasso. Entre as expectativas que eles tinham e o alcance real de transformação política e social havia um pequeno abismo, um abismo que seus professores não haviam chegado



tão longe na tarefa de o superar.

Considero que o raciocínio bipolar que define os sujeitos, sejam eles estudantes, professores ou políticos, entre amigo ou inimigo, nos distancia de compreender a realidade. Principalmente enquanto não atingirmos a maturidade social de ver o outro como adversário e não como inimigo. Quando conseguirmos atingir esse nível de superação do antagonismo, será possível acessarmos o ponto de vista do outro, e assim poderemos ir preenchendo o campo, o quadro, o cenário em que estamos inseridos. Vamos considerar que a *verdade* é o todo, a totalidade, e o que nos limita de nos aproximarmos dela é que estamos restritos à nossa perspectiva, e se consideramos o outro adversário, podemos procurar compreender sua perspectiva, e assim, teremos chance de nos afastarmos, pouco a pouco, da mentira, que é o engano de considerar a parte como o todo. Somando perspectivas, temos um panorama mais próximo da realidade abrangente.

Percebo que caminhar em busca do reconhecimento das diferenças, como nos aponta Boaventura Santos, ou ainda, ir em direção a uma democracia plural como enuncia Mouffe, é reconhecer as inúmeras singularidades como partes de um todo e aceitar que para formarmos o todo precisamos dessas outras partes, complementares, diferentes de nós e sempre potencialmente conflitantes.

## REFERÊNCIAS

ALFONSIN, Jacques Távora. Ocupar, resistir, produzir: estudantes dão aula de cidadania. **Sul 21**, Porto Alegre, 24 maio 2016. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/ocupar-resistir-produzir-estudantes-dao-aula-de-cidadania-por-jacques-tavora-alfonsin/>>. Acesso em: 18 set. 2016.

ALUNOS expõem situação precária de escolas estaduais ocupados no RS. **G1**, Porto Alegre, 16 maio 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/05/alunos-expoem-situacao-precaria-de-escolas-estaduais-ocupadas-no-rs.html>>. Acesso em: 19 set. 2016.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO RIO GRANDE DO SUL. **Projeto de Lei 190/2015**. Proponente: Marcel van Hattem. Ementa: Institui, no âmbito do sistema estadual de ensino, o "Programa Escola sem Partido". Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/legislativo/ExibeProposicao.aspx?SiglaTipo=PL&NroProposicao=190&AnoProposicao=2015&Origem=Dx>>. Acesso em: 19 set. 2016.

BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BORBA, Bibiana. Dezenas de escolas ocupadas por alunos no Rio Grande do Sul. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 17 maio 2016. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/noticias/?noticia=587322>>. Acesso em: 18 set. 2016.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm)>. Acesso em: 19 set. 2016.

CARRANO, Paulo. Identidades culturais juvenis e escolas: arenas de conflitos e possibilidades. In: MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria (orgs.). **Multiculturalismo: Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 182- 211.

CHARLOT, B. A Pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. **Revista Brasileira de Educação**, v.11, n.31, p.7-18, jan.-abr. 2006.

CPERS repudia fala de Sartori sobre uso político de estudantes: 'extremamente leviano'. **Sul 21**, Porto Alegre, 07 jun. 2016. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/cpers-repudia-fala-de-sartori-sobre-uso-politico-de-estudantes-extremamente-leviano/>>. Acesso em: 26 set. 2016.

CRÍTICA. In: HOUAISS, Antônio. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. p. 210.

CRÍTICO. In: HOUAISS, Antônio. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. p. 210.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo (org.). Juventude e Ensino Médio: quem é este aluno que chega à escola. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (orgs.). **Juventude e ensino médio**: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

DIESEL, Camila. Estudantes ocupam colégio Protásio Alves, na Capital. **Rádio Guaíba**, Porto Alegre, 15 maio 2016. Disponível em: <<http://www.radioguaiba.com.br/noticia/estudantes-ocupam-colegio-protasio-alves-na-capital/>>. Acesso em: 19 ago. 2016.

DUTRA, Vinícius. Governo promete restabelecer diálogo mediante a desocupação de escolas. **Editorial J**, Porto Alegre, 10 jun. 2016. Laboratório de jornalismo da Famecos/PUCRS. Disponível em: <<http://www.editorialj.eusoufamecos.net/site/acontece/governo-promete-restabelecer-dialogo-mediante-a-desocupacao-de-escolas-na-segunda-feira/>>. Acesso em: 19 set. 2016.

ESTADO anuncia repasse de R\$ 40 milhões para investimentos em escolas. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 29 jun. 2016. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/noticias/?noticia=591218>>. Acesso em: 02 out. 2016.

ESTUDANTES ocupam prédio da Secretaria da Fazenda do RS. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 15 jun. 2016. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/noticias/?noticia=589872>>. Acesso em: 01 out. 2016.

FLICKINGER, Hans-Georg. Autonomia e reconhecimento: dois conceitos-chave na formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 1, p. 7-12, jan.-abr., 2011.

FOGLIATTO, Débora. Estudantes aceitam nova proposta do governo Sartori e prometem desocupar escolas. **Sul 21**, Porto Alegre, 14 jun. 2016a. Disponível em <<http://www.sul21.com.br/jornal/estudantes-aceitam-nova-proposta-do-governo-sartori-e-prometem-desocupar-escolas/>>. Acesso em 01 out. 2016.

\_\_\_\_\_. Estudantes ocupam Assembleia Legislativa pedindo retirada de projetos. **Sul 21**, Porto Alegre, 13 jun. 2016b. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/estudantes-ocupam-assembleia-legislativa-pedindo-retirada-de-projetos/>>. Acesso em: 01 out. 2016.

\_\_\_\_\_. Estudantes prometem passar a noite na AL e devem se reunir com presidente pela manhã. **Sul 21**, Porto Alegre, 13 jun. 2016c. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/estudantes-prometem-passar-a-noite-na-al-e-devem>>

-se-reunir-com-presidente-pela-manha/>. Acesso em: 01 out. 2016.

\_\_\_\_\_. Secundaristas contam como é a vida nas ocupações e o que os move: 'estamos amadurecendo'. **Sul 21**, Porto Alegre, 30 maio 2016d. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/secundaristas-contam-como-e-a-vida-nas-ocupacoes-s-e-o-que-os-move-estamos-amadurecendo/>>. Acesso em: 19 set. 2016.

GOFFMAN, E. **Manicômios, Prisões e Conventos**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

GOMES, Luís Eduardo. Estudantes exigem reunião com Sartori pra desocupar AL: "Ele não pode mais nos ignorar". **Sul 21**, Porto Alegre, 14 jun. 2016a. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/estudantes-exigem-reuniao-com-sartori-pra-desocupar-al-ele-nao-pode-mais-nos-ignorar/>>. Acesso em: 01 out. 2016.

\_\_\_\_\_. Saída do Julinho marca fim das ocupações do Estado: 'outra escola vai surgir'. **Sul 21**, Porto Alegre, 23 jun. 2016b. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/saida-do-julinho-marca-fim-das-ocupacoes-no-estado-outra-escola-vai-surgir/>>. Acesso em: 01 out. 2016.

GOVERNO DO RS fecha acordo com estudantes para desocupar escolas. **G1**, Porto Alegre, 14 jun. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/06/governo-do-rs-fecha-acordo-com-estudantes-para-desocupar-escolas.html>>. Acesso em: 01 out. 2016.

GREVE dos professores no RS chega ao 2º dia com escolas ocupadas. **G1**, Porto Alegre, 17 maio 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/05/greve-dos-professores-no-rs-chega-ao-2-dia-com-escolas-ocupadas.html>>. Acesso em: 19 set. 2016.

HIRANO, Jonathan. PGE mapeia escolas ocupadas para auxiliar na solução de impasse entre estudantes. **Procuradoria-Geral do Estado**, Porto Alegre, 02 jun. 2016. Disponível em: <<http://www.rs.gov.br/conteudo/240232/pge-mapeia-escolas-ocupadas-para-auxiliar-na-solucao-de-impasse-entre-estudantes>>. Acesso em: 25 set. 2016.

LACLAU, Ernesto. **Emancipação e diferença**. Rio de Janeiro: UERJ, 2011.

MOUFFE, Chantal. Cidadania, democracia e a questão do pluralismo. **Política & Sociedade**, Florianópolis, n. 3, p.11-26, out. 2003.

NUNNER-WINKLER, Gertrud. Formação da identidade em tempos de mudanças velozes e multiplicidade normativa. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 1, p. 56-64, jan.-abr. 2011.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

PEREIRA, Marcos Villela. Educação de qualidade: perspectivas e desafios. In: BONHEMBERGER, Marcelo; MENTGES, Manuir (orgs.). **Educação marista**:

perspectivas e desafios. São Paulo: FTD, 2016. v. 1, p. 117-133.

RUWER, Gustavo. 2º Ato das escolas ocupadas de Porto Alegre. **Ocupa Mídia**, Porto Alegre, 10 jun. 2016. Disponível em: <<https://medium.com/@ocupa.midia/2-ato-das-escolas-ocupadas-de-porto-alegre-c5863c579eb7#.2d88wk994>>. Acesso em: 29 set. 2016.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

UHR, Felipe. Número de escolas ocupadas dobra em 24 horas. **Jornal Já**, Porto Alegre, 18 maio 2016. Disponível em: <<http://www.jornalja.com.br/numero-de-escolas-ocupadas-dobra-em-24-horas/>>. Acesso em: 18 set. 2016.

VARGAS, Bruna. Após 41 dias, ocupações em escolas do Estado se encerram nesta quinta-feira. **Zero Hora**, Porto Alegre, 23 jun. 2016. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/noticia/2016/06/apos-41-dias-ocupacoes-em-escolas-do-estado-se-encerram-nesta-quinta-feira-6148358.html>>. Acesso em: 01 out. 2016.

WELLER, Wivian. Jovens no Ensino Médio: projetos de vida e perspectivas de futuro. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (orgs.). **Juventude e ensino médio**: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

## **APÊNDICE – ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA**

## ENTREVISTA 1EF<sup>27</sup>

*1EF, primeiro vou te perguntar um pouco sobre as ocupações.*

Tudo bem.

*Inicialmente, como tu te envolveu nas ocupações?*

É, então, eu sou do grêmio da escola há três anos. A gente fez um movimento muito forte, assim secundarista pra formar o grêmio na escola, porque era uma escola que fazia mais de 15 anos que não tinha grêmio, tinha uma direção muito autoritária, então foi todo um movimento, já tinha muita gente engajada, né, e a gente sempre tinha a tradição de fazer ato de rua, sobre... relacionado à educação, coisas assim nesse sentido. E ano passado a gente teve vários problemas na escola, né, que teve problemas de segurança, a gente teve um colega que foi esfaqueado em frente à escola, porque não tem iluminação, porque não tem policiamento, vários fatores, e a gente começou a partir dali um movimento muito forte. A gente teve um dia de paralisação no dia depois que teve esse episódio, a gente teve atos todos os dias, começamos a fazer comissão de alunos por turno, pra colocar os problemas da escola.

Nesse início de ano a gente fez um ato inicial em defesa da educação pública, porque teve um corte de 30% do governo, da educação aqui do estado e a gente sempre teve o costume de ter contato com as escolas próximas, seja grêmio, seja através de alunos, porque tem muitas escolas que não têm grêmio, né, então quando tem grêmio é mais fácil o contato, pede pra falar com o grêmio, geralmente alguém, enfim, encaminha a gente ou vai nas escolas próximas e sempre tem alguém que toma a frente, alguém que tá ali, geralmente líder de turma ou relacionado a isso. E a gente já vinha conversando muito, sempre fazendo debate, nacionalmente, estadualmente, sobre como é que está a educação, outros vários fatores.

E saiu um ofício do governo do estado e da Secretaria de Educação proibindo alunos de fazerem qualquer ato público, e encaminhou pra todas as direções de escola, dizendo que os alunos não poderiam sair mais cedo se não tivesse professor. Por exemplo, eu vou na aula de 6 períodos e tenho 1 eu tenho que ficar até o último período, não posso sair antes pra evitar ter ato de rua. E nas escolas da periferia, mesmo tendo toque de recolher no bairro, não poderia os alunos saírem antes. E a gente recebeu, tipo, não foi todas as escolas, mas escolas que tem grêmios mais ativos, escolas mais centrais, que é muito difícil ter um ato que seja descentralizado, né, então aqui a gente recebeu - a direção da escola veio falar com a gente, dizendo que quando foram entregar o documento na nossa escola reclamaram muito do grêmio, dizendo que a gente fazia muito ato, que grêmio não era pra isso, que não sei o quê, que a gente não poderia fazer, que queriam a lista dos alunos que eram do grêmio, coisas nesse sentido. E a gente fez uma reunião, daí na segunda-feira com grêmios aqui das escolas próximas, e todas essas escolas tinham recebido esse ofício também, né.

*Quando, mais ou menos, foi isso?*

Foi uma semana antes das ocupações. Porque foi uma coisa bem de imediato, assim, daí a gente começou a conversar e, tipo assim, eu sei lá, tô envolvida no movimento secundarista há quatro anos. Tem pessoas que tão há mais tempo, mas a gente já fez ato de rua, teve greve dos professores que a gente sempre apoia, faz greve estudantil na escola, todo ano a gente tem já o costume de fazer

---

<sup>27</sup> Sempre que os estudantes, durante a entrevista, nomeavam sua escola, o nome foi substituído pela expressão "minha escola", ou semelhante, ou apenas suprimido. As letras x e y também se aplicam para a mesma função. Falas que continham informações pessoais foram editadas e não constam neste material. A transcrição das entrevistas manteve a linguagem de fala dos entrevistados.

greve estudantil mesmo os professores que dão aula, os alunos não vem em apoio aos que fazem greve, então várias escolas já têm algumas mobilizações nesse sentido.

E tudo que a gente tava fazendo, a gente nunca era ouvido né, tipo a gente mandava sei lá, cansei de ir na SEC, levar ofícios pelo grêmio da escola - olha, a gente tá sem mesa, a gente tá sem cadeira, a gente tá com isso, a gente tá sem esses professores, e nunca respondem porque a gente é aluno, né? Geralmente respondem só quando é direção, quando tem enfim, alguém a nível superior assim, da gente, né?

Então a gente começou a conversar sobre as ocupações a partir disso, tipo que a gente vai fazer agora, já que não adianta trancar rua, não adianta ir pra frente da SEC, não adianta levar nada que eles não vão nos responder. E como teve a ocupação de São Paulo e foi muito forte, mais de duzentas escolas, conseguiram derrubar um projeto do governo, o que é muito difícil, há, SP é uma cidade muito grande, é um estado muito grande, e tinha - e o governador, tipo tava nem aí pra ninguém, os professores fizeram uma greve de 90 dias que não teve resultado nenhum, tipo paralisaram 3 meses e não conseguiram nenhum benefício e ocupando escola conseguiram barrar um projeto que era prioridade pro governo, então a gente pensou, tá na hora da gente radicalizar, alguma coisa a gente vai ter que fazer, tipo o negócio de SP, né. Já tinha acontecido em alguns estados, RJ, Goiás teve ocupação, a gente falou, agora é a hora do RS. E a gente fez essa reunião, e uma semana depois a gente já ocupou, foi tipo uma coisa muito rápida.

*E a minha próxima pergunta é: Por que as ocupações aconteceram, na tua visão? Acho que tu já tá me respondendo um pouco dela, mas se tu achas que teve algum grande estopim, por exemplo, SP teve essa questão bem específica do realocamento de alunos, esse projeto era uma questão bem pontual. Aqui a sensação que eu tenho é que não teve uma questão que centralizou, que mobilizou as ocupações... O que tu achas?*

É, além de toda essa questão do que a gente faz e... porque Porto Alegre é uma cidade, assim, que é destaque no Brasil, porque é uma cidade onde tem Fórum Social Mundial, onde se tu falar que vai cortar uma árvore tem 30 pessoas em cima da árvore no outro dia, é uma cidade que já tem um caráter de mobilização, foi onde começou a jornada de junho, por exemplo. Mas para além disso, a gente tinha - tem dois projetos que ainda estão tramitando na assembleia, e também no próprio executivo, que impulsionou muito as ocupações. Para além de todo esse corte de verbas que se teve, que é o projeto que é do governo do estado do Sartori, que é um projeto de privatização, não de privatização só da educação, mas de diversos setores, saúde, segurança, mas nas escolas pegou muito, e tem muito, esse projeto - a gente diz que esse novo projeto de reforma do ensino médio é uma continuidade de um projeto que iniciou aqui, né, porque ele tem a ideia principal do projeto é tirar a responsabilidade do governo do estado sobre as escolas estaduais e sobre a educação pública, é tu colocar uma empresa e ela ser responsável por tudo da escola, tipo, reforma, qualquer coisa. Tu tira a responsabilidade do governo e ela tende a ser daqui a pouco, em algumas medidas, em algumas escolas poderia ser cobrado, tipo, por mais que seja uma escola, uma instituição do governo, ser cobrado uma mensalidade, não uma mensalidade de uma escola privada, mas uma mensalidade, alguma taxa tu vai ter que pagar. E a gente já paga tipo dinheiro que o governo tem é nosso, é um dinheiro que a gente dá, e tinha muito esse medo que as escolas da rede estadual, daqui, por exemplo, iam ser privatizadas, mas as escolas tipo assim, do interior e de alguns locais e que tem difícil acesso, principalmente as escolas do campo, iam ser fechadas. No projeto tem que algumas cidades que são mais longe daqui, tipo seis, sete, oito horas, e que a galera tb ocupou, nesse projeto tava que as escolas iam ser fechadas e essas escolas geralmente abrangem de 5 a 6 cidades. E não ia ter mais as escolas do campo. Porque ela tem um método muito diferente das escolas daqui, que são mais próximas da região metropolitana, capital. É um método diferente porque são escolas do campo, o método em geral é diferente, então elas iam ser fechadas. Por isso que teve uma grande porcentagem das escolas que não foi ocupada de Porto Alegre nem da região metropolitana, foi o interior mesmo, porque essa PL queria fechar as escolas, algumas, e privatizar essas. E também, o outro projeto que é



do deputado van Hattem, que apresentou aqui no estado mas cada estado e cada município tem lá quem tá apresentando, é a do Escola Sem Partido, né, que é todo um debate difícil de fazer, porque o nome do projeto pro senso comum é tipo ok, não queremos partido, mas o debate não é esse, ninguém vai colocar tipo 'ah sou do partido A, vou colocar uma bandeira do partido na frente da escola', não. É que o problema é que esse projeto tira vários debates, que é sobre sexualidade, religião e política. E a gente acha que o geral das pessoas, a formação da pessoa como indivíduo, como cidadã, se dá muito na escola, no tempo que fica na escola, eu fico mais tempo na escola do que em casa, tipo eu vejo mais meus colegas professores do que a minha mãe. Então as pessoas acabam se formando pelo que elas veem na escola, pelo que elas debatem, e por exemplo, sexualidade, grande parte dos jovens, isso é um dado, tipo não é uma coisa que a gente tá falando, os doutrinadores das escolas, não, é um dado que muitas pessoas não falam sobre sexualidade com seus pais, tudo que aprendem, não aprendem com seus pais. Diversas pessoas geralmente tem a sua primeira aula de sexualidade, sei lá, no ensino fundamental, quando começam a falar sobre prevenção de gravidez, sobre doenças, sobre coisas que a gente nem liga, - ah, uma palestra chata, mas muita gente pega informação através delas, porque não consegue ter esse debate com os pais, principalmente quando é tipo com homens, as pessoas não conseguem ter esse tipo de debate.

E falar sobre religião, tipo, é uma coisa bizarra, porque nesse novo projeto querem tirar matérias como História, que não é uma doutrinação conhecer a história do teu país, história do mundo, história do teu município, do estado onde tu mora, não é uma doutrinação. Mas a religião segue sendo uma matéria importante, segue sendo uma matéria prioridade pro governo, seja do estado, seja nacional. E o país era pra ser laico, né, na teoria é, na prática não, mas são debates que tu debater religião de diversas formas não é necessariamente tu tá ali 'minha religião', ou não ter religião, enfim.

E a própria questão da política, né, porque hoje as pessoas acham e têm muito descrédito da política em geral, em relação a partidos e a governos, mas a política, ela é muito mais do que isso. É muito mais do que eu ser ou não de um partido, eu ser ou não de um coletivo. A política é o geral das coisas, quando a gente reclama que a passagem tá cara, é política. Aumentou porque tem um governo que a prioridade não é ter um passe digno pras pessoas e um passe livre pros estudantes, é das empresas que tão financiando esses partidos pra que eles continuem tendo essa prática, então o geral das coisas envolve a política. A gente não acha que isso seja uma doutrinação da esquerda ou uma doutrinação de partidos e é isso que os mais conservadores usam, né, tipo 'uma doutrinação, os comunistas das escolas', não é, entendeu, ninguém aprende isso, que bom que seria se aprendesse (risos), mas não aprendem.

Então tipo, a gente começou a ver que esses projetos, eles iam muito na contramão do que a gente queria, né. E por falar nisso, hoje a gente tem um grande problema nas escolas e vai muito dependendo dos estados, mas é que aqui o estado é muito conservador, pela própria tradição gaúcha, coisas enfim, de achar que a gente tá no feudalismo em algumas cidades, mas tipo aqui em Porto Alegre não tanto porque é capital, sempre é mais desenvolvida, mas a gente - hoje a gente não tem nenhum espaço, assim, pra debater o que vai ser a escola. Porque eu penso, bá, eu estudo na minha escola há 4 anos, e sempre fui do grêmio, e nunca que a coordenação pedagógica perguntou pra nós 'que que vocês querem debater esse ano?', 'que que vocês querem aprender?', tipo a gente tem um método de ensino muito muito ultrapassado, e não é à toa, todos os países tão provando que o método do Brasil é péssimo, não é à toa que as escolas - ninguém é aprovado no ENEM através das escolas públicas, por isso, entendeu? Esse método de copia, copia, quadro, aluno, cadeira, professor, sabe, é um método que já foi ultrapassado, outros países tão nos falando, as próprias pessoas tão nos falando, tipo, não é um método que - a maioria das pessoas vai pra escola porque os professores obrigam, ou porque precisam da frequência pra ter o estágio, essa é a realidade. É porque tu tem que ir porque senão o conselho tutelar vai bater na tua portinha e perguntar porque que a tua mãe não tá te mandando pra escola, ou porque tu precisa trabalhar e aí vai muito na contramão desse novo projeto porque o ensino integral - hoje em dia o ensino médio trabalha, eu trabalhei meu ensino médio inteiro, sigo trabalhando, então tipo assim, eu não teria condições de fazer o ensino médio se eu não trabalhasse, isso é uma realidade. A gente não tem, num país como o Brasil, onde as pessoas

começam a trabalhar com 15, 16 anos, como fazer obrigatoriamente as pessoas estudarem mais de 7 horas por dia porque é uma questão de prioridades, né, as pessoas priorizam, é por isso que tem - claro que a evasão escolar tem vários elementos, mas um deles é das pessoas começarem a trabalhar, terem que escolher entre a escola e o seu sustento.

Então a gente começou a debater que esses projetos de lei que tão tramitando, eles iam ser votados em seguida, só que a gente conseguiu barrar o da privatização pro ano que vem e tirar da CCJ, que é a Comissão de Constituição e Justiça, porque, na verdade, é contra a constituição, né, esses projetos que se tem, de privatização, de tirar debates das escolas, e a gente colocou essas pautas como as principais, para além de tudo que a gente já defendia, e algumas pautas mais de município, por exemplo, aqui de Porto Alegre, tem o Vou à Escola, que é o benefício do aluno, que ele é de baixa renda, tem o bolsa família, comprova, ele ganha uma passagem pra ir pra aula, pra ir e pra voltar, era do município até o ano passado, como não teve verba, passou pro estado, só que essas renovações e solicitar, começa no início do ano, janeiro fevereiro, as pessoas já tão mandando solicitação pra ter a primeira via ou a segunda via, pq se tu troca do fundamental e vem pra uma escola, não segue renovação porque tu mudou o formato de qual escola e foi barrado. Eles, tipo, cortaram esse benefício no início do ano e na minha escola mais de 30% dos alunos usam o benefício do 'Vou à Escola'. Como a gente faz sempre os TRIs pelo grêmio, a galera que tem o TRI, muitos pais vinham trazer pra nós os papéis relacionados ao Vou à Escola, e a gente encaminhou pro SOE, que é o serviço de orientação educacional da escola, que é quem faz todo esse processo. Eles falaram 'olha o governo falou que não tem Vou à Escola mais, só vai garantir pro ensino municipal, pras escolas do fundamental e o ensino médio não vai ter'. Só que muita gente no ensino médio usa esse benefício, e a gente começou a ir nas escolas aqui e levar essa informação, porque ninguém passou.

A galera fica nas férias fazendo TRI, então a gente vai na escola x, vai na y, conhece a galera, dá uma conversada, e a gente chegou 'gente, vão cortar o Vou à Escola', e isso é aumentar a evasão escolar pra mais de 25%, se fosse cortado geral, 25% não iria só por causa do Vou à Escola. Tem pessoas que não tem passagem e nem sabem do benefício porque não é divulgado. Muita gente não sabe. Também era uma pauta que a gente levou muito, tanto que fomos na SEC, fizemos um monte de coisa e aí agora o Vou à escola tá rolando. Mas muita gente não usaria.

Daí, foi esses fatores, as PLs, esses ataques que teve tanto do município quanto do governo do estado e também as bandeiras, tipo 'defesa da educação pública de qualidade', coisas nesse sentido, que é mais geral de todos os estados. Todo mundo levanta essa bandeira, senão ninguém ocupava escola, né?

*E me diz uma coisa, como que foi a experiência da ocupação pra ti? O que tu aprendeu, o que teve de novo, como que foi essa experiência da ocupação?*

A experiência da ocupação foi, tipo, a coisa mais louca, mas mais legal que eu já fiz na minha vida. Porque quando a gente ocupou, tipo, eu milito há muito tempo, mas eu nunca tinha visto isso, a gente fazia ato, a gente se empolgava com ato. Em 2003 era eu e mais três pessoas das escolas e a gente achava que era a revolução acontecendo! Quando a gente ocupou foi assim - primeiro que a gente decidiu em uma semana e a gente ocupou, eu me lembro que quando a gente ocupou a escola eu falei pra direção da escola que a gente tinha uma reunião do grêmio domingo, falei porque a gente sempre avisa quando é final de semana, porque daí o guardinha pode abrir pra nós. E a gente chegou - só que assim, a escola não tem nem refeitório, então a gente chegou de fogão, chegamos, tipo assim, tamo vindo morar no colégio.

Só que a gente não tinha se ligado do tamanho da coisa que a gente tava fazendo, a gente fez assembleia na quinta-feira, nos três turnos, combinamo a ocupação, chegamo domingo. Daí, - 'tá mas não é todo mundo que é do grêmio, não é tanta gente do grêmio'. Não sei que e começou a perguntar várias coisas e a gente falou pra ele 'ah tem uma pessoa te chamando na rua'. Trancamos ele do lado de fora, botamos um cadeado e fizemos a página da ocupação. Foi uma coisa tipo assim, depois a gente vê o que faz, vamo fazer! Porque a gente não tinha experiência, ninguém nunca tinha ocupado

uma escola. E daí eu me lembro que no primeiro dia a gente começou a montar as barracas e eu fiquei sentada olhando pras pessoas e pensei - cara, o que a gente tá fazendo? Tipo, que que a gente faz agora, porque a gente não sabia o que fazer, né? Daí trancamos os portões todos, cadeados, bota cadeira, bota não sei quê, e a gente foi pro ginásio né, que é um lugar grande, que ia caber todo mundo, que em sala de aula ia precisar de várias, e por segurança, porque a gente não sabia como ia ser a reação, a gente foi pro ginásio dormir nos primeiros dias. E a gente começou, tá que a gente tá fazendo e que que a gente faz agora? Aí a gente fez uma assembleia com a galera que foi de imediato, e daí era uma loucura porque a gente chegou lá quatro da tarde e toda hora chegava alguém, porque era domingo, as pessoas saem tem compromisso e tal. E chegava mais gente, chegava mais gente e a gente ia lá. Separamos comissão, sei lá, comunicação, vai fazer a página, comida, dá um jeito na janta, não sei quê, vê onde a gente envia a barraca, coisas assim. Bem assim, aleatórias, e a gente não se deu conta do que que a gente tava fazendo, porque era uma coisa que a gente pensou, ah ocupar, tranquilo, a gente viu SP, é de boas.

Daí no outro dia, eu me lembro que 6h da manhã - eu tinha ficado na comissão de segurança - primeiro dia, eu sou muito ansiosa, eu sabia que não ia conseguir dormir, então pelo menos fiquei fazendo uma coisa de útil. Daí tinha gente da RBS pendurada no coisa (portão) tirando foto da faixa da ocupação e daí 8h tava a imprensa toda! Tipo, todas as emissoras, todo mundo querendo gravar entrevista, a gente ali, tipo olhando assim - vocês nunca vieram, a gente fez coisa pra tudo que é lado da cidade, fizemos ato, trancamos tudo que é rua, xingamos vocês também e vocês nunca fizeram nada. Daí tava todo mundo ali, perguntando, sabendo nossos nomes, biriri, vem cá fulano, vem cá sicrano, e eu fiquei, - cara, tipo, a gente tá ocupando mesmo, né?

Só que foi uma experiência muito boa, porque é tipo tu morar com pessoas, é difícil a relação com as pessoas, mas, tipo assim, a gente... é muito complicado, ao mesmo tempo que é muito bom, é muito complicado ocupar uma escola. Porque tem a própria questão psicológica, que ninguém fala mas é, por exemplo, tu dormir numa escola onde tu sabe que a polícia pode entrar a qualquer momento, que existe movimento do governo pra desocupar as escolas, existe a própria repressão de alunos e professores querendo desocupar uma escola, tu sabendo que tu tá alvo ali de qualquer coisa e que é tu por tu, tipo, tu por todo mundo, sabe? É tipo nós por nós, sabe, se acontecer alguma coisa contigo vai acontecer comigo, a gente tá aqui, uma galera menor, eu era uma das poucas maiores de idade, eu tinha recém feito 18, pensei ah vou fazer 18 e levar vários processos pra minha vida inteira! E uma galera tipo, tinha gente com 14 anos ocupando a escola. Então, as de 14 e nós, a gente era responsável, eu era responsável por uma pessoa que tinha quase minha idade, então era uma coisa - foi muito bom assim, uma das coisas que a gente conseguiu fazer muito que foi tipo, fazer a escola que a gente queria, sabe. Porque a gente fez aula sobre o ENEM, a gente fez aula de diversas matérias que as pessoas tinham dificuldade, a gente pegou e botou todo mundo e chamou uma professora de Matemática e pegou o que que todo mundo tem dúvida, tipo a galera estudou, a gente fez debate sobre cultura, sobre teatro, a gente fez coisas gerais, assim.

E é essa escola que a gente quer, sabe? Uma escola que a gente participe, que a gente tenha espaço, que a gente consiga colocar - olha, a gente não tá gostando disso, a gente não tá curtindo, não tá legal, a gente não tá aprendendo, e também é uma experiência de responsabilidade né, tipo, o porque que a gente tá aqui, não porque é uma festa, não porque 'uhu' a gente se ama, vamo ficar se abraçando pra sempre, mas a gente tá aqui por um objetivo e ocupar uma escola não é uma coisa permanente, é uma coisa de... a gente tem um objetivo, a gente tem que ir até conseguir ele. E várias assembleias que a gente fez, foi na escola, porque o ginásio é muito grande, então algumas escolas são menores e não tinha espaço pra todo mundo. A gente reuniu 400 pessoas numa assembleia pra debater a ocupação, a gente teve várias reuniões do CPERS que a gente... ligamos pro CPERS, porque a gente quer colocar secundarista que tá ocupando escola no ônibus pra vir com vocês, vocês vão falar de greve a gente vai falar de ocupação. Então chegava um monte de ônibus do CPERS assim, começava a chegar galera de tudo que era lugar, tipo, da fronteira assim, sabe, gente que tá quase no Uruguai, vindo pra cá e a gente fazendo assembleia, imagina, 400 pessoas que estão ocupando escola, debatendo! Tipo, o que a gente vai seguir, o que vai ser a linha do movimento, sabe? Então é uma

coisa muito impactante, assim, tu aprende muito com as pessoas, tudo que tu vai acumulando, uma escola do interior é diferente de uma escola da capital, tu vai aprendendo muito, tu consegue ter - cara, isso que eu quero sabe. É meu direito, eu vou lutar por ele, vou fazer o que eu tiver que fazer, é uma adrenalina muito loca, tu tá sempre ligado, não consegue dormir. Na última semana eu fiquei uns quatro dias sem dormir, porque eu não conseguia dormir, e a gente fala, né? O psicológico das pessoas tem que ser muito forte, pra tu ficar num lugar onde não tem ninguém, para além de alunos, tu não tem um responsável pra tá ali, tipo minha mãe, aí deu um problema, não, não tem tua mãe, é tu, é nós, é o grupo, é o coletivo. Tem que pensar numa linha política e numa linha estratégica pra ti manter a ocupação, mas conseguir vitórias, tu tem que saber lidar com a política a noite inteira, passando com a musiquinha da polícia pra te enlouquecer, porque eles ficavam a noite toda dando volta nessa quadra, a noite inteira, tu tinha que aguentar, não dava pra dormir com aquele barulho. Tu tinha que conseguir lidar com pessoas, tipo, carros parando na frente da escola, te gravando, te filmando por duas horas, o carro simplesmente não andar, tu tem que saber lidar com as pessoas do lado de fora quebrando - o que aconteceu em várias escolas, eles quebravam alguma coisa do lado de fora e botavam uma fitinha, de um grupo organizado de desocupação das escolas do estado. Tem que saber lidar tu sair na rua pra ir no bar (lanchonete), sei lá, compra um pão, comprar alguma coisa pra ti tomar café e chegar a polícia sabendo teu nome, e perguntar o que tu tá fazendo. Tipo, tu tem que ter muito psicológico pra isso. É muito difícil sabe. Essa vez eu fui no posto comprar um negócio e veio um policial tipo 'onde tu tá indo? Quando vocês vão desocupar?' Entendeu? Porque tinha uma mina que tava passando mal e eu vim na farmácia que tem no posto e tipo assim os cara vem sabendo meu nome, sabe? Tu tem que saber o que é lidar com a rede social, ter tua imagem divulgada pra todo mundo, claro que muitas pessoas em apoio, mas muitas pessoas também acabando contigo, e tem que saber lidar com tudo isso, é uma experiência muito boa, mas é uma experiência difícil, mas é uma experiência necessária. Tem umas coisas que a gente faz não é só porque é legal, mas porque é necessário. E foi, bá, foi foda pra caralho. Quase 200 escolas ocupadas no estado, e não tem movimento secundarista no estado, tem em Porto Alegre, mas no estado é muito difícil tu conseguir tá dialogando, falando com alguém de Pelotas, lá de Alegrete, alguém da região metropolitana.

#### *Como vocês se comunicavam?*

Pelas páginas, todas as ocupações criavam páginas. E daí tem aquelas páginas gerais, Escolas Gaúchas de Luta, Ocupa Tudo RS, então tu te baseava, a gente olhava ali na lista das escolas e procurava. Tu ia achando as páginas ou nas assembleias. Ia em outra escola e eles tinham contato de não sei quem, aí quando via tinha grupo no whats, grupo no face, com advogados também, de apoio, que não cobraram nada, passaram horrores com a gente aqui, ligava qualquer horário, era 24h: - Tô com medo, tem alguém aqui, eles mandavam alguém, qualquer horário eles vinham, fizeram porque eles acreditavam mesmo na gente. Apoio de pessoas, muito da universidade, a gente recebeu muita coisa, até de livro, sabe, a gente encheu a biblioteca do colégio com os livros de doação, porque uma galera 'ah, estudei pro vestibular' não vou mais usar, já li esse livro, e ajudaram muito, porque... a própria alimentação, teve um momento das ocupações que o desocupa foi muito forte, as pessoas ficaram com receio de ajudar, as escolas não tinham nem comida, teve um dia que a gente teve que fazer uma vaquinha, que a gente foi em mais de 30 escolas, compramos num atacado pra levar pra 30 escolas. Porque não tinha mais comida pras pessoas. Imagina, tu tá ali morando, uma coisa é cozinhar pra 5 pessoas, outra é pra 60 pessoas, tem que pensar em tudo isso sabe, ao mesmo tempo estar ali, fazendo uma atividade, conversando, enfim. Muitas mídias alternativas foram lá, fizeram documentário, a gente fez o festival cultural, outras escolas também fizeram, é uma experiência muito boa, mas também difícil.

*Pois é, eu ia te perguntar agora sobre as manifestações culturais, os eventos culturais e tal, eu acompanhei o festival na tua escola, e aí se houve atividades antes ou depois desse, como é que foi esse festival, como que vocês organizaram, como que vocês pensaram isso?*

Então, a gente tem muitos contatos de música e de teatro, várias coisas assim, iam falar com a gente. A gente fazia a agenda, tipo 9h da manhã uma atividade, 11h outra, de tarde outra, só que era muita gente se colocando à disposição e não tinha como encaixar todo mundo nos horários, porque a gente tinha que fechar o colégio em tal horário, porque depois tinha muitas pessoas infiltradas pra ver quem tava lá, por exemplo. Atividade aberta tu perde o controle. Tu não sabe quem entra, tu pega o RG e o nome da pessoa, mas as atividades eram abertas pra quem quisesse ir, pra quem não fosse ocupar a escola. Ah, quero ir numa atividade, eu vou. Então tu tem que cuidar tudo isso, sabe, porque a gente sabe como que funciona essas coisas que ocupar escola, teve muita gente infiltrada, muitas coisas assim. E a gente tava com uma lista gigantesca de pessoas se colocando à disposição, querendo fazer muitas coisas e a gente ficou - cara, como a gente vai dizer não pra uma pessoa e sim pra outra? A gente ficou com o coração na mão. Daí a gente pensou, vamo fazer uma coisa grande, vamo fazer um festival. Todo mundo num dia só, todo mundo que a gente não conseguiu encaixar na agenda a gente consegue encaixar no festival. E daí a gente começou a entrar em contato com algumas bandas, com a galera do teatro, com várias pessoas assim, dizendo 'gente, não conseguimos encaixar vocês nas atividades, mas...' - tem muita gente que vem aqui, era mais de 5 mil mensagens por dia na página, era muita gente, muita gente mandando foto e perguntando, não dava pra responder. E a gente pensou em fazer isso pra conseguir contemplar todo mundo e também porque a gente tinha uma galera que era relacionada à cultura, que fazia teatro, da escola, que também levaram suas peças, gente que tocava, uma galera que faz parte de banda e tal, que pegava ali, o violão, a gente sempre fazia meio que um sarau, e a gente quis fazer uma coisa que abrangesse isso, porque a gente acha que a cultura é muito importante, e a gente não tem muito acesso na escola e também pra contemplar todo mundo que queria participar e nos ajudar de alguma forma.

Daí a gente pensou em fazer o festival, falamos com todas as bandas, lançamos um evento no facebook, fizemos uma arte no *paint*, uma coisa bem assim, depois demos uma melhoria, fizemos o evento e começou a bombar muito o evento, e claro, a gente pediu que quem pudesse levar alimentos, ou roupas, porque as roupas - tava muito frio, a gente doou pras ocupações de moradia, e pra moradores de rua do centro e alimentação a gente levou pra mais de 20 escolas de Porto Alegre, a gente dividiu tudo, né? A gente não ia ficar com tudo pra nós, porque não precisava. E daí foi isso, a gente fez um evento que durou o dia inteiro, teve atração o dia inteiro, foi muito legal, teve vários tipos de música, a gente tentou abranger tudo, não consegui, mas a maioria, rock, MPB, música acústica, sei lá, tudo que dava a gente colocou e fez o festival. Vamo contemplar todo mundo, a gente precisa colocar cultura nas escolas, ninguém sabe o que é cultura se tu perguntar, a gente trouxe o hip hop também, dos estudantes, a gente tem uma galera que toca pagode, levamo tudo, assim, pra gente colocar.

*E tu chegou a ir em festivais ou eventos em outras escolas?*

Eu fui numa na cidade x, porque eles vieram na nossa e daí a gente organizou pra ir na deles, e fui numa da y, que eles fizeram também, que era praticamente a mesma galera, eles se colocaram à disposição das ocupações e não cobraram nada, né, tipo, shows que tu paga super caro a gente fez ali pra galera, só quem quisesse levar um alimento, não porque a gente tava cobrando, mas porque precisava se manter, levar pras escolas que tavam com dificuldade.

*E tu acha que esses eventos tiveram algum papel importante, tiveram alguma coisa de diferente das outras atividades?*

Eu acho que sim, porque algumas atividades que a gente fez, mais internas assim, com a galera da ocupação, é importante pra nós, porque a gente aprende outras coisas, aprende outros assuntos, mas esses eventos sociais, assim culturais, eles conseguem passar uma outra mensagem até pra quem tá de fora, porque eu penso assim, os meus pais super me apoiam, a minha mãe dormiu

na ocupação, meu pai ia lá e cozinhava pra nós, porque nenhuma mulher cozinhava no colégio, era só os homens, eles pegaram e a gente mudou as tarefas - porque ninguém é obrigado. Eu fico pensando assim, quem é contra ou tá mais ou menos, até acha legal lutar pela educação mas acha que ocupar já é demais, a gente queria passar uma mensagem pras pessoas, do que a gente queria, a gente não tava ali por uma brincadeira, a gente queria mostrar que a gente tá lutando por uma educação que a gente quer abranger a outras coisas, que, às vezes, a música que a gente quer escutar em casa, que a gente acha legal, tem que debater na escola, tem que ter espaço pra isso, porque socialmente as pessoas das escolas públicas não tem muito acesso, muitas vezes as pessoas nem terminam o ensino médio, a grande maioria nem entra numa universidade, ou quando entra ainda não consegue acessar a universidade federal, tipo tem menos de 40 mil pessoas na UFRGS, o que é isso prum estado inteiro? Não é nada. Muitas pessoas as vezes acabam ficando, como meu pai, fez uma faculdade de 7 anos, uma que era de 4, porque ele não tinha condição de pagar, tipo, pagava, aí largava, aí pagava e voltava, não tinha acesso.

Por exemplo, aquele preconceito, tipo, ah, o funk não tem nada com nada, é só a galera que mora na vila, mas não sabe, se tu for estudar e começar a entender o que é a cultura, porque é uma questão social, ninguém ouve no Moinhos de Vento funk, porque é uma outra realidade social, funk, pagode, hip hop, músicas assim que trazem alguma mensagem pra além de tipos de música tipo 'tá difícil a vida', ou de amor não deu certo, sei lá, se tu for ouvir um rap, às vezes é uma lição de vida, sabe?

E a gente tem uma realidade, uma galera muito proletária, que passa dificuldade mesmo na escola e que ocupou a escola, pessoas que não tinham passagem pra vir pra escola no início do ano, a gente do grêmio fazia vaquinha pros alunos pra poder pagar a passagem de pessoas pra ir pra aula, então é tudo uma questão social, assim, sabe? De quem somos nós e quem são eles - os de cima, sabe? Então a gente queria passar uma mensagem pra galera de fora, pra mostrar o que a gente tá fazendo, porque às vezes a galera não levanta, tipo, ah vou segunda-feira, não, aí final de semana, vê um evento e até vai! Muita gente que era contra a ocupação foi conhecer e me lembro que teve mãe chegando 'quer ver que vocês não tão fazendo nada, deve tá todo mundo uma bagunça'. O colégio nunca teve tão arrumado, tinha mais de 400 pessoas na escola, num festival cultural! Então ela ficou tipo assim, 'tive uma visão errada, porque a mídia distorceu, porque eu vi uma página no facebook falando mal de vocês'. Porque eu vi alguém que não gosta de fulano, que não tem nada a ver com a questão da ocupação, mas ele não gosta de fulano então a ocupação é um lixo, é tudo errado, então a gente queria mostrar pras pessoas o que a gente tava pensando, tava construindo na escola.

*E sobre as questões políticas... Claro, tu já tem um envolvimento há certo tempo, como me disseste, mas tu acha que teve alguma questão... a pergunta é: o que tu aprendeste sobre política a partir das ocupações? E também se tem algum acontecimento, algum elemento específico que tu poderia destacar?*

Eu acho que as ocupações - assim, tu vai aprendendo sempre né, tipo - mas uma coisa pra mim que foi muito marcante é a experiência mesmo, de conseguir dirigir alguma coisa, porque, ah, a gente tava ali mas teve uma hora que a gente, tipo assim, precisamos pensar politicamente o que é melhor pra nós. O que é melhor pro conjunto das escolas, não pra nossa escola, mas o que a gente vai fazer, porque a gente tinha muitas opções. Uma delas era ser derrotado, nas ocupações não conseguir uma vitória, não conseguir nada concreto, pra além da luta, a luta é concreta mas o objetivo não é concreto. Primeiro porque não era uma medida reformista, não ia mudar - a gente poderia ter ocupado porque a gente queria mudar o ensino. A gente não acha legal esse método vamo mudar, fazer uma reforma no ensino médio. Não foi uma ocupação reformista, ela tinha um objetivo, era barrar as PLs e barrar os cortes de verba. Não era uma coisa específica. Como é que a gente faz politicamente pra chegar nisso? Isso é, conseguir lidar com um governo do estado, com o Secretário de Educação, é saber lidar com forças políticas, é saber lidar com todos os tipos, porque as pessoas pensam diferente, eu tenho uma visão, fulano pode não ter a mesma visão que eu e a gente tem que pensar nisso, num

bem coletivo, e isso é muito difícil de fazer. Porque, às vezes, a gente vai no calor da coisa, porque... porque nunca teve ocupação antes? Porque a conjuntura não permitia, não tinha condições de fazer uma ocupação antes porque não ia ter quem segurasse, o movimento não ia se massificar. Ele se massificou aqui porque já tinha outros estados e porque eram lutas que tavam ali, ou barrava agora ou não barrava mais. Se a gente não tivesse ocupado, a PL teria sido aprovada e ano que vem as escolas seriam privatizadas aqui no estado. Era isso. Então a gente tinha que pensar politicamente o que a gente faz pra conseguir um objetivo, uma vitória, a gente vai desocupar porque ninguém foi pra morar, mas a gente só desocupa se a gente conseguir, e daí tem que pegar o que é prioridade. Se a gente for pegar a lista de tudo o que a gente quer mudar no ensino médio, a gente ia ocupar até o ano que vem, mas é uma coisa imediata, uma coisa a gente tem que saber ver o que é a prioridade do momento, e o que é uma luta contínua. Porque não acabou a luta por uma educação pública, não acabou porque a gente desocupou, ou porque a gente conseguiu as vitórias, acabou aquele ponto específico, mas a luta segue. Então isso é muito difícil.

Eu, particularmente tive uma experiência muito grande com isso, porque eu fui da comissão de organização das ocupações aqui do estado, de quem reunia, de quem ia na SEC, de quem levava documento, e biriri, e agora também faço parte da comissão de alunos da fiscalização dos gastos do governo, então tu começa a pensar mais politicamente mesmo, a coisa, sabe? Tipo que que a gente vai fazer agora, politicamente? É melhor a gente fazer um ato? É melhor desocupar? É melhor a gente anunciar que vai desocupar, mas não desocupa? É melhor a gente ir pra frente da assembleia ocupar, é melhor a gente não ir? É melhor, sei lá, trancar a rua? É melhor a gente dizer que acabou tudo? Que que a gente faz agora, tem que pensar todo dia. Cada dia tinha um novo elemento.

Era uma nova carta da SEC, era uma nova ameaça no facebook, era um novo desocupa surgindo, era tudo isso. Tinha que pensar politicamente o que não acaba com todos nós. Tinha que pensar que como chega no interior, o que que negocia, por exemplo, eu negocio minha escola, tá, mas e as escolas do campo que vão ser fechadas? Que que a gente faz pra garantir que elas não vão ser fechadas? A gente abre mão disso pra ter aquilo mas a gente tem que ver o que é melhor pra todo mundo. E isso é uma experiência muito boa, é uma coisa que te enriquece muito, politicamente, pessoalmente. Isso era uma coisa que eu ficava pensando, tipo assim, tá, nossa escola, a gente resolve aqui Tá, mas e essa escola tem esse problema, que não vai conseguir, não vai ser abrangido se a gente aceitar essa proposta, mas essa proposta não chega no interior, mas essa proposta não chega na região metropolitana, mas essa proposta não chega na periferia. Era tudo isso. Daí politicamente pensar estratégia não é fácil. Super admiro quem consegue! Mas a gente conseguiu, deu tudo certo no final.

*Como que tá a escola agora? Hoje, depois de tudo isso?*

Eu percebi, assim, quando a gente desocupou, a greve tinha continuado, né? A nossa escola sempre paralisa, todos os professores praticamente fazem greve, então 97% dos professores paralisaram, então demorou uma semana e meia pra ter aula. Muita gente, todos os alunos, porque sempre tem alguém que é contra, e tinha uns alunos que eram contra, principalmente técnico e terceiro ano. Porque quer se formar, quer conseguir ser alguém na vida e porque não teve oportunidade de estudar antes e vê o técnico como única oportunidade. É uma questão real, aí tem que fazer um recorte de classe e a classe trabalhadora tá no técnico e é mais difícil dialogar com eles, porque, por mais que eles entendam, e a única oportunidade deles é o ensino médio, porque querem se formar. Mas eu lembro que no primeiro dia, fui de manhã, eu estudo à noite, mas fui pra ver como iam tá os humores e daí eu fui pro grêmio. Eu lembro de eu passar nos corredores e todo mundo falava de ocupação. Tipo, até chegar no grêmio demora, tem que descer várias escadas, caminhar e tal e todos os assuntos eram relacionados à ocupação, tipo, 'bá, tu viu que eles conseguiram, bá, viu que a gente conseguiu!' É isso, entendeu, se acontecer alguma coisa a gente tem que fazer isso. Ou a gente vai trancar rua, não vai mais ter aquele clima de não vai fazer nada, hoje qualquer coisa...

Eu tava falando no grupo, que é um grupo de amigos da escola que eu tô no grupo, e falando assim, cara, a gente vai ter que ser organizar pra esse negócio do ensino médio, não tem. A gente vai chamar todo mundo, a gente já tá organizado. Os professores já nos agradeceram muito, porque eles geralmente fazem greve mas não são muito de ir pra rua, de ir no ato. E mesmo nas ocupações de escola, a gente foi em todos os atos do CPERS, e teve um ato que a gente apanhou muito da polícia, muito da polícia. Foi na frente da assembleia, eles fecharam tudo, os professores tentaram entrar, eles bateram numa professora da nossa escola, a gente se enfiou, a gente apanhou, ficou todo mundo roxo, a gente apanhou muito da polícia, muito, e a gente voltou pra ocupação e a gente falou, cara, a gente botou uma faixa na frente da escola, apoiamos a greve dos professores, fizemos vídeo em apoio a eles e mandamos no grupo pra direção da escola, a gente tá com vocês, é isso, se a gente tiver que apanhar a gente vai apanhar. Se acabar as ocupações e tiver que ocupar o que for a gente vai tá com vocês. Então eles agradeceram muito a gente, porque eles não tinham esse clima de mobilização, eles eram cada um na sua, vai num ato, não vai. E eles agradeceram porque a gente trouxe todo um clima de mobilização pra escola, nunca mais vai ser a mesma. Nenhuma escola que foi ocupada vai ser a mesma. As pessoas sabem que se acontecer alguma coisa vai ter aqueles alunos que tavam lá, vai ter outras gerações que não puderam participar por diversos motivos, os pais não deixaram ou não concordavam, mas agora tão na luta, e mudou o clima, sabe? Depois eu me lembro que a primeira aula, cara, a gente não quer ter aula, a gente quer debater o que a gente conseguiu, tudo bem, depois a gente aprende a Matemática, aprende a báskara depois, sei lá, agora a gente quer debater. Que que vocês professores conseguiram com a greve, que que vocês acharam da nossa conquista, os professores falando... tá, tu veio na ocupação? O que tu fez? Qual era o teu papel? Eu tava de greve, ocupei a Secretaria de Educação, tava nas ruas, vamo debater a educação. A gente não quer mais a educação que a gente tem. Então criou todo um clima de mobilização, qualquer coisa bota uma faixa na frente, já bota um cartaz, já faz um vídeo, já faz uma publicação, qualquer perfil, compartilha todo mundo.

[...]

*E como tu te sente em relação à escola, num sentido mais assim, e o cotidiano escolar? As aulas, conteúdo, relação com professor, aluno, questão institucional?*

Eu acho que os alunos ficaram críticos. Eu sempre fui muito crítica, mas tem gente que era mais. Tá, não acho legal, mas não vou falar. Eu acho que as pessoas ficaram muito mais críticas, tipo, tá, por quê? Qualquer coisa era por que, por que, por que, mas por que que é assim? O tempo todo, umas coisa assim que nem precisava (risos). Eles perguntam, que bom, eles tão questionando o método que a gente tem de ensino. Tipo, a gente tá aqui e tudo virava um debate na primeira semana. Qualquer coisa que a gente tentasse estudar virava o debate de ocupação e greve. Todo mundo em recuperação, vai faltar matéria, ninguém sabe nada, mas, tá, tu viu que na ocupação... Era sempre uma coisa assim. E a gente teve uma relação muito mais próxima dos professores. Professores que tu não sabia nem o nome, existe muito, tipo a gente tem milhares de professores, às vezes aquela relação de só bom dia, boa tarde, boa noite, não é uma relação. Tu tá sendo educado, não é uma relação. Tem professores que tu não sabia o nome, lembro que, bá, aquela professora do óculos, aí aquela lá do não sei que, ninguém sabia. Agora não, fulano, sicrano, a gente teve uma empatia em relação a eles, a tudo que eles sofrem enquanto educadores, enquanto professores, todo o ataque que eles têm, eles tiveram uma empatia a nós, a gente consegue se visualizar no lugar do outro, conseguimos ter uma proximidade muito maior, de tá ali, enquanto parceria. Enfim, tá ali sabendo que a gente tá junto. E as aulas em geral, elas mudaram um pouco, assim. Eu estudo à noite, é onde tem uma evasão escolar muito maior do que no período da manhã e da tarde, onde o ensino é muito pior, porque falta professor, porque geralmente as pessoas da noite trabalham dois turnos daí dá aquela aliviada porque se tu vai muito ninguém consegue acompanhar. Tem aquela pessoa que, bá, já tem um



filho, não consegue ir sempre na aula, tem não sei que, trabalha hora extra, não consegue ir, não consegue acompanhar porque tá muito cansado. Então tem aquela coisa que é mais sensível do ensino porque é a classe trabalhadora, todos os meus colegas trabalham 8h por dia. Não tem nenhum que não trabalha. Só estuda lá quem precisa trabalhar, em todos os anos, primeiro, segundo e terceiro. E a faixa etária é um pouco maior. Eu estudei à noite por causa que a gente, infelizmente, tem esses empregos das 9h às 17h, onde tu só tem à noite, e isso é proibido por lei, né? Tipo, todos os locais que têm empregos de estágio que te possibilita só estudar à noite é proibido por lei. Mas segue tendo, todo mundo trabalha assim, [...] mas mudou muito o clima, de mobilização, os professores... Eu tinha uma professora que chegou chorando, antes da gente ocupar a escola. E tipo, assim 'cara, eu não tô recebendo, eu sou professora não porque eu acho que eu quero ganhar dinheiro, eu tô aqui porque eu gosto de dar aula, quero que tenha uma educação mais popular, quero que vocês entrem no vestibular, entrem numa universidade, que vocês aprendam alguma coisa, e não consigo fazer isso, porque daqui a pouco vou ter que abandonar porque eu pago meu aluguel, ou venho pra escola, não tenho dinheiro pra passagem'. Ela chegou chorando e todo mundo ficou, tipo, tá fizemos uma rodinha e ficamos debatendo. Coisa que mexe muito com a gente, quando alguém chega ali e diz 'tô acabada, tô aqui ainda porque eu gosto de vocês. [...] Então rolou muito essa coisa e mobilização, essa coisa entre alunos e professores, porque tem aquela coisa, né? O professor e o aluno, professor manda a gente obedece. E a própria direção, qualquer coisa nos pergunta, vocês acham isso legal? Vocês tão querendo isso? Ou sei lá, a coordenadora que eu nem conhecia porque ela nunca saía da sala, tipo assim 'oi (nome da aluna), que tu acha disso? Ah, fulano, que tu tá achando disso?'

*Por exemplo?*

Qualquer coisa, tipo, vamos fazer um debate na escola. 'Qual tema que tu quer? Tá achando legal esse método da gente ter aula assim? Tu acha que melhoraria a gente ter uma aula mais dinâmica, se a gente não fizesse só quadro?' Começam a perguntar coisas assim, sabe, então teve uma proximidade muito maior, de saber o nome já foi um avanço. Tudo bem que são 170 professores, mas mesmo assim. A gente não tem aula com 170, tem com 10, dá pra decorar.

*E tu acha que ainda podem ocorrer mais mudanças em decorrência das ocupações?  
Agora ou mais a longo prazo?*

É que eu tenho uma visão, assim, de que o movimento secundarista, ele há muito tempo não tem um movimento forte, a galera que é militante de alguma coisa, milita mais pela universidade, ou atos mais populares, por exemplo, sobre o aumento da passagem, tem o bloco de lutas pelo transporte público, as pessoas vão. Mas movimento secundarista tava apagado, há muito tempo não se via um levante, assim. Então eu acho que as consequências é fazer uma vanguarda muito mais forte, - porque eu vou sair do ensino médio esse ano, mas a pinta que ocupou a escola comigo do primeiro ano vai ficar mais dois. E a probabilidade de vir mais, e não é à toa, de vir PEC, de vir ataques à educação é muito grande. Porque a educação muda as pessoas. E as pessoas mudam a educação, é isso, a gente reforma ela e ela também acaba tendo uma reforma na gente por causa da educação. Então a tendência a ter ataques à educação é muito forte, já tá tendo, a gente tá aí com uma PEC do ensino médio e uma PEC de congelamento pra não investir mais em educação. E é por isso, quem não se mexia tá ocupando escola, quem não fazia nada tá fazendo greve. Então essa galera que tá ficando, porque tem isso, escolas que tem gente de 12 anos que ocupou não porque era uma baderna, sabia o porquê tava ocupando a escola, tendo 12 anos! Nas escolas de médio e fundamental, eu fui numa escola perto da minha casa onde tinha um guri de 12 anos, tipo, dando um banho nas pessoas de 18 anos. [...] Ele ainda vai ficar no mínimo do mínimo mais 5 anos na escola. O que ele não pode fazer em 5 anos tendo ocupado uma escola com 12? [...] Eu se tiver que vir apoiar as escolas quando eu não tiver mais no ensino médio vou vir, vou ocupar junto, trazer alimento, vou fazer o possível. Claro que não vai ser um protagonismo meu, não vai ser eu que vou resolver a pendência, mas vou estar ali

apoiando. Então a vanguarda, tudo que tu cria, tudo que tu deixa conscientizado, e tu deixa marcado, é um território nosso. Nenhuma escola que foi ocupada, se tiver uma reforma, não vai ter gente pra fazer alguma coisa. Pode não ser os mesmos, porque as pessoas saem, a vida muda, mas qualquer coisa que acontecer nas escolas que foram ocupadas, vai ter alguém que vai se levantar. A gente já ocupou escola, se tiver que ocupar de novo a gente ocupa. Se tiver que ir todo mundo pra Brasília, a gente vai pra Brasília, entendeu? Essa coisa, fica esse espírito. E as escolas que não ocuparam, tendem a fazer alguma coisa, que daí tu viu que deu certo. [...] Mas agora sabe que dá resultado. Usa RS, SP, RJ, Goiás, usa tudo, tá tendo ocupação agora no Paraná. Quanto tempo que não tem nada no Paraná, nem movimento universitário tem no Paraná. Nem movimento sindical tem. Tem mais de 26 escolas ocupadas, em menos de 1 semana. Então vai ficar, tenho certeza. [...]

*E tu conseguiria dizer o que seria uma escola ideal?*

Bá! No geral da escola, assim? Educação, escola?

*É, a escola ideal.*

Eu acho que a gente tem um padrão assim, é que por mim eu mudava tudo, né, mas eu tenho que ser realista, então, tá vamos pensar. Eu acho que tem um padrão muito de superioridade nas escolas, que acaba não sendo democrático no sentido de quem organiza o que e pra quem. Eu acho o método ruim, que as pessoas, por exemplo, direção, coordenação, biriri biriri, decidam tudo por nós, tipo 'nós somos responsáveis por eles'. Eu acho que não. A escola que eu quero, futuramente, por isso eu quero ser professora, quero tentar dar uma contribuída, acho que tem que ter o espaço democrático em que decide todo mundo, e a comunidade escolar não é só a direção da escola. Comunidade escolar é direção, é professor, é funcionário, é os pais, é os alunos. Porque se não tem aluno, não tem escola. E porque a gente não coloca os pais nas escolas? Tem gente que não sabe onde os filhos estudam. Teu filho passa no mínimo três anos no ensino médio, tu não sabe nem o endereço da escola. Se acontece uma coisa, eu me lembro, nas férias - 'ai nem sabia onde ficava a escola do meu filho, tive que olhar aqui no google maps, não sabia nem o nome da escola', tipo assim, é teu filho, entendeu. Tu precisa ter minimamente um contato. Às vezes, as pessoas se perdem no ensino médio. Porque às vezes o ensino médio é aquele momento em que tu sai do bairro da escola que era na frente da tua casa, que tua mãe te levava, teu pai te levava, tua vó te buscava, tu começa a pegar ônibus sozinho, tu começa a trabalhar, tu começa a ter uma outra vida. E se a tua família não te acompanhar... É aquela coisa, não é à toa que as pessoas não sabem o que acontece com os filhos, acontece diversas desgraças no mundo e a família não sabia, não sabia. Não sabe porque não influencia, só buscar o boletim não é estar acompanhando, só vir pegar as notas pra xingar em casa não é participar. Às vezes, as pessoas não têm um bom rendimento porque elas tem um problema na escola. Por exemplo, se a pessoa é LGBT, eu tenho uma amiga que é lésbica, e ela tá sofrendo na escola, ela não vai ter bom rendimento na escola. Consequentemente, os pais vão saber só no boletim, vão xingar porque ela foi mal e fica por isso. Tipo, é isso, são coisas básicas que a gente nem percebe, nem para pra pensar, e é a realidade das coisas. Eu acho que a gente tem um método muito ultrapassado de ensino, eu não consigo aprender só copiando e ouvindo. Eu acho que tem diversos modelos que a gente pode usar, fazer uma aula mais dinâmica, tipo assim, sei lá, vamos aprender revolução russa, tá, não precisa só ler um livro e decorar, porque é isso né, tu lê um livro e decora a resposta, tu marca a resposta e é isso, mas tu aprendeu o que que é? Porque a gente não faz uma forma que envolve mais as pessoas? Sei lá, eu tenho uma professora ótima de História, que ela faz até teatro. Tipo, é mais trabalhoso? É mais trabalhoso, mas pelo menos não é uma coisa tipo 'to indo por obrigação, to indo porque quero ganhar meu salário', 'tô indo porque preciso da porcentagem pro estágio'. Tipo, é tu te envolver com as coisas, quando pararem pra perguntar o que eu aprendi no ensino médio, pelo que eu tive de aula, é muito pouco o que eu aprendi, o que eu sei dizer o que é. Tipo, ah, tu sabe que que é báskara? Não sei que que é báskara. Se eu ver vou saber fazer, mas não lembro de cabeça, porque é aquela coisa,

repetitiva, de coisas que em diversos lugares não se usa mais, mas a gente usa aqui ainda. Eu acho que a gente tem que, por exemplo, esportes, aí, na minha escola é terrível, porque a gente tem aula com duas, três turmas junto, pega a bola quem quer, mas tipo, quantas pessoas podem ter acesso ao esporte sem ser na escola? Quem dali vai ter condição de ir num clube de futebol? Quem dali vai saber o que é handebol? Quem dali vai jogar vôlei? Eu acho que o esporte influencia muito as pessoas, muito. Na própria questão social, quantas reportagens a gente vê, no globoesporte, de alguém que tinha uma dependência química e aí começou a jogar tal esporte e saiu dessa vida. É uma questão social, é isso, entendeu, às vezes a pessoa não tem oportunidade, não porque não querem porque se fosse isso a meritocracia dava certo. Mas, às vezes, tu não tem oportunidade, se tu tem acesso à música, cultura, possa aprender o que que é isso, teatro, tu muda tua percepção das coisas.

As pessoas não têm uma saída. A escola não te oferece nada que tu quer, porque teu pensamento às vezes é muito pra além da escola, não é a tua prioridade estudar... Acho que se a gente tivesse um método que fosse mais democrático, onde todo mundo participa, seria melhor, eu acho que as escolas deveriam propor diversos debates que não propõe, tipo, tá, qual é o teu objetivo?

Sei lá, eu questiono a direção. Qual é o objetivo de uma diretora ou de um diretor de escola. É só dar a verba pra tudo? Porque a verba não vai dar, isso é uma realidade, é um fato, não dá. Não dá pra tudo. Mas o teu papel enquanto direção de escola, é simplesmente garantir a verba, administrada pra tudo, que nem numa escola? O que que é o objetivo? Eu me questiono muito, eu acho que o objetivo numa escola não é só garantir a verba, eu acho que é questionar as coisas, é ir atrás de mais coisas, eu acho que é trazer o debate, indiferente do teu posicionamento, tu pode ser o extremo disso, o extremo daquilo, mas de levar ao debate. Eu acho que se a gente tivesse uma educação que tivesse mais contato entre professores e alunos, entre funcionários... Quem sabe o nome da faxineira da escola? Ninguém sabe. Ela é uma pessoa também, tá ali todo dia, se ela não limpa não adianta, tu vai chegar na tua sala e vai tá tudo imundo. Alguém tem que fazer o serviço que tu não faz. Então tipo, é uma questão, que que tu tá questionando, sabe?

Acho que as escolas tinham que ter esporte, tinham que ter cultura, tinham que ter mostra de livro, tinha que ter sei lá, porque que só faz projeto científico nas escolas privadas? Ninguém faz projeto científico numa escola pública. Quem é que vem aqui? Ninguém. Qual é a professora, não tem nem laboratório aqui, tu vai fazer o que, porque que a gente nunca tá na lista das escolas que têm um desenvolvimento melhor? Será que é simplesmente porque a educação é ultrapassada? Porque o método é ruim, mas é porque a gente não se envolve enquanto comunidade escolar? Se a gente tivesse, olha, a gente por exemplo ali na escola a gente faz, a gente participa de várias reuniões, inclusive de prestação de contas, a gente participa enquanto aluno. Mas e o conselho escolar? Quantas escolas têm conselho escolar participativo? E participativo não é ter dez professoras e um aluno e um pai. Vamos ser igual entendeu. Porque é isso, geralmente é assim, dez pessoas de uma determinada função, uma duas pra não dizer que não tem, que é só pra te preencher o tal do estatuto. A coordenação, sei lá, vamo debater sexualidade esse ano. Tá, mas tipo assim, onde é que passa? Quem é que decide o assunto? Ninguém nunca perguntou pra mim o que eu quero debater na escola.

Pode ser uma coisa na cara, pode ser que não. Ou às vezes pra não dizer que a escola não faz nada, a escola faz uma grande palestra sobre o mercado de trabalho. Que é tu se enquadrar a isso, saber que tu nunca vai conseguir chegar lá, daí tu vai ser mão de obra barata, daí fazer reforma, porque aí já tem o politécnico, que não serve pra nada, tira três de Matemática e dois de Português, cinco períodos de matéria pra botar o politécnico? Pra ti ter um seminário que tu não aprende nada, que o professor passa a chamada e tu é liberado? É isso, mão de obra barata, porque as escolas particulares vão ter 5 períodos a mais de matérias fundamentais e a gente não vai. Daí tu vai ver aquele emprego ou daí tu vai ver tá, sei lá, vou trabalhar no mercado, vou ser o melhor pra mim conseguir chegar na gerência. Ou não tá bom, eu vou trocar o lugar. Não é sabe, bá eu conheço uma galera, sei lá, trabalha, daí troca a empresa, faz a mesma função, mas tipo, é isso que tu quer?

Porque que hoje, o capitalismo nos impõe tanto que a gente é obrigado a fazer uma coisa que a gente não gosta? Ou que a gente não quer simplesmente pra gente poder pagar umas contas, porque é isso, né. A gente trabalha pra pagar conta, não sobra nada do meu salário, não sobra nada. Eu recebo e

já pago. Eu, por exemplo, eu quero ser professora e todo mundo questiona, aí, mas tu não vai ganhar nada, tu vai ter que fazer greve porque tu não vai receber, se a educação tá assim agora imagina quando tu for professora. Eu poderia me render e dizer, tá, vou trabalhar numa empresa, vou fazer qualquer coisa, mas eu não quero, entendeu. A gente não pode viver uma vida simplesmente na mecânica de tá trabalhando pra pagar conta, trabalhando pra pagar conta, eu acho que a gente tem que viver porque são coisas que a gente quer, a gente tem que ter uma vida que a gente pense sobre ela, a gente tem que começar a questionar essas coisas.

*Como que era a escola antes? Como que a escola sempre foi? Um pouco geral assim, e também nesse sentido do cotidiano escolar, enfim, dessa questão mais das relações dentro da escola, como era antes isso? Qual a ideia que tu tem, tipo, minha escola sempre foi...?*

A minha escola sempre foi bem parada. Quando eu entrei, foi em 2013 e foi muito legal esse ano, porque eu cheguei numa escola muito grande, quase 3 mil alunos, saí da escola fundamental perto da minha casa, cheguei assim... tá, escola, tá, vários amigos, não sei quê, biriri biriri, daí tá, a gente começou... só que era uma aula, ninguém se fala, ninguém debate, tá tudo ruim, o colégio caindo aos pedaços, não tinha nem lanche, não tinha nada no colégio. Tá, tudo bem. Aí eu me lembro que a antiga direção sem ser a de 2013 era muito autoritária, ninguém gostava, no dia de votação de direção todo mundo foi votar, foi uma maravilha. Daí a gente começou a questionar, juntou meus amigos - eu fazia técnico de contabilidade essa época junto com o ensino médio, odiava o técnico, sempre fui de humanas e me botaram na contabilidade, aí, isso foi golpe. E daí odiava aquela contabilidade, aí como eu odiava, e eu sempre me indignava com qualquer coisa por causa da contabilidade. E daí a gente começou a debater, aí, ninguém fala nada, ninguém questiona nada nesse colégio, e eu sempre fui muito de questionar as coisas daí achei a turminha que questionava também e a gente começou a andar junto. Daí eu me lembro que tavam falando da questão do piso salarial e eu fui pesquisar na internet que que era o piso salarial, que que era os direitos dos professores de ganharem mais e tal, que foi implantado quando o Tarso ainda era do Ministério da Educação, não sei que. Bá, daí eu queria fazer um debate na escola sobre isso e não deixaram fazer. A gente queria fazer um debate e queria levar um professor, sei lá qualquer pessoa que soubesse pra explicar pra todo mundo. E não deu pra fazer.

Daí, eu me lembro que um dia eu fiquei muito braba e, daí, eu peguei, quer saber, a gente vai fazer uma assembleia, não tem não quer, entendeu, não tem não quer. Daí, peguei os megafone que a gente tem no grêmio, passei em todos os andares, 'desce todo mundo, assembleia agora, desce todo mundo', cada um num andar, a gente foi e todo mundo desceu. E a direção enlouquecida comigo, que tá fazendo e eu 'sai, só ouve'. Falei bem assim, né, daí, pensei acho que vou ser expulsa, vão pedir minha transferência. Daí, a gente fez ali no pátio da escola, de tarde, e a gente juntou todo mundo, peguei a caixa de som da escola, que eu sabia onde ficava, peguei as coisa, levei pra lá, e falei assim, todo mundo vai subir aqui e dizer o que acha da escola, todo mundo. Daí, 'ah, acho uma merda, acho um saco, não sei quê, não aprendo nada, venho só pro lanche, venho porque a minha mãe me obriga, venho pro estágio'. Daí eu falei assim, tá, todo mundo tem o que reclamar, mais alguém? Todo mundo ia levantar a mão pra reclamar, daí todo mundo tinha uma coisa. Tá, agora vem aqui e diz o que que tu gosta da escola? Que por mais que seja ruim, o que te faz vir ainda? Não foi nem três pessoas e tinha mais de quinhentas pessoas de tarde. Pra ir na hora de fazer a fila né, era maior que a do lanche. Então é isso, a gente tem que fazer alguma coisa, ninguém tá satisfeito, tô cansada de vir pra cá todo dia, eu não tenho motivação nenhuma. Daí, a gente chamou os professores e pediu pra eles falarem o que eles acham da profissão deles. O que que eles acham referente ao piso salarial, a salário, tudo, e a gente fez uma assembleia, eu fiquei falando uma hora, eu adoro falar, mas eu fiquei falando bastante tempo de várias coisas, e a gente decretou greve estudantil. A gente fez um documento na mão mesmo, que pra mim era um ofício, mas na folha de caderno. A gente foi na direção e tá, aqui ninguém mais vem pra aula. Não tem mais aluno.

### *Isso quando?*

Isso em 2013. Daí deu greve. Daí eu, ah, tá feito então. Daí essa galera, quando teve a greve, a gente fez ato saindo da escola, a gente marcava e a galera não tinha que vir pra aula, a gente fez um grupo que tem mais de mil pessoas, (nome omitido) 2013, e a gente marcava e ia em todos os atos do CPERS. Todos. Sempre a gente tava lá e não tinha isso na escola, era uma escola que até 2012 a direção colocava cadeado na frente da escola pros alunos não irem pra ato quando o ato passasse ali perto, que a direção mandava no primeiro dia o nome dos professores grevistas pro governo, pra Secretaria, era uma direção assim. Então desde lá começou a criar uma mobilização com os professores, os alunos que faziam parte do grêmio, ou do conselho, quem se importava de alguma forma com a escola. Mas não tinha aquele clima, era uma coisa mais devagar, fazia uma palestra, e teve um ano que a gente chutou o balde, a gente fez palestra de tudo, assim. Tipo, temas polêmicos, a direção queria fazer uns temas e a gente não, vamo debater tudo, desde educação até mercado de trabalho, sexualidade, até legalização da maconha. Debatesmos tudo no ano. Pensa todos os temas mais polêmicos, aqueles que tu briga com a família, e que tu sai do grupo do whats, era esses temas, era maconha, aborto, de tudo, a gente debatia. Não interessa nossa opinião, eu tenho minha opinião formada, eu tenho, fulano tem a dele, mas a gente quer trazer pro debate, quem quiser saia com a opinião que achar melhor. Era isso. E a gente começou a fazer, daí quando deu as ocupações, é aquilo né, o grupo aqui já tem 400 mensagens só pra ver o que a gente vai fazer pela reforma do ensino médio.

Tô pensando altas coisas, vamo fazer isso, vamo chamar aqui, já tô falando com meu amigo, vários grupos foram criados nessa última semana no whatsapp só por causa disso. Nem tive que ir eu atrás. Já passou, agora tem gente que tá indo por mim. Tem gente que tá fazendo, tô acompanhando, mas antigamente, sempre tem que ter alguém que é a porta-voz de tal momento, depois troca. Já tem uma menina lá que tá no primeiro ano e tá fazendo altas articulações com todo mundo, nem vi ainda. É isso, quando entrei na escola era aqueles pinto morto de colégio, mas agora as pinta que tão na ocupação agora estudavam comigo em 2013 e 2014, é as mesmas. Segue aquela galera de sempre, mas agora muito mais ampliada, com muito mais força, com muito mais gente, com muito mais professores, com muito mais movimento. Mudou muito, do que era a escola. A gente, ah, não tá legal, vamos fazer uma assembleia. Não tá gostando não tem, a gente nunca pediu, bota o pé na porta e vai. E tem muita repressão de escola, né? A gente começa a ser perseguido, a gente começa a receber email da SEC, começa a vir as pessoas da Secretaria de Educação falar com a gente, começa a professora a pegar no pé, começa a ter aquele desconto de nota, acontece tudo isso.

Ninguém é suspenso, mas movimento de escola é muito difícil. Porque quando tu tá na universidade, querendo eu achar, já tem movimentos sociais, as pessoas já vão lá sabendo que vai ter movimento na UFRGS. Agora teve a questão das cotas, lotaram 400 pessoas do dia pra noite, porque já tem movimento na universidade, já tem DCE, tem centro acadêmico, já tem isso e aquilo, já tem aquela movimentação que te possibilita e tu já tem muito mais autonomia, tu não depende da reitoria, tu não precisa pedir pra reitoria pra passar em sala de aula, na escola precisa pedir pra direção. Não pode passar sem. Leva bilhete assinado, tipo assim, pleno século XXI, a gente ocupando, a gente não pede ali, né, a gente só passa, mas as pessoas tem que pedir pra passar em sala. Tem que ver se o assunto tá de acordo com a escola. E a repressão que tu sofre é muito grande porque tem os professores que não são a favor e que - a presidente do conselho na minha escola me odeia. Ela tá me processando na justiça por causa da ocupação da escola. É isso, entendeu. A gente sofre muita repressão. Todo mundo chegou atrasado, mas o fulano que ocupou a escola não vai fazer a prova. O fulano que tava na greve junto não vai fazer a prova. O fulano não tem direito a isso, não tem segunda chance. Qualquer coisa já vão te chamar na tua sala. Às vezes, a direção da escola vai ver se eu to dentro da sala, ver se eu não to fazendo movimento na escola. Tipo passam pra ver, se eu to ali, se meu colega que tava na ocupação tá ali, se fulano tá aqui. Passam pra ver se tu tá na escola articulando alguma coisa. Pergunta pros professores como que anda teu rendimento. É isso. E por mais que apoiem, a nossa direção até apoia, tipo, participa, são grevistas, mas é direção. E essa palavra

direção possibilita que a pessoa seja a favor, tenha a mesma opinião, mas ela é a direção e ela precisa fazer o papel dela. E daí aquela coisa, tu vai na SEC já ninguém te recebe mais, ninguém aceita mais meus documentos na SEC. Agora eu só consigo ir lá porque eu sou da comissão de fiscalização dos alunos, eles têm que receber uma vez por mês. Porque eles já não aceitavam meus documentos quando eu levava. E quando vários, não só eu, levavam eles não aceitavam. Tu é muito perseguido em escola. Da última vez eu fiz um fiasco lá. Porque deu um problema aqui na escola com a ocupação, com uma professora e os alunos do técnico, e eles não tavam respondendo meus emails nem minhas ligações, liguei até pro secretário que eu tenho o telefone dele, não me atendeu. Ah, não me atendeu, eu fui lá. Daí cheguei lá era expediente interno, eu falei 'eu não vou sair daqui'. Enquanto o secretário não falar comigo eu não vou sair daqui. (Luiz Alcoba agora, saiu o Vieira). Não porque não vai atender, bom se não vai atender, eu também não vou sair, se tiver que botar eu boto um em cada portão, e vocês sabem que se tiver que ocupar a gente já ocupa. Rapidinho ele veio, "oi (nome da estudante)". Parecia assim, ó, mal fechou a porta ele já tava ali falando comigo. É porque se eu precisar botar um em cada porta, trazer secundarista e colocar aqui a gente bota. Se tiver que botar uma barraca a gente bota também. Vocês podem escolher ou vocês me atendem ou a gente chama todo mundo. Whatsapp tá aqui aberto, o grupo tá aqui, quer que eu mande? Rapidinho ele veio, 'não, porque eu tava ocupado mas consegui me liberar', não sei quê, fez toda uma história. Teatro aquilo ali, se fosse ator ia ganhar prêmios. Mas é isso, sabe. É difícil.

*Tem alguma coisa que eu não te perguntei que tu acha que seja importante falar?*

Não, só frisar mesmo a importância não só das ocupações mas de todo movimento de luta em geral. Eu gosto muito da pauta de educação, muito mesmo, acho que ela influencia muito as pessoas e as pessoas, enfim, não tá sendo bom pra todo mundo. E essa luta que as pessoas têm, seja na universidade, seja secundarista, acho que é importante, acho que a luta muda a vida. A luta muda as coisas, não é à toa, as pessoas às vezes não conseguem porque a gente vai com aquele senso de não vai dar certo, não é todo mundo que se empenha, a gente tem algumas derrotas, mas acho que são importantes também, pra gente conseguir avançar na conscientização. Às vezes não consegue agora, mas lá adiante acho que a gente não pode deixar de lutar pelo que é nosso, pelo que é nosso direito, pelas coisas que são feitas pra nós. A própria política eu penso muito, bá, eu tenho 18 anos, tô no último ano do ensino médio, ocupei a minha escola, e por que a gente não ocupa a política? Porque quem decide a nossa vida é o parlamento, quem decide o que vai ser da nossa vida são os vereadores e o prefeito, quem decide o que vai ser nacionalmente, o que vai acontecer com nosso país, são os deputados, senadores e a presidência, mas e a gente, sabe? O que a gente faz? A gente só vota a cada dois anos? Esse é o nosso papel? Realmente esse é o nosso papel? Só votar? E seguir como tá, não questionar? Não ver se tá sendo feito? Acho que a gente tem que ocupar os espaços, acho que essa palavra, ocupar, ela é impactante, a gente sempre falou, mas depois que teve as ocupações, não só, é ocupar por moradia, ocupar por educação, é pra ocupar pro que for. Eu acho que esses métodos eles são mais extremos, porque os métodos que mais fazem diálogo não funcionam a gente tem que ir pro extremo. Tem uma hora que não dá mais pra gente ir com conversa, não dá pra botar um chá e um biscoito. Tem uma hora que tem que ir. Só que eu acho que é muito importante a gente ter sabe, porque tipo, tá, as vezes a gente é muito individualista, pra mim tá legal, eu to achando legal o colégio. Pra mim podia ser, ah, tá, a educação tá ruim, mas eu to no meu último ano, quero entrar na UFRGS, tô nem aí pro resto, to nem aí pra quem tá no primeiro ano e daqui a pouco vai ter tal matéria no ensino médio e quero entrar na UFRGS e se eu passei ele pode passar também, ninguém morre por isso. A gente tem esse pensamento em muitas coisas. A gente tem que mudar as coisas, a gente muda porque sozinho a gente não faz nada, mas junto a gente faz, junto a gente é mais forte. Se só nossa escola tivesse ocupado, a gente não teria tido vitória nenhuma. Se só o RS tivesse ocupado, não teria outros estados. Mas é isso, ocupou uma escola, ocupou outra, ocupou tudo. Ocupou um estado, tá todos os estados ocupando. Porque é isso, a gente consegue mostrar que juntos, [...] se eu acho a educação ruim, meu colega também acha, não tem como achar bom. Se ele achasse bom ele estudava

numa particular. Não tá, tá numa pública. Eu tinha muito isso, não tô curtindo esse ensino, mas eu sozinha não vou mudar, não vai fazer diferença, eu preciso estar com meu colega, nem que a gente perca uma hora falando com o colega de classe, que acha que isso é uma palhaçada, que isso não leva a lugar nenhum, que é perda de tempo. Fica uma hora! Às vezes vale, porque ele vai falar pro outro que é contra, o outro que é a favor já vai se convencer mais que é isso mesmo, acho que a gente tem que começar a ocupar os espaços que nos tiram.

Ocupar porque é isso, as medidas que tão vindo lá de cima é cada vez piores, é trabalhista, até os aposentados, pobre dos aposentados, até eles tão sofrendo. É os trabalhadores, é o ensino médio, é a educação geral, é as universidades federais que tão fechando, é os IFs que tão sendo ameaçados. Instituto Federal se tiver congelamento, vai acabar os IFs, vão fazer que nem as escolas que tu paga pelo dinheiro que tu recebe. Tem escolas aqui no estado que elas são públicas, tu faz uma prova, tu passa, ou não, se tu passar tu tem que levar teu comprovante de renda, e tu paga uma porcentagem baseado no que tu ganha. Daí muda o valor pra todo mundo, mas tu paga, já não é, tu já tá pagando imposto, já tá pagando tudo, o dinheiro vai pra aquilo ali é o dinheiro do governo do estado que é os nossos impostos.

Saúde, se congela saúde, o que é o SUS hoje? É só levantar e ir na Santa Casa vê o que é ali. As pessoas morrem sentadas, não tem nem leite pra pessoa. Se tu congela esse orçamento da saúde por vinte anos, se tu congela o orçamento da segurança - olha o déficit de segurança que a gente tá no nosso estado, olha quantas pessoas morrem por dia, quantas pessoas são assaltadas [...] E agora, nossa próxima bandeira é barrar essa luta no ensino médio, como é que a gente vai fazer um ensino integral se as pessoas trabalham? Como que a gente vai tirar o noturno se a classe trabalhadora tá lá? Como que a gente vai tirar matérias que são importantes, tu tirar História, tirar Sociologia, tirar Filosofia, tirar Artes, tirar Educação Física? Com tu vai tirar todas essas matérias? [...] E se não tiver aula de História? Tudo tem um passado. É história. Alguém vai ter que contar que a gente ocupou escola. Eu não vou estar aqui pra contar, se não tiver num livro de História, como vão saber que ocuparam as escolas em 2016? Que podem ocupar em 2017? Que podem seguir ocupando? Como vai chegar a informação pras pessoas que vão estar no ensino médio daqui a 50 anos? [...] Como a gente vai ter uma aula que tu não debata? Sociologia é isso, é uma aula que tu pode debater qualquer coisa, porque Sociologia é isso, tu debate desde a interação com as pessoas até a diversidade das coisas. Se tu não tiver essa matéria, tu vai debater isso na Matemática? Não. [...] Tipo Artes, ninguém leva a sério, mas bá, as escolas tão acabando, os professores de Artes, vai fazer o que com eles? Vai colocar onde, eles são professores! Arte é uma profissão. E arte pode ser qualquer coisa, pode ser um desenho, música, arte corporal, arte não é só pintar desenho, não é só isso. Se aplica só isso na escola é porque não tão aplicando arte, tão aplicando qualquer coisa. Mas não é arte. Pintar desenho até é, mas não é só isso. Essa PEC de congelamento, essa reforma no ensino médio, é muito fácil de aprovar, eles aprovaram o impeachment que é uma coisa mais difícil porque envolve todo o sistema, toda uma discussão, aprovar uma reforma de ensino médio é a coisa mais fácil, ter um quórum de votação é mais fácil ainda. [...]

Se daqui a pouco todo mundo ocupa as escolas do Brasil inteiro? Ocupa as universidades? Não vai ter condição. Não adianta aprovar. Eu acho que agora não é o momento, acho que a gente tem que saber visualizar o momento das coisas, saber ver a conjuntura, saber o que tá favorável, ocupar agora é ter uma derrota. Incentivar o debate, levar o debate, já ir articulando, é positivo. Agora fazer alguma coisa extrema agora é pedir pra perder. Talvez se nacionalmente se fazer alguma coisa, os IFs estão sendo ocupados no país inteiro. Se daqui a pouco ocupa mesmo, porque daqui a pouco tem o ENEM, não tem como ter escola ocupada, tem isso, tem aquilo. Mas daqui a pouco, se todos os IFs, que são mais de 600 ocupam? Porque se congela tem que privatizar os IFs, não vira mais responsabilidade do estado. [...]

Acho e tento acreditar que no próximo período o movimento secundarista vai ser o eixo das lutas. Vai ser a vanguarda do movimento da educação, mas acho que tem que esperar um pouco, por diversos elementos, mas acho que daqui a pouco, não dá pra depender só de escola, tem que ser

geral, professor paralisar, universidade paralisar, conseguiram uma baita vitória agora na ocupação da reitoria da UFRGS, imagina se não tivesse mais cotas? Imagina. Eu não entro na universidade se não tiver cotas. Porque, por exemplo, o debate maior sempre é a cota racial, mas a cota racial não é um privilégio é uma reparação histórica. Se a gente for debater quantos negros tem na universidade é uma vergonha dizer que existe cota porque parece que não existe. Quanto tempo não se forma alguém na engenharia sendo negro? Muito tempo. Ninguém vê isso. Daí o privilegiado é esse e não aquele que estudou na particular e fez o cursinho. Então tipo, salarial, o que que é, se tu ganha um salário mínimo tu não tem um direito de entrar na universidade? Como é que tu vai pagar um cursinho? Ou tu come ou tu paga o cursinho. Escola pública, aí tu já tem o déficit, e daí qualquer um apresenta, olha as escolas, ninguém passa nem no ENEM, como é que vai chegar numa universidade federal, dependendo só da escola pública? Não é um privilégio, é um direito nosso. Agora a UFRGS tem 50% mas antes era 30%. A juventude proletária ainda não tá na UFRGS. O meu bairro ainda não tá na UFRGS. A Restinga ainda não tá na UFRGS. Sarandi ainda não tá na UFRGS. Não tão. Tem uma vanguarda mas ainda a universidade é uma universidade elitista. Eu tenho vários amigos cotistas da UFRGS, mas quando eu vou na UFRGS encontrar eles, é uns pensamentos assim, que ela não consegue estar vendo que ela tá sendo privilegiada de estar numa universidade federal e parece que ela não vive a realidade da grande maioria da população. [...] Tu vai lá, dependendo do curso tu não vê ninguém negro, é só branco. Isso aí não é igualdade.

Daqui a pouco, tem que saber ter estratégia, eles queriam aprovar um monte de coisa na ocupação da reitoria, permanência, assistência, mas que que era o foco? Garantir as cotas. Se estendesse pra mais cotas, não teriam conseguido. Porque iam dizer 'não, não sei quê, já é outro debate'. Mas é aquela coisa, mesma coisa de ocupação de escola, tu tem que saber teu objetivo central. O que dá pra ir junto, beleza, vai junto, mas se eles tivessem querendo colocar permanência, mais casa de estudante, tu acha que teriam conseguido? Não teriam. Tem que saber ter estratégia, muito difícil ter estratégia política pra isso, tem que pensar em muita coisa, não pode contar com eles, com os de cima, com o governo, com secretaria, não pode contar com eles. Tem que contar contigo, com teus colegas, tem que pensar por nós, então é muito difícil.

*É, e analisar as brechas de negociação nisso...*

Sim, é horrível. Teve um dia que a gente ocupou a assembleia, a gente teve mais de oito reuniões. Todo mundo, foi a Presidente da Assembleia, foi todo mundo. Era segurança, eles trancaram a gente lá, a polícia trancou, a gente não podia beber nem água, não tinha comida, não tinha coberta, não tinha nada. Eles aumentaram o ar condicionado, a gente quase morreu congelado lá dentro. Daí não queriam nos dar comida, a gente teve que fazer uma brecha da assembleia, conseguimos derrubar um negocinho pra passar pão, água pras pessoas tomarem, e hoje eles fizeram uma reforma tapando isso porque a gente fez isso na ocupação. [...] Pra ter banheiro, a gente teve que fazer uma reunião de duas horas pra ter acesso ao banheiro. Eles não queriam nos dar acesso ao banheiro e quando a gente ia no banheiro, ia dois, três seguranças atrás. Então, a gente podia tocar o terror e ocupar uma semana, mas como a gente ia fazer pra garantir todo mundo? A gente ocupou com duzentas pessoas na Assembleia, imagina duzentos sem comer, no frio? Aumentaram o ar, foi horrível. Passei a noite toda acordada, olhando todo mundo. [...] Cada vez que a gente reclamava aumentava mais. Foi ficando frio, não tinha coberta, a gente tremendo de frio. Não tinha comida, não tinha nada, não tinha água. Daí a gente conseguiu aquela brecha, passamos tudo que dava. Só não passamos uma pessoa porque ninguém conseguiu passar, porque se não... Teve gente que dormiu na rua. Teve uns seis alunos que vieram buscar coberta e comida, que não deixaram eles entrar e eles dormiram na rua. Eles não voltaram pra escola, eles botaram colchonete na frente da Assembleia e deitaram ali. Então tá, a gente vai ocupar do lado de fora, mas a gente vai ficar aqui. Imagina, na frente da Praça da Matriz. [...] Muito muito frio. [...] Eu falei pra eles, vocês podem fazer o que vocês quiserem, a gente não vai sair daqui. Vocês não vão ganhar a gente no cansaço porque a gente é muito maior que vocês. Se a gente ficou



um mês em escola, ficar aqui uma semana não custa. Mas foi tudo uma negociação, era reunião o tempo todo. Aí tinha que ligar, daí a gente ligava, daí acabava os créditos, ninguém tinha dinheiro pra botar crédito, não sei que. [...] A gente não tinha internet aqui, a sorte é que uma mãe de um aluno doou um modem de internet, esses que tu coloca no computador. Porque cortaram a internet da escola. [...] Tem escola que eles cortaram luz, água. É isso, entendeu, não foi fácil. Imagina, tu passar tudo isso, passar mais de um mês nessa pressão. Uma loucura. E todo mundo duvida porque a gente é mais novo né. [...] Geralmente tu pensa, ah, a galera adulta faz, mas os mais novinhos...

*Ah, muito obrigada!*

Capaz!

## ENTREVISTA 2EM

*Primeira pergunta, pra gente começar, é como que tu te envolveu nas ocupações? Tipo, se tu tava lá desde o início, como é que foi esse teu envolvimento inicial?*

Na minha escola, quando a gente começou a ocupar, uns dois dias antes da gente ocupar, não foi muito bem planejado assim, eu lembro que a gente tava observando as ocupações de SP e as ocupas aqui de Porto Alegre, e daí eu lembro de ter ido a uma reunião no CPERS que tinha alguns secundaristas e a gente começou a conversar na escola, e eu disse, olha, acho que tá na hora da gente ocupar, né? A gente tava conversando muito sobre a PEC 44, a Escola Sem Partido, e aí a gente tá, vamos conversar, aí tinha uma assembleia, que na real seria pra deliberar uma comissão eleitoral pro grêmio estudantil, e daí nessa assembleia a gente resolveu discutir a ocupação. Só que daí, antes disso, a direção meio que interrompeu todas as reuniões que a gente teve, e daí, na real, foi meio brigada a questão. Eu não me envolvia muito na escola, na real, antes da ocupação, não me envolvia em grêmio, na real grêmio não tinha já faz uns dois anos na nossa escola. E o conselho escolar eu também nunca tentei me envolver, nem sabia quem eram os conselheiros na época. Mas eu tava indo nas reuniões do conselho, comecei a ver mais gente engajada na escola, que era algo que eu não via e comecei a me surpreender, tipo, caralho, que escola é essa que eu tô estudando, eu não conheço essa escola. E daqui a pouco quando eu vi a gente tinha ocupado a escola e daí eu comecei a me envolver, eu acho que na real dentro da ocupação eu fiquei mais envolvido com as outras escolas, assim, que era eu que ia nas outras, que ia nas reuniões do CEI, ia nas reuniões do comando, era eu que fazia essa ponte, geralmente ia eu e mais alguém que ia nas outras.

*E o que foi o lance da direção que tu falou?*

A direção ficou muito em cima da gente, ela invadiu a reunião nossa...

*Antes de ocupar?*

Sim, tinha uma assembleia que a gente iria discutir o porquê da ocupação e tal e como a gente tentaria organizar e a direção entrou no meio e vieram uns 20 professores ali, e aí virou um embate e a gente, ok, então agora a gente vai ocupar. Não era nem mais uma dúvida ali, era meio, ok, vocês querem brigar, a gente vai brigar. Daí acabou que dentro da escola virou uma disputa pelo poder, assim que a gente não esperava tanto. Daí quando eles começaram a dizer, 'ah vocês não vão fazer' e nós 'não, peraí, então nós vamos!'

Tá, daí eu lembro de ter ficado de passar no turno da noite pra conversar sobre a ocupação, daí eu fui na reunião do conselho escolar, e daí, tá, tem que fazer votação no dia tal, que era quando a gente ia decidir a comissão. E a gente tá, ok, e até ali a gente achou, bá, não vamos ocupar, a maioria vai ser contra, né? E daí, no fim, quando a gente viu, todo mundo levantou a mão e a gente bá... Tá, ok, ocupamos!

*Na tua visão, qual foi a razão da ocupação ter acontecido?*

Tiveram várias razões políticas, mas pra te ser sincero o que me motivava não era nenhuma razão muito política, talvez uma razão um pouco mais filosófica, da questão de como te relacionar com as pessoas ali naquele espaço que a gente convive. De como modificar aquele sistema de ensino que é muito autoritário e a gente começar a pensar ele de uma forma mais humana. Da gente conviver mais, e buscar dali uma certa forma, uma outra forma de se organizar na sociedade. Então, foi mais ou menos isso que me puxou assim. Acho que pra muita gente ali na escola, talvez isso tenha sido algo bem importante, assim. Mas depois a questão política começou a entrar mais a fundo né, dentro da nossa ocupação.

*E como que foi a experiência das ocupações pra ti?*

Ah, foi que nem um terremoto. (risos) Sinto muita saudade daquilo. Foi muito intenso, assim. Parece que foi há um ano atrás, fui muito intenso.

*O que tu poderia dizer que tu aprendeu?*

(silêncio) Eu sempre fui um pouco engajado em política, mas nunca fui tanto quanto eu estive nas ocupações e de lá pra cá isso mudou bastante em mim, assim... Eu tenho buscado mais isso. Depois da ocupação, a gente continuou de certa forma a militância dentro do Comitê, né? Eu me afastei um pouco por causa do trabalho com o (nome omitido) que a gente tá tendo agora, mas isso era uma coisa nova que eu comecei a aprender muito mais sobre política dentro dessa época, assim. Eu, até a forma de eu me portar em público, de eu falar em público, que por mais que eu faça teatro, eu era muito inseguro, isso é um pouco diferente quando eu tô em cena e tal, mas sempre que eu vou pra uma reunião ou coisa, eu sempre ia muito inseguro. Tu te põe nesse lugar, não tu tem que tá firme, pô, tu vai brigar com o Secretário de Educação, tu vai bater de frente com o choque e ali tu tem que botar o pé no chão, e dizer, não pera aí, isso aqui é meu espaço. De certa forma também eu aprendi a defender o meu espaço também e de certa forma tu também aprende a conviver mais com os outros, assim. Tu tá na tua escola, tu tá, sei lá, seis, quinze, trinta pessoas, e essas pessoas têm que gerir esse lugar. A gente tem que cuidar da louça, tem que lavar o chão, e tudo isso. Tu pensar aquele espaço todo foi um grande aprendizado, assim.

*Na tua escola houve eventos culturais nas ocupas? Eu sei que houve porque eu tava lá, (risos) por isso que eu digo, é um roteiro, mais pra gente conversar um pouco sobre...*

Tranquilo!

*A questão é muito mais como que foram pensados esses eventos, como foi a organização deles, como se deu pra que esses eventos chegassem a se realizar?*

Aham, é tinha uma comissão, que era a comissão de atividades, que, na real, era a que mais dava briga porque ela tava sempre mudando, então a gente não sabia mais os contatos que a gente tinha pra chamar, os que a gente não tinha chamado e ia ter oficina, então é, no início era muito perdido... Na real, isso era tranquilo, depois mudou a comissão, daí foi se perdendo e foi mudando a

comissão, daí todo mundo já era comissão de atividade, e bá, a gente teve vários eventos lá que foram muito bons, assim. Teve uns até que eu não tive porque, bá, era uns dias de ato, dia de reunião, e bá, eu saía e ia pra uma praça descansar, que a cabeça tava estourando assim, eu não aguentava mais ficar um segundo na escola que bá, tenho que sair que eu to preso aqui. Acho que tiveram dois shows que eu não tive, que inclusive foram bem bons, assim, que inclusive um dos nossos ocupantes tava tocando bateria junto com a banda, teve o do Turucutá que foi muito massa, muito massa, e teve o do Apanhador Só, que bá, aquilo foi do caralho, a gente botou 400 pessoas dentro da escola, e o clima tava muito bom assim, e o clima tava muito bom, assim, eu lembro que o pessoal do CEI tinha ido, a gente tinha chegado depois deu uma reunião com o secretário, bá, aquele acho que foi o melhor dia da ocupação que a gente teve...

*E tu, - bom, tu disse um pouco antes, mas tu foi a eventos de outras escolas, tipo, como era essa participação nas outras ocupações, como que se dava isso?*

Nas outras escolas, eu acho que eu fui só na x, que era um show, não lembro qual era a banda, mas eu lembro de eu ter ido. Só que daí a banda perdeu uma caixa de som, não sei que que deu que no fim eles demoraram uns dois anos e eu saí antes do show deles. Mas era uma coisa meio assim, a gente conseguia o número, ligava, era meio na loucura assim, o Apanhador Só eu encontrei o Alexandre na lanchera e disse 'ô meu, tu vai tocar ali?' E ele disse 'ah, toco', foi bem assim, eu disse, 'bá, beleza!' Com a maioria das coisas foi assim, ou as pessoas iam lá procurar a gente, tal, eu lembro quando a gente ocupou, chovia gente querendo dar atividade pra gente, então, era muito - a gente tinha um caderno com um monte de nome, um monte de número, e a gente já tava perdido pra quem ligar assim, era uma viagem.

*E tu acha que os eventos culturais tiveram algum papel relevante, além do fato de serem eventos culturais, não sei, que papel tu acha que os eventos culturais tiveram dentro da ocupação?*

Olha, eu acho, pelo menos, que ele toca um aspecto mais humano nosso ali, sabe? Da gente, que, na real, era tudo uma grande correria, e a gente correndo de um lado pro outro, por mais que a gente convivesse muito, a gente também, às vezes, acabava não convivendo. E nesses momentos a gente meio que tava junto ali. E, bá, a gente vivia aquilo ali, e ali a gente vivia com a mesma intensidade que a gente ia lá enfrentar o choque, sabe, e aquilo era, pelo menos pra mim, era muito importante, assim, né? Eu lembro daquela reunião que a gente teve com o secretário, acho que foi a primeira reunião que a gente teve, foi antes do racha até, e bá, a gente saiu destruído e daí quando tu chega tem o show da Apanhador Só e daí tu começa a refletir sobre tudo o que tá acontecendo e todo aquele show e as pessoas que tão ali né, e tu tem, tu sente uma energia muito boa, porque tu tem uma afetividade por muita gente que tá ali, e que vários também tem e todos tão naquilo juntos assim...

*As pessoas de dentro e as pessoas de fora da escola também, tu diz?*

As de fora também, porque tu não conhece, mas a energia tava muito afetiva naquele dia, sabe, pelo menos eu senti assim. E daí, bá, foi muito bom, tanto que depois o Alexandre quase dormiu lá na escola. A gente ficou altas horas conversando sobre o show e eu acho que esses eventos foram fundamentais sim, até gostaria que tivesse tido mais.

*E sobre as questões políticas, que que tu poderia me dizer sobre?  
O que aprendeste sobre política a partir das experiências das ocupações?*

Bá... (Silêncio) É complicado. Porque quando tu vai olhando, tu não conhece muito bem o jogo de como funciona a política ali dentro, de como... bá... É um pouco nojento quando tu vai vendo dentro do sistema assim, como ele age. Não a parte de fora, a nossa, quando a gente agia na resistência e

brigando com isso. E o que no fim me deixa muito angustiado assim, por mais que a gente tenha feito uma baita resistência, ter lutado contra essas coisas, eles sempre dão um jeito de nos... porque eles sempre têm mais força que a gente, aquela ocupação na SEFAZ (Secretaria da Fazenda do RGS) mostra isso, né? No momento que tu diz, tá, a gente vai pra porrada, não tem como, a gente perde. Eles são que nem um pitbull, tem um momento que tu atíça eles vem, tanto que, quando a gente... que daí isso me deu muita raiva assim, que foi quando teve aquele ato e a gente rachou total, como a gente se enfraqueceu depois daquilo...

*Tu acha que teve alguma coisa que fez um estopim desse racha? Como é que foi essa questão do racha? Tu podia falar um pouco mais sobre isso?*

É que já... a gente ia nas assembleias do comando, eu não tava tão... isso é uma coisa que eu não percebia tanto porque eu não era do movimento estudantil, né, eu não sabia como a Ubes agia, ou como a Umespa agia, ou como a Juntos ou qualquer entidade estudantil agia, né? Não que todas sejam da mesma forma, tem outras entidades que eu respeito, e fui conhecer depois na ocupação também. Mas eu lembro da gente ir nas assembleias e ficava sempre numa questão de balanceamento das ocupações e tal, quando a maioria dos secundaristas saía, o pessoal ficava, mais dessas entidades, e começava uma parte mais deliberativa e eles começavam a botar, parecia que já vinham armado, começavam a botar um monte de coisa em cima, e a gente não, peraí, que isso? E foram duas assembleias assim, e numa eles terminaram numa reunião com o deputado x e a deputada y, e não avisaram isso na reunião pras pessoas, e era só o JS todo assim.

*JS?*

União da Juventude Socialista. Acho que é ligado ao PC do B, não sei muito bem. E a gente não, peraí, então a gente vai armar também o nosso jogo. Daí a gente chamou... Daí a reunião foi no IE, foi o IE, o Julinho, o Padre Réus, acho que o Tubino não tava, ou tava... Não sei se o Tubino tava nessa ainda, e o Paula Soares. E daí eram essas escolas, e daqui a pouco a gente conseguiu aumentar mais algumas, daí veio o Padre Rambo, o Roosevelt, veio o Ildo da Restinga, o Emílio Massot também. Que no início a gente achava que o Emílio Massot tava com a Ubes, depois não sabia muito, mas depois eles tavam com a gente, né? Daí, a gente começou a brigar lá dentro e mesmo assim não dava e a gente começou a fazer nossas assembleias, e aí a gente começou a puxar ato, a gente começou a puxar outras questões.

*Que foi o primeiro ato?*

Foi o primeiro ato.

*E o racha foi no segundo, né?*

Foi no segundo. Que daí tem um erro, que eu entendo totalmente, tipo, a Umespa votou contra o passe-livre há um tempo, e então todo mundo tem uma raiva muito grande pela Umespa e por outras questões da Umespa ali, né, e só que assim, foi chamado um ato unificado e aí eles passaram na rua da Umespa pra fazer um escracho à Umespa, convidando eles! Então eles foram pra cima e daí resolveram bater na gente, tentaram bater na (nome de estudante omitido), bateram daí... dali rachou total. E no outro dia tinha uma assembleia na x e a gente não sabia se ia, se não ia. Ah, vamo, não vamo, e daí agora fechou o pau, aí eu disse não adianta ir três nossos lá e levar um pau de vinte, daí foi ali que a coisa desandou.

*Aí vocês não foram?*

Alguns foram. Mas não foram como CEI assim, eram uns não conhecidos assim, tipo nossos P2. E no fim acho que a gente deveria ter ido igual, até pra botar os pingos nos is, dizer, não, peraí, né? E bá, aquilo enfraqueceu muito.

*Porque, tu acha? Digo, quais foram as - eu imagino, eu tava lá no ato, eu vi que foi bizarro tudo o que aconteceu, mas o que eu to te perguntando e querendo entender é assim, teve alguma consequência específica, tipo, onde que se refletiu esse enfraquecimento?*

Sim, principalmente no acordo que fecharam com as escolas. Na real, isso a gente já vinha com grande medo porque geralmente é todos os estados a maioria falava que a Ubes ia lá e negociava por todos e a gente não, peraí, a gente não quer isso aqui. E eles foram lá e fizeram, só que eles foram e fizeram um acordo muito, muito... que não atendia tudo o que a gente pedia. E claro, a gente não ia conseguir tudo o que a gente pedia, mas a gente queria pelo menos uma certa... é e, às vezes, eu fico pensando na estratégia que a gente tomou, assim. Às vezes, eu acho que a gente tomou a estratégia errada, tanto que o CEI quanto o comando. Pra gente conseguir barrar a 44 ou a própria 190, a 44 acho que a gente não ia conseguir barrar, é a terceirização dos serviços públicos. E a 190 era a Sem Partido, essa acho que a gente conseguiria barrar. E isso era complicado, porque a gente teve várias discussões, porque algumas escolas tinham pautas muito específicas. E a gente também não podia excluir essas pautas. E a gente decidiu não centralizar as pautas, e, ao mesmo tempo, quando rachou, a Ubes queria logo assinar o acordo. No outro dia eles 'ah, conseguimos uma vitória', eles atrasaram a PL 44, atrasaram a PL 190, aí vieram os 40 milhões do BNDS, que já era pra ter vindo no governo Tarso e o governo não repassou agora no Sartori e mais outras questões que era a não criminalização dos estudantes, que está acontecendo.

*A criminalização? Principalmente os da SEFAZ, não?*

Principalmente os da SEFAZ, ou os que estão nas escolas tão sendo criminalizados dentro das escolas, tá tendo perseguição, isso tá acontecendo bastante. Lá na minha escola fizeram a minha caveira, [...] - informação omitida - dizendo que a gente era o cabeça e eles eram tudo massa de manobra nossa e tavam ameaçando ocorrência, e não sei o que pra todo mundo. Eu disse 'eu não acredito nisso!!', sabe, era bizarro. E isso seguiu acontecendo, mas isso não taria no acordo ali, era pra isso não acontecer. Mas, na real, o que eu lembro da gente brigar bastante nas assembleias, e todo mundo tava focado mais nas PLs e muita gente não se ligou, mas a questão do passe livre intermunicipal era uma que a gente tava brigando afu, assim. Porque ele é muito burocratizado, tu vai lá e tem que comprovar uma renda, não sei o quê, às vezes, mesmo tu comprovando os cara não te dão o passe livre, no sábado ele não vale, tem gente que tem aula sábado. Então, eu sei um monte de gente que tá tentando fazer o passe livre que mora em outra cidade e não consegue. E daí eu lembro na ocupação da SEFAZ, eu tive uma reunião com o secretário e eu peguei e botei isso na mesa, assim e eles não sabiam o que fazer. Eu falei, gente, aqui a gente consegue. Aqui tá uma pauta que a gente ganha. Eu lembro da gente ter dito, 'ah, 190, não sei quê' e daí, quando eles assinaram aquele acordo a maioria desocupou. Ficamos nós e eu disse, bá, não tem muita força só nós, né? Daí veio a SEFAZ. E daí a polícia desceu o cacete em todo mundo. Daí a gente, tá, ok, agora a gente tem que brigar pra não criminalizar as pessoas, porque bá!

*Porque tu acha que na SEFAZ teve essa reação e a Assembleia não?*

Pois é. A SEFAZ é onde vai todo o dinheiro, né? E eles tavam no andar da dívida pública. Eu acho estranho não ter tido essa reação na A.L., eu achei estranho, achei que eles iam apanhar muito também. Eu tinha essa impressão.

*Eu fiquei surpresa com o resultado da SEFAZ, visto como tinha sido na Assembleia...*

Pois é, a gente achou que eles iam apanhar muito, e a gente queria entrar lá, mas aí já tinha cordão policial e não tinha mais como. Eu sei que eles diminuíram o ar condicionado deles, botaram os caras em cárcere privado, botaram o ar em sei lá quantos graus, menos não sei o que, não deixaram passar comida, não deixaram passar água, deixaram os cara em cárcere privado pra assinar qualquer acordo, foi isso o que aconteceu. E lá na SEFAZ, a polícia desceu o cacete e bá, tem gente que até hoje tá com crise de ansiedade, crise de pânico por causa daquilo. Aquilo foi assustador.

*E sobre as reuniões lá, com secretário, etc, tu podia me falar um pouco sobre?*

Olha, disso eu só sinto falta das balinhas de iogurte que tinha (risos).

*Digo, como é que foi chegar lá e tá o secretário, como foi, qual era o clima, que brecha de negociação vocês tinham pra se colocar?*

É que o secretário era muito... ele fazia jogo duplo. Ele até tentava... ah, não sei o quê, podemos aqui, tal, tal. E aí ele ia na imprensa e pegava por trás e fazia um monte de coisa contra a gente. E a gente tava com sangue nos olhos, a gente ia pra bater mesmo nele e ia lá pra cobrar. E claro, tem um caráter de negociação que ele é um pouco diferente, na hora que tu começa a negociar e eu gostava dessa parte também, de tu poder bater, 'não, peraí!' E de quebrar as pernas dele em algum momento. Assim, sempre guardava uma carta na manga pra quando ele ver 'pum!' Daí ele, puta que pariu, daí já vinha o promotor dele, eu gostava disso, assim. Não que eu gostasse, mas é que tinha um... tu te sentia numa batalha, assim. E daí, tu enfrentar essas figuras no campo político, assim, e bá, isso era bacana assim, eu curtia de tá ali buscando... Apesar de depois do racha a gente não ter conseguido... a gente conseguiu algumas coisas na nossa negociação, mas era, já era a gente se encaminhando pro fim.

*Pois é, como era esse último acordo, depois que já tinha fechado o acordo das entidades?*

É, tava muito difícil da gente fechar um acordo que a gente... na real a gente pegou ali a questão do dinheiro das escolas e a gente frizou bastante isso e isso a gente conseguiu. O passe livre intermunicipal, bá, não sei quem convidou uma guria, bá, a guria viajou. Ela tinha passe livre intermunicipal e disse 'ah, mas eu não tenho problema', daí ela falou isso numa negociação, aí essa a gente não conseguiu levar, mas a gente levaria se ela não tivesse dito isso, porque eles não tavam preparados pro passe livre. Daí a guria disse 'não, mas eu não tenho problema' e eu pensei 'puutz'... Bá, então fica quieta que daí tem gente que tem problema, deixa quieto, sabe, daí...

Mas a questão do dia da desocupação, eles queriam que a gente desocupasse no mesmo dia que a gente tava na reunião, e nós 'não vamos desocupar'. Ali a gente também tinha que negociar o dia da desocupação. E daí já era o como a gente queria desocupar mais algumas questões das escolas que a gente deixou marcado a questão da nossa participação dentro do fórum, que saiu...

*E tá rolando?*

Tá rolando. Na real, teve um fórum que o secretário não foi. Teve uma reunião estranha, ele com a Uges, só com a Uges. Eu disse 'iiiih, tá estranho'. Daí, a gente bateu e conseguiu manter o fórum ali. Pelo que eu sei, também ele vai circular pelo interior. Eu não tenho ido nos últimos, então não tenho ido muito. Da última vez que me falaram, isso tá pra acontecer também. Ah, esqueci o que eu tava falando. Mas é, ali na última negociação, a gente teve que negociar o último dia da ocupação. Pra gente, a gente meio que saiu num alívio, porque, bá, a gente descansa. Curte um pouco o que tem da ocupação e é pensar os próximos passos, do que a gente leva.

*Tem algum acontecimento, ou elemento específico que tu acha que foi um ponto importante, definitivo, que a partir dali as coisas mudaram, ou a partir dali te caiu alguma ficha, enfim, algum ponto-chave, assim, que tu poderia dizer, politicamente falando?*

Bá, tiveram vários. Aquele que a UJS pegou e foi numa reunião separada com os deputados. Isso foi durante a reunião, eles saíram porque tinham que sair mais cedo, terminou a reunião e todo mundo 'bá, eles foram numa reunião com os deputados!' E nós, 'não, peraí!' Tão numa reunião com a gente e não avisam isso, todo mundo aqui, que é secundarista, quer tá lá. E isso não é discutido em reunião com todas as ocupações? Eu disse 'bá, peraí, além de todo o sistema que a gente tem, que vive dando golpes, tem todo um momento de retrocesso, aí dentro do mesmo movimento, tu tem uma galera te dando o golpe, não peraí!' Isso é uma coisa que eu sempre sabia que é um esquema que vivem brigando, só que tipo, quando tu tá lá dentro, tu começa a entender, daí tu começa a ver, desde lá pra cá me começa a cair os butiá do bolso, puta que pariu, por isso que a gente não dá certo. Era uma briga. Eu lembro das assembleias que a gente começava no CEI, o stalinista brigando com o trotskista, puta que o pariu! (risos) Eu não acredito nisso. E era isso, assim, né? Mas a questão do começar a entender como funciona a articulação política lá dentro, também,

*Lá dentro da onde?*

No legislativo, que era onde a gente tinha um certo contato, não no executivo, assim. Até pra gente conseguir as reuniões, a gente tinha que ligar pros deputados pra saber, pra ter uma informação, de onde vem a lei tal, de onde vem o papel tal que tu tem que mandar pra não sei aonde, toda essa questão burocrática também, que ela é muito forte na política, isso a gente começou a puxar ali nessa época. Depois da reunião que teve na assembleia, eu liguei pra um deputado da bancada do PT e ele me conseguiu uma informação da reunião tal e consegui marcar uma reunião tal, que era no dia da SEFAZ. Daí eu consegui uma reunião com o secretário ali no fórum, porque era um dia que as entidades iam assinar o documento e eu conseguir ir lá e, 'tá, beleza, aqui, a gente vai dizer que não vai aceitar, né?' E eu lembro dessa articulação que a gente fazia, ligando pra deputado, ligando pra não sei o quê. Era sempre isso, a gente corria de um lado pro outro e era sempre ligando no telefone pra deputado, ligando pra vereador, ligando pra não sei quem e fazendo essa articulação, assim. A questão de organizar já não era comigo, eu não era bom nisso nem curtia assim.

*De organizar dentro da escola, tu diz?*

Não, de organizar aquele primeiro ato, que me chamaram pra organizar e eu ficava de canto, 'bá, não to entendendo nada do que tá acontecendo aqui' (risos). Eu ajudava na divulgação que era o que eu sabia fazer, assim. Tirando isso... ah, outra coisa, de sempre ter a imprensa do lado, de quando vier a polícia e tal, ali na SEFAZ, eu lembro que, na real, é, tipo, a gente tinha tomado uma posição. Isso eu não sei se é legal falar, mas, enfim... que, na real, eles iam ocupar o (edifício público omitido) . E eu, 'bá, peraí, isso é loucura, a gente não vai ocupar o (edifício público omitido) ! A gente vai tomar tiro! Não é brincadeira, nem os militares ocuparam o (edifício público omitido) em 61. A gente não vai conseguir ocupar o (edifício público omitido) , eles tão loucos!' E a gente foi lá dizer, 'desculpa, a gente não vai ocupar o (edifício público omitido), isso é viagem!' Daí, eles me chamaram de pelego, porque eu não ia ocupar o (edifício público omitido) . Eu disse 'bom, desculpa gente, se vocês decidirem algo melhor me chamem, mas eu não vou. Nossa escola tomou essa postura e eu acho loucura, vocês vão se fuder, não dá pra ocupar o (edifício público omitido)'. Mas tava todo mundo enlouquecido, porque já tinham vendido toda nossa luta e eles tavam 'não agora a gente tem que ir lá e não sei o que.'

*Isso depois da (ocupação) da Assembleia?*

Depois que saiu o acordo na real.

*Bom, o acordo veio depois da assembleia, né?*

Sim, na real a gente já esperava, a gente ainda tinha um pingão de esperança 'tá, talvez a gente até consiga alguma coisa dali.' Daí, quando veio o acordo... bá! 'Tá, ok, a gente tem que tomar uma atitude'. Daí era o (edifício público omitido), eu não. 'Calma, gente o (edifício público omitido) não é a saída!!' Daí, eu saí, fui numa reunião com a direção \_ era umas trinta reuniões no mesmo dia \_ tá, daí terminou a reunião, fui pra outra reunião. Aí teve uma reunião na escola, e eu disse 'bá, hoje eu tenho que ir pra casa.' Peguei e voltei, e fiquei pensando, bá! Liguei pro pessoal, eles tavam na escola x, fazendo a estratégia pra entrar no (edifício público omitido) . Daí, tá, beleza, foram lá, eu disse que não ia, e tava ligando pra alguns deputados pra ver essa questão de quando eles assinariam o acordo, e eu disse, 'olha eu acho que a gente tem que estar lá.' Aqui, a gente tem um canal, a gente diz que não vai assinar e a gente banca o jogo publicamente, porque a imprensa toda tá lá! E daí a gente foi e recebeu uma mensagem: ocupamos a SEFAZ! Bá, o segundo prédio mais protegido do estado.

*Da onde veio de ser a SEFAZ?*

Eu não sei, porque eu não tava na reunião, mas acho que veio pela questão de toda verba do estado passar por ali e disso não ser repassado pra educação e eu acho que foi nessa intenção, eu não tava nessa reunião... Então, não sei muito bem porque a SEFAZ, eu acredito que seja por isso. Daí, eu fui pra lá. 'Tá, vou levar o que eles tão precisando, cadeado, não sei o que, quando eu vejo, batalhão de choque chegando. Quando eu vejo, o BOE chegando, o GATI. Eu cheguei no (nome de estudante omitido) e disse 'o meu, vocês tem que sair', e ele 'não, meu' e eu 'vocês saiam daí, eles não tão pra brincadeira, tá o BOE aqui, meu, eles não tão pra negociação, saiam que eles vão descer o cacete.' E ele 'não, tá tranquilo', e eu 'vem cá, meu, vocês tem um ponto de fuga?' E ele 'não, lá em cima tem um ponto de fuga, não sei o que'. 'Tá, quando eles entrarem, vocês saiam todos porque eles vão descer o cacete'. E nisso, eles botaram cordão de isolamento. Eu fui pra cima do comandante, tava a imprensa, eu 'bom, vou falar na frente da imprensa', e ele 'nós vamos negociar', e eu 'como assim, negociar? Com o BOE todo armado pra bater em secundarista, o que que tu quer pra bater em estudante, cara? Daí, eu comecei a ir pra cima dele e a imprensa filmando e o cara 'ah não sei o que', começou a dar soco em mim e na imprensa! Daí, eu disse 'bá, agora acabou.' Comecei a ligar pra advogado, liguei pro (nome omitido), que era meu amigo e disse 'tem que ter advogado aqui dentro!' Daí tava eu e mais três do lado de fora, aí ficou um em cada canto, garantam a entrada dos advogados, a gente tá aqui. Tem que garantir os advogados lá dentro. Daqui a pouco os quatro já tavam lá dentro, fiquei só eu. E tinha que ir na reunião lá com o secretário! Tá, daí fui correndo até o fórum central, liguei pro (nome omitido) e disse 'preciso de vocês aqui, tô sozinho!' Daí a gente foi na reunião e teve outra reunião depois com o secretário, e ele disse 'tá, ok, nós vamos ter uma reunião com vocês, mas desocupem a SEFAZ de forma pacífica, não vai acontecer nada.' Isso ele nos garantiu, mas, né? Ele garantiu muitas coisas pra gente, sabe? A gente foi correndo até a SEFAZ. Tudo sem grana, então a gente foi correndo. Chegamos lá já tavam descendo o cacete nos municípios, já tinha saído a primeira leva da gurizada e a gente tentando entrar lá dentro, era eu e um defensor público tentando entrar lá e o sangue nos olhos, a gente xingando o BOE. Eu lembro uma hora que eu fui dar soco no escudo do BOE e ele levantou o cacete, deu uma desviada e saía, e a gente ia, tentando entrar, a gente... muito louco. Eu peguei o megafone, eu lembro de ter xingado afu os policiais. E os cara com sangue nos olhos também. Eu lembro só da (nome omitido), que eu consegui ver entrar no ônibus e eu via a gurizada desesperada e eu... Bá! eu chorei, assim, eu não acredito que eu tô vendo meus companheiros assim, daí a gente já foi correndo pro DECA e eu fui chamando a imprensa...

Porque eu lembro de uma vez que meu pai conta que ele era pequeno e meu avô era radialista e tinha um protesto que eles iam cortar umas árvores [...] Que daí tu põe imprensa em cima e os cara não podem fazer nada, daí eles colocaram o cara do Jornal Já e o cara também tomou uma tunda e foi parar preso! Daí, eu ficava o tempo todo em cima do SBT, da RBS, por mais que sejam mídias



corporativas, são as que mais atingem a população. Eu chamava sempre eles pra filmar onde eles tavam apanhando, e nisso eu já tava avisando o pessoal do OcupaMINC pra eles chamarem gente pro DECA, pra ir lá pra 3ª DP, que é pra onde iam os mais velhos, que tinha gente maior de idade, que eles passaram quase uma noite no presídio, as gurias foram pro Madre Pelletier e os guris pro Central. Bá! A gente foi pra escola, todo mundo apavorado, e a gente disse que não ia desocupar até soltarem eles. Se eles forem ficar a gente vai ter que segurar isso daqui. Não pode desocupar. E a gente decidiu isso, mas por sorte já soltaram eles na mesma noite. Bá, aquilo foi aterrorizante.

*E como que tá a escola agora?*

Ah, [...] vai ter uma reforma [...] - informação omitida. É estranho.

*Mas essa reforma é resultado das ocupações ou não?*

Não, não, ali já tinha uma gurizada que tava, na real eles iam ocupar há um tempo atrás, a gente já fez vários trançaços na frente da escola, até pela questão da reforma e ela saiu na gestão do Tarso e o dinheiro e o projeto saiu na gestão Tarso, depois com o Sartori atrasou, atrasou e agora então, saiu. Daí veio a grana, 100 mil pra reformas. A gente brigou na direção, porque a direção queria usar pra botar ar condicionado no novo espaço, sendo que já vem uma grana pra isso. E a gente, 'não, esse dinheiro vai pra escola, vai pra sede dos menores, que eles não tem recurso, então vai pro que eles precisarem tem que ir pra lá.' O que não for a gente pode usar. Isso foi discutido há umas duas, três semanas atrás. Mas a relação na escola tá complicada, assim.

*Pois é, eu ia te perguntar, como que tá essa sensação em relação à escola? Como que tá a relação entre colegas, com professores, essa questão cotidiana, sala de aula voltou ao normal? Como que tá?*

Voltou ao normal, porque a maioria não era ocupante. No final da ocupação tinham seis alunos ocupando e são, sei lá, dois mil alunos na escola, entende? Nem todos viveriam aquilo, por mais que até apoiassem. Depois que terminou a ocupação, não tinha um coletivo muito forte lá dentro, meio que se diluiu depois de uma três reuniões. Na última reunião tava eu e o (:::), depois numa outra reunião eu e a (:::) e o pessoal do conselho escolar, na real, e só. E depois, na nossa escola, a direção foi esperta ali. Ela deixou a gente se criar lá dentro, tipo, vocês mandam na escola, eles me chamavam pra discutir o orçamento da escola, a gente quando queria sair da escola pra beber um refri, eu saía, entrava, e era isso que a gente brigava na ocupação, a gente tem esse direito de ir e vir na escola, né? A gente tinha anos atrás o direito de ir comprar um refri, voltar, ter a aula. As aulas voltaram a ser iguais, isso é triste, e eu lembro na primeira aula que eu tive, eu tive claustrofobia, assim. Foi bizarro entrar numa sala de aula, numa aula de química ainda, com uma professora muito autoritária, eu até tenho respeito por ela porque ela me respeita, e a gente se gosta até, mas, bá, sabe? Daí a minha turma toda me odeia agora, então, tipo, quando eu entrei ninguém me olhava na cara, e a gente brigando o tempo todo, na primeira semana a gente brigou muito, assim.

*Sobre o quê?*

Sobre a desocupação. Todo mundo era do desocupa, né? (risos) Minha turma toda era desocupa! Era eu, o (:::) e o (:::) que éramos da ocupação. O resto tudo nos odiava. Só que eles dois não tiveram esse envolvimento maior na ocupação, eles iam lá, tavam sempre lá e tal, mas não tiveram esse envolvimento político que eu e outras pessoas tivemos. Então eles tinham uma relação maior, eu já não tinha uma relação muito grande com a minha turma, assim, eu tinha um pouco. Depois, ali, a gente não se falava mais, daí, eu já... Bá! Daí a gente até tinha esse convívio dos ocupantes, mas a gente não sabia como passar isso pro resto. E daí, depois eu também fiquei um tempo sem ir na aula, porque depois bateu o cansaço. Eu deitei na cama e não conseguia levantar os

braços, assim, eu tenho que pegar uma semana pra descansar mesmo que eles não queiram fazer férias. Bizarro, algumas fizeram, tem escola que não vai recuperar em janeiro, a nossa vai. A nossa é muito capacho da Secretaria de Educação. É muito capacho. E tirando isso tem toda a perseguição. Depois que passou a ter câmeras na escola, ali a relação mudou totalmente. Começou a ter briga com a direção, briga com a escola, briga com professor, eu briguei feio com vários professores ali, por causa da ocupação. Não era nem, não tinha nada a ver com a ocupação, mas sempre caía na conta da ocupação e a gente brigava.

*Pois é, e os professores com isso?*

Ah, comigo eles não fazem muito porque eles sabem que eu brigo. Teve só uma que a gente brigou e depois a gente se pediu desculpas também. Ah, bá, ela é muito veia, não valia a pena. Só que eu tava numa raiva do segurança, que era o segurança da ocupação, que nos trancou lá dentro. Que ele não deixou uma senhora de 80 anos entrar pra ir no banheiro da escola. Ele tava ameaçando os estudantes com cacetete, a direção chamando estudante da ocupação no cantinho pra conversar, né? Botar e dizer que eles são massa de manobra minha e do meu pai, né, de meter pau na ocupação afu, de professor meter pau e fazer a caveira da ocupação pra tudo quanto é aluno, da gente não conseguir se juntar. Daí a professora começa a me xingar, porque \_ realmente, eu não gosto de sentar na cadeira, eu sento em cima da classe, e isso em todas as aulas, na aula dela ela fica muito puta da cara. Mas eu sou o cara que mais presta atenção na aula dela e ela não gosta e daí a gente discutiu. Ah, mas por quê? E ela começou a falar da ocupação, daí veio tudo, um vomitou coisa pro outro. Daí, depois a gente se desculpou, assim, mas, bá, e tava nesses estado. Aí, quer saber? Larguei! Daí eu saí, disse 'não vou mais pra aula'. Ainda tenho que aguentar a minha turma, tem que aguentar professor me enchendo o saco e tem que ver todo mundo correndo atrás, perseguindo os ocupantes, e a gente não conseguia fazer nada, eu não vou mais pra aula! Daí eu fiquei um bom tempo sem ir na aula também.

*Bom tempo é o que?*

Ah, umas duas semanas, e de vez em quando eu não vou. É que eu também tenho trabalho [...] - informação omitida, eu geralmente tô na correria e cago e ando pra escola. Até porque é difícil a relação lá dentro, mas depois vou lá, vou levando, eu consigo me garantir nas notas assim, porque por falta ninguém roda. Ninguém roda por falta lá na escola. Aí, eu vou indo fazer as provas, sigo trabalhando... Agora a relação tá melhorando, agora eu to conseguindo, sei lá, tipo, algumas pessoas já me olham na cara.

*Minha próxima pergunta é a seguinte: tu acha que ainda podem ocorrer mudanças na escola em decorrência da ocupação? Digamos, alguma mudança mais a longo prazo, ou alguma coisa que vai se revelar daqui a pouco quando as coisas tiverem mais...*

Eu acho que sim. Muitas coisas mudaram pelo menos nas pessoas que tiveram na ocupação. Isso a gente consegue levar pra nossa vida e o que a gente brigou. Na escola, vai levar um tempo, mas eu boto fé que vai mudar muita coisa, assim.

*Em que sentido?*

Não só nas próprias relações, mas como na forma que a gente leva a escola, assim, eu ainda tenho fé que ela muda. Vai levar um bom tempo. Um: tem que mudar a direção, tem que mudar um certo pensamento de alguns professores. Tu vê que tem professores engajados lá, que ainda são minoria, mas que eram os professores que estavam nos apoiando, mas que são professores bem preocupados com os alunos e a gente meio que forçou alguns a puxarem essa sensação de

pertencimento, e essa consciência dentro da escola. E isso, de certa forma, por mais que algumas pessoas... isso mexe naquela estrutura. Tanto que ela tá em caos até hoje.

*Via professores, tu diz?*

Uhum. E nos alunos também. Toda a estrutura escolar ali tá em caos até agora. Então tipo, nesse caos, dali vai sair alguma coisa ainda. Só que vai levar muito tempo. Muito tempo.

*E agora uma pergunta mais genérica, mais utópica, como que seria uma escola ideal na tua visão?*

Na minha visão? Bá! Eu imagino muito mais esse espaço que a gente tem como convívio, assim, e que a gente possa buscar como na ocupação, só que em vez de a gente estar sendo atropelado pela conjuntura, a gente estar pensando o que nos dá prazer, na real, um lugar de buscar conhecimento, e é o lugar onde eu menos adquiero conhecimento é lá. E o lugar onde eu mais convivo com pessoas é lá, e o lugar onde mais me proibem a convivência é lá também. Tu não pode... o tempo todo tem que tá ali sentado, escrevendo, não pode conversar com os outros. O que eu acredito é esse espaço de convivência, assim, de tu criar o teu espaço, e tu conhecer o espaço do outro, de tu se relacionar com o outro, eu acho que isso é fundamental e a gente precisa muito. Como é que a gente vai evoluir como ser humano se a gente não se relaciona com os outros? E isso pra mim foi o que mais ficou forte na ocupação, bá, a gente precisa se relacionar! Essa sociedade tá cada vez se desumanizando mais, e a gente tá num momento que a gente tá buscando além dessas questões, da conjuntura que nos atropela e a gente briga muito por elas, a gente briga pelas nossas relações, pela nossa convivência, a gente briga pra ser humano. E eu acredito que a escola seja esse espaço, o espaço também da gente conhecer a nossa história, da gente buscar conhecimento, mas de adquirir esse conhecimento, de poder usar e tu saber o que tu quer e o que tu não quer e ir adiante.

*E já encaminhando pro final, como era a tua escola antes das ocupações? Se tu tivesse que dizer 'como que a minha escola sempre foi...?'*

É, antes da ocupação eu vivia falando mal da minha escola. (risos) Depois da ocupação isso mudou muito, assim. Eu não sentia que eu pertencia à escola. Depois eu comecei a ter essa sensação. Isso mudou muito.

*Em relação a essa questão do cotidiano escolar? Qual era a tua relação com o cotidiano escolar antes, como tu lidava com isso?*

Bá, antes da ocupação eu tava CDF. Eu tava bem CDF na real. Eu tava estudando pra ENEM, pra vestibular, eu tinha uma bolsa integral no universitário, e eu tinha escola, então eu tava estudando, era o que eu fazia. Daí começou a vir a ocupação e eu, bá, que fff... Saiu o CDF e volto o (nome do estudante) que... É, foi bom pra mim também. Uma outra experiência que foi muito importante pra mim, pra vida, assim. Mais do que tá ali sentado estudando que nem um louco, não que também não seja importante, né? É muito importante pegar agora, ainda mais no momento que a gente vive, eu não sei nem se eu vou ter ProUni pro ano que vem, sabe. Mas também... uhm...

*É, o que revela também a importância da ocupação... E por fim, é mais um espaço de complementação, assim, se teve alguma coisa que foi super importante que eu não te perguntei, alguma coisa que tá fora disso que a gente comentou e que tu não pode deixar de falar, enfim.*

Eu não posso deixar de falar que o bolinho de chuva do xx é bom pra caralho! (risos)

*Vou ter que entrevistar alguém do xx então!*

Até te passo o contato, porque bá! Numa reunião que a gente foi - que isso era afudê, da gente circular a cidade e ir pra tudo quanto era escola, né? Daí teve uma que eu peguei e fui lá no xx, e daí eles fizeram bolinho de chuva recheado, meu deus do céu! Eu lembro até hoje do bolinho de chuva! Tudo que é reunião que tem alguém do xx eu pergunto cadê o bolinho de chuva! (risos)

*É isso, então! Muito obrigada!*

Ah, bateu uma saudade!

### ENTREVISTA 3EF

*A primeira pergunta é: como que tu te envolveu nas ocupações? Qual foi teu primeiro contato, como foi na tua escola, e como que tu fez parte disso, se teve algum momento que foi definitivo ou se tu tava lá desde o início...*

Tá, entendi. Eu sou presidente do grêmio estudantil lá da escola. Desde antes da gente pensar em ocupar, a gente já tava presente, sabe? Não teve, ah, foi agora, do nada, assim. Eu tive desde sempre, desde que começou a discussão na escola, em 2015, né? Que começou a ocupar São Paulo. Que teve aquela onda enorme de ocupação em SP, foi super novo e daí a gente ficava, tipo, 'meu deus eles estão ocupando!' E nessa época, eu já tava no grêmio estudantil. Bom, passou, né? Chegou 2016 e começou a acontecer as coisas no governo e tal, as PLs. E a gente viu que a escola foi decaindo muito, sabe? Em todos os aspectos, desde a merenda que a gente tava recebendo, até estruturalmente, de não ter mais reforma etc, e a gente começou a ficar, tipo, 'ai meu deus, vai acontecer alguma coisa esse ano...' E daí o xx ocupou e a gente, 'não, vamos ter que participar disso'.

*E como que vocês ficaram sabendo e como que foi o início da ocupação na escola?*

O *start*? A gente ficou sabendo pelas mídias, né? Pela internet. A gente já tava tendo movimentação das escolas e tal e uns atos esporádicos em algumas escolas e a gente 'nossa, que massa!'. E quando saiu que eles ocuparam... porque o que aconteceu: o xx ocupou, e quando deu dois dias de ocupação, o governo deu 45 mil pra escola. Justamente pra tentar com que as outras escolas não ocupassem. Entende? Pra prevenir a ocupação em massa, que foi o que aconteceu. Só que não adiantou muito, entendeu? O xx continuou ocupado, falou que não adiantava, que essa era só a verba atrasada, da Secretaria de Educação, e daí começou todo mundo a ocupar, ocupar, ocupar, e daí todo mundo começou a estudar na escola, né? Aí, a gente foi falar com os professores e eles assim 'olha, vocês sabem que a ocupação é uma coisa difícil e tal, isso é uma luta de vocês, mas o nosso papel é informar pra vocês o que que é, né?' Daí, eles nos indicaram três coisas que nos ajudaram muito pra conseguir ocupar na escola, que foi o manual *o mal-educado*, não sei se tu sabe qual é. É um manual que os estudantes do Chile, quando ocorreu as ocupações do Chile fizeram, pra casos outros estudantes quisessem ocupar, com coisas que facilitariam, né? No dia-a-dia dentro da escola. Daí, a gente viu o documentário do Chile, que é a Revolta dos Pinguins, e a gente viu o *A Paz Acabou, Isso Aqui Vai Virar o Chile*, que é o de São Paulo, de 2015. E, daí, a gente começou a se organizar, né? Muitas pessoas começaram a ficar com medo, porque, meu deus, é absurda a repressão que eles tiveram, não se compara à que a gente teve aqui. Embora a gente ainda tivesse a pressão e tal, não foi igual. E, daí, a gente começou a se organizar, começou a ver quem gostaria de ocupar, quem não gostaria e tal. E a gente fez assembleia, fez duas assembleias na escola pra ver se a maioria dos alunos apoiaria se tivesse uma ocupação na escola, né? Porque a gente não poderia ser tão antidemocrático e chegar lá, meia dúzia de gato pingado e dizer 'não, vocês não vão mais ter aula'. A gente tinha que ver, o que os outros também pensavam disso. Aí, a gente fez a votação, e a maioria,

por contraste visual, assim, apoiou a ocupação. E a gente foi chamado na direção e tal, teve todo aquele rolo de 'ai, vocês são contra os professores, como é que vocês vão ocupar!'. Porque o que aconteceu, quando começou a ter as ocupações, a SEC foi muito esperta e muito estrategista e mandou um email pra todas as direções, dizendo que se tivesse ocupações nas escolas, seria cortado o ponto dos professores e os professores não receberiam. Ou seja, colocou os professores contra os alunos, tipo: briguem. E foi o que aconteceu, as direções começaram a ficar muito em cima dos alunos, pra que não ocorressem as ocupações, na nossa escola foi isso, assim. Tanto que teve uma reunião com os pais, na qual a diretora expôs todos os problemas da escola, que não sei que, que na ocupação ia ter uso de drogas, aquilo básico que a mídia fala, sabe? Que ia ter drogas, ia ter sexo, ia ter rock'n'roll, ia ter não sei que, ia ter overdose de maconha, ia ter filho, sabe botou o terror assim e a gente ficou tipo 'quê!?' E ela, muito louco, porque nesse dia foi tipo, era cinco pessoas da ocupação, ali na frente e, tipo, cinquenta pais. E eu tava lá, eu saí de lá, assim, óh, devastada. Chorava desesperadamente, porque foi absurdo, sabe, foi botar cordeiro na frente de leão e se matem, assim, danem-se. Tô nem aí...

*Mas o quê? Os pais faziam perguntas e vocês tinham que dar explicações?*

Aham! Tinha que se explicar e dizer o 'porque vocês tão querendo ocupar, se a escola de vocês é tão boa?' E daí a gente começou a falar assim 'não, nossa escola não é tão boa'. Daí, a gente teve que listar cada problema mínimo da escola, cada dificuldade que a escola tava tendo, por exemplo, eu tive que explicar lei pra pai, entendeu? Tipo, lei. Gente, eu não tenho que ficar explicando lei. Tu é pai, já é formado, tu que tem que ir atrás, sabe? E a gente teve que começar a se explicar e dizer não sei que, e daí que os pais começaram a ver os problemas da escola, porque eles não sabiam. Porque fica tudo muito dentro, sabe? Daí, a diretora se tremia toda, toda. Porque os pais começaram 'tá, mas como assim tem esse problema e tu não falou?' 'Como assim tem uma parede que tá pra cair e pode matar um filho nosso e tu não nos falou?' 'Como assim tem um fogão que tá quase pra explodir, pode matar todos os nossos filhos e tu não nos falou?' Porque o principal ali era porque a escola tem o y, né? Que é o ensino fundamental e os pequeninhos, então, 'ai, nossa, nossos filhos vão ficar sem aula, não sei que, babababababa', beleza e a gente 'não, vamo então...' A gente ficou uma semana ocupando com o fundamental funcionando ainda. Justamente pra, né, não criar tanto atrito com os pais. Isso fez com que muito pai viesse apoiar a ocupação, eles entravam dentro da escola e viam como era a ocupação, viam que era organizado, que a gente conseguia ter uma autogestão, que a escola tava bem cuidada, que não tava tendo problema, que ninguém tava grávida, que ninguém tava usando drogas dentro da escola.

E os filhos deles viam olhar também, então eles contavam pros pais o que tava acontecendo. E, daí, só que pra nós ocupantes era muito difícil a organização com os pequenos entrando dentro da escola. Daí, a gente 'bom, a gente vai ter que trancar'. Só que a gente teve que ter uma justificativa pra trancar o CAT. E foi muito boa porque os próprios pais pisaram no seu próprio pé... A gente tava lá uma tarde, eu não tava porque eu trabalho de tarde, e daí um pai do ensino fundamental entrou dentro da escola, e ameaçou bater num menino que tava ocupando. Assim, tipo botou ele na parede, botou dedo na cara, deu um baita de um bafafá. E a gente, 'bom, não tem opção, a gente não vai pensar em trancar o CAT, a gente vai trancar, porque tá pondo em risco a nossa integridade física, sabe?' E não só a nossa mas também a das crianças, porque se entra um louco aqui e bate em alguém, e machuca uma criança quem vai ser responsabilizado vai ter a gente. A gente é que vai ser criminalizado. Daí a gente trancou. Daí, foi muito melhor a organização dentro da escola. Foi muito mais eficaz, fluiu melhor.

*E na tua visão, qual foi a razão das ocupações terem acontecido?*

A razão é difícil. Não foi uma razão, foi um todo, assim. Porque desde 2015, desde o final de 2014 tá ocorrendo um sucateamento tremendo da educação, é absurdo, tu pode pegar a coisa mais

simples e tu vê o quanto tá sendo sucateada a educação. O quanto os alunos tão sendo podados, cortados, o quanto os alunos tão sendo silenciados. Tu não tem voz dentro de uma escola como estudante. Tu é silenciado, tu é tratado como uma pessoa que não sabe de nada e aqui teve *starts*, teve pontos que 'pum', que só foi a gota d'água pra tudo que já tava acontecendo, sabe? Por exemplo, lá em São Paulo, foi o remanejamento das escolas, no Rio de Janeiro, eles também queriam fechar escolas, e no Rio de Janeiro tinham várias pautas, e aqui, além da PL 44, a 190 e o corte da merenda e etc, que foi só coisas que foram gotas d'água. Assim, que a gente não tava mais aguentando viver naquela situação. Foram várias razões, mas acho que a maior de todas é que a gente não aguentava mais, não aguentava mais ficar pra gente aquela indignação, daí, a gente, digamos que, se rebelou, 'não, acabou, dane-se!'

*E como é que foi a experiência das ocupações pra ti? O que tu poderia dizer que tu aprendeu?*

Peraí, deixa eu pegar a lista (risos).

*Como que foi essa experiência de ocupar a tua escola?*

Bá, foi maravilhosa, assim. Meu deus, foi uma das melhores experiências que eu vivi na minha vida até hoje. E ela não é tão longa, né? Mas foi, sem dúvida. Eu tava conversando com a minha amiga, todo o estudante devia ter a experiência de ocupar a sua escola, pelo menos uma vez na vida, assim, toda pessoa devia ter essa experiência, viver isso. Porque tu te conhece, tu conhece o outro, é uma época de validação, sabe, tu valida as coisas que tu pode fazer, tu pega um órgão, que é gerido por pessoas que ganham teoricamente bem, assim, né? Um órgão que é gerido por pessoas que são formadas e tem altos doutorados e tu, considerado infantil ou criança, consegue coordenar ele e fazer autogestão, sabe? Tu faz sozinha! A escola, sério, a escola funcionava muito melhor na nossa gestão de estudante do que na gestão de professor! Tanto que na ocupação não entrava álcool! Voltou a escola não deu uma semana tinha aluno bêbado dentro da escola. Sabe? A gente aprende muito sobre nós mesmos, sobre como ouvir o outro, sobre como não desrespeitar o teu colega, sobre como cuidar o teu ambiente escolar, de que, merda, se tu pentear o teu cabelo na pia, vai entupir a pia. Depois tu vai ter que usar aquela pia pra alguma coisa. Então não penteia o teu cabelo na pia, sabe? Tipo, sujou, limpa o teu prato. Porque não vai ter alguém pra limpar o teu prato, é tu que vai ter que limpar.

Tu tem que lidar com coisa que é de âmbito estadual que tu nunca tinha que lidar sabe? Tu tem que aprender a decifrar lei, tem que aprender a duvidar da pequena vírgula que tá lá na PEC, sabe? Tu tem que aprender tudo. Tu tem que aprender argumentação pra... como que tu vai argumentar com um pai? Como é que tu vai falar com um pai que o que tu tá fazendo é bom, se ele só quer que o filho dele tenha aula? Tu tem que aprender, te vira, pinta, tua mãe não vai tá lá do teu lado, 'ai, deixa eu te defender, filha!' Não, sabe, é tu. Então tudo tu tem que aprender, foi absurdo, assim, desde a fazer assembleia até a aprender qual é o papel das entidades estudantis, que tu tem, por exemplo, no Brasil tá, a gente tem a Une, a Ubes, a Uges que é daqui do Rio Grande do Sul e a Umepa. São quatro entidades, assim, sabe? Pra que que elas servem? Eu tive que aprender! Porque pra mim só servia pra fazer carteirinha estudantil, entendeu? E gastar o dinheiro, porque vai dinheiro pra eles. Eles são pagos pra nos representarem e eles nos representam? Fica aí a dúvida, entendeu? Não, não nos representam.

Tu aprende manobra política, estratégia política, porque tu não sabe, até então tu vai onde te mandam. A maioria das pessoas que ocuparam tiveram seu início de militância nas ocupações. Então, por exemplo, hoje eu tenho uma visão política diferente, apesar de antes da ocupação já ter uma visão política etc, mas eu tenho uma visão política totalmente diferente. Por exemplo, eu sei quais são as manobras políticas que as pessoas dão, sabe? E o quanto a gente é influenciado e o quando a gente é manobrado pra fazer determinadas coisas que são do interesse de outras pessoas. E quando tu ta numa ocupação, é o interesse dos estudantes. É o nosso interesse que tem que valer, é aquilo que a gente acredita que seja o melhor pra gente. Então tu tem que aprender... é muita coisa que tu tem que aprender, eu não sei dizer uma assim, que eu aprendi, não sei.

*E tá, minhas próximas perguntas tem a ver com isso que tu tá falando, sobre política e também sobre os eventos culturais que aconteceram nas ocupas. Na tua escola, houve eventos culturais durante as ocupas?*

Muitos, muitos! Da minha escola saiu uma banda, que se formou na ocupação! A minha amiga, a (...). Aí, gente curtam a página dela, ah, tri daquela que faz o *marketing* da amiga! (risos) A gente teve muito evento cultural, a gente teve show, a gente teve muita produção nossa de cultura nossa, assim. Eu escrevia texto toda hora, poesia toda hora, porque tu fica muito, com teu sentimento muito à flor da pele. Então a gente teve show, a gente teve desde sei lá, fazer foto toda hora, porque a gente precisava ter um olhar artístico sobre aquilo, sabe. E isso é uma coisa que eu falo - até esses dias eu fui pra Osório na ocupação do IF de lá e eu disse 'gente, façam, produzam arte, porque é isso que fica, sabe? Porque a ocupação ela vai acabar uma hora ou outra, agora o que vai ficar é o que vocês produziram dela, sabe? E é muito legal vocês terem o ponto de vista de vocês.' E a gente tinha roda de violão, a gente tinha aula de teatro, a gente tinha muita coisa que a gente na escola não tinha acesso. E até hoje, além de não ter acesso, querem cortar mais do que já é, entendeu, tio Temer, aí com a MP quer cortar artes do currículo! Poxa, eu já não tenho aula de artes como eu gostaria de ter e tu quer cortar? Como é que tu quer que eu viva sem arte, querido, não dá, entendeu? Não tem como.

*E como que foram organizadas ou pensadas ou realizadas essas atividades culturais?*

Tá, assim, ó, dentro das ocupações tu fica num estresse tremendo. Então o pensamento era vamos desestressar, vamos botar pra fora aquilo que a gente tá sentindo e vamos fazer alguma coisa, entendeu? Daí, a gente teve, como tinha essa menina que surgiu a banda dentro da ocupação, que ela se juntou com o filho de uma professora que toca e tal e surgiu a banda deles. A gente, eles tocavam sempre dentro da ocupação, tanto que a gente tem músicas que foram feitas de situações que a gente viveu. E a gente também, por exemplo, teve um dia que teve um show lá na nossa escola, que foi o show do Cartolas e o show dela, e durante o show um menino nos doou um grafite, então era o show tocando e ele fazendo o grafite, e era um grafite que representa muito o que foi aquele momento pra gente, sabe? O grafite são duas pessoas, eu tenho aqui a foto, é muito bonito assim, até foi vandalizado depois. Bá, sério, foi...

*Ai, me manda essa foto?*

Sim, mando o vídeo também. É maravilhoso, tudo assim, porque sério, meu deus, eu vou chorar porque eu tô muito à flor da pele. E, daí, a gente começou muito nisso assim, a gente precisava produzir, sabe. E era muita expressão daquilo que a gente tava sentindo. Muito, muito, muito. Tanto que, na ocupação, a gente fez o mural da ocupação, e a gente tinha uns papeizinhos que as pessoas que iam lá escreviam e botavam pra gente e a gente lia e se derramava chorando, sabe? Muita coisa que a gente escreveu...

*E abertas ao público essas atividades?*

Sim, todas, todas eram abertas ao público. Claro, que, assim, né? A gente dava uma cuidada porque pode entrar P2, essas coisas assim, então a gente ficava de olho, aquela equipe de segurança pra ficar cuidando de quem entra e quem sai. Porque a gente tá muito vulnerável nessas situações, assim, mas era aberto ao público, quem entrava entrava, e tinha em todas as escolas. Todas, Apanhador Só foi em várias ocupações, aqui e em outros estados.

*Pois é, a próxima pergunta foi se tu chegou a ir em eventos de outras escolas?*

Sim, a gente teve que pegar todas as ocupações e se unir, né, pra poder dialogar com o estado, então a gente passava em outras ocupações. Viviam assim, tinha sarau, tinha não sei o que, tinha show, tinha assembleia, tinha várias coisas que a gente ia, dormia nas outras ocupações. Por exemplo, se a gente tava na x, o y é aqui do lado, a gente saía e ia dormir no y, sabe, não tinha muito... A gente se falava muito.

*Tu acha que os eventos culturais tiveram algum papel específico, algum papel relevante nas ocupações, ou foi tal qual as outras atividades realizadas?*

Não. Eram os momentos mais importantes. Eu considero como mais importantes. As outras atividades, elas eram muito importantes? Eram muito importantes. Mas elas eram um momento que a gente tava lá discutindo política e tal e quando a gente fazia um show dentro da escola, a gente tava vendo nossos amigos, a gente tava, sabe? Botando o sentimento pra fora, a gente tava vivendo aquilo, sabe, como uma experiência em si. Então, eram momentos muito importantes. Tanto que eram momentos em que as ocupações eram mais lotadas, assim. Que mais vinha gente de fora, que as pessoas vinham conhecer o que tava acontecendo dentro, que a mídia vinha, que a gente podia 'pronto, agora não to preocupada se o Sartori vai fazer um ataque, eu só quero cantar aqui Apanhador Só e dane-se, sabe? Só quero comer meu hambúrguer vegano e vai se catar o mundo, sabe? Só quero ver meus amigos, só quero sentir, sabe, o que tá acontecendo.' Era muito bom, que saudade.

*Bom, daí sim a próxima pergunta é referente a essas questões políticas, o que tu aprendeu, ou então assim, que novas perspectivas tu pode adquirir, referente a questões políticas a partir da experiência das ocupações?*

É, como eu falei, eu aprendi muita coisa ruim, não ruim, assim, mas que eu não imaginava. De manobra, de como a gente é usado politicamente.

*Tem como dar um exemplo?*

Tenho, por exemplo a gente teve as ocupações, tá? Daí, logo depois agora teve as épocas das eleições e um, não vou citar nomes, na real, até deveria citar pra, né? Tinha muitas entidades e aquelas uniões de juventudes que pertencem a partidos políticos. As entidades, nelas ocorrem votações e partidos políticos concorrem nelas. E, daí, teve um determinado vereador, que no seu vídeo ele usou a nossa luta como se fosse contra o golpe. "Ai, as ocupações foram contra o golpe." Não. Tu usa um movimento enorme pra te autopromover? Me desculpa, eu não ocupei contra o golpe, apesar de ter meu posicionamento político sobre isso, a minha ocupação foi contra um ataque do governo Sartori, sabe? Não foi contra o golpe. São coisas distintas. Muitas vezes, a gente é silenciado como estudante independente, porque tu não participa de nenhum partido político, tu não participa de nenhuma entidade, então 'tu tem que calar boca porque quem representa tu sou eu, então eu que vou dialogar com o governo, só que eu, eu sou de partido político, então eu vou colocar meus interesses partidários nesse rolê'. E foi o que aconteceu nas ocupações.

Em São Paulo, as entidades foram expulsas, no Rio, também e aqui também. Então, isso, se tu for fazer uma linha, tu percebe as entidades que eram pra nos representar, não nos representam. Então o que que tá acontecendo? Alguma coisa tem que mudar, né?

Eu também tive outra visão a respeito da esquerda. Assim, como militante política, tive outra visão, eu achava nossa esquerda revolucionária. Uhu, abaixo a direita! Hoje eu vejo que a esquerda tem muitos vícios da direita, muitos vícios da direita. A esquerda, ela precisa de renovação, que, se não, ela vai se perder, como muita esquerda se perdeu. E é absurdo como tu vê isso. Porque tu usa o nome da revolução pra fazer atitudes de direita? Não tô entendendo o que tá acontecendo. É sério, eu fico muito confusa, então. E isso, por exemplo, como eu conheço muita gente de organização e que são meus amigos, e são de organizações políticas e tal e me perguntam por que tu não te organiza. E



eu falo porque nenhuma delas me contempla ainda, eu vejo muita atitude que não me contempla. Eu não vou me organizar numa coisa que, né, não me contempla pelo menos quase que plenamente. E foi bem difícil pra mim, ter essa nova visão, porque eu tinha uma visão muito restrita. Tinha uma visão diferente do que era a esquerda em si, e agora convivendo é...

*E tem algum acontecimento ou algum marco, alguma coisa relevante que a partir dali virou uma chave, que a partir dali caiu uma ficha, sobre essas questões políticas, algo que tu possa destacar?*

É, assim, eu particularmente sempre fui com pé atrás, eu (nome da estudante omitido), eu, como grêmio estudantil, sempre fui assim. Só que durante as ocupações teve marcos, por exemplo, quando ocuparam a assembleia legislativa, sabe? Aquilo ali foi um movimento político das entidades e dos partidos políticos. Foi eles. Eles juntaram pequenas cabeças e sentaram com o secretário de educação e aceitaram a proposta do secretário de educação e desocuparam as escolas. E, ali, se tu for pegar a carta do Sartori, tu vai ver que aquilo ali é puramente governista, é puramente de interesse partidário, aquilo ali é puramente pra tu falar 'a gente conseguiu alguma coisa'. Só que não conseguiram nada. Aquilo ali é uma maquiagem, e aquela atitude enfraqueceu o movimento de ocupação. Teve outras atitudes que foram bizarras, desde a gente em assembleia... Tava eu e minhas amigas, e a nossa escola era uma das independentes, que ocupou sem partido, sem entidade e sem ninguém de partido lá dentro, das entidades olharem pra gente e falar 'suas fascistas!'. Porque a gente não se sentia representados por eles. Gritavam, entendeu? 'Suas fascistas!' Eu quase falei 'querida, eu posso te denunciar por tu estar me chamando de fascista, tu sabe disso?' E entidades essas querendo me representar... Ok. A gente ocupou a Secretaria da Fazenda, sabe? Depois que a gente ocupou, saiu várias coisas na mídia, teve gente de partido político que colocou no facebook: 'pisa ligeiro, pisa ligeiro, quem não pode com a polícia não vai contra o movimento'. Poxa, a gente tava no mesmo movimento político. E daí tu fala isso de companheiros teus? Tipo 'pisa ligeiro pisa ligeiro se tu não pode com a polícia tu não ocupa a Secretaria da Fazenda'. Só que as entidades e os partidos políticos já tinham sentado com o governador do estado, sem falar com as suas bases, sem informar a suas bases. Peraí, sabe? Tem interesse de alguém valendo mais do que o de outro. E foi louco assim, foi louco.

*Eu fico me perguntando e quero te ouvir um pouco sobre isso, por que tu acha que foi tão diferente a reação da ocupação da SEFAZ e da AL?*

Pois é. Essa é a questão que a gente se pergunta sempre. Isso foi uma das coisas que depois que a gente ocupou a SEFAZ, eu falei tá, e por que que dentro da AL não teve repressão? Por que eles não apanharam, por que não foram detidos, por que a maioria dos maiores de idade que estavam lá não foram criminalizados como tão sendo os que são independentes? Por quê? Fica aí pra livre interpretação, né? Porque, assim, eles são partidos políticos, eles têm poder monetário, porque, se um militante deles vai preso, eles tem dinheiro pra tirar. Eles têm advogado pra tirar ele de lá, sabe? As pessoas que tavam lá, olha, os que eu conheço, assim, de várias coisas que aconteceram, a maioria não era mais secundarista, sabe? Teve uma amiga minha que falou com o presidente da união dos estudantes daqui e perguntou 'tu estuda em qual escola?'. O guri tem vinte e poucos anos, ele é pago pra continuar sendo secundarista, sabe? Ele não vive a realidade que eu vivo. Então, ele tá lá por algum interesse. Porque alguém quer que ele esteja lá. Foi aí que a gente acordou, aqui com os estudantes. 'Então fiquem felizes que a gente é um ótimo estado'. E acorda com uns e bate nos outros, né? Isso me deixa muito irritada. É sério. Eu lembro do gás de pimenta na minha cara, eu lembro daqueles merda, isso me deixa muito irritada, porque é absurdo, é revoltante. E isso que mais faz com que eu não queira me organizar politicamente, eu não quero ser manipulada dessa forma. Eu não quero ver uma coisa errada e ter que ir lá fazer, prefiro ficar de boas aqui sendo militante eu mesma, porque tem muita revolta nisso.

*E como é que tá a escola hoje?*

Diffícil, eu diria. Ai, ai. Diffícil, assim. Logo no início, a gente foi acusado de roubar, a escola nos acusou de furtar ferramenta, entendeu. A gente, nos primeiros dias, esse mesmo grafite que tu viu, ele foi pichado, por alunos da noite, durante o turno da escola, sabe? A gente foi agredido verbalmente por professor, a gente foi chamado de vagabundo, dentro de sala de aula, por professor. A gente tá sofrendo um silenciamento muito grande, então a escola ao mesmo tempo que ela ficou receosa, ela continua nos silenciando. É um desmerecimento pra aquilo que os alunos conseguiram. 'Ai não, vou colocar BO em vocês' (me mostra a foto do grafite com dizeres "tchau querida, estamos com a PM, direita já, bolsomito, volta pra Cuba, tudo vagabundo") e a direção não fez nada, foi um absurdo. Eu me lembro que, quando aconteceu isso, sabe o que a diretora nos disse? É pixo em cima de pixo, é liberdade de expressão dele. E, daí, a gente falou 'olha só, liberdade de expressão não é quando tu ofende alguém, quando tu faz apologia a estupro, quando tu faz apologia a crime', isso não é liberdade de expressão. Daí, a gente falou 'vocês se sentem tão ofendidos com um grafite que tá na parede da escola, mas vocês não se sentem ofendidos com xingamentos machistas que estão nas portas dos banheiros, com as ofensas que estão nas paredes das meninas, com isso vocês não se sentem ofendidos... Isso os pais não vem reclamar, mas o grafite que a gente fez, que representa a luta que a gente conquistou e vocês se sentem ofendidos?!' Bá, assim ó, eu queria matar. A gente ficou GRRRR! E eles, 'ai porque vocês roubaram as ferramentas'. Como é que eu vou roubar um cortador de laje? E pra que que eu vou roubar um cortador de laje. Poxa!

E a gente começou a descobrir um monte de irregularidade no sistema da escola. Tem uma empresa que tá trabalhando lá há quinhentos anos, não faz nada na escola, e a gente é culpabilizado se some um treco deles? Sendo que, pra estar dentro da escola tem que ser patrimônio do estado, porque é aí que o estado se responsabiliza. E tu acusa os teus alunos, que tu conhece. Fica aí pra livre interpretação. Daí aconteceu outros movimentos assim, tanto agora que a gente tá numa questão, dentro da escola ocorre muito machismo, né? Tanto por parte de professor quanto por parte de aluno e a gente tá sofrendo um silenciamento grande, a gente é tratado como se nada tivesse acontecendo. Como se tudo tivesse bom e às mil maravilhas e não tá, sabe? A gente fez um ato dentro da escola que meio que foi boicotado pela direção, e até então a direção não...

*Pois é, a minha próxima pergunta é sobre isso, como é que tu te sente em relação à escola, depois das ocupações e como que tá essa questão do cotidiano escolar, porque, a princípio, voltam as aulas, volta aquela rotina de antes?*

Pois é, acho que isso tem uma... Eu tava conversando com uma amiga, que me acompanhou nas ocupações assim, a gente falou assim 'ah, antes de ocupar, a gente sabia que o sistema de ensino era uma merda, ok, a gente sabia disso, a gente ocupou, a gente viu um novo método de ensino que funcionava, a gente legitimou a nossa tese e continuou uma merda, sabe?' Cagaram pra aquilo que a gente descobriu, beleza. Tipo, meu, eu te mostrei que dá certo, eu te provei que dá certo e que é possível, mas tudo bem, tu não quer entender não entende. Nos primeiros dias que a gente voltou foi horrível, eu não conseguia... Até hoje eu tenho dificuldade, eu não conseguia ficar naquele sistema, era tipo 'me tira daqui.' Foi absurdo.

Mas o nosso posicionamento como aluno foi muito mais de cobrar, assim, tá, mas peraí, como assim isso, como assim aquilo, isso tá errado, isso também. Isso foi uma coisa que foi meio que geral, assim. Os alunos viram que conseguiam falar o que tava errado e o que eles achavam de errado. Claro que a direção ficou muito braba, puta da cara, porque 'como que os alunos vão falar isso? Como que os alunos vão criticar a minha postura como professor dentro da sala de aula? Que absurdo! Eu sou uma ótima professora!'. Pois é, não tá funcionando, desculpa. Isso foi absurdo no início, foi louco, pra mim foi tipo 'não, eu quero voltar!'. Apesar de ter sido uma época muito difícil, foi uma época de muito mais aprendizagem do que os três anos que eu passei no ensino médio, sabe, e isso em um mês. Fica aí, então, se tu quer continuar o que tu tá fazendo e ficar dando essa metodologia cagada.

*E tu acha que tem coisas que ainda podem mudar, a partir das ocupações?*

Sim.

*A longo prazo, ou...*

Pois é. Acho que a questão da mudança, no sistema escolar, dentro das escolas, ela se dá justamente após, assim, no sistema de como as escolas funcionam. Porque os alunos, quando eles voltam da ocupação eles voltam muito mais ativos, né? Eles não voltam aquele aluno doutrinadinho que tu coloca dentro de uma caixa e pronto. Ele volta um aluno muito mais pra fora, tipo, vou falar e dane-se. Então, a gente, como estudante, a gente percebe a nossa força, e percebe que quem tá ali não é pra fazer o que quer e dane-se. Ele tá ali porque tem uma lei que rege ele que é a LDB e tu pode falar 'olha só, na LDB que é a lei que te rege, isso e aquilo, tu tem que me oferecer isso e aquilo'. Então, as coisas mudam gradualmente a partir da nossa ação né? Diante daquilo, daquilo que a gente percebe. E lá na escola é difícil porque tu te vê muito silenciado, mas é possível, não é algo que 'oh, meu deus, não pode acontecer'. Pode acontecer. Só que demanda muita força sabe? Porque tu é muito calado, muito mesmo.

*De que formas?*

De várias formas, do tipo de que, por exemplo, vou dar o exemplo da nossa intervenção contra o machismo. Tenho o vídeo, se tu quiser pode ver. A gente fez uma intervenção, e a gente precisava de um microfone. Um microfone que ele é lá do grêmio, que o grêmio pode usar, a diretora falou que não. A gente precisava daquele microfone pra fazer nossa intervenção. Não ia machucar ela. Aquilo pra gente foi um silenciamento pra não mostrar o que tava de errado dentro da escola. Uma semana depois da ocupação, deu uma chuva enorme em Porto Alegre e a escola ficou inundada. A gente tirou foto, postou e falou 'é verdade, não tinha motivo pra ocupar, olha aí'. Daí veio 'ai, vocês não sabem, porque isso, porque aquilo, então não postem isso, não façam isso, não digam isso.' Como assim não diz? Eu vou falar. Por exemplo, ocorreu vários casos de racismo dentro da escola e o que que a direção faz? Ata. Ata, escreve, bota no caderno, bota na gaveta. Sabe? Tu não tem um 'porque tá acontecendo isso? Porque é o segundo caso de racismo que acontece dentro da escola?'. O menino pixou nosso grafite, 'ai, ele pixou, mas foi o pixo em cima de pixo, vocês não têm muito o que falar'. Como assim? Eu tenho que falar, sim. Esses pequenos detalhes que a gente se sente calado. Por exemplo, a gente conseguiu 80 mil pra nossa escola. 'Ai, não, não foi vocês que conseguiram, é que já ia vir esse dinheiro, porque o estado é muito bom, é do banco internacional.' Realmente, o dinheiro é do banco internacional porque foi um empréstimo feito, porém quem conseguiu a liberação desse dinheiro foram os seus estudantes. Então, fala que foi a gente e não fala que foi o BIRD, e o governo mandou porque foi bonzinho, fala que a luta foi nossa, porque quem quase apanhou foi a gente, quem tá sendo criminalizado são os alunos, não foi tu, o dinheiro não veio porque tu é uma ótima diretora, o dinheiro veio porque alguém lutou pra que ele viesse.' Daí foi meio tipo 'apagamento da história'. Uma questão de vamos apagar o que aconteceu, é isso, apagamento daquilo que a gente fez.

*Como que seria uma escola ideal pra ti?*

(suspiro) Ai, como tu... (risos) Ai... Difícil falar sobre escola ideal, porque tudo... sabe a escola que a gente tem hoje? Sabe ao contrário? É isso! (risos) Na escola que a gente tem hoje, eu prefiro falar do que tem do que do que não tem, né? Porque eu não tenho ideia do que seria uma escola ideal. Eu tenho ideia do que não funciona. Por exemplo, a estrutura, ela é errada, o método das classes é errado, o método do professor falando é errado, o método de você tem 17 anos, você sabe mais do que quem tem 10 anos, é errado, sabe? Quando a gente, não sei, acho que no sistema atual tem várias mudanças que são possíveis que mudam totalmente o método de aprendizagem, sabe? Por exemplo, o

modo como tu coloca as classes já muda. Teve uma turma lá na escola que tirou a classe do professor da sala de aula, porque as turmas têm essa autonomia, né, de mudar a sala e tal. Tirou a classe do professor e fez em U. Teve professor que colocou no facebook: 'eu não fiz mestrado e doutorado pra isso!'... Peraí, então cadê o famigerado Paulo Freire nessas horas? Que ninguém deu uma lida, eu acho. Então, uma educação ideal, é onde todo mundo consiga ensinar e aprender junto, sabe?

Porque, hoje em dia, a gente não ensina e nem aprende. Às vezes, a gente é programado como uma maquininha, assim. Não sei, assim, é muito complicado pensar nisso, porque quando tu cresce do mesmo jeito, tu pensar numa forma nova é louco, assim. Mas como funcionou na ocupação foi muito bom, é muito... Não sei explicar. Mas foi uma coisa que a gente viu que funcionava, sabe? Que dava certo, que tinha outro método e foi muito bom. Que o meu conhecimento não precisava ser posto em prova, eu não precisava provar pra ninguém que eu aprendi aquilo, sabe. Que qualquer pessoa me ensinava, sabe? No dia que a gente tava desocupando, foi numa quinta-feira \_ que nostalgia \_ a gente mudou todas as classes da escola de lugar, a gente fez tudo em U, todas, todas. Claro que a direção não deixou e a gente escreveu no quadro 'cada um, em sua singularidade, ensina'. Então, não é só o docente que tem lá 15 milhões de doutorados e não sei quantas especializações e manja lá das academias que sabe as coisas. Tanto que a gente aprendeu muito mais um com o outro. Muito mais. Então, não sei. Menos hierarquia, mais horizontalidade, talvez seria uma ótima educação.

*E como que era a tua escola antes da ocupação?*

(risos) Ah, difícil categorizar minha escola. Mas ela sempre foi um reflexo do que é a sociedade. Ela não se permite mudança, ela é aquilo que é nossa sociedade, agressão à mulher, ao homossexual, silenciamento de mulher, silenciamento de homossexual, é uma coisa metódica, onde os alunos têm que aceitar que dói menos, mas que a gente tem que ter uma ótima visão pros de fora acharem que a gente é uma ótima escola. Porque a gente tem que ter aprovação na UFRGS. Não interessa, a gente tem que ter. E é isso que importa, afinal. Não importa mais nada. Então a escola sempre, ela é isso. [o telefone toca e a estudante atende] ... A minha escola é... sabe como é uma prisão dos Estados Unidos? É sério, galeria de baixo, galeria de cima, com as jaulinhas. 'Fiquem quietos, mas nós somos uma ótima escola'. Tanto que, quando tu fala que estuda lá, dizem 'ai, que escola maravilhosa' e tu pensa 'hum, não é tanto assim, querida, não é tanto assim'. É que nem as outras escolas que são os *top of top* de Porto Alegre, sabe? IE, Julinho, qual mais que é bom? Paula Soares, gente, o Paula Soares dá choque no corrimão, entendeu? O IE a única coisa boa que tem lá dentro é a sala de teatro - que o Temer vai querer cortar, né? Então pra quê? Os quadros... Porque o resto é uma escola enorme que não tem utilidade nenhuma, sabe? O Julinho é outra coisa, estruturalmente é ruim, sabe? Não só isso, mas o sistema educacional torna as escolas piores, entendeu? Vou te mostrar, cadê? (procura no celular)

*E como tu sentia a escola antes, referente ao cotidiano escolar?*

Quando eu entrei lá, eu me senti muito mal, nunca foi prazeroso ir pra escola. Era uma coisa de tenho que ir pra escola, vou ir pra escola, sabe? Eu sempre me senti muito presa lá dentro, sempre. E, quando eu entrei pro grêmio estudantil, melhorou, porque eu tinha que fazer coisas que eu me sentia bem, coisas que não eram só pra mim, que eram além daquela carga... isso foi também uma das vontades, eu quero participar do grêmio estudantil porque eu vou ter a possibilidade de fazer coisas que não são normais, assim. Mas era muito impessoal, sabe? Eu tinha uma relação mais pessoal com determinados professores, que eram de matéria tipo Sociologia, Filosofia, História, porque eram matérias que me instigavam e tal, mas o resto é isso, assim. Não tinha cuidado onde eu tinha deixado a minha caneca, porque tanto faz. Não ficava me preocupando muito com a estrutura da escola, porque tanto faz. Tanto que hoje é muito tenso, eu falo 'gente, não suja o chão, vocês não sabem como é limpar o chão da escola'. Tu cria um apreço maior por aquele ambiente, tu começa a cuidar daquilo,

então é um sentimento diferente, assim, de pertencimento. Apesar da instituição ser falida, sabe, e tu ver que é ruim e pode melhorar, tu começa a ver outras coisas também que são boas.

*E agora, pra finalizar, mais um espaço de complementação, no sentido de se tu acha que tem uma coisa importante ou relevante que eu não te perguntei, referente às ocupações...*

Difícil, porque eu acho que o que mais é pontual das ocupações é a união que a gente tem com os outros, com os teus colegas. É uma união tremenda, porque, ao mesmo tempo que na assembleia de noite tu te mata, tu quer comer o fígado de metade das pessoas, na hora de ir pra rua é todo mundo um, sabe. Todo mundo tem que cuidar de todo mundo, todo mundo tem que estar junto, se um tá bem, tá todo mundo bem. Agora, se uma pessoa, dentro da ocupação, tá triste, tá estressada, tá irritada, todo mundo tá, sabe? É uma família, é uma coisa de louco, porque tu não tem isso com teus outros colegas, porque a escola não te proporciona desenvolver isso. Lá, tu não só depende daquela pessoa, mas tu precisa daquela pessoa. Tu precisa que aquela pessoa esteja ali fazendo aquilo, precisa de alguém. É um senso de união tremenda. Tanto que eu fiquei um mês fora de casa, sabe? Minha mãe tinha que ir lá me ver, porque eu não ia pra casa. Ia pra casa tomava banho e ia embora, ela não me via. Então tu cria pertencimento, tu cria uma questão de amizade, de amor, de apreço por aquelas pessoas, de tipo, a gente tem que crescer junto. De, 'meu, vamo, dale, uhu!' É isso, 'vamo, dale, que a gente tem que conseguir!' Outra coisa que foi muito pontual, não só nas ocupações aqui do RS, mas em todas, que é uma coisa que a gente fala muito, que é da presença feminina na linha de frente. Das mulheres protagonizando o movimento, das mina indo pra cima, de macho ficar pra trás \_ desculpa falar macho aqui, sabe \_, de homem ficar pra trás. De quem levava a ocupação, a maioria era menina que frequentava, que, sabe, de, por exemplo, na nossa escola a gente teve vários casos de homens que eram \_ que eram não, que são \_ machistas e que tiveram muita dificuldade. Porque a maioria das minas que tavam no movimento são minas feministas, né? Ou minas que se descobriram feministas durante o movimento, teve muito, assim. Então, além de a gente ser mulher, da gente se unir, da gente ser feminista, a gente se unia e os homens ficavam pra trás, tipo, 'meu, vamo lá, é as mina no poder!'. A gente não aceita, chega até a ser meio absurdo, a gente não consegue aceitar o machismo, assim. Então teve muito cara que teve dificuldade. A gente, mulher, teve dificuldade também. Porque, por exemplo, eu, às vezes, eu não sei lidar com machista. Quando homem levanta a voz pra mim, eu quero levantar a voz pra ele. Daí, eu fiquei pensando calma, eu não posso ser opressora também, porque eu não posso me tornar o opressor, eu tenho que tratar isso de outra forma. Então a gente teve que aprender a como que tu vai desconstruir um cara que é, desde que ele nasceu, construído pra ser isso? Ele grita com a mãe dele, ele grita com a namorada, mas ele não pode gritar comigo. 'Desculpa, gato, não vai gritar comigo'. Então, foi louco, foi muito louco, porque os cara ficavam enlouquecidos, assim. Imagina os homem tri macho, sabe? E a gente teve que \_ foi desconstrução em cima de desconstrução, foi quebra de paradigma em cima de quebra, sabe? Foi, tipo, 'não, a mina que vai fazer, não, a mina que vai ficar na segurança'. A mina 'desculpa, não levanta o dedo pra mim. Deixa eu falar, homem?'. Pra homem descobrir direito de fala, porque a gente fazia assembleia, daí tinham as inscrições, e daí quando era a mina falando, às vezes, os cara (ela faz um ruído com a boca) no meio da fala da guria. 'Dá licença, que quem tá falando é a mina? Quem tá falando é a mulher, tu como homem, tua obrigação é ficar quieto. Então, posso falar, homem?' Pra poder enfatizar que ele tava usando o fato dele ser homem pra calar a minha boca! Tipo, não, desculpa, como diz MC Karol com K: "sou mulher independente e não aceito opressão, abaixa a tua voz, abaixa a tua mão". Foi maravilhoso, as mina se uniram de maneira absurda, de tipo, sou mulher e vou me unir contra os homens, porque eu estar do teu lado é melhor que... Foi muito louco. E os homens que tiveram contato com o feminismo pela primeira vez, sabe? Tem amigo meu, que é de perifa, sabe e tava lá e eu dizia 'isso é machismo, tá?' 'Mas e por que isso é machismo?' Só deles perguntarem o porquê que aquela atitude deles era machista pra mim já era tipo 'ufa, obrigada'. Eles indagavam, sabe? Nossa, por que isso é machismo, por que isso é assim? Ah, eu não acho isso, machismo. 'Pois é, mas quem fala o que é machismo ou não é a mulher, né? Porque ela é que sofre. Agora tu quer dizer o

que é machismo ou não?' 'Ah tá desculpa!' (risos) 'É que tu é muito feminista pra mim, me perdoa'. Tipo Dado Dolabella assim, não sou capaz. Então foi muito bom, foi maravilhoso.

*Era isso. As minhas perguntas, se tu tiver mais alguma coisa, se não, sou muito grata.*

Tá. Deixa eu pensar, é que tem muita coisa... Ah, que teve muita gente que continuou organizada depois das ocupações, que teve movimentos que surgiram depois das ocupações, por exemplo, teve muita \_ uma amiga falou 'depois da ocupação, nasceu uma militante'. (risos) Pessoas que nunca tiveram contato com a política e começaram a se envolver e tal, foi muito massa. Sei lá, maravilhoso, maravilhoso.

[mostra os vídeos no celular]

## ENTREVISTA 4EF

*Minha primeira pergunta foi como tu te envolveu nas ocupações? Como foi essa parte inicial do movimento e tal?*

Antes da gente ocupar e ter essa ideia, lá na escola tava tendo fechamento de turmas. E a gente lembrou que lá em São Paulo começou a fechar escolas, fechando turmas. E a gente ficou com medo de isso acontecer aqui. Daí, eu e alguns amigos meus levamos essas propostas de ocupar as escolas pra outras escolas. Eu combinei de passar em algumas escolas e a gente se dividiu em grupos. Eu fui pro Julinho. E lá eu levei essa ideia pro pessoal e eles falaram que tavam pensando também em ocupar, e a gente reuniu várias escolas que tavam com essa ideia e que não sabiam o que fazer pra demonstrar essa ideia pra eles, mostrar o que seria. E a gente começou a formar reuniões durante um mês antes das ocupações, todos os dias de manhã, lá no Julinho, pra ver como é que a gente ia ocupar, como é que ia ser, o que a gente ia precisar, e foi assim que foi formando as ocupações, a gente levou nossas ideias pras escolas.

*E é uma pergunta meio genérica, mas pode ficar a vontade, na tua visão, qual foi a razão das ocupações terem acontecido?*

O abandono do governo nas escolas e a precariedade que elas tavam sofrendo. Se, por exemplo, a escola X, que é central, é visível (adaptado para não identificação da escola) e tá numa situação completamente precária e a gente tá com um andar interditado, imagina as escolas da periferia. A gente começou a pensar nisso e foi esse o impulso pra ocupar as escolas. As precariedades e os professores, a questão do salário deles.

*E como que foi a experiência de ocupar uma escola, pra ti? O que tu poderia dizer que tu aprendeu? Como é que foi tudo isso?*

Pra ser bem sincera, eu aprendi a como trabalhar em equipe. Porque lá a gente teve que ser diretor, professor e aluno ao mesmo tempo, e funcionário. A gente tinha que saber como organizar a situação da comida, a gente tinha que organizar direitinho a quantidade, quem ia entrar na escola, como ia ser, como é que a gente ia se preparar, se houvesse tentativa de desocupação, o que que a gente ia fazer, como a gente ia agir? Como a gente ia agir com os pais? A gente teve que aprender todas essa

situações e pra mim foi a maior experiência. Tanto é que eu sempre falo 'ocupação tu não vai aprender lendo um livro'. Que talvez seja bem provável que entre nos livros de História todo esse movimento da ocupação, mas quem vivenciou é muito maior a experiência, muito maior o conhecimento.

*E tiveram eventos culturais na tua escola?*

Sim, a gente tinha comissões, que era comissão de limpeza etc. E dentro dessas comissões tinha as comissões de atividades, que a gente organizava oficinas, aulas públicas, festivais, e diversas outras atividades pra manter o pessoal mais ali na escola mesmo, pra trazer mais gente e mostrar que aquilo ali não era uma baderna. A gente queria mostrar, a gente queria ser levado a sério.

*Como que foram pensados, como que foi a organização disso? Como que vocês selecionaram as atividades?*

90% das atividades foram oferecidas pra gente. Veio o pessoal da UFRGS, ou diversos outros artistas, eles ofereciam fazer oficina nas escolas e a gente foi fazendo uma agenda, tentando encaixar todo mundo, porque, bom, eles tavam oferecendo, a gente queria aceitar todas, porque eram atividades muito boas e a gente gostava muito. Então, a gente tentava encaixar durante todos os dias, não teve um dia da ocupação que não teve uma atividade.

*E tu chegaste a ir eventos culturais em outras escolas?*

Sim. A gente tinha um contato muito grande com as outras escolas. Então, quando tinha algum festival, alguma coisa, eles falavam 'olha dia tal, tal horário, vai ter isso, isso e aquilo, seria legal se vcs viessem'. A gente ia, pra ajudar a fortalecer aquela ocupação, pra também prestigiar e o evento e eles também faziam o mesmo com a gente.

*Massa, e tu acha que os eventos culturais tiveram algum papel relevante pras ocupações? Foi importante por alguma razão, qual foi o papel dos eventos culturais pros movimentos?*

Um dos principais papéis, na minha opinião, é mostrar que a cultura tá ali, que a gente tem que dar valor àquela cultura, seja música, seja teatro, seja dança, seja uma aula pública, tudo é cultura, toda a nossa vida é cultura. Então, nessas atividades das ocupações, os artistas conseguiram mostrar mais do que a gente já imaginava, o quanto é importante a relação com a cultura e também deu uma imagem pro pessoal de fora, que as ocupações também eram culturais e a gente queria mostrar isso pra eles.

*E sobre as questões políticas, o que que tu aprendeu, o que que tu conseguiu adquirir em termos de conhecimento ou experiência em relação à práticas políticas a partir da ocupação?*

Eu me filiei a um partido logo depois das ocupações, na verdade, no final dela, e muitas pessoas também. Outras já eram, outras continuaram autônomas, mas todo mundo teve uma experiência política muito grande. Percebeu como é que funciona um governo, como é que os processos tinham um andamento, como é que cada cargo político realmente funcionava. Porque, dentro das ocupações, tinham pessoas responsáveis por ir no governo, tentar espaço pro diálogo, e alguns conseguiram com alguns setores, por exemplo, com o secretário de educação. Então a experiência política foi mais nesse sentido. E também demonstrou como era organizar um ato político, porque dentro das ocupações a gente organizou atos, pra dar mais visibilidade às ocupações e foram mais nesse sentido mesmo na política. Porque a ocupação é um movimento político, e a gente teve muito mais conhecimento desse movimento estando nele.

*E teve algum acontecimento específico, algum elemento que tu gostaria de destacar que foi um marco referente a essas questões políticas?*

Eu acho que o maior marco pra todo mundo da ocupação foi quando a polícia tentou desocupar com submetralhadoras. Eles vieram, a tropa de choque invadiu nossa escola, eles ficaram arrombando, tentando invadir no meio da noite, invadiram pelo nosso pavilhão. Porque perto da escola tem um posto policial e eles entravam por ali e o maior marco pra gente foi essa repressão policial. Quando uma mãe, vinda por um deputado estadual daqui, veio com um mandado falso tentando desocupar a gente. E pra ser bem sincera, um dos maiores marcos pra mim pessoalmente, foi o apoio que teve de outros políticos e de outros gabinetes.

*E como que isso depois se manifestou?*

Por exemplo, quando tinha essa situação de polícia ou essa mãe tentando desocupar com outros pais, eu só dava um toque pra eles e eles apareciam lá com advogados dos partidos, dos políticos, e eles vinham com documentos dizendo que a gente tava, sim, autorizado a ficar ali, que a escola era nossa por direito. E eles começavam a nos defender com leis. Porque, querendo ou não, eles só iam parar e deixar a gente um pouco em paz se alguém entrasse com mais experiência, e fosse levado a sério, chegasse ali e falasse alguma coisa e tomasse alguma atitude.

*E como é que tá a escola agora?*

É pra ela entrar em reforma até o final do mês. Teve toda a situação do andar interditado e houve boatos que a escola inteira seria interditada, daí eu e alguns alunos, a gente foi na direção junto à secretaria de educação, falou com o secretário, ele foi até a nossa escola, porque uma deputada ligou pra ele, porque era uma deputada que tem bastante contato com a gente, ela ligou pra ele e falou tudo que tava acontecendo pra ver se ele tomava alguma atitude porque a gente indo lá ele não tomou, logo depois que ela ligou e ele foi lá e a frase dele foi “essa escola precisa de uma reforma.” Daí teve um contrato e tudo mais e é pra começar as reformas.

*E em relação a essa questão, assim, como que é a tua sensação em relação à escola agora, mais nesse sentido do cotidiano escolar, a relação com os colegas, com os professores, a relação institucional, como é que ficou tudo isso depois?*

Com a direção e com os alunos foi bem tranquilo, logo depois que a gente voltou a gente pensou que a gente ia sofrer uma repressão muito forte, principalmente dos alunos, porque alguns não gostavam da ocupação, não concordavam, diziam que iam perder o ano, que tinha ENEM e pré-vestibular, e foi muito tranquilo com eles. O que acabou ocorrendo foi com alguns professores que ficaram fazendo piadinhas e perseguindo alguns alunos.

*Piadinha?*

Eles colocavam no meio de textos a palavra ocupação, ironizando todo o movimento e falando pra alguns alunos que era irônico eles lutarem por uma educação de qualidade se eles não faziam o papel deles como alunos. E eles ficaram fazendo esse tipo de piadinha e deixando o pessoal bem mal. Tanto é que enfraqueceu um pouco os movimentos ali da escola, mas a gente tá tentando retomar eles agora, com tudo. Ainda mais que esse ano tem eleição de grêmio.

*Vocês tinham grêmio antes?*



Sim, eu sou presidente do grêmio e, pra ser sincera, eu acho que vai ser chapa única esse ano, o pessoal meio que se desanimou.

*E tu acha que ainda podem ocorrer mudanças na escola, decorrentes das ocupações, seja mais a longo prazo ou questões que tão começando agora, que vão se desenvolver mais além?*

Eu penso positivo, eu sou otimista. Então, eu creio que sim, porque eu sei que enquanto eu e algumas pessoas continuarem ali, enquanto continuar essa direção que dá voz ao aluno, que dá liberdade e ainda nos ajuda, a gente vai conseguir. Tem alunos do fundamental também que tão vindo já pro movimento político, e eu sei que eles vão conseguir dar continuidade. A gente sabe que nada muda do dia pra noite, sempre é algo que vai sendo mudado aos poucos. E a gente não vai desistir até que algumas coisas sejam mudadas, a gente quer realmente isso.

*E tu falou agora da direção, qual foi o apoio da direção?*

O nosso maior apoio foi da nossa vice-diretora que ocupou com a gente, ela passou vários dias da ocupação ali, quando voltou as aulas e teve essas perseguições, ela deu a cara a tapa nos apoiando e falou que ela não iria contra os ideais dela por um cargo, porque ela não quer apenas um cargo, ela é diretora para tentar ajudar e auxiliar os alunos, pra tentar fazer alguma mudança na escola, não por um cargo de vice-diretora. Então nosso maior agradecimento em relação à direção é ela, sabe.

*Como seria a escola ideal pra ti?*

Uma escola que não fosse um projeto de fábrica. Tem uma teoria que a escola é uma fábrica, que tu tem um acúmulo de matérias, né? Um acúmulo de coisas que tu tem que fazer durante todos os teus dias na escola, e o sinal igual de uma fábrica, então tu sai de uma roleta e vai pra outra. E tu fica assim. A minha escola ideal seria uma escola que ouvisse os alunos, e desse o total... - como é que é a palavra?, não é respeito, mas tu entendeu, um tipo de respeito maior aos professores, porque eles são o nosso maior agradecimento da vida, sem os professores a gente não sabe quem nós seríamos hoje, a gente só sabe ler e escrever, e ter um pensamento crítico graças a alguns professores. A escola ideal deveria ser aquela escola que ensinaria o aluno a pensar, a questionar, ser um ser pensante, não um ser mandado de sistema. Esse é o tipo de escola, uma escola que dê voz ao aluno.

*E sobre a escola, como era tua escola antes das ocupações? Se tu tivesse que me contar um pouco sobre como que a tua escola sempre foi?*

Ela era majoritária, era o professor é o ponto de conhecimento de tudo e o aluno tem que ouvir e era sempre assim. Principalmente com a nossa antiga direção que era totalmente autoritária. Então, nós éramos submetidos a qualquer coisa que eles quisessem, se eles falassem a gente tinha que falar 'amém', quase isso, e eu te diria isso, que a gente tinha que fazer algum tipo de movimento pra mudar isso, o que a gente conseguiu.

*E sobre tua sensação em relação a escola antes, nesse sentido mais do cotidiano escolar? Como tu te sentia em relação à escola antes de todo esse movimento?*

Eu sempre fui uma pessoa que gostou de ir pra escola. Eu sempre gostei de estar naquele ambiente escolar, de admirar o professor, de ele ter o conhecimento e conseguir me passar, e conseguir me inspirar de ir atrás. Só que existem diversas situações que a escola acaba te cansando. Principalmente nessa antiga do movimento, que tu acaba vendo mais como um peso do sistema do que uma fonte de conhecimento realmente, que vai te dar algum tipo de futuro. E vários alunos pensavam assim, tinham alunos que não tinham gosto de ir pra escola, que não gostavam daquilo, que

saíam porque eram obrigados e que se pudessem faziam um EJA, um supletivo e ficariam livres. Porque a escola, querendo ou não, tu acaba que tem que aprender, não é nem aprender, é decorar, pra passar numa prova, e passar de ano e fica nesse sistema sempre. E essa sempre foi a escola.

*Tem alguma coisa que foi fundamental, que foi muito importante em relação ao movimento da ocupação que eu não te perguntei, alguma coisa que tu acha que eu precise saber?*

Acho que a maior coisa que a gente tem que falar das ocupações é que é, sim, um movimento político, porque mesmo com o término delas, mostrando que a gente conseguiu alguma coisa, existem muitas pessoas que pensam como sendo negativas as ocupações. Existem alunos que tão sendo criminalizados pelas ocupações. E eu acho que tem que ser mais frisado em tudo isso é que a ocupação é sim um movimento político legítimo. Ele é legítimo e ele tem que ter o seu mérito, tem que ter o seu reconhecimento, o seu respeito, porque foi um movimento totalmente autônomo, feito pelos alunos. Porque quando tem um movimento, alguma coisa puxada por alunos, por jovens, o que sempre falam? É doutrinação de políticos, é massa de manobra de um partido. E a gente sempre tentou mostrar o contrário disso e mesmo assim tem pessoas que pensam isso. O jovem, ele sempre vai ser visto como massa de manobra e não como um ser realmente pensante que quer uma mudança.

*E tá rolando a reforma, como tá isso na escola?*

Ela ainda não começou, mas segundo o secretário é pra começar até o final do mês. E vai durar em torno de uns três meses.

*Vocês vão ser realocados, já sabem?*

Vai acabar pegando as férias, né? Porque como vai começar em outubro e é só um andar, eles tem que trocar toda a infraestrutura dos telhados, e tudo mais, eles falaram que não vai precisar realocar ninguém, tanto é que as salas tão divididas pra deixar todo mundo ali. Porque a gente sabe, uma das questões que a gente colocou foi 'se a gente tiver que ser realocado, como o governo ia se comprometer em questão a isso?', porque tem alguns pais que não vão conseguir levar alunos pra outras escolas, como é que seria essa questão? E a gente tentou pensar em todos os detalhes possíveis pra ficar viável pra todo mundo, sabe.

*E as aulas continuam iguais?*

Sim. São poucos professores que mudaram, mas pelo menos alguns têm noção de que se gente ver alguma irregularidade a gente tem o poder pra ocupar de novo, a gente sabe que a gente pode. Eles sabem que a gente tem essa confiança agora na gente, que a gente tomou uma confiança muito maior do que a gente pode fazer. E logo, quando acabou as ocupações, a gente tinha mudado as salas de aula, colocado em círculo, pra acabar com aquele sistema jesuíta de mesas em fileiras viradas pro quadro e o professor ali na frente, e só duas professoras continuaram com esse método, então...

*Bom, acho que é isso, meu roteiro já tá todo respondido, mais alguma coisa, tu acha?*

Eu realmente só queria agradecer a todo mundo que deu apoio ou quis ouvir o que era uma ocupação, como ela funcionava e que fins ela teve. Porque a gente nunca pretendeu acabar o movimento com o fim literalmente das ocupações. Os movimentos ainda existem, existem outros, a gente tá se somando a eles, querendo fortalecer. E é isso, eu queria dizer que só a luta muda a vida.

*Lembrei duma pergunta, teve um racha no meio do movimento né.*

Sim.

*Sobre isso o que tu poderia me dizer?*

Durante o movimento existiam algumas escolas que não se sentiam representadas por algumas entidades e daí acabou se criando o Comitê das Escolas Independentes. Nossa escola faz parte desse comitê, mesmo que eu e algumas pessoas da escola fossem dessas entidades durante as ocupações. Só que a gente, mesmo sendo das entidades, a gente não concordava com essa questão autoritária de uma entidade ter que responder por todos os alunos. Cada escola tem sua prioridade, cada escola tem a sua particularidade, e todo mundo deveria ser ouvido igualmente. Então a gente não concordava, e a gente tenta ainda ter esse diálogo, todo mundo, de ambos os lados, tenta ter um diálogo pra fortalecer ambos os movimentos. Ainda mais agora com a reforma do ensino médio, e a PEC 241, a gente tem que unir forças.

*Bá, chega a dar um nervoso!*

É agora a gente tá vendo o que a gente pode fazer em questão disso, porque são ao total já 150 ocupadas em todo o Brasil, contra a reforma do ensino médio e a PEC 241.

*Paraná tá liderando, né?*

Sim, e aqui no RS já tem umas 20 escolas. Uma das primeiras foi a do IF de Alegrete.

*É, os IFs sofreram um baque, né?*

Das 20 escolas, todas são IFs.

*Bom, eu acho que é isso, eu preciso da tua autorização, tem o meu contato, caso tu queira me dizer alguma coisa pra complementar, caso tu tenha me dito alguma coisa que sei lá, se arrependeu.*

Não, capaz.

*Enfim, é o protocolo.*

Mas eu posso ir te mandando depois como é que tá essa questão das ocupações e das reformas.

*Pode ser!*

Como é que a gente vai fazer?

*E só pra te dizer, meu trabalho é um trabalho de pesquisa no mestrado em educação... Essa via fica contigo, tem meu contato e do meu orientador, assim. Mais uma questão protocolar, pra eu poder usar tudo o que tu me disse e tal. [ela assina] 11 de outubro. Tu teve algum custo pra vir até aqui, qualquer coisa?*

Não, eu já tava aqui no centro. Tranquilo.

*Bom, muito obrigada pela tua atenção!*

Eu que agradeço.

## ENTREVISTA 5EM

*Eu tenho um roteiro com alguns tópicos, e podes ficar à vontade. Primeiro, a minha pergunta é como tu te envolveu nas ocupações? Se teve algum start, se tu tava desde o início, como é que foi isso no teu colégio, como foi teu envolvimento no movimento?*

Assim, eu não era uma pessoa muito engajada, não era militante. Não costumava, assim, pôr em prática política. Mas eu me engajei foi mais por curiosidade, eu não fazia ideia do que realmente era as ocupações. E quando começou as ocupações, nos dois primeiros dias eu não fui. Porque eu não tinha muita noção do que era, e aí eu fui só pra ver, assim, só ia ficar na parte da manhã que era o horário de aula e ia embora. Fui, fiquei de manhã, fiquei de tarde, aí dormi, aí no outro dia eu já fui com colchão, mochila e tudo mais. Porque, bá, é uma experiência muito massa, e eu acabei me engajando mais assim, porque eu me interessei muito pela questão da política, pelos debates que aconteciam debates lá dentro. Dentro das ocupações tinha muito isso de... a gente promovia debates e a gente trazia pessoas de um certo conhecimento sobre algum assunto e tinham rodas de conversa, isso era muito interessante porque tu conversava dentro da ocupação sobre coisas que tu não conversa em nenhum outro lugar, a gente troca ideias com as pessoas. Foi muito legal. Então, foi mais ou menos assim que eu fui me engajando no movimento, foi meio aleatório.

*E na tua visão porque que as ocupações aconteceram? Teve algum estopim, qual foi, na tua visão desse movimento?*

A razão maior do início das ocupações foi a PL 44, que iria privatizar todo o sistema de educação, e saúde, cultura. PL 190, que é a Escola Sem Partido, que foi aprovada agora, e aí depois foram entrando novas pautas. A questão da merenda, que o cardápio existe, é um cardápio pronto, mas ele não é posto em prática. O repasse da merenda, o governo federal dá um repasse de 33 centavos por aluno e o estadual era pra pôr mais um valor sobre, de algum jeito que fechasse o cardápio, seja qual o valor que fosse, e esse valor acabava sendo baixo, acabava não sendo suficiente pra cumprir o cardápio. E nas escolas se comia, tipo, aqueles pitstop, aquela banana, só essas coisas assim que não tem sustância. E tem gente que vai pras escolas e que depende dessa merenda, dessa comida. Então isso foi mais um dos motivos. A questão de infraestrutura das escolas, eu estudo numa escola que, quando chove, tem rio dentro da escola. O chão fica todo inundado nos dois andares, é horrível. O telhado já abriu várias vezes, duas salas tão interdidadas porque têm risco de desabamento, algo realmente bem forte.

*E como que foi a experiência das ocupações pra ti? Tu poderia dizer que foi um aprendizado? Como que foi essa experiência toda pra ti?*

Dentro da ocupação, eu digo hoje, sem medo nenhum, que eu era totalmente ignorante, assim. Não só ignorante político, mas quanto a *n* outros fatores, quanto à questão LGBT, quanto à questão

racial, quanto à questão do machismo, muito trabalhado dentro das ocupações. Então, tipo, lá dentro isso me interessava muito. Desculpa, eu não lembro a tua pergunta, já.

*Como que foi essa experiência pra ti e o que tu aprendeu?*

Eu aprendi muito, exatamente sobre esses assuntos, mais questões que hoje tão sendo apresentadas pra sociedade e tão sendo recém... já era pra terem sido trabalhadas há muito tempo, e tá sendo só hoje, pra haver uma aceitação de tudo isso. Então, eu aprendi muito dentro, eu me politizei lá dentro, eu entendi o que que é política, eu entendi como funciona a política, porque tu vindo de fora da política, tu acha que é uma coisa, que é algo básico, que é assim, assim, assim. E quando tu entra nesse meio, tu vê que é totalmente cheio de lacunas, intrigas, tem muita historinha por trás, e vem de décadas pra trás as histórias, de entidades, partidos, que acabavam fazendo com que todos os tipos de movimento de desfizessem, se entregassem. É como aconteceu nas ocupações, que acabaram por um golpe dentro do movimento, por parte das entidades, e isso dividiu todo o movimento. Que aí teve aquela ocupação na Assembleia, e no outro dia a gente ocupou a Secretaria da Fazenda, que daí eram os dois grupos, quem tava na Assembleia eram as entidades e na SEFAZ seriam os independentes, que era como a gente se denominava, o CEI - Comitê das Escolas Independentes. Então, eu acabei aprendendo muito sobre toda essa questão de política, muita história eu aprendi assim, porque como que a gente chegou onde a gente chegou hoje, porque que tá nesse estado, desde vários presidentes atrás, todo o sistema de política do Brasil, eu fui aprendendo muito. E muito bem. E hoje eu me considero, não totalmente politizado, porque tem muito ainda, muito, muito, mas eu aprendi bastante sobre política lá dentro. Por exemplo, no início do ano, eu pensava em fazer Medicina, eu entrei pras ocupações e hoje eu não quero mais Medicina. Eu quero alguma coisa da Área de Humanas, porque eu me descobri dentro da Área de Humanas lá dentro. Hoje eu já penso em fazer Direito ou, como eu te comentei, Filosofia, Sociologia, História, até. Mas o que se aprende dentro das ocupações não tem, é totalmente diferente das outras coisas.

*E sobre estar lá na escola, ocupando, estando lá naquele espaço físico?*

Era bem complicado, claro. A gente começou a se organizar pra fazer com que o convívio desse certo, então a gente dividiu os quartos, fez a separação certa de gurus e gurias separados. Tinha a cozinha, tinha fogão, a gente conseguiu ir montando uma estrutura como a gente podia, porque a gente não tinha nenhum apoio da escola. Porque, quando a gente ocupou, a gente começou a se envolver muito em problemas com a direção, e muita intriga e só dava problema. E quando a gente chegou pra direção e falou 'a gente quer as chaves que a gente vai ocupar total agora', porque a gente começou ocupando só no nosso período de aula, não tirando a aula dos pequenos e nem da noite, e ficaria assim. Mas a gente decidiu que não, porque isso não era uma ocupação, porque não era, não tinha o mesmo efeito. Então, quando a gente ocupou total, a escola nos deixou sozinhos.

*Quanto tempo depois, mais ou menos, do início que vocês decidiram ocupar tudo?*

Ah, foi uma semana e meia, quase duas. E a gente acabou ficando sem estrutura, a gente não tinha a chave das salas, então chegou um momento que a gente quase pediu prum chaveiro vir arrombar tudo, mas aí, no fim, a gente não chegou a precisar porque uma professora nos cedeu as chaves. Aí ficou tranquilo, a gente conseguiu acesso a tudo, mas não tinha uma cozinha, não tinha chuveiro. Tiveram vários problemas na ocupação em relação a coisas que a gente precisava pra conseguir se manter lá dentro.

*Por exemplo?*

Tinha uma casinha dentro da escola que, dentro dela, não faz parte da escola, é como se fosse terceirizado aquele espaço, que seria do zelador da escola, só que o zelador não mora mais lá. E aquilo lá virou uma casinha solta e atrás tinha a sala de artes. Tava tudo trancado e a gente não tinha acesso, só que ali dentro tinha chuveiro, tinha fogão, e a gente queria entrar na casinha. E aí, a gente conseguiu abrir, só que, quando a gente conseguiu abrir, a gente viu que lá tavam todas as ferramentas dos pedreiros que trabalhavam na escola, e eram ferramentas caras, tipo 500 reais. A gente deixou dois dias aberto, e, quando os pedreiros voltaram, tava faltando três ferramentas, só que essas três ferramentas a gente nunca viu. Então foi tendo esse tipo de problema, e no fim a direção acabou nos acusando, de que a gente tinha roubado as ferramentas ou algo do gênero. Então ficou muito absurdo. Deixa eu ver, pra convivência no início foi horrível, porque toda noite tinha muita assembleia, toda noite era horas, assembleias eternas, a questão de regras, a ordem lá dentro, e no início foi muito complicado, daí chegou um ponto que todo mundo se ligou, 'tá, vamo cooperar todo mundo e pegar todo mundo junto', aí foi. A gente dividiu por comissões, que era comissão da segurança, comissão da cozinha, divulgação, essas coisas assim. E dividiu as pessoas que iam ficar em cada, encarregadas, e aí começou a dar mais certo, a gente conseguiu se organizar melhor.

*Massa. E na tua escola tiveram eventos culturais?*

Sim, teve um sábado, eu acho, que a gente fez um show, foram tocar três bandas lá na escola. Teve em outras escolas, no xxx teve uns cinco shows, que foi o Apanhador Só, não sei se tu conhece, umas outras de rock, tava bem legal.

*E tu foi nesses eventos em outras escolas?*

Sim, é que assim, o CEI acabou juntando essas escolas que se consideravam independentes, (lista as escolas), várias outras escolas que foram se juntando a nós, e a assembleia começou a crescer e a gente foi tendo mais cabeças dentro. E aí a gente tinha muito essa ligação, eu tava na minha ocupação eu ia lá ver como é que tava, se precisava de alguma ajuda, etc, dormi já em outra escola. Então tinha bastante isso, era muito legal.

*E com as outras não, digo, com as escolas das entidades? Ou foi assim até um ponto e depois não foi mais? Ou já começou separado?*

Não exatamente, é que começou todas as ocupações em assembleias, de todas as escolas em assembleia. E aí aconteceu que, nas assembleias começaram a ter muitas discussões, a gente foi vendo que o que eles queriam não era o que a gente queria. As entidades tavam colocando ideias que a gente não se identificava...

*E as entidades tavam como entidades ou como estudantes?*

Nas escolas acontece que, dentro dos grêmios estudantis, as entidades já estão dentro dos grêmios. Entende, por exemplo, o presidente do grêmio estudantil da escola x é a fulana da entidade tal, então vai ter a ideia da entidade, isso que acabou complicando bastante. Começaram a ter essas diferenças, e as entidades mostraram que eles tavam querendo pôr a bandeira deles, não a ideia deles e sim a bandeira da entidade. Então a gente chegou a um ponto que ou a gente seria sectário ou o movimento não chegaria onde a gente queria. E o ponto máximo que a gente chegou foi em um ato, que a gente tentou fazer um ato unificado e aconteceu que deu briga no ato, das entidades com os independentes, porque um cara das entidades bateu em uma das gurias dos independentes, daí os caras dos independentes queriam quebrar esse cara das entidades porque ele bateu numa guria.

*Mas ele também era de uma escola?*

Sim, ele era da Ali, que é uma entidade ligada à Marighella. É, são correntes, aí aconteceu que deu essa briga e ali realmente foi onde mostrou que havia um racha e mostrou que o movimento não tava seguindo uma linha uniforme. Então ali foi claro, ali a gente se separou deles.

*E sobre a organização, de novo pra questão dos eventos culturais, sobre a organização disso, era o comitê da escola, vocês que procuraram os artistas, ou eles que iam atrás, como que era pensado e organizado isso?*

Assim, é como a gente tinha um calendário que era bem complicado. Chegava um ponto... A gente tinha muito contato pra fazer palestra, rodas de conversa, e muita gente nos procurando pra ir lá fazer, sobre tudo, oficina de artes, de desenho, sobre gênero, sobre racismo, sobre história, inúmeras. E chegou um ponto que a gente tinha uma lista imensa só que a gente não tinha mais horário pra pôr. Porque a gente, por exemplo, segunda de tarde a gente tem uma reunião lá no IE, aí de manhã tem uma reunião no Julinho, na terça tem isso e tem aquilo, aí tem ato, e a gente acabava se perdendo. Mas a gente criou uma comissão especial só pra agendar isso. Aí a gente fez uma lista com os nomes, o que fariam lá, o tipo de palestra, não sei o quê e o contato. E ficou muito grande, muito grande, era muita gente.

*E tinha bastante presença de aluno, lotava?*

Não, não chegava a lotar. No início tinha mais apoio, assim, porque não era ocupação total, só que quando a gente fez a ocupação, muita gente começou 'ah, mas vai acabar quando, eu só quero passar de ano', 'ah, eu preciso ir pra escola porque eu quero passar', não sei o quê. E começou a ter toda essa questão de não se importar com o movimento e só com si, pra passar de ano. E acabou que ficou assim, muitos alunos acabaram se virando contra nós, acabou que quando a ocupação acabou, pra tu ter uma noção, ficou o grupo da ocupação totalmente separado da escola, assim, mas agora já tá tranquilo. Só que, no início, tinha repressão até por parte de professores em cima de professores que nos apoiavam. Então, as pessoas parece que não têm muita noção do que que era aquilo e pra quê.

*E sobre política, o que aprendeste sobre política a partir da experiência das ocupações?*

Que que eu aprendi sobre política? Primeiramente, eu não sabia nada sobre política, nada. Eu não entendia direito o que era um capitalismo, concretamente eu não tinha muita noção. E eu tinha ideia que, ano passado nas eleições pra presidência, eu achava que o Aécio era um bom candidato, então realmente, eu era, né, total ignorante político. E quando eu entrei pra ocupação, eu comecei a entender o que que era esquerda, o que era direita, comecei a ver o que eram os partidos, como funcionava dentro dos partidos, representações políticas, pessoas políticas, eu fui conhecendo e fui vendo quem eram realmente. Hoje eu votaria muito mais consciente, por exemplo. Eu aprendi, basicamente, o que eu mais aprendi foi sobre a esquerda, mas é que, assim, eu não sei te dizer muito bem.

*Talvez a próxima pergunta ajude, se tem algum acontecimento, elemento que tu gostaria de destacar nesse sentido político... Até do movimento, não sei.*

Que eu gostaria de destacar?

*É, alguma coisa que a partir de algum momento deu um clique, algum momento que caiu uma ficha, alguma coisa que tenha...*

Sim, entendi.

*Politicamente falando... Bom, pode ser que o processo como um todo tenha sido...*

É, exatamente, foi um processo, eu não cheguei lá e me colocaram uma folha, ah lê que tu vai entender tudo de política, não foi. A gente sentava, conversava, em confraternização, e eu ia entendendo mais sobre, porque era muita conversa sobre política e política e eu fui entendendo sobre, só ouvindo e entendendo. E hoje eu me considero... eu nem sabia o que eu era, se eu era capitalista, se eu era sei lá, e hoje eu descobri, digamos assim, e eu me considero comunista, só não sou anarquista porque é muito utópico, é algo que concretamente a gente não teria como colocar em prática hoje, mas me considero comunista.

*E como que tá a escola hoje?*

Isso é muito triste até de falar, mas a mesma coisa. No fim, a gente foi golpeado, como eu já te comentei, e no acordo com o governo, a gente não conseguiu nada, basicamente nada, porque as verbas que entraram pras escolas era uma verba que já tava prevista, desde o governo Tarso, pra entrar. A gente só fez com que o governo repassasse, então isso é muito triste de dizer que tá a mesma coisa.

*E como é que tu te sente em relação ao cotidiano, assim, mais em relação a ir pra aula...*

Não consigo me adaptar de novo. É muito complicado porque tu te adapta e, tipo, tu te adapta àquele tipo de oficina dentro da ocupação, àquele tipo de roda de debate, pra tu aprender. É um aprendizado totalmente diferente, tu consegue receber o aprendizado de uma forma muito diferente, e é muito melhor. Tu consegue pegar o conhecimento muito mais fácil. Então, eu não consigo me adaptar mais a uma aula quadro, escrever, sentar na classe e ficar olhando assim pro professor 'ããã', não consigo mais. É, então, eu acabo nem tendo muita vontade de ir na aula, porque o jeito que se trabalha em sala de aula não é um jeito bom pra se absorver conhecimento. Eu sou muito a favor de uma reforma imediata na educação, no jeito de se educar. Desde o formato da sala, que eu acho que seria muito melhor as salas todas em formato de U, que a gente fez esse projeto dentro da ocupação até, que no último dia de ocupação, a gente, em todas as salas, a gente colocou as classes em formato de U, e escreveu no quadro: "o conhecimento é horizontal, cada um em sua singularidade ensina". E aí, tipo, fazia totalmente sentido com as classes em U, que aí todos conseguem ter o conhecimento juntos, colaborando entre si.

*E entre alunos e colegas, como foi esse retorno?*

Assim, quando eu entrei na ocupação, o que aconteceu foi que eu me isolei de tudo, todo mundo, eu, simplesmente - todos os amigos da escola, eu me isolei e fiquei só com os da ocupação.

Eu namorava, eu terminei com a minha namorada e fiquei só na ocupação. É, então, foi bem difícil o retorno, porque no primeiro dia de aula eu sentei no fundo, lá trás, isolado. Mas, aí, hoje já tá mais tranquilo, já me acertei, então foi mais de boa. Mas foi o que eu te falei, exatamente dois grupos separados, ficaram as pessoas da ocupação em um canto. Assim mais, tipo pessoal da ocupação se fechou mais só com o pessoal da ocupação. Mas, claro, hoje já não é mais tanto assim, porque todo mundo já conversa com todo mundo de novo.

*E professores, direção, como foi esse retorno em direção a eles?*

Sim, é, na greve do CPERS aconteceu que não sei quantos professores da nossa escola, quatro entraram em greve. Só quatro. E só eles nos apoiavam, de professores. E o que aconteceu foi



que, quando voltaram as aulas, os próprios professores sofriam perseguições, enchiam o saco deles, falavam coisinha. Tem muita intriguinha na sala dos professores, sabe.

*Então quando terminou as ocupações já voltou a ter aula em seguida?*

Sim. Quando terminou a ocupação já voltou aula, porque, no que terminaram as ocupações, terminou a greve dos professores. Não, aliás, minto, teve mais uma semana de greve, a gente ficou sem aula um pouco. Mas aula a gente teve normal só no Julinho que não porque todos os professores entraram em greve, boa parte deles.

*Tu acha que ainda pode acontecer alguma mudança decorrente das ocupações?*

Decorrente daquelas ocupações? Assim, é, concretamente na escola, não. Nos alunos sim. Se criou uma consciência política em boa parte dos alunos, o interesse até de quem não ocupava e nem queria, que achava idiota, mas criou interesse pra entender o que era aquilo. Mas muita gente ainda tem aquela ignorância de nem querer entender, nem querer saber. Mas muito grande isso do se politizar, dentro da escola ficou muito grande isso. Então, criou uma força pros alunos, deu mais força. E hoje se fala em ocupar de novo, hoje se tem essa ideia, depois da reforma do ensino médio, se tem essa ideia de novo, que, em Curitiba, já tem em torno de quarenta escolas ocupadas, pra mais, e se fala em ocupação hoje de novo. Mas o complicado é que se a gente ocupa hoje, o ano letivo já era. Vai ser tudo passado pro ano que vem, e isso iria afetar não só o nosso ano letivo, mas entradas na faculdade e no ENEM, é muito complicado isso. Curitiba tá conseguindo ocupar porque eles não tiveram a outra ocupação, então eles conseguem perder um pouco de aula e recuperar. Mas é bem complicado isso.

*E como que seria pra ti a escola ideal?*

A escola ideal... Olha, pra mim, não necessitaria primeiramente uma direção em si. Acho que todo mundo consegue se organizar com todo mundo, eu acredito muito nisso, que a gente consegue sim, que a gente consegue em conversa, em assembleia, se chegar a uma organização. Então, eu acho que a direção, hoje na escola, não representa papel nenhum. Porque é uma direção omissa, que não se importa com nada que acontece dentro da escola, não se importa com os alunos, não se importa com o que acontece. Dentro da nossa escola, há um tempo, aconteceram algumas coisas de racismo, de um aluno sofrer racismo e nada foi feito. A gente tem um professor dentro da escola totalmente machista, que dá em cima das alunas na Educação Física. E hoje a gente foi denunciar ele na ouvidoria, então agora vai começar a dar alguns problemas na escola por causa disso, porque a aluna que denunciou vai ter que mostrar provas, porque aí ele denunciou ela por danos morais. Então, agora tá nisso. É que escola ideal, quando tu me pergunta isso, vem tanta coisa na minha cabeça, que é difícil. Acho que seria com os alunos. Primeiramente acho que deveria vir dos alunos o interesse maior. Porque hoje os próprios alunos não se interessam, não existe um interesse pelo aprender. Então tu não adianta ter uma escola boa sem alunos interessados. Mas eu acredito que uma escola perfeita seria um aprendizado tanto do aluno com o professor, quanto do professor com o aluno, porque exatamente essa ideia do todo mundo consegue te ensinar, alguma coisa tu vai aprender com alguém, com qualquer pessoa tu pode aprender, então todo mundo consegue ensinar. Então, eu acho que, com a ajuda de todo mundo, com todo mundo querendo, a gente chega aonde for e consegue aprender o que quiser. E uma escola perfeita, perfeita pra mim seria uma escola onde todos tivessem as mesmas chances, as mesmas possibilidades e que não tivesse um limite até onde tu possa chegar e por exemplo, essa PL 190 te põe esse limite, tu não pode mais pensar dentro da escola, tu não vai ter um professor te dando uma posição, tu não vai ter um professor mostrando a posição real dele. Então ficou complicado isso. Mas eu acho que a escola perfeita pra mim seria isso, um aprendizado de todos e não com matérias, eu acho que aprender Química, na minha vida, não vai me fazer alguém melhor. Mas aprender Sociologia, sim. Porque a gente vive numa sociedade e não em átomos. Então, né?

*Tá, e como era a escola antes da ocupação? Como que ela sempre foi? [...]*

[...]

Eu nunca fui muito de gostar da escola, eu não era muito ligado a querer ir na escola e tudo isso, porque eu acho que é normal do adolescente. O que é isso que a gente precisa mudar, porque essa falta de interesse é exatamente por ser a mesma coisa há décadas e manter esse mesmo sistema que hoje se sabe que é um sistema arcaico, é um sistema totalmente ultrapassado, então isso causa o desinteresse. E a escola antes, pra mim, eu não tinha muita ligação, realmente não gostava muito. E a ocupação fez com que eu quisesse ir exatamente pra mudar isso. Exatamente pra tentar mudar esse tipo de ensino e tentar criar algum interesse. Mas aí aconteceu o que aconteceu e acabou não mudando nada. Mas...

*Aconteceu o que aconteceu, tu diz, da negociação de vocês com o estado não ter sido como vocês gostariam?*

Exato. Porque se tivesse sido, a gente teria conseguido o repasse da merenda, pra gente conseguir um cardápio melhor dentro da escola, a gente não tem nem refeitório dentro da escola, a gente não tem uma cozinha, ter tem, só que é uma cozinha que tem vazamento de gás, é uma cozinha toda minúscula, então não tem como tu fazer uma merenda, é por isso até que a escola não consegue cumprir o cardápio. Mas a gente conseguiu 80 mil. O que é 80 mil pra uma escola que precisa de muita coisa? Mas muita coisa. Não só reforma, materiais, seja desde datashow a livros novos, então, 80 mil não é nada.

*Tu acha que essa questão dos eventos culturais, se teve algum papel relevante, porque que tiveram não só na tua escola, mas em várias outras tiveram show, oficinas, vários eventos culturais acontecendo. Tu acha que teve um porquê específico de terem tantas oficinas nessa direção, tu acha que essa questão cultural teve algum papel relevante pro movimento?*

Com certeza. Acho que acima de tudo as ocupações foi um movimento cultural. Porque a gente teve a ideia da ocupação de exatamente manter ainda uma escola, manter o aprendizado. Então a gente buscava coisas pra repassar pras pessoas, pra aprender, e assim, não digo todo mundo porque eu não sei, mas boa parte das pessoas nas escolas tinha interesse por aprender mais, querer entender mais diversos assuntos. Então, a gente queria muito isso, porque a ideia da ocupação é exatamente essa, melhorar uma educação. Então por que a gente não faz na ocupação já isso? Porque a gente não começa pela gente? A gente tentando organizar algo? A ocupação, pra mim, foi algo totalmente cultural, de muito aprendizado, dentro da ocupação tiveram palestras que eu gostei muito, sabe? Uma que me marcou muito, foi uma palestra que foi uma pessoa que se considera agênero, que não se considera nem homem, nem mulher, que usa roupa de ambos os sexos. Ele era um cara, e hoje ele se considera agênero, fica tanto um quanto outro, e a conversa foi muito massa, muito bacana. Eram coisas assim, a gente trazia pessoas que viviam aquilo, pra repassar esse conhecimento, e isso é o que eu acho, todo mundo se interessou pela ocupação muito por isso, assim. Porque era muito interessante o que a gente aprendia.

*E tem alguma coisa que tenha sido importante ou marcante que tu acha que precisa ser falado que eu não perguntei?*

Só que as ocupações foi o maior movimento em décadas de jovens secundaristas, não sei se tu sabe, mas começou no Chile, em 2011, é muito legal, tem documentário sobre, muito massa, a gente passou na ocupação. Não sei assim, algo a mais, acho que é isso.

## ENTREVISTA 6EM

*Primeiro eu gostaria de te perguntar como foi teu envolvimento no início das ocupações, se tu já era envolvido antes na tua escola, e como foi esse início, se teve algum fator que foi um start pra tu te envolver, enfim, como foi esse início todo, mais teu assim, e na tua escola.*

É, eu já militava, né, no movimento estudantil, e umas duas semanas antes de começar as ocupações no estado, eu fiquei sabendo por boatos, correria assim, que iam ocupar as escolas, né, contra privatização, contra tudo isso que tá acontecendo aqui no estado. Aí, eu organizei o pessoal da escola, do grêmio, a gente tava organizando todo mundo. E a gente quando... Uma semana antes, já era pra gente já ter ocupado, só que deu um problema naquela sexta-feira. Naquela sexta tinham ocupado já duas escolas e a gente 'nossa, como assim!?' E aí, a partir daí, na segunda-feira a gente passou nas turmas falando com os estudantes e na terça a gente fez a ocupação e o processo, né? Que foi o processo de assembleia, de avisar o porquê que tava sendo ocupado e tudo...

*Passando nas salas?*

É e depois reunião. E foi uns 80% de aprovação na minha escola. Assim, porque, pelo menos, a questão do grêmio estudantil, a questão do movimento estudantil, a gente lá faz, porque o pessoal gosta de fazer e não consegue parar. E foi muito bem recebido com a questão porque a gente explicou bem, conversou com todo mundo, e foi algo bastante assim... Ao mesmo tempo, teve a complicação com os professores, mas foi bem, foi um resultado bom para os estudantes. Principalmente pra mim, acho que foi um crescimento muito bom, muito amplo.

*E daí a próxima pergunta é um pouco mais geral, na tua visão qual foi a razão das ocupações terem acontecido?*

Acho que a principal razão foi porque... começou desde São Paulo, quando SP começou a ocupar, porque SP se espelhou com a revolução dos pinguins né? É um filme que eu gosto muito, que, antes mesmo das ocupações de SP, eu já imaginava em ocupar minha escola no primeiro ano, daí eu tô no terceiro e eu ocupo e eu fico, tipo, 'nossa, consegui fazer algo que eu sempre sonhei, durante um bom tempo!'. E acho que foi mais um espelho, assim. Nesse filme dos pinguins, em que estudantes tanto de escolas particulares quando do ensino público do Chile, né, ocuparam as suas escolas para combater o retrocesso na época, né? Que foi acho que 2006, 2007. Então aconteceu SP e ao mesmo tempo veio pro Sul, entende? E foi algo muito gratificante, muito bom assim no sentido de... acho que realmente foi um incentivo, de ver que é possível o movimento estudantil secundarista ter força, sim, porque eles... É diferente o movimento estudantil do movimento universitário, porque a gente sabe que tem suas diferenças pelo fato dos estudantes... mas que a ingenuidade faz com que a luta seja o principal foco, a principal pauta, que muita das vezes quem não é ingênuo sabe que existem pessoas ingênuas e acabam se satisfazendo por isso. E isso facilitou muito nas ocupações, em tudo, eu acho.

*O que que facilitou?*

Ah, o processo das ocupações, foi difícil? Foi, mas a construção assim de poder acontecer e de saber que a união fez a força naquele momento, entende?

*Como foi a experiência das ocupações pra ti? Como foi experienciar isso, estar vivendo esse movimento, e o que que tu aprendeu com isso, como que isso reverberou pra ti em termos de aprendizado?*

Foi... acho que a principal palavra, assim, referente às ocupações, foi a coletividade. De entender que tá todo mundo no mesmo objetivo, por mais que as pessoas sejam diferentes. Sem saber um retorno as pessoas tão lutando por aquilo. E isso foi algo, passar dificuldade junto, com o colega de outra turma diferente, foi conhecer gente nova, gente que talvez nem conhecesse, que tu nem imaginava e tu conhece. Então, foi algo que foi um aprendizado de realmente uma nova forma de se viver, uma forma em que tu sabe que tu tá pelo coletivo e não por ti entende? Nesse mundo. Porque, muita das vezes, a gente nasce sozinho, morre sozinho e a vida é assim, né? E a ocupação foi um processo que 50 estudantes não teriam nunca se conhecido e vivido um mês inteiro fazendo comida, lavando a escola, jogando bola, estudando, fazendo evento. Tudo junto pelo bem maior entende? E isso foi algo muito bom, o aprendizado quem teve aqui foi tudo pelo coletivo, tudo pela pessoa que tá do lado. Acho que foi esse o maior aprendizado.

*E agora um pouco sobre cultura e política. Tiveram eventos culturais na tua escola?*

Sim.

*Como é que eles foram pensados e organizados, como que eles aconteceram, como era feito o contato, como que vocês lidavam com isso?*

Ao mesmo tempo, tinha muita gente se dispondo pra poder fazer os eventos, mas, ao mesmo tempo, a gente também buscava, por exemplo, a banda do Apanhador só, entende? Aí a gente correu atrás, mas, ao mesmo tempo, muita gente ia lá e perguntava, por exemplo, muitos professores foram lá pra querer dar aula, professores de cursinho, e isso foi algo muito bom assim. E referente a como se organizava, era porque era dividido em comissões. Então, aí tinha a comissão da cultura que era específica pra isso, esse núcleo de pessoas que organizava, que gostava de fazer aquilo e que queria fazer aquilo, Isso foi o que fez dar certo, as pessoas fazerem o que elas querem fazer ali pelo todo.

*E tu chegou a ir a eventos em outras escolas?*

Sim, cheguei. Cheguei a dormir em várias escolas, também. Fui no IE, fui, bá, eu fui em bastante escolas, assim, em coisas de música, eventos de... esqueci agora o nome. Mas acho que, tipo, fui um também que era um campeonato que eles fizeram que era de ocupação contra ocupação, de futebol, isso foi muito engraçado, rolou, deu certo e quem ganhasse, levava de cada escola um quilo de alimento, então isso foi muito engraçado. Tipo, não foi todas as escolas, mas as escolas que foram chamadas, foi legal. Pelo menos eu vi o processo, assim, sendo... Foi bem gratificante.

*Tu acha que os eventos culturais tiveram algum papel relevante durante as ocupações, tu acha que isso teve alguma coisa diferenciada, qual a importância que teve pras ocupações?*

Acho que teve muita importância no aprendizado de muitos estudantes, principalmente das escolas mais isoladas, por exemplo, a própria minha, a gente não é acostumado à própria questão do movimento estudantil. Assim, eu sou envolvido, mas a gente sabe que o foco do movimento estudantil é o centro, é as escolas principais ali, e acabam excluindo as escolas mais periféricas, mais um pouco longe e isso foi muito bom pros estudantes que estudam nessas escolas, porque eles viram um mundo novo, viram algo novo, entende, com os eventos culturais. Isso foi algo que, tipo, eu vi, por exemplo, um colega meu chegar a chorar por causa de um negócio de artes, de pintura, então foi algo que eles

nunca tiveram, entende, e na ocupação eles puderam ter, então isso foi muito bom na minha avaliação. Principalmente nas escolas mais distantes.

*Em relação à política, que tu poderia dizer que foi um aprendizado a partir da experiência da ocupação sobre questões políticas?*

Eu acho que a gurizada, muito a gurizada que tava ocupando no início, que continuaram ocupando e tudo, eles mesmo chegavam e diziam 'bá, eu nem sabia minimamente disso' e tipo, foi um crescimento muito amplo no sentido de tipo 'ô, o mundo não é da forma que eu penso, não é da firma que eu vivo'. Tem de várias formas e são diferentes, entende? E isso foi um crescimento gigantesco nos estudantes que participaram da ocupação, que viveram mais aquilo, tanto aprenderam a coletividade, que acho que foi o principal passo, quanto aprenderam muita coisa que, tipo, eles não sabiam, entende? Por exemplo, teve estudos sobre sexismo, sobre racismo, sobre diversos assuntos, que a gente fazia muitos eventos também referente a isso, e eles ficavam chocados porque eles ficavam 'nossa, mas isso eu não aprendo na escola, isso eu não aprendo com a minha mãe, com a minha família'. Isso eu não aprendo na TV, entende? E aí, eles veem que existe uma outra realidade, um outro mundo. Foi algo muito bom, assim, eu acho, que pra todo mundo. E o principal, né, o coletivo. Aquela coisa de tu saber que tem que fazer massa porque a ocupação tem que continuar. (risos) Isso, sei lá, foi muito bom, assim.

*E em relação, por exemplo, tu disse que já tinha envolvimento com a questão estudantil, tu acha que depois da ocupação caíram algumas fichas em relação a como que funciona, a questão do movimento estudantil com a questão política, tu circulou por esse território, como que foi pra ti essa parte?*

Eu acho que foi um teto muito psicológico, né? Porque eu já fui de vários outros movimentos estudantis e eu jurei pra mim mesmo depois, né, que eu nunca ia trair as pessoas que confiavam em mim, né? (silêncio) E isso é muito natural no movimento estudantil e na política né? (silêncio) Porque, como uma frase do Brizola, ele fala, né, 'política adora uma traição, mas odeia o traidor', entende? E dentro do movimento estudantil e da política eu via muito isso, muita traição, com as pessoas ingênuas, entende? Inclusive estudantes que tavam ali por um bem maior, entende, que passaram dificuldade, que queriam ser ouvidos. E isso fez com que tivesse um teto muito psicológico e ampliou muito minha mente referente a tudo o que eu acreditava, tudo que eu já tinha uma mínima percepção de algo, e ver que tu não pode tá em todos os lugares pra poder ajudar todas aquelas pessoas que vão ser perdidas, também. Porque vai ter muita gente que vai ser guiado por outras pessoas que tão nem aí, literalmente, entende? E isso dentro do movimento estudantil a gente viu muito. Tanto que a gente ocupou a Secretaria da Fazenda também, né? Que já tinham ocupado a Assembleia, e a gente ocupou a Secretaria porque era óbvio, né? Que o que eles queriam era simplesmente o adiamento da pauta e a gente queria o fim dela. A gente não queria adiar, a gente não queria mais trâmite, entende? E isso acarretou o psicológico, entende? Parei, acabei parando no presídio central, com mais outros, mas nada do que eu me arrependa, sabe? Eu faria de novo isso.

*Como que foi isso?*

Durante o processo, né, tinha muitas escolas que não se sentiam representadas, mais de 150 escolas ocupadas, e, durante um mês de ocupação, alguns movimentos estudantis já queriam entregar a ocupação, porque eles disseram, 'ah, a gente não vai ganhar, não vamos ter nada, vamos ter que deixar pra lá, não vamos conseguir segurar'. E realmente, tava difícil pra segurar as ocupações, eu não nego isso, mas o foda foi entregar da forma que foi entregue, sabe? Não foi entregue daquela forma de, tipo, eu vou ficar até o final, e aí sim eu vou entregar, depois de muito sofrimento. Não, foi entregar depois de 70% do sofrimento, que os outros passaram, que a maioria dos estudantes passaram, os ingênuos, né? 'Vamos entregar agora porque é isso, a gente tem interesses maiores', entende? E foi

complicado porque, quando eles ocuparam a Assembleia Legislativa, a gente pensou em ocupar as 22 escolas que não se viam representadas, né? A gente pensou em ocupar junto com eles, só que a gente sabia que a gente não ia ter voz, porque a gente já não tinha voz nas duas primeiras reuniões que teve com o secretário de educação do estado, né? E então, a gente tomou uma atitude que foi ingênua também. Mas foi uma atitude que mostrou que existia essas vinte e poucas escolas que não queriam o adiamento e sim queriam o fim, né, queriam realmente romper. Então, foi algo muito... pra mim, e eu acho que pra todos, porque, na verdade, todos falam a mesma coisa, pra mim foi muito gratificante estar do lado daquelas pessoas que foram presas junto comigo e ficaram até o fim, sabe, sabendo que a polícia tava batendo em nós.

*Vocês chegaram a ser levados?*

Sim, os de maior, as gurias foram pro Pelletier e...

*Mas tu entrou lá? Te botaram numa cela?*

Sim, eu tava na triagem. Sim.

*Sozinho?*

Não, tinham os outros.

*Mas outros estudantes?*

Com os outros estudantes mais dois duque, que é estuprador. Enquanto a outra cela do lado, os cara tavam querendo botar fogo no colchão e querendo brigar com a gente, porque acho que foi os policial que mandaram. Porque, depois eu fui conversando com eles, e não tinha nada a ver, eles não tavam nem aí pra nós, entende? Então foi algo que... foi dez estudantes, né, quatro meninas e seis meninos. E a gente foi, e o complicado foi que muitos estudantes que foram junto comigo, eles não tavam preparados psicologicamente pra ir por Central, acho que ninguém tá, mas... Foi algo assim, complicado, psicológico muito ferrado, e eu me sinto talvez meio culpado nisso, assim, porque eu imaginava que alguma coisa ia acontecer, sabe? E dentro do Central, pelo menos na minha via, assim, eu via muito os outros que foram junto comigo, o psicológico deles tava muito ferrado, eles ficavam o dia sem comer, eles deixaram a gente sem comer, os cara querendo brigar com a gente, botar fogo. Tu tá numa cela com dois estupradores e tudo, né? E tu vê que a cela do Presídio Central não é nada bom e nada confortável, tu passar frio, essas coisas, entende? Então, foi algo muito ruim pro psicológico, acho que eu já superei isso, mas dos outros... entende? Acho que o que eu não superei foi ver que eu não conseguia fazer muito pelos outros, pela gurizada que tava junto comigo naquele momento. Mesmo eu tentando sempre conversar e rir, dizendo que... tentar aliviar. E eu vejo que hoje muitos ainda param e pensam, ficam mal, porque a gente tá ainda no processo e eles se sentem bem mal quando a gente fala sobre esses assuntos. Então, foi algo muito complicado, assim. Psicologicamente. Mas eles não negam, mesmo sendo ruim eles, a maioria, apesar de um já ter mudado a sua visão, a maioria ainda continua dizendo que faria o mesmo. E isso é algo que foi muito gratificante naquele momento, quando faltava dez, eles deram a pausa e perguntaram se a gente queria de novo sair e a gente disse que a gente só ia sair se nosso advogado tivesse ali e tivesse reintegração de posse, né? E a gente fez aquele jogral que era... jogral feito por aqueles dez que faltavam, que era "a única luta que se perde é aquela que se abandona", é aquela que a gente deixa de lado porque se a gente vai até o fim, por mais que saia derrotado, a gente foi até o final e não foi uma derrota, não era pra ser.

*Os dez tu diz dez estudantes que ficaram lá dentro...*

É os dez que faltaram, eles tiraram 43.

*À força...*

Sim, à força. Foram tirando um por um e, quando faltavam os dez, a gente já tava cego, devido aos spray. Eles deram uma pausa pra conversar com a gente e nessa pausa a gente fez esse jogral. Eu chamei esse jogral, e depois foi um policial e fez uma pergunta pra mim e tudo. E eu falei pra ele 'acho que a mesma coisa que vocês têm que não deixar o companheiro sozinho, a gente também não vai deixar aqui'. E isso foi algo muito bom de ver, que todo mundo tava junto até o final. Acho que é isso, assim. Ali provou até aonde que aqueles estudantes queriam chegar pela luta, né? O que eles fariam naquele momento. Então foi um avanço muito gigantesco, de que existe muita gente que realmente acredita, né? Então, acho que é isso, assim, foi muito gratificante, e eu faria de novo, seria preso de novo se fosse preciso, eu falo, não tem porque negar.

*Bom, a próxima pergunta é se tem algum acontecimento, elemento que tu gostaria de destacar nesse sentido político, de alguma maneira tu falou um pouco disso, mas é só se tem alguma outra coisa...*

Acho que, dentro dos movimentos estudantis, acho que o maior erro foi não ter escutado as bases. Não ter escutado quem tá vivendo aquilo, entende? E isso fez com que muita gente se decepcionasse com as ocupações, entende, de algumas escolas. Porque, como eu te falo, eu continuo militando, e eu vou nas escolas e muitos estudantes se decepcionam, entende? E eles acabam largando essa vontade de lutar devido à decepção.

*E essa decepção, tu poderia me dizer, falar sobre ela, qual é a decepção deles, o que eles dizem sobre?*

Eu acho que a decepção se resume na questão de se sentir traído, né? Acho que a traição é a pior decepção que a gente tem, né? E muitos, muitos, muitos mesmo, tipo, confiaram, fariam de tudo, entende? Só que, às vezes, nem tudo que brilha é ouro, né?

*E essa traição tu diz referente à negociação que foi feita pelas escolas (entidades)?*

É. Também.

*E teria alguma outra?*

De outras cidades, por exemplo, eu fui em outras cidades e muitos estudantes tavam ocupando outras escolas e tinha gente que tava falando pelo nome daquelas escolas que eles nem imaginavam quem era, entende? E isso foi algo complicado. E foi triste, assim. Eu mesmo, apesar de ser da minha escola, eu sempre dizia 'eu não falo em nome da escola'. Eu mesmo falava isso, vai um, muda toda hora, cada um fala um pouco, porque, como te falei, as pessoas querem ser ouvidas, elas também querem falar, elas também vivem outras realidades, outras coisas. E, muitas das vezes, as pessoas não querem escutar, as pessoas querem falar sem parar, sem se importar com o próximo. Acho que foi isso, a questão da traição dentro do movimento estudantil, por tudo que acabou rolando.

*E como tá tua escola hoje?*

Bom, depois das ocupações foi complicado porque a maioria dos professores eram contra, de 50 professores só quatro eram a favor e foi depois de tudo o que a gente passou, metade só era a favor, metade contra. Deu briga entre professor devido à ocupação, então foi algo que hoje eu vejo a escola, tipo, eu vejo o grêmio rendendo, hoje o grêmio tem sua salinha, porque antes não tinha grêmio

um bom tempo, entende? O ano passado a gente lutou pra ter o grêmio, não fez uma ocupação, mas ficou um dia inteiro na escola pra ter o grêmio. E hoje a gente vê que teve muitas coisas, assim, melhorias dentro da escola, que a gente viu que ajudou bastante a participação dos estudante. Teve muitos estudantes, também, que foram radicalmente contra e que mudaram a sua visão também, eu vi isso muito. Eu acho que foi uma vida, acho que a gurizada sente saudade do que foi aquela vida, aqueles trinta e poucos, quarenta dias. E isso faz com que aquelas pessoas tenham aquele ciclo de amizade, aquelas coisas de se conversar, e isso aumentou na escola. Ao mesmo tempo que os professores queriam isolar a gente e ao mesmo tempo não conseguiam. Foi uns negócio que foi bem bom, e tá dando um resultado bom, né? Vejo que ano que vem ainda vai ser bem melhor, e por aí se vai, ainda vão vir outras pessoas.

*E como tu te sente em relação à escola depois das ocupações, como que é ir pra escola, como que é voltar pra essa rotina, quais são os reflexos que ainda tão rolando das ocupações nesse cotidiano escolar, digo, a relação com a direção, com os colegas, professores, etc.*

Sim, no início foi bastante complicado, a gente tinha uma relação com aqueles professores que foram a favor, sabe? Mas, no início foi complicado, porque a gente sabia que ia ser. Mas com o tempo foi melhorando. E com a direção, por exemplo, até hoje mesmo, a gente conversou de novo sobre essa questão, se voltar, a questão da PEC, sobre tudo, e ela disse que apoia, sendo que a diretora é contra, e a vice da manhã também. Alguns estudantes, a gente sabe que criou, é muito natural criar o seu reacionarismo, aumentar devido a isso, e ao mesmo tempo, é muito amplo, porque teve muita coisa boa, mas teve muita gente que foi afetado. Eu me dou bem, até com a gurizada meio reação, entende?

*Em que sentido foram afetados?*

Alguns outros estudantes que nunca foram vistos na escola e que participaram da ocupação, pra conhecer e que acabaram gostando, e que voltaram sua vida. Só que algumas pessoas trataram mal dentro da turma, tentaram isolar, por exemplo, uma pessoa só da turma participou da ocupação, isolaram aquela pessoa, essas coisas. Só foi esse o processo, assim, mais essa questão do isolamento de algumas pessoas que participaram do processo de ocupação, entende? Isso foi muito triste. Porque os professores também tentaram fazer isso com alguns estudantes. Ainda fazem, diminuíram bastante, mas ainda alguns ainda fazem, fazem discretamente, mas fazem, com alguns estudantes. E eu, por exemplo, assim, tenho muito na minha vida a militância, às vezes, eu falto muita aula, então, tipo, eu vou né, mas ao mesmo tempo falto. Acontece alguma coisa, mas eu vejo mais pelos outros, pelo que as pessoas vem conversar comigo, porque eu sempre tô buscando essas pessoas pra conversar, ver como é que tá. Porque não adianta tu simplesmente esquecer a pessoa, deixar lá. Não, as pessoas têm vida e a gente tem que, pelo menos minimamente, perguntar se a pessoa tá bem, entende?

*Daria pra dizer que a escola voltou ao normal?*

É, normal naquelas, né? Mas ela tá voltando com o tempo, eles mesmo fizeram uma brincadeira com a presidente do grêmio. Ela tava arrumando a salinha, um professor chegou pra ela e falou assim, ela é do primeiro ano e ela tá envolvida agora com movimento estudantil, eu conheço ela desde pequena, ela mora perto da minha casa tudo, e aí chegaram assim 'e aí tamo sabendo que vocês querem voltar a ocupar', e ela disse 'não professor'. É um negócio assim, às vezes eles largam uma chantagenzinha, mas é natural, a gente sabia que isso ia acontecer.

*Tipo, foram jogar um verde, assim?*



É! Eu sempre falei, eles vão querer fazer reunião sem chamar vocês, eles vão querer botar pressão, ligar pros pais, essas coisas, que era o que ia acontecer. Isso aconteceu no processo das ocupações, isso aconteceu depois com algumas pessoas, mas nada que a gente não tomasse uma consciência minimamente que era possível acontecer.

*Ainda, tu acha que ainda podem ocorrer mudanças nas escolas em decorrência das ocupações, digo, mudança a longo prazo, ou enfim, tu acha que ainda podem ocorrer mudanças na escola, no cotidiano escolar a partir do que ocorreu nas ocupações?*

Eu acho que a principal mudança foi as pessoas conhecerem umas às outras, aprenderem mais a coletividade e a condição do próximo, assim. E eu não sei se vai acontecer mudanças ou não mas isso vai depender dos estudantes, se eles querem continuar a mudança, entende? Porque as coisas estão aí, basta a gente querer, às vezes, né? Nem tudo cai do céu, assim. Mas acho que mais isso, e a estrutura acho que é óbvio, algumas coisas assim, tá acontecendo, mas muitas outras sabe que não, sabe que não tá.

*Tu poderia dizer alguma? Alguma coisa que sim tá acontecendo, óbvio?*

Ah, eles mudaram a estrutura da escola, mas não foi tudo. E era pra ter mais a participação do estudante na escola, só que ainda direção impede muito isso.

*Mas teve algum avanço?*

Teve, teve. Acho que mais a questão estrutural da escola mesmo.

*Estrutural tu diz a parede da escola ou as formas de se fazer?*

A parede. (risos) Porque as formas ainda continuam!

*Pergunta: como seria a escola ideal pra ti?*

Acho que é complicado, nesse sentido. Porque, hoje em dia, todo mundo para e pensa 'ah, uma escola libertadora, etcetera e tal', entende? Mas eu acho que falta ainda mais algo. E acho que o que falta a gente ainda tem que descobrir. A gente sabe que uma escola libertadora, sim, é uma escola que vai mudar toda estrutura, vai mudar toda a forma de tudo, de sociedade, de tudo, mas acho que não se resume só nisso. Acho que a escola ela é... acho que é a nossa vida, em tudo que a gente faz, entende? E não só a escola X que tá lá e tu vai lá e faz aquela coisa, tipo alistamento de exército. Acho que a gente tem que descobrir qual é a escola ideal, porque as coisas mudam, as pessoas também. Então temos que ter novas perguntas, novos testes...

*Novas formas de se pensar... Quase finalizando, gostaria de saber um pouco mais como que era tua escola antes das ocupas.*

Antes das ocupações, já tava rolando essas questões de grêmio, mas antes das ocupações era uma escola que era mais mecanizada. No sentido até do movimento estudantil, do trabalho. Tipo, passava nas turmas, conversava com os estudantes e tudo e eu via que não se resumia naquilo, eu sempre prezava e sempre falo muito com as pessoas, a gente tem que ter muita empatia com as pessoas, tipo, não fazer aquela coisa mecanizada. Então acho que, antes da ocupação, desde quando eu entrei naquela escola, e comecei a notar as coisas de uma forma diferente, assim, uma outra realidade, eu fui notando, vendo que o que as pessoas mais precisam é o que muito falta, né? Que é essa questão da empatia, minimamente tu pode perguntar o que ela tá sentido, se a pessoa tem

dinheiro pra pagar a passagem, viver aquilo também com a pessoa, porque tu também passa por aquilo. E não simplesmente só ser mecânico, tipo 'ah, chega aí, vamos militar, entra no grêmio estudantil, vamo fazer tal coisa e deu tchau, bola pra frente'. Não é, não é aquela coisa de amizade: tá, vamo sair, ir numa festa. Não, é aquela coisa de realmente tu saber que tu tem que se acostumar a se importar com o próximo, e que isso vai gerar uma diferença e que a ocupação deu um *up* gigantesco nisso. E isso foi muito bom, mas antes das ocupações era mais restrito, era mais fechado, porque a gente não consegue abranger todo mundo, apesar de conhecer todo mundo da escola, a gente nem sempre consegue tá conversando com todo mundo, tá o tempo todo com todo mundo. E esse é um do problemas que eu, às vezes, me cobro muito, sabe? Até quando vou nas outras escolas, muito estudante não sabe das coisas, querem saber e, às vezes, tu não tem tempo pra conversar, isso é um saco, porque é complicado, muito complicado isso.

*E a próxima é um pouco isso, como que tu te sentia na escola antes das ocupações, e o cotidiano antes.*

Acho que antes das ocupações o cotidiano escolar era mais rotineiro, né? Era realmente, como falei antes, aquela coisa mecanizada, e por ter essa coisa de estar conversando com todo mundo, pra mim, talvez, não tenha mudado muito, sabe? Mas acho que pros outros, assim, sabe, como eu falei, tinha gente que nunca conhecia ninguém, pra eles, mudou a vida deles totalmente. Um guri me falou 'meu, eu tinha três amigos, hoje eu tenho quarenta, cinquenta, por causa da ocupação'. E isso é muito gratificante tu saber, que aquela coisa ficou marcada na vida das pessoas. Tu sabe que as pessoas talvez não continuem, sigam suas vidas, mas que algumas ainda vão querer continuar, só que, muitas vezes, a gente se sente culpado por não conseguir abranger todo mundo, sabe? Não conseguir, sei lá, abraçar todo mundo. Essas coisas de coração de mãe. Mas é mais isso, acho que foi mais esse sentimento assim.

*E a última coisa é mais um espaço pra complementação, alguma coisa super importante, algum ponto que tu achou que foi crucial pras escolas, pro movimento e que eu não tenha te perguntado sobre, alguma coisa que eu não sei e que tu acha que eu deva saber.*

Eu acho que as ocupações foram a prova viva de que é possível a gente deixar nosso interesse individual de lado e, sim, fazer pelo coletivo. E acho que isso foi um passo gigantesco pro Brasil, assim, sabe? Foi uma espontaneidade? Foi. Mas foi ao mesmo tempo uma espontaneidade por um bem maior, talvez ainda não fique orgânico, mas um dia vai ficar. E eu acho que o futuro, devido às ocupações, devido aos estudantes, a gente vai ter logo, logo duas escolhas gigantescas a tomar, num próximo futuro, na minha avaliação, e que, devido a essas ocupações, vai mudar toda a trajetória, vai mudar toda a vida. Mas acho que é isso.

*Eu fiquei curiosa, quais duas grandes decisões?*

Eu não sei muito bem assim, o que está por vir, sabe? Mas vai ser duas grandes decisões no sentido de... numa forma mais simples de se falar, é... a gente vai escolher entre continuar na merda ou a gente vai querer construir algo junto e querer sair da merda junto. Vai ser algo que, o popular, sabe, o poder popular não vai ser mais espontâneo, vai ser algo orgânico, porque já foi a espontaneidade, já tá acontecendo por causa das ocupações. E uma hora eles vão ver a necessidade de ser orgânico, e essa coisa de ser orgânico vai ser a hora que as pessoas vão se tocar: ou a história vai ser repetida de novo, a gente vai ser mais uma vez, entende, e vai girar o ciclo e a gente vai se ferrar mais uma vez ou não. Isso vai depender tudo de nós, eu acho. Mas acho que vai ser pro lado bom. (risos) Espero, né? Tem que ser positivo!

*Tomara! Bom, acho que é isso, se tu tiver mais alguma coisa...*

Bá, eu não tenho nada, mesmo.

*Então muito obrigada, por esse tempinho, no meio do furacão.*

Bá, tá louco. Muita coisa acontecendo. Mas é normal, acontece porque a gente tá despreparado.

## ENTREVISTA 7EF

*Primeira pergunta, é como que tu te envolveu nas ocupações? Tipo, como que tudo começou, se tu já tava lá desde o início, como foi essa movimentação inicial?*

A gente, eu e mais uma, duas ou três pessoas da nossa escola, junto com outras escolas, a gente foi quem puxou ali. Teve a primeira escola, que foi o Emílio, mas antes disso a gente já tava conversando, tendo diálogos com outras escolas por causa do movimento que tava se acendendo aqui. Teve uma conversa com a entidade municipal, que é a Umespa. Aí a gente não gostou muito do tom que tava sendo colocado ali, pelo presidente da entidade, e a gente já começou a trocar ideia por fora disso e fazer reuniões pra tentar organizar, e daí foi assim. Fui uma das cabeças aqui em Porto Alegre que puxaram o movimento.

*Mais geral, porque as ocupações aconteceram na tua visão?*

Pessoal ou política?

*O que tu quiser, de preferência os dois.*

Ah, eu acho que tava tendo um levante do movimento secundarista em outros estados, como em São Paulo, que acho que foi muito referência pra nós aqui. A gente viu os vídeos e ficava 'oh, meu deus!'. E aquele negócio da galera nova do movimento de 'ah, meu deus, a gente também quer, a gente também quer'. E, daí, a gente foi parar pra estudar, porque não adiantava fazer o movimento, mas não ter o porquê fazer, assim, né? Aí a gente foi parar pra estudar e viu, tem o porquê fazer, tá ligado? Tá acontecendo muita coisa, que já teve ato, já teve outras formas de diálogo e não foram resolvidas, vamos dialogar com as outras escolas e ver se as outras escolas concordam com isso. E, daí, foram levantadas as pautas do porquê ocupar, que era contra a PL das OSs, não lembro o número, a 190 que é do Escola Sem Partido e daí contra o autoritarismo dentro da escola, estrutura física, merenda, contra não, né? Reivindicando essas coisas e algumas querendo mudar essas coisas.

*E o pessoal?*

Ah, o pessoal foi mais das cenas de SP me tocarem muito. Eu chorava horrores quando eu vi os vídeos, e querer fazer aquilo também, a vontade de lutar. Preciso lutar porque é uma coisa que me afeta. Eu tô no terceiro ano do ensino médio e eu como bolachinha de água e sal na merenda, sendo que isso não vai me sustentar o dia inteiro. Por exemplo, agora, faz duas horas mais ou menos que eu tive a hora do intervalo que a gente come e eu tô morrendo de fome de novo, tá ligado? Bolachinha não alimenta.

*E agora sobre tua experiência, como que foi a experiência das ocupações pra ti? O que tu aprendeu, como que foi estar experienciando uma ocupação?*

Ah, foi louco. Foi muito louco, na real, porque a gente ocupou sem saber o que tinha que fazer ou deixar de fazer, né? A gente nunca tinha feito isso na vida. A gente tinha mais ou menos um manual de São Paulo, que tinha 'Como Ocupar Sua Escola', e a gente foi até onde dava seguindo aquilo. Só que, daí, quando tu tá na ocupação, não é tão fácil assim quanto a parte teórica, mesmo a parte teórica tendo sido feita a partir da prática deles e delas. Daí, aconteceu muita coisa, era muito estresse dentro, a gente tinha muito na cabeça que não dava pra consumir drogas ilícitas nem álcool dentro da escola, e daí a gente enfrentou o problema que é uma coisa cultural de lá de dentro, da galera fumar e etc, sabe, é normal. E daí, como nós, alunos que não gostamos de autoritarismo, vamos tentar desconstruir isso? Porque a gente não acha errado, mas também a gente não pode ter isso, porque isso vai sujar a imagem do movimento pra sociedade, porque nós somos pessoas que vivemos numa realidade e a maioria da população vive em outra realidade e tem outro tipo de construção. Daí, acho que era um dos maiores problemas que a gente enfrentava, esse diálogo sobre drogas, mas a gente conseguiu controlar total, assim, tipo, foi muito massa, a gente conseguiu dialogar de forma que a gente não fosse autoritário e as pessoas entendessem de fato e o porquê que não fazer isso lá dentro. E daí, a experiência política, assim, que foi, pô, teve um amadurecimento incrível, que foi muito rápido também. A galera que tava mais envolvida mesmo, virou adulto em dois meses. E daí, agora, eu, particularmente, enfrento vários problemas pra conseguir assimilar isso tudo, de ter virado adulto em dois meses. Tipo, militava já, mas era uma militância muito mais tranquila. Agora, eu tenho semanas, tipo, um mês inteiro, que tem reunião quase todos os dias da semana, que vão das 7h da manhã até, tipo, 11h da noite, e a rotina é assim. Aí, tu tem que conciliar com a escola. E aí, chega em casa, final de semana, e a tua mãe te olha e fala 'filha, tu não fica em casa!', e eu 'é, mãe, eu tô saindo, porque eu tenho uma reunião pra ir no domingo'. É uma coisa muito louca, que a gente se sujeitou a isso, não é todo mundo que ocupou escola que tá nessa *vibe*, mas é uma coisa que a gente se sujeitou. A maior experiência é que a gente teve um acúmulo político imenso e a gente amadureceu muito enquanto pessoa, porque por, mais que eu não concordasse com o autoritarismo dentro da escola, às vezes, eu era autoritária, sabe? Ou gostava de fazer as coisas individualmente, tipo, não, eu faço melhor, daqui que eu faço sozinha, e é uma coisa que, na ocupação, a gente desconstruiu muito, porque não tinha como fazer as coisas sozinha, tá ligado? Tu precisava das pessoas te ajudando a fazer as coisas, porque, se não, tu não ia dormir, tu não ia fazer nada. Não que com as pessoas te ajudando eu dormia muito ou comia muito, mas é mais ou menos por aí.

*Na tua escola houve eventos culturais? Eu sei que houve, mas se tu pudesse falar um pouco sobre isso, como elas foram organizadas, como que vocês pensaram tudo isso, teve diferença de como vocês pensaram e aconteceu, enfim.*

Então, a gente não "organizaava" nada, a gente chamava a banda pra ir tocar. 'Vocês vão precisar de alguma coisa? Sim?' Normalmente a galera dos sindicatos que tava apoiando bastante, assim. E, ali perto, tem muitos sindicatos na volta, então a gente conseguia estruturar as coisas pra fazer show de maneira bem fácil, até. E aí, além de show tinha oficina mais cultural, com uma tendência mais cultural, assim. Teve um monte de coisa, na real, não vou lembrar de tudo, não ficava mais com essa parte. E a gente achava que a galera ia ir, que ia ser massa, que a galera da ocupação ia curtir muito. E daí, nem sempre saía como o esperado, mas, no geral, as oficinas foram super boas e produtivas, e quando era show normalmente a gente abria pra galera de fora vir também. A gente teve a *La Digna Rabia*, que tocou lá na escola, que é uma banda que é na cidade, bem conhecida, assim. E aí, a galera de fora vinha em peso, tipo, ver a escola ocupada não só por nós alunos, que somos agentes do fato histórico que tava acontecendo ali, mas também pela comunidade, de poder ter a comunidade dentro da escola. Teve uma apresentação de teatro da... não vou conseguir lembrar o nome agora, que foi muito massa e teve bastante inserção da galera da comunidade de fora mesmo,

assim, sabe? E os alunos também, foi uma das oficinas que a galera ficou mais vidrada, era num domingo de tarde e tava chovendo, ficou o final de semana inteiro chovendo. A galera tava, tipo 'ah, meu deus, estou morrendo nesse colégio sem fazer nada', e o teatro foi, tipo, um *up*, assim, foi muito massa. E daí, o teatro falava sobre imperialismo e tal.

*Foi oficina ou foi uma peça?*

Foi uma peça. De um grupo tri famoso, muito, muito famoso.

*(falo o nome de grupos de teatro pra ver se ela lembra)*

É, era um lance bem político. E, depois, quando tu ia debater política, que é o próximo ponto aí pelo jeito, tu via, tipo, uma percepção diferente da galera, já, sabe, sobre certas coisas, assim. É o que a gente tava conversando antes, usar o teatro pra criar consciência, educar e etc. (referindo-se ao nosso diálogo para irmos até o local da entrevista, há algumas quadras da escola)

*Tu foi a eventos culturais em outras escolas?*

Não, eu não tinha muito tempo, na real. Eu tava sempre em reunião ou arrumando coisas dentro da escola, ou querendo limpar a cozinha porque eu tava estressada, e daí limpar era massa porque eu tinha que fazer força e desestressava, ver as coisas limpas, tipo 'aah, ótimo!'. E daí era mais ou menos assim, não deu muito tempo, infelizmente.

*E tu acha que os eventos culturais tiveram algum papel importante, relevante, diferente do que as outras atividades tiveram nas ocupações?*

Ah, eu acho que a gente tentava sempre levar eventos culturais que tivessem alguma temática interessante. A gente tinha esse cuidado, não é, tipo, 'ah, palhacinhos vão lá ficar brincando', tipo, não! A gente sempre tentava que tudo tivesse algum tipo de cunho político. Então, sim, teve um papel fundamental, porque é muito mais interessante tu ficar prestando atenção numa peça de teatro, na letra de uma música, enfim, do que ficar numa roda de conversa sobre... sei lá, sobre, sei lá... sobre a escola sem partido, ou coisas do gênero. Pra galera que tá ali conhecendo o movimento naquela ocasião não vai conseguir ficar uma ou duas horas numa roda de conversa mais... sei lá que tenha mais... não mais conteúdo, não é a palavra que eu quero usar, mais teórica, assim, eu acho. Acho que teórica é uma palavra boa.

*E aí sobre política, bom, o que tu aprendeste sobre política a partir das ocupações?*

Ah, eu aprendi que não dá pra ser sectário, não dá pra ser sectário. Tu tem que dialogar com certas forças do movimento político, que tem ali no teu redor. Aprendi que nem toda organização política tá ali pra te dar o golpe, pra te fazer mal ou pra querer botar a linha da sua organização ali, independente de ser partidária ou apartidária, independente da linha teórica, enfim. Tem organizações que tão de fato pra ajudar e pra construir. E acho que isso foi um aprendizado de muitas pessoas, porque depois das ocupações, que as coisas se acalmaram mais, que a galera teve tempo pra descansar e estudar, e enfim, conhecer as organizações em outro momento, uma galera se organizou. Acho que isso é bem positivo, assim, porque às vezes, era até uma coisa meio fascista assim, tipo, não, partido não vai entrar aqui dentro, tá ligado? Sendo que a gente viu que na hora do aperto, tinha muito partido que tava lá nos auxiliando um monte, assim, sabe? Querendo de fato apoiar, independente da decisão que a gente tomasse, ou enfim. E, que mais sobre política... Sei lá, eu aprendi tanta coisa, na real. Não fiz balanço sobre tudo que eu aprendi, assim. Isso foi um grande avanço, e aprender muito... que, daí, é um rolê que tu não vai usar só por meio da política, mas

dialogar, sabe? E não, tipo, ganhar as coisas no grito. Ganhar as coisas no argumento. Que quanto mais de boas tu tiver falando, e quanto mais argumento tu tiver, mais tu vai ganhar. E isso a gente usava muito ali e usa. Eu uso ainda em momentos políticos, mas também em outros momentos, assim, lidar com professor que é pau no cu contigo em sala de aula, sabe? Entre outras coisas que são políticas pra mim, tu ser uma mulher e estar respirando hoje em dia é política. Pra mim, tudo é política no mundo. Às vezes, eu até tenho umas crises existenciais por causa disso. Mas é isso. O que tu aprende dentro da política não é só política, tu leva pra tua vida como um todo. Daí, não sei diferenciar muito bem ainda, não fiz esse balanço. Não deu tempo. É muita coisa.

*Tem algum acontecimento, algum fato marcante que tu gostaria de destacar? A partir daquele momento caiu uma ficha, ou tal episódio foi... Referente a essa questão política.*

É, eu acho que o marco do movimento secundarista esse ano em todo o país é a forma que as entidades têm de lidar com o movimento. E aqui em Porto Alegre, foi uma coisa que, por um golpe que o movimento independente sofreu, que sim existiam partidos apoiando o movimento, tá ligado, mas o movimento era independente e ainda é independente, não é só um nome que a gente tá usando pra bonito. A galera organizada participa, sendo secundarista, que a gente ainda tá fechado nesse segmento, de ensino fundamental, a galera também pode participar, de boas, pode ser organizado, pode compor o comitê, mas nenhuma linha de partido nenhum vai ser supremo ali dentro, tá ligado? Se uma linha que algum partido der de sugestão, for aprovado em reunião, na assembleia, ótimo, que bom pra quem trouxe a linha. Se não for, paciência, sabe? É independência. E não tem nenhuma linha teórica também, tipo, pra levar. É um rolê que a gente sempre frisou é que a gente ia ser combativo. Ponto, tá ligado? E que a gente nunca ia fugir disso. Independente das formas que a combatividade vai ser dar, durante o processo, a gente vai ser combativo. E daí, nessa de ser combativo, depois que a gente sofreu o golpe, a gente precisava fazer uma ação direta, porque a gente não tinha mais o que fazer pra dialogar. Daí, acho que, quando a gente faz ação direta, que é ocupar a Secretaria da Fazenda, acho que é o maior marco político que a gente tem no movimento aqui em Porto Alegre. Porque, enfim, geraram uma imensidão de coisas, desde a gente ir preso até uma galera não militar mais, tipo, não querer mais nem ver movimento perto, e a galera ficar muito com sangue no olho e querer viver aquilo intensamente e querer fazer da sua vida aquilo ali. Uma galera que antes era mais da zoeira, só vamo na hora do ato, sabe? Uma galera que agora tá ajudando a organizar as coisas. Viu que tu tem que ter uma experiência no todo pra tu conseguir fazer uma ação de fato que seja qualitativa pro movimento ressurgir. E daí foi o momento que a gente viu quem mesmo ia apoiar, sabe? Na hora que afunilou foi, quem é que tava do lado, sabe? Daí, acho que foi o grande marco político do movimento aqui em Porto Alegre, tenho certeza, na verdade. Foi o golpe das entidades e conseqüentemente a ocupação da Secretaria da Fazenda e as prisões e os atos que rolaram depois e tudo mais.

*Como é que tá a escola hoje?*

A minha visão particular da escola, hoje, é que ela tá pior do que ela tava antes. Porque depois de tu ficar dois meses tendo a escola pra ti e tendo a escola de um jeito diferente, que tu não ficava em cárcere privado cinco horas do teu dia lá dentro, que tu fazia as coisas porque tu queria fazer, porque as coisas eram legais de ser feitas, tá ligado? Daí, tu entrar na escola agora e ter aqueles professores que \_ os professores tava em greve, iam lá, batiam ponto, iam pra casa dormir. E quem é vagabundo é quem faz greve, faz ocupação, assim, é uma coisa bizarra. Tu não pode mais sair da escola, tá ligado? Tu tem que entrar 13h30 e tem que sair às 16h30 de lá. Ponto. Tu precisa fazer isso, se não, tu vai ter falta, se não, tu vai ter isso, tu vai ter aquilo e biriri e barará e não sei que e não sei que e não sei que e não sei que. Sendo que foi construída uma visão muito diferente de escola, assim. Eu até tô fazendo um trabalho de seminário integrado que eu tenho que fazer a conclusão dele agora, provavelmente pra semana que vem ou na outra, que fala do sistema educacional do Brasil. Daí, a resposta é, tipo, um outro método de ensino. Entendo que \_ porque foi um momento de fala \_ 'vocês querem ter liberdade,

mas não querem responsabilidade nenhuma, vocês querem ter direito, mas não querem ter responsabilidade nenhuma, dever nenhum'. Não é assim. A gente tinha dever. A gente tinha dever de ir pra escola todo dia, ou quase todo dia. A gente tinha dever de fazer comida, a gente tinha dever de fazer café da manhã, de levantar cedo, de fazer segurança do prédio, de fazer isso, fazer aquilo, etc, etc, etc. E a gente cumpria os deveres, com liberdade. Ponto. Tipo, 'ah, tem que limpar'. 'Ah, mas não precisa limpar agora'. 'Uma galera quer limpar agora? 'Ótimo, vamos limpar agora'. Sabe? Tipo, não era nada tipo 'agora vocês tem que fazer isso'. A gente só estipulou um horário de entrada e saída da escola, de dentro do prédio. Que era das seis e meia até a meia noite. Nesse horário, a escola tava aberta pra tu entrar e sair. Com identificação, aquela coisarada toda, por uma questão de segurança nossa, mas a escola tava aberta. Então, tipo, acho que depois de ter ficado dois meses vivendo assim, e tu dormir na escola, a escola ser a tua casa, é muito... é horrível tu tá na escola agora do jeito que era e pior, porque agora o assédio moral tá maior ainda, sabe? Então, e é direção e professor botando aluno contra aluno, e aquela coisarada toda, e botando professor contra professor, e não sei que, e daí é umas coisa muito louca, acho que a escola tá muito... teve uma parte da escola que melhorou muito, mas o todo da escola ainda tá muito pior do que tava antes, no meu ver de ter vivenciado as duas coisas, assim.

*É, minha próxima pergunta vai nessa direção. É um pouco de como tu te sente em relação à escola depois das ocupações, mas mais também nesse sentido do cotidiano escolar, tipo, de como que tá esse cotidiano, como que são essas relações, como foi esse processo de reconfigurar a velha escola, com professores, a relação com a direção, entre alunos, como ficou isso?*

Vou começar pelo início da tua pergunta. Eu me sinto presa e oprimida dentro da escola. Já era uma sensação que tinha antes, só que depois da ocupação é maior ainda. Porque, sim, eu sei que eu tenho deveres. Mas eu também sei que eu tenho direitos. E eu sei que eu preciso de liberdade. Porque eu preciso de liberdade, tá ligado? Eu preciso de liberdade de, por exemplo, eu cheguei no primeiro período da escola, mas eu não almocei. Acontece de eu não almoçar, tá ligado? Tu não tem mais hora pras coisas. Não é que nem antigamente, que meio-dia tu ia pra casa, sentava com a tua família, almoçava, lalalalalala. O mundo é uma loucura agora, sabe? E eu não posso sair pra comprar alguma coisa pra comer. Daí, eu tenho que ficar passando fome a tarde inteira. Aí, cheguei no segundo período. 'Ah, sempre tu chegando no segundo período! FALTA! Por que que tu não entra no primeiro período?'. Tipo, é uma coisa bizarra, tu não tem liberdade nenhuma dentro da escola. Sendo que tem um cachorro quente do lado e tu não pode nem ir na grade pegar um cachorro quente. Então é isso, eu me sinto presa e oprimida dentro da escola. Muito oprimida por sinal.

*E sobre cotidiano escolar?*

Sobre cotidiano escolar, acho que é aquela coisa, o que que é tu ter 75% de frequência que é exigido pra tu passar de ano? É tu ter que sacrificar muitas vezes o teu psicológico porque tu precisa ir pra aula. E não é porque tu não quer ir pra aula que tu é vagabundo, ou que sei lá o quê, sabe? Acho que uma coisa que tá precisando ser mudada é entender que o aluno não vive mais só pra estudar, infelizmente. Que o aluno tem uma vida fora daquilo e que o aluno, às vezes, tem mais o que fazer, sabe? Tipo, o aluno tem problema em casa, tem uma galera que sai da aula de manhã e vai cuidar do irmão, sei lá, tipo, olha a sobrecarga que tu tá botando numa pessoa que tem 15, 16, 17 anos! Tipo, acho que falta muito do sistema entender isso e ver o aluno como gente e não ver o aluno como nota. E acho que isso tá pesando mais ainda depois da ocupação. Porque tu não era visto como nota, tu era visto como gente. Tu tinha que participar. Não importa o jeito que tu participasse, tu tinha que participar. E não é porque tu tem menos de 75% de frequência que tu não tá participando. Só tu tem que saber fazer a leitura que, no teu cotidiano, às vezes, tem coisas que são mais importantes, sim. Porque tu não tem mais aquela segurança de só estudar, tá ligado? Que a tua única preocupação é essa. Então, sim, vão ter coisas que são mais importantes que tu ir pra aula todos os dias. E vai ter matéria que tu

vai preferir ficar estudando em casa do que na escola, ou ficar na biblioteca do que ficar dentro da sala. Vai, é normal. E acho que o cotidiano da escola não te permite ser flexível e maleável, assim. Acho que isso gera uma imensidão de problemas.

*Direção, professores e alunos com alunos?*

É, então, tem aqueles *bolsomignon*, que só sabem reproduzir discurso e não têm conteúdo. Tem a galera que é contra a ocupação e tem um pouquinho mais de conteúdo. E tem a galera que é contra a ocupação e tipo, não só reproduz discurso e sei lá, mas fica sempre no mesmo, tipo 'a gente quer ter aula, a gente queria ter tido aula e agora a gente vai ter aula até janeiro porque vocês ocuparam a escola'. Tipo, não se baseia nisso, acho, sabe? Eu também fiquei sem aula tradicional. Fiquei. Mas o que eu aprendi dentro da ocupação, eu nunca teria aprendido na vida se eu não tivesse ocupado minha escola. Então, tipo, é o conceito que tu tem de aula, sabe? Eu tenho um conceito muito abrangente de educação e de aula, assim. Acho que muita coisa que tu aprendeu dentro, que a galera que quis e se dispôs aprendeu dentro da ocupação nunca vai aprender na aula, sabe? Independente se não tivesse tido ocupação nem greve de professores, e a gente tivesse aula sem férias o ensino médio inteiro. Tipo, são argumentos vagos que não tem nenhum tipo de embasamento pra contrapor a legitimidade da ocupação. É uma legitimidade dentro do sistema "democrático" em que nós vivemos. Nessa democracia burguesa e enfim. Mas é, tá ali, sabe, é legal fazer aquilo e é historicamente uma tática usada na luta da classe trabalhadora, sabe? Então, tipo, e, sim, era a única coisa que a gente tinha pra fazer no momento, então são coisas a serem pesadas, assim, sabe?

*Tu acha que ainda podem ocorrer mudanças em decorrência das ocupações?*

Eu acho que, em decorrência desse primeiro momento de ocupação, não. Porque tu não ocupa um espaço querendo mudar ele. Tu ocupa com a intenção de mudar ele, mas tu sabe que, na prática, tu não vai conseguir mudar ele, assim. É, coisa que a gente não sabia quando foi ocupar a escola, mas ok. Depois a gente aprendeu. É um método que tu tem de parar tudo e tu conseguir organizar a tua classe, sabe. Tendo 'jovens' como uma classe, é o único jeito que tu tem pra conseguir organizar isso. Se antes tinham três, quatro pessoas que eram envolvidas mais na situação política da escola, hoje em dia tem... dez? Então é uma coisa de formiguinha, mas é o papel de formiguinha que vai. E daí fugindo desses dez, tem mais uns perdidos que, tipo, tão consciente mas, tipo, 'ah, não tenho saco pra ficar indo em reunião'. Daí, tu não vê muito. Mas é mais um processo de organização da classe do que de fato de 'vamos ocupar a escola hoje, vamos ficar dois meses aqui, e quando acabar a ocupação a escola vai ter mudado'.

Eu acho que o que vai acontecer é terem mais processos como esses. Talvez muito mais bem construídos, pela carga de experiência. Porque aqui no Brasil, em São Paulo a galera ocupou, mas aqui no RS, especificamente Porto Alegre, nunca tinha tido ocupação de escola antes, pelo que eu tenho conhecimento. Então mesmo a galera que ocupou a Câmara de Vereadores em 2013 ou 2014, não lembro o ano direito agora, tinha uma experiência de ocupação, beleza. A galera que ocupa por moradia tinha uma experiência, beleza. Mas ocupar escola é uma coisa completamente diferente, assim como ocupar universidade é mais diferente ainda, sabe. Então tipo, acho que esse acúmulo de experiência e a troca de diálogo é uma coisa que tem como gerar muitos frutos, ainda. Muitos frutos, muito massa, assim...

*Como seria a escola ideal pra ti?*

Que te formasse enquanto cidadão e não enquanto alguém que tem que aprender Português, Matemática, datas de fatos históricos, nome de pessoas históricas e etc e etc, tá ligado? Que entendesse o mundo. Acho que a escola é um lugar pra isso, pra formar uma pessoa que entende o mundo, tá ligado? Porque, tipo, tá, tu sai da escola. Tu vai ter o teu dever, mas tu vai ter a tua liberdade



também depois que tu faz 18 anos. Porque tu tem um dever de estar alimentado, ter uma casa, pagar contas e etc. Porque é normal do sistema, vai ter isso, pra tu bancar e talz. Mas tu tem liberdade de não querer fazer isso. E daí tu sai do ensino médio e tu só aprende a ter o dever, porque tu tem que ir pra aula. Porque, se não, vai pra aula ficam enchendo a porra do teu saco. E tu roda e tu vai ficar naquele inferno pra sempre, tá ligado? Mas depois que tu sai da escola, tá eu tenho dever, mas eu não quero, tá ligado? E a galera não vai, sei lá, é um exemplo. E tipo, a escola não te ensina a lidar com o teu dever e com a tua liberdade, a tua responsabilidade, com a tua autonomia pra fazer as coisas, tá ligado? Acho que a escola te forma pra tu ser um robô e não te forma pra tu ser uma pessoa do mundo, da vida, que entende e compreende o mundo e a vida. Acho que o que falta é isso. Tipo, tu dá o dever, mas tu dá liberdade, os dois na mesma medida, pra quando tu sair da escola tu saber lidar com o mundo. Porque o mundo é isso, tu tem liberdade, estou livre agora, mas eu tenho compromisso, eu tenho uma reunião sete e meia e estou atrasada. Então tipo, tu aprende a lidar com umas coisas na marra, quando tu vai viver o mundo fora da escola, daí, é foda isso.

*Como é que era a escola antes da ocupação, ou se tu tivesse que dizer como que a escola 'sempre foi'?*

Ah, eu acho que a escola sempre foi do jeito que tá agora depois da ocupação, só que a gente não percebia tanto certas coisas. E, talvez agora, por medo e receio de quem é contra a ocupação, algumas coisas estejam mais rigorosas. Mas, no geral, sempre foi aquele sistema arcaico de o professor mestre, os alunos lixo, aluno não tem nada pra ensinar etc etc, no geral. Sempre foi assim e continua assim, na real. E, daí, tem professores que são a salvação da pátria dos alunos que são muito massa e tão ali para, de fato, trocar experiências e trocar sabedorias, assim. Porque dá aula é isso, tu falar e tu ouvir, também.

*E como que tu te sentia em relação à escola antes de ocupar?*

Ah eu sentia que... Me sentia presa e oprimida. Só que num nível menor, assim. Acho que eu não tinha vivido outra escola. Eu tinha coisa mais parecida com a ocupação que eu já vivi foi a gincana de outra escola, que é três dias que tu vive no colégio, mas tu vai pra casa dormir. Porque, daí, lá tinha muito fundamental, e tem aquele problema de dormir, e quem vai ser responsável, não sei o quê, aquela coisa toda, daí a gente não dormia, mas a gente chegava lá, tipo sete da manhã e saía onze horas da noite, tranquilo. Foi a experiência mais próxima que eu tive. E, daí, também já é um momento que a escola é mais dos alunos, sabe? A direção tá ali, ok, mas quem faz a coisa funcionar são os alunos, então já tinha vivido um pouco desse negócio de os alunos administram as coisas, e daí era a sensação de opressão e de tá presa ali, mas num nível muito menos elevado do que tá agora, assim. Tipo, antes eu nunca tinha chorado ou tido uma crise de ansiedade por tá presa dentro da escola, ou por estar sendo oprimida dentro da escola. Ou porque a tua professora não concorda com a tua ideologia, daí a professora se nega a te dar aula e fica te massacrando durante um semestre inteiro. Agora aconteceu isso.

*Mas se nega de dar aula?*

Eu posso ficar na sala de aula, mas é a mesma coisa que eu não estar lá. Não adianta a turma inteira tá dizendo pra ela que eu estou ali, que eu quero responder uma pergunta que ela está fazendo sobre o conteúdo, foda-se. Daí, foi esse lance que aconteceu, ela ignorou a minha... vem ignorando a minha presença em sala de aula. Daí, é o troço do respeito, eu aprendi que se tu quer respeito tu tem que respeitar. Não é porque ela é mais velha do que eu que se ela não respeita eu vou respeitar ela, assim. Então, acho que é isso. Se ela quer respeito, ela tem que me respeitar e ela é obrigada a me dar aula porque ela ganha pra isso, eu pago imposto pra isso e é obrigada a me respeitar porque eu nunca faltei o respeito com ela, sabe? Então é isso.

*Não é uma pergunta, é mais assim um espaço de complementação no sentido de que sei lá, tem alguma coisa nas ocupações da qual eu não te perguntei sobre e que foi importante, foi relevante, teve significado pra ti e não foi nada dessas coisas que eu te perguntei?*

Referente à ocupação especificamente do prédio da escola acho que tu perguntou tudo, na real.

*E sem ser especificamente do prédio da escola?*

Teve a ocupação da Secretaria da Fazenda, que a maioria das pessoas pergunta, é estranho tu não ter perguntado, inclusive. Que enfim, como eu já tinha falado, as entidades deram um golpe no movimento ali e resolveram ocupar a Assembleia Legislativa e não dialogaram com o todo, assim. A gente, sem querer, ficou com as principais escolas da cidade, e com as maiores também, muito sem querer e não foi nada pensado no caso, sabe? Não dialogaram conosco, a gente foi lá buscar o diálogo, tentar dialogar, tentar ocupar junto, mesmo com a série de problemas que ia ter a gente ocupando junto, de ter menos voz, de poder apanhar lá dentro, sei lá, enfim, várias coisas assim.

*Que que tu chama de ocupar junto?*

Que eles tavam ocupando a AL...

*Ah! Enquanto eles tavam na AL!*

Isso, entrar lá também, no mesmo espaço. Não teve diálogo, não conseguimos. Daí a gente foi ocupar a porra lá da Secretaria da Fazenda, e a gente entrou, tipo, muito engraçado, de barraca e o caralho assim, foi muito engraçado esse ponto da história, achando que a gente ia ficar lá, tipo, nossa, vamos dormir lá, assim. E quando vê já tava a tropa de choque, brigada e o caralho cercado em volta e daí, quando a gente entrou, tinha que dialogar com trabalhadores que tavam lá dentro, funcionário, etc etc etc e foi um episódio muito louco. A gente saiu de lá depois de ter sido torturado por uma hora, eu acho, tortura desde física a psicológica, porque tu viu teus companheiros apanhando, tipo sendo puxados que nem um saco de lixo, assim, arrastado, e tomando muito spray de pimenta na cara, na boca e muito de perto assim, em cima da cara mesmo. E, daí, saiu todo mundo pro camburão, não teve nenhum tipo de respeito. Não respeitaram direito nenhum. Não sei pra que que serve a porra dessa constituição, sabe? Porque a gente não teve direito a advogado, tinha um monte de menor, a gente não teve direito. Demorou horas, horas, horas, horas pra entrar alguém do conselho tutelar lá dentro. O (nome omitido), que é pai de um companheiro de luta, ele era desse bagulho da criança e do adolescente, e ele teve que dar um carteaço no cara assim, com peso político ali, pra conseguir que entrasse alguém do conselho tutelar lá dentro, se não, não ia entrar ninguém.

E saiu todo mundo preso, sendo que essa porra de esbulho possessório é uma farsa, é uma mentira. Isso se daria em outro processo, se a gente quisesse se adonar do prédio, a gente não queria se adonar do prédio, a gente queria ocupar e construir um diálogo a partir da ocupação. Foi o que eu entendi de esbulho possessório, posso estar errada. E, enfim, não tinha prova de nada, ocupar é um ato legítimo, segundo a porra da constituição. É, e daí, nos pegaram como presos em flagrante e a gente foi pro DECA em dois camburões e tirando que eles tavam espancando a galera que tava lá fora, assim, é, e daí a gente foi pros camburões, éramos arrastados. Tem gente que saiu por vontade própria, mas era mal tratado, e daí a gente parou no DECA, esperou todo mundo chegar lá.

Depois, os maiores de idade eram encaminhados pra DP, não lembro o número agora, e depois da delegacia a gente foi fazer exame de corpo delito e depois a gente voltou pra delegacia. E, daí, no exame de corpo delito não tinha médica legista mulher, nem nada, tinha uma menina que tinha sido violentada fisicamente e sexualmente, porque o cara machucou o seio dela e tal e ela tava com o seio

todo roxo, ela não queria mostrar pro médico, e tiveram que fazer um auê lá dentro, um escândalo praticamente dentro do prédio ali no... esqueci o nome do troço. E, daí, finalmente depois de muito esforço, conseguiram uma médica mulher e o médico homem que tava lá nem olhou porra nenhuma, eu tava com um roxão na canela e ele não viu, tá ligado? Ele perguntou 'tu tá com alguma marca?' Tipo, decerto dentro do camburão, eu tive tempo de olhar se eu tenho alguma marca, tá ligado? Foi um exame mal feito afu. Daí, eu acho que foi estranho tu não ter perguntado sobre isso, acho que é o adendo que eu tenho a colocar é isso.

*Acho que é isso então. Obrigada!*